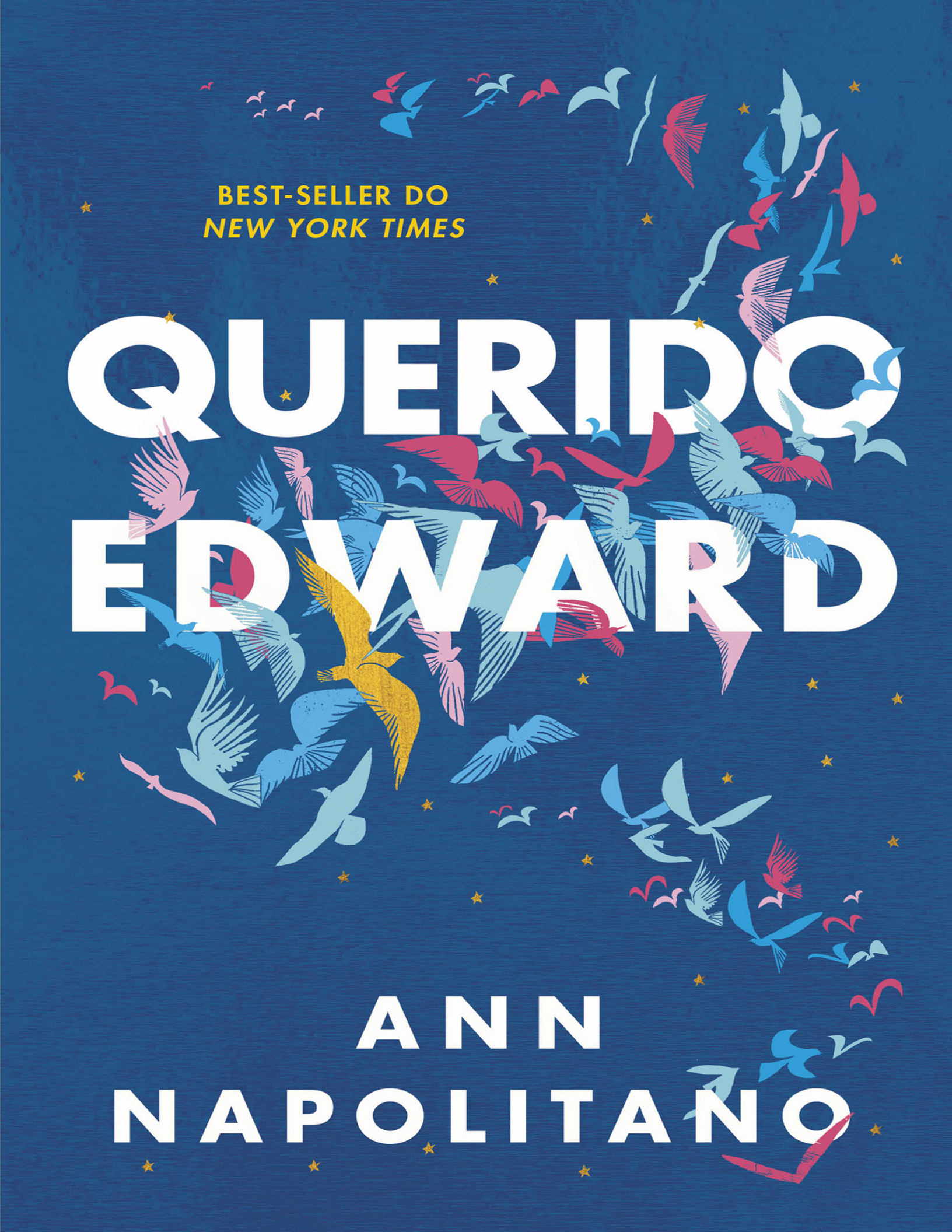




BEST-SELLER DO
NEW YORK TIMES

QUERIDO EDWARD

ANN
NAPOLITANO



**ANN
NAPOLITANO**

QUERIDO EDWARD

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

**PA
RA
I
S**

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

1

2

3

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

Para Dan Wilde, por tudo

1

*Dado que a morte é certa,
mas o momento da morte é incerto,
o que é mais importante?*

PEMA CHÖDRÖN

12 de junho de 2013

7h45

O aeroporto de Newark parece novinho em folha depois de uma reforma. Ao longo de todas as curvas da fila para passar pelo controle de segurança há vasos de plantas, assim os passageiros não se dão conta de quanto tempo vão ter que esperar. As pessoas se apoiam nas paredes ou se sentam sobre as malas. Todas acordaram antes do amanhecer. Dão longos e fortes suspiros, mortas de exaustão.

Quando chega a vez da família Adler, todos colocam seus computadores e sapatos nas bandejas. Bruce Adler tira o cinto, o enrola e o encaixa direitinho ao lado dos mocassins marrons na caixa de plástico cinza. Os filhos não são tão cuidadosos e jogam os tênis por cima dos laptops e das carteiras. Os cadarços pendem para fora da bandeja compartilhada pela família, e Bruce não deixa de ajeitá-los para dentro.

A grande placa retangular ao lado deles indica: *Todos os celulares, carteiras, chaves, joias, aparelhos eletrônicos, computadores, tablets, objetos metálicos, sapatos, cintos e alimentos devem ser colocados nas bandejas de segurança. Todos os objetos proibidos e bebidas devem ser descartados.*

Bruce e Jane Adler estão ao lado do filho Eddie, de doze anos, cada um de um lado, conforme se aproximam do escâner corporal. O filho de quinze anos, Jordan, espera os dois passarem primeiro.

Jordan diz ao agente de segurança que controla a máquina: “Me recuso”.

O agente olha para ele. “O que você disse?”

O menino enfia as mãos nos bolsos e responde: “Me recuso a passar pelo aparelho”.

O agente grita, aparentemente sem um interlocutor em especial: “Temos uma recusa masculina!”.

“Jordan”, o pai chama, do outro lado do aparelho. “O que está fazendo?”

O menino dá de ombros. “É um retrodifusor de corpo inteiro, pai. O escâner corporal mais perigoso e menos efetivo do mercado. Li a respeito, e não vou passar por ele.”

Bruce, que está a dez metros de distância e sabe que não vão deixar que volte para ficar com o filho, fica em silêncio. Não quer que Jordan diga nem uma palavra mais.

“Dê um passo para o lado, garoto”, o agente orienta. “Você está segurando a fila.”

Depois que o menino obedece, o agente diz: “Olha, é muito mais fácil e agradável passar pela máquina que deixar aquele cara ali te revistar. A revista manual é *bem* completa, entende?”.

O menino tira o cabelo da testa. Cresceu quinze centímetros no último ano, e é um palito. Como a mãe e o irmão, tem um cabelo enrolado que cresce tão rápido que é impossível mantê-lo sob controle. O cabelo do pai é curto e branco. Ficou assim quando Bruce tinha vinte e sete, ano em que Jordan nasceu. Bruce gosta de apontar para a própria cabeça e dizer ao filho: *Olha o que você fez comigo*. Agora, o menino sabe que o pai o observa atentamente, como se tentasse lhe transmitir um pouco de bom senso.

Jordan diz: “Não vou passar por essa máquina por quatro motivos. Quer saber quais são?”.

O agente parece achar graça. Não é o único prestando atenção no menino agora; todos os passageiros em volta estão ouvindo.

“Ah, meu Deus”, Bruce solta, baixo.

Eddie Adler pega a mão da mãe pela primeira vez em pelo menos um ano. Ver os pais preparando aquela mudança de Nova York para Los Angeles — no Grande Levante, como o pai chamava — lhe dera frio na barriga. Agora, Eddie sente o intestino se contorcendo, e se pergunta se há um banheiro por perto. “Devíamos ter ficado com ele”, comenta.

“Vai ficar tudo bem”, Jane diz a si mesma tanto quanto ao filho. O olhar do marido continua fixo em Jordan, mas ela não suporta olhar. Em vez disso, foca no prazer tátil da mão do outro filho na dela. Estava com saudade disso. *Resolveríamos tanta coisa se simplesmente ficassemos mais de mãos dadas*, ela pensa.

O agente de segurança abre o peito. “Manda, garoto.”

Jordan ergue os dedos, pronto para contar: “Primeiro: prefiro limitar minha exposição à radiação. Segundo: não acredito que essa tecnologia impeça o terrorismo. Terceiro: acho nojento que o governo queira tirar fotos do meu pinto. E quarto...”. Respira fundo. “Acho que a pose que a pessoa é forçada a fazer dentro da máquina, com as mãos para cima, como se estivesse sendo assaltada, tem a intenção de fazer com que se sinta impotente e diminuída.”

O agente de segurança não está mais sorrindo. Ele olha em volta. Não sabe dizer se o menino está tirando sarro dele ou não.

Crispin Cox está ali perto, parado em sua cadeira de rodas, esperando que agentes verifiquem se não há explosivos nela. É idoso e não se conforma com aquele procedimento. Procurar explosivos na cadeira de rodas! Se tivesse ar de sobra nos pulmões, não deixaria. Quem esses idiotas pensam que são? Quem acham que ele é? Já não é horrível estar numa cadeira de rodas e ter que viajar com uma enfermeira? “Anda logo com a porcaria da revista do menino”, Crispin reclama.

Faz décadas que ele faz exigências, e quase nunca o desobedecem. Seu tom de voz acaba com a indecisão do agente, de forma tão definitiva quanto a mão de um carateca faixa preta quebrando uma tábua de madeira. O agente aponta na direção de um colega, que manda Jordan abrir as pernas e os braços. A família do menino acompanha horrorizada o homem passar as mãos de forma rude entre as pernas dele.

“Quantos anos você tem?”, o agente pergunta, parando por um momento para ajustar as luvas de borracha.

“Quinze.”

Ele faz uma cara azeda. “É difícil adolescentes pedirem revista manual.”

“E quem pede?”

“Principalmente hippies.” Ele pensa por um momento. “Ou quem já foi hippie.”

Jordan precisa forçar o corpo a se manter imóvel. O agente está verificando o cós do jeans, e faz cócegas. “Talvez eu vire hippie quando crescer.”

“Acabei, garoto”, o homem diz. “Cai fora daqui.”

Jordan está sorrindo quando se junta à família. Ele pega seus tênis com o irmão. “Vamos”, Jordan diz. “Não queremos perder o voo.”

“Falamos sobre isso depois”, Bruce retruca.

Os dois meninos abrem caminho pelo corredor. Pelas janelas, veem à distância os arranha-céus da cidade de Nova York — montanhas de aço e vidro feitas pelos homens, rasgando o céu azul. É inevitável para Jane e Bruce procurar o ponto em que as Torres Gêmeas costumavam ficar, assim como a língua procura o buraco de um dente arrancado. Os filhos, que eram bebês quando as torres caíram, aceitam o panorama da cidade assim como ele é agora.

“Eddie”, Jordan chama o irmão, e os meninos trocam um olhar.

Os dois são capazes de ler o rosto um do outro sem se esforçar; seus pais às vezes ficam perplexos ao descobrir que Jordan e Eddie tiveram uma conversa completa e chegaram a uma decisão sem dizer uma palavra. Eles sempre operaram como uma unidade e sempre fizeram tudo juntos. No último ano, entretanto, Jordan vem se afastando. O modo como acabou de falar o nome do irmão significa: *Ainda estou aqui. Sempre vou voltar.*

Eddie dá um soquinho no braço do irmão e sai correndo na frente.

Jane caminha com delicadeza. A mão que seu filho mais novo soltou está formigando.

No portão, eles ainda precisam esperar mais um pouco. Linda Stollen, uma jovem vestida toda de branco, corre para a farmácia. As palmas de suas mãos estão suadas, seu coração bate forte, como se quisesse saltar do peito. Seu voo viera de Chicago à meia-noite, e ela tinha ficado por horas no banco, tentando cochilar na vertical, com a bolsa agarrada ao peito. Comprara a passagem mais barata possível — o que explicava a escala em Newark —, e dissera ao pai no caminho para o aeroporto que nunca mais pediria dinheiro a ele. O homem gargalhara, até dera um tapa no próprio joelho, como se ela tivesse contado a piada mais engraçada que ele já ouvira. Mas ela falava sério. Neste momento, Linda sabe duas coisas: um, nunca mais vai voltar a Indiana; dois, nunca mais vai pedir nada ao pai e à terceira esposa dele.

Essa é a segunda visita à farmácia que faz em vinte e quatro horas. Linda revira a bolsa e encontra a embalagem do teste de gravidez que comprara em South Bend. Dessa vez, escolhe uma revista de celebridades, um pacote de chocolate e uma soda diet, então vai para o caixa.

Crispin Cox ronca na cadeira de rodas, seu corpo um origami descarnado de pele e ossos. De vez em quando, seus dedos tremulam, como passarinhos

tentando alçar voo. A enfermeira, uma mulher de meia-idade com sobrelhas volumosas, lixa as unhas num assento próximo.

Jane e Bruce estão sentados lado a lado nas cadeiras azuis do aeroporto, discutindo, embora ninguém por perto desconfie disso. O rosto deles permanece impassível, a voz se mantém baixa. Os filhos chamam esse estilo de briga parental de “4 na Escala Richter”, e não se preocupam com ele. Os pais discutem, mas é mais uma forma de comunicação que um combate. Estão se esforçando, não atacando.

Bruce diz: “Foi uma situação perigosa”.

Jane balança a cabeça de leve. “Jordan é uma criança, não fariam nada com ele. E estava exercendo um direito.”

“Você está sendo ingênua. Ele falou demais, e neste país isso nunca é bem-visto, não importa o que a Constituição diga.”

“Foi você que o ensinou a se defender.”

Ele franze os lábios. Quer retrucar, mas não pode. Os meninos estudam em casa, e Bruce sempre enfatizou o pensamento crítico no currículo deles. Lembra de uma discussão recente sobre a importância de não seguir cegamente as regras. *Questionem tudo*, ele disse. *Tudo*. O próprio Bruce passara semanas obcecado com a idiotice dos fanfarrões de Colúmbia, que lhe negaram estabilidade no cargo só porque ele não ia aos coquetéis organizados pela universidade. Perguntara ao chefe de departamento: *O que discussões embriagadas têm a ver com matemática?* Ele quer que seus filhos questionem fanfarrões também, mas não ainda. Devia ter feito uma ligeira modificação e dito: *Questionem tudo depois que forem crescidos, estiverem em plena posse de seus poderes e não morarem mais com a gente, assim não vou ter que ver e me preocupar.*

“Olha aquela mulher ali”, Jane comenta. “Tem sinos costurados na barra da saia. Dá para imaginar usar algo que tilinta toda vez que você se mexe?”

Balança a cabeça com um gesto que pretende ser escárnio, mas na verdade se mostra como admiração. Jane se imagina caminhando em meio ao som daqueles sininhos. Fazendo música e chamando a atenção, a cada passo. A ideia a faz corar. Ela usa jeans com algo que gosta de pensar como sua “malha de escrever”. Vestiu-se pela manhã pensando em conforto. Aquela mulher tinha se vestido pensando em quê?

O medo e o constrangimento que tomaram conta do corpo de Bruce quando estavam no controle de segurança começam a se dissipar. Ele esfrega as têmporas e faz uma prece judaica-ateísta em gratidão pelo fato de não ter dado início a uma daquelas dores de cabeça que fazem os vinte e dois ossos de seu crânio latejar. Quando o médico perguntou se ele sabia qual era o gatilho das enxaquecas, Bruce riu. A resposta era óbvia: seus filhos. A paternidade, para ele, é um susto depois do outro. Quando os meninos ainda eram bebês, Jane costumava dizer que Bruce os carregava como se fossem granadas vivas. Para ele, eram mesmo, e continuam sendo. O principal motivo que o fez concordar em se mudar para Los Angeles é o fato de o estúdio ter alugado uma casa com jardim para eles. Bruce planeja manter suas granadas dentro daquele espaço delimitado; se quiserem ir a algum lugar vão precisar que ele os leve de carro. Em Nova York, podiam simplesmente entrar no elevador e ir embora.

Bruce dá uma olhada para eles. Estão lendo do outro lado, num leve ato de independência. O mais novo olha de volta ao mesmo tempo. Eddie também vive preocupado. Eles trocam olhares, duas versões diferentes do mesmo rosto. Bruce força um sorriso largo, para tentar conseguir outro do filho. De repente, sente necessidade de ver o menino feliz.

A mulher com a saia barulhenta passa entre pai e filho, cortando a ligação. Os sinos tilintam a cada passo. Ela é alta, uma filipina de constituição sólida. Pequenas missangas decoram seu cabelo escuro. A mulher canta baixo. As

palavras saem fracas, mas ela as joga pela sala de espera como pétalas: *glória, graça, aleluia, amor*.

Um homem negro de uniforme do Exército está em pé perto da janela, de costas para a sala. Tem quase dois metros e é tão largo quanto um armário. Benjamin Stillman ocupa todo o espaço mesmo quando há espaço de sobra. Está ouvindo a mulher cantar; a voz dela o faz lembrar da avó dele. Benjamin sabe que, como o escâner corporal, o olhar da avó vai atravessá-lo no minuto em que se encontrarem no aeroporto de Los Angeles. Ela vai ver o que aconteceu durante a briga com Gavin; vai ver a bala que entrou pela lateral de seu corpo duas semanas depois, e a bolsa de colostomia ali. Na frente dela, tudo vai se revelar — ainda que Benjamin seja treinado em subterfúgios e tenha passado a vida toda escondendo a verdade de todos, inclusive de si mesmo. Mas, agora, ele encontra paz nos fragmentos da música.

Uma funcionária da companhia aérea vai até a extremidade da área de espera com um microfone. Ela fica em pé, com os quadris pendendo para um lado. O uniforme não chega a parecer nem largo nem apertado demais nos outros funcionários, mas nela parece feito sob medida. Seu cabelo está preso num coque, e ela usa batom vermelho brilhante.

Mark Lasso, que estava mandando instruções via mensagens para o sócio, levanta o rosto. Tem trinta e dois anos e já escreveram dois perfis a seu respeito na revista *Forbes* nos últimos três anos. Tem queixo proeminente, cabelo curto penteado com gel e olhos azuis que dominam a arte de encarar. Usa terno cinza-fosco, uma cor que parece ao mesmo tempo cara e discreta. Mark avalia a mulher e sente que seu cérebro começa a girar como pedais, movido pelos vários uísques sour da noite passada. Ele se endireita na cadeira e foca toda a atenção nela.

“Senhoras e senhores”, a mulher começa, “bem-vindos ao voo 2977 com destino a Los Angeles. Vamos iniciar o embarque.”

O avião é um Airbus A321, uma baleia branca com uma faixa azul na lateral. Tem cento e oitenta e sete assentos para passageiros, com um corredor central. Na primeira classe, há duas poltronas espaçosas de cada lado; na econômica, três assentos comuns. Todas as passagens foram vendidas.

Os passageiros embarcam devagar, com malas pequenas próximas aos joelhos, cheias de itens valiosos ou essenciais demais para despachar. A primeira coisa que notam ao entrar no avião é a temperatura. O avião parece um frigorífico, e o ar-condicionado faz um *ssshhh!* contínuo, crítico. Braços que chegaram à mostra agora têm os pelos arrepiados, e logo são cobertos por blusas de frio.

A enfermeira de Crispin tenta ajudá-lo enquanto ele passa da cadeira de rodas para o assento da primeira classe. Agora está acordado, e muito irritado. Uma das piores coisas da doença é que as pessoas — *malditos desconhecidos* — têm permissão de tocá-lo. A enfermeira põe as mãos na coxa de Crispin, para ajustá-lo. *Na coxa!* Suas pernas atravessaram a passos largos salas de reunião, cobriram a quadra de squash do clube, esquiam nas pistas mais difíceis de Jackson Hole. Agora uma mulher — que na melhor das hipóteses ele considerava medíocre — achava que podia envolvê-las com as mãos. Ele a dispensa. “Não preciso de ajuda para sentar nessa porcaria de poltrona”, Crispin diz.

Benjamin embarca com a cabeça erguida. Chegou a Nova York num avião militar, então esse é seu primeiro voo comercial em mais de um ano. Ele sabe o que esperar, no entanto, e se sente desconfortável. Em 2002, teria recebido um upgrade automático da econômica para a primeira classe, e todo o avião teria aplaudido assim que entrasse. Agora, um passageiro começa a aplaudir, então outro o segue, e mais alguns. As palmas se espaçam como uma pedra atirada num lago, que toca a superfície escura aqui e ali, antes de afundar na tranquilidade. O barulho, enquanto dura, é inconstante, meio constrangedor.

“Obrigada por servir ao país”, uma jovem sussurra. Ele faz um gesto com a mão em leve continência, então se senta em sua poltrona na classe econômica.

A família Adler se separa perto da porta. Jane acena para os filhos e o marido, que estão bem à sua frente, e então, com os ombros encolhidos, vai para a primeira classe. Bruce fica olhando para a esposa por um momento, então direciona os membros desengonçados de Jordan e Eddie até o fundo do avião. Olha para o número das poltronas pelas quais estão passando e calcula que eles vão ficar vinte e nove fileiras atrás de Jane, que prometeu trocar sua passagem por uma da classe econômica para se sentar com eles. Bruce já se deu conta de que suas promessas importam muito pouco, quando se trata de trabalho. Ainda assim, prefere acreditar nela todas as vezes e depois se decepcionar.

“Que fileira, pai?”, pergunta Eddie.

“Trinta e um.”

Os passageiros separam lanchinhos e livros e enfiam no bolso do assento à frente. O fundo do avião cheira a comida indiana. Os que têm o costume de cozinhar em casa, como Bruce, sentem o cheiro e pensam: *cominho*. Os irmãos brigam pelo lugar à janela — o pai reivindica o do corredor, para esticar as pernas —, até que Jordan se dá conta de que estão impedindo outros passageiros de chegar a suas poltronas e cede abruptamente. Ele se arrepende do ato de maturidade no momento em que se senta; agora se sente preso entre o pai e o irmão. A alegria — o *poder* — que havia sentido após a revista manual foi esmagada. Por alguns minutos, ele se sentiu como um adulto totalmente realizado. Agora se sente como um bebê idiota preso a um cadeirão. Decide não falar com Eddie por pelo menos uma hora, como punição.

“Pai”, Eddie diz, “nossas coisas já vão estar na casa nova quando chegarmos?”

Bruce se pergunta com o que especificamente Eddie está preocupado; o pufe, as partituras, o elefantinho de pelúcia com o qual ele ainda dorme de vez em quando? Os filhos viveram no mesmo apartamento de Nova York a vida toda. Agora foi alugado; se Jane se sair bem e eles decidirem ficar na Costa Oeste, vai ser vendido. “As caixas vão chegar semana que vem”, Bruce responde. “Mas a casa veio mobiliada, então vamos poder nos virar até lá.”

O menino, que aparenta menos que os doze anos que tem, acena com a cabeça para a janela oval ao seu lado. Ele pressiona as pontas dos dedos contra o plástico transparente até ficarem brancas.

De jeans branco e blusa fina, Linda Stollen treme. A mulher sentada à sua direita parece já ter dormido, o que é inacreditável. Ela tem um lenço azul em volta da cabeça e está apoiada na janela. Linda mexe no bolso do assento da frente, para procurar um cobertor, quando a mulher com a saia musical para em sua fileira. Ela é tão grande que, quando se senta na poltrona do corredor, ultrapassa o apoio de braço e invade o espaço de Linda.

“Bom dia, meu bem”, cumprimenta a mulher. “Sou a Flórida.”

Linda aproxima os cotovelos das laterais do corpo, para evitar contato. “Como o estado?”

“Não como o estado. Eu sou o estado. Sou Flórida.”

Ah, meu Deus, Linda pensa. É um voo de seis horas. Vou ter que fingir dormir o tempo todo.

“Como você se chama, querida?”

Linda hesita. Não previu essa oportunidade de estrear seu novo eu. Ela pretende se apresentar na Califórnia como *Belinda*. É parte de seu novo começo: uma versão melhorada de si mesma, com um nome melhorado. Belinda, ela decidiu, é uma mulher encantadora e que irradia confiança. Linda é uma dona de casa insegura com tornozelos gordos. Linda torce a língua

dentro da boca se preparando. *Be-lin-da*. Mas sua boca não quer pronunciar as sílabas. Ela tosse e se ouve dizer: “Vou me casar. Vou para a Califórnia para que meu namorado me peça em casamento. Ele vai me pedir em casamento”.

“Uau”, Flórida diz, num tom suave, “que interessante.”

“É”, Linda diz. “É, sim. Suponho que seja.” Então se dá conta de como está cansada e de como dormiu pouco na noite anterior. A palavra “suponho” pareceu ridícula ao sair da boca de Linda. Ela imagina se é a primeira vez que a usou na vida.

Flórida se abaixa para dar uma arrumada em sua bolsa gigantesca. “Já me casei algumas vezes”, conta. “Talvez mais do que *algumas*.”

O pai de Linda se casou três vezes, e a mãe duas. Aquilo não é novidade para Linda, mas ela pretende se casar uma vez só. Pretende ser diferente de todos os outros Stollen. Ser melhor.

“Se ficar com fome, querida, tenho um monte de comida. Me recuso a tocar nessa comida horrível do avião. Se é que se pode chamar de comida.”

A barriga de Linda ronca. Quando foi a última vez que ela comeu direito? Ontem? Linda olha para o pacote de chocolate, despontando tristonho do bolso do assento da frente. Com uma urgência que a surpreende, ela pega o pacote, abre e vira-o na boca.

“Você ainda não me disse seu nome”, Flórida insiste.

Ela faz uma pausa na mastigação. “Linda.”

A comissária de bordo — a mesma mulher que deu as boas-vindas a eles no portão de embarque — passa pelo corredor do meio, verificando os compartimentos de bagagem de mão e os cintos de segurança. Ela parece se mover segundo uma trilha sonora interna; reduz sua velocidade, sorri, então volta em outro ritmo. Tanto homens como mulheres a observam; seu caminhar é magnético. A comissária está claramente acostumada a toda a atenção. Ela mostra a língua para um bebê sentado no colo da mãe, e o bebê gargalha. Ela

para na fileira de Benjamin Stillman, se agacha e sussurra em seu ouvido: “Sou a chefe de cabine deste voo, e fui informada de sua condição de saúde. Se precisar de qualquer assistência, não importa a hora, não hesite em chamar, por favor”.

Ele se sobressalta; estava olhando pela janela, para a mistura de cinzas no horizonte. Aviões, pistas de decolagem, o recorte da cidade à distância, uma estrada, carros passando. Ele a encara — e se dá conta, ao fazer isso, de que tem evitado contato visual há dias, talvez semanas. Os olhos da mulher são cor de mel, profundos e agradáveis. Benjamin assente, abalado, e se força a virar para o outro lado. “Obrigado.”

Na primeira classe, Mark Lassio já organizou tudo com precisão. Tem o laptop, um livro de mistério e uma garrafa de água no bolso da poltrona da frente. Está com o celular na mão. Tirou os sapatos e os enfiou sob sua poltrona. A pasta, deitada no compartimento de bagagens de mão, contém a papelada do trabalho, suas três melhores canetas, cápsulas de cafeína e um saco de amêndoas. Ele está a caminho da Califórnia para fechar um grande negócio no qual vem trabalhando há meses. Olha por cima do ombro, tentando parecer casual. Nunca foi bom em parecer casual, no entanto. É o tipo de homem que fica melhor num terno de três mil dólares. Ele lança um olhar observador através da cortina que separa a primeira classe e a econômica, com a mesma intensidade de quando se exercita na academia, está num jantar romântico ou numa apresentação de trabalho. Seus colegas de escritório acham que ele é um osso duro de roer.

A comissária de bordo chama sua atenção por motivos óbvios, mas tem mais ali do que pura beleza. Ela está naquela idade mágica, reluzente — vinte e sete, ele chuta —, em que a mulher tem um pé na juventude e outro na vida adulta. De alguma forma, é uma menina de dezesseis com pele macia e uma mulher vivida de quarenta no mesmo momento infinito, fluorescente. E aquela

mulher em particular é ardente como uma casa em chamas. Há muito tempo Mark não vê alguém tão provido de células, genes e *biologia*, ou talvez nunca tenha visto. Ela é feita da mesma coisa que os outros, mas em potência *máxima*.

Quando a comissária de bordo finalmente entra na primeira classe, Mark tem vontade de desafivelar o cinto de segurança, pegar a mão esquerda dela com a direita dele, envolver sua cintura com o outro braço e começar a dançar uma salsa. Ele não sabe dançar salsa, mas tem certeza de que o contato físico com aquela mulher resolveria a questão. Ela é um musical da Broadway encarnado, enquanto ele, Mark se dá conta de repente, funciona à base de álcool e pretzel. Olha para as próprias mãos, de repente esvaziadas. A ideia de pegar a cintura dela e começar a dançar não lhe parece impossível. Já fez esse tipo de coisa; seu terapeuta chama de “surto”. Faz meses que não tem um surto, no entanto. Mark acabou com eles.

Quando volta a levantar o rosto, a comissária de bordo está na frente do avião, pronta para passar as instruções de segurança. Só para mantê-la em seu campo de visão, muitos passageiros se inclinam para o corredor, surpresos ao se verem prestando atenção naquelas instruções pela primeira vez em anos.

“Senhoras e senhores”, a voz dela ondula no ar, “meu nome é Verônica e sou a chefe de cabine deste voo. Estarei na primeira classe, e meus colegas Ellen e Luís estarão na classe econômica”, ela aponta para uma versão mais opaca de si mesma (cabelo castanho-claro, pele mais pálida) e um homem baixinho e careca. “Em nome do capitão e de toda a tripulação, lhes dou as boas-vindas a bordo. Por ora, peço que por favor se certifiquem de manter o assento na posição vertical e a bandeja à sua frente fechada. Todos os equipamentos eletrônicos devem ser desligados. Ficamos *muito gratos* pela cooperação.”

Mark desliga o celular, obediente. Em geral, só o enfia no bolso. Sente o bem-estar sonoro no peito que acompanha o ato de fazer algo por outra

pessoa.

Sentada ao lado dele, Jane Adler acha graça nos passageiros extasiados. Até que ela própria foi bem bonitinha aos vinte e poucos, quando conheceu Bruce, mas nunca chegou perto do tipo de sex appeal de Verônica. A comissária de bordo agora mostra aos passageiros como afivelar o cinto de segurança, e o cara de Wall Street age como se nunca tivesse ouvido falar em cinto de segurança, muito menos em como usá-lo.

“Há diversas saídas de emergência nesta aeronave”, explica Verônica. “Por favor, reserve alguns minutos para localizar a mais próxima de você. Se for necessário evacuar o avião, luzes de emergência se acenderão no chão para guiá-los até a saída. As portas podem ser abertas movendo a maçaneta na direção da seta. Cada porta é equipada com um escorregador inflável, que depois pode ser usado como bote salva-vidas.”

Jane sabe que seu marido, em algum lugar lá atrás, já mapeou as saídas e escolheu aquela pela qual vai empurrar os meninos em caso de emergência. Ela também o imagina revirando os olhos durante o comentário sobre os escorregadores infláveis. Bruce processa o mundo — e decide o que é verdade — com base em números, e ninguém nunca sobreviveu a uma queda de avião usando um escorregador inflável. É só um conto de fadas com a intenção de dar aos passageiros uma falsa sensação de controle. Embora contos de fadas nunca tenham tido nenhuma utilidade para Bruce, outras pessoas parecem apreciá-los.

Crispin se pergunta por que nunca se casou com uma mulher com o corpo daquela comissária de bordo. Suas esposas mal tinham bunda. *Talvez os jovens prefiram mulheres magras*, ele pensa, *e sejam necessários anos para valorizar um pouco de gordura na cama*. Não se sente atraído pela mulher; ela tem a mesma idade de alguns de seus netos, e ele não tem mais chama por dentro. A mera ideia de duas pessoas se contorcendo na cama lhe parece uma piada de mau

gosto. Uma piada que durante bastante tempo o fez gargalhar, é claro, quando era mais novo. Crispin se dá conta — pegando os braços da poltrona ao sentir pontadas fortes de dor na cintura — de que os principais capítulos de sua vida pessoal começaram e terminaram em meio a lençóis bagunçados. Todas as esposas, futuras esposas e ex-esposas negociavam seus termos no quarto.

Eu fico com as crianças.

Vamos nos casar em junho, no clube de campo.

Eu fico com a casa de verão.

Se não pagar minhas contas, vou contar para sua esposa.

Ele olha para Verônica, que agora explica como um colete salva-vidas pode ser inflado soprando um canudinho. *Se as mulheres que escolhi tivessem um pouco mais de peso, teriam permanecido por mais tempo*, ele pensa.

“Lembramos a todos”, a comissária de bordo diz, mostrando um leve sorriso, “que é proibido fumar neste voo. Em caso de perguntas, não hesite em chamar um membro da tripulação. Em nome da Trinity Airlines, *eu*” — ela se demora na palavra, soltando-a como uma bolha de sabão no ar — “desejo a vocês um excelente voo.”

Verônica então some de vista. Sem ter onde focar sua atenção, os passageiros pegam seus livros ou revistas. Alguns fecham os olhos. O barulho da saída do ar-condicionado fica mais forte. Em parte porque o som vem de cima, e em parte também porque vem com rajadas de ar congelante, o ruído deixa as pessoas desconfortáveis.

Jane Adler envolve o corpo com a malha com mais força para combater o frio, e se aninha na culpa por não ter terminado o roteiro antes de embarcar. Odeia aviões, e ainda tem que viajar separada da família. *É uma punição*, Jane pensa. *Por ser preguiçosa, por não encarar as coisas, por ter aceitado essa loucura.* Tinha escrito por muito tempo para uma série de TV que era rodada

em Nova York, um pouco porque assim não precisava viajar. Mas ali estava ela, se arriscando, começando em outro emprego, pegando um avião.

Seus pensamentos seguem um caminho que lhe é familiar; quando está ansiosa, Jane repassa mentalmente momentos de sua vida, talvez tentando se convencer de que tem uma história. Ela criou memórias, o que significa que vai criar mais. Jane e a irmã correm numa praia canadense; em silêncio, ela divide o jornal com o pai, de maneira amigável, à mesa da cozinha; faz xixi num parque, depois de beber champanhe demais num evento formal da faculdade; observa Bruce, de rosto franzido, pensativo, numa esquina do West Village; dá à luz o filho mais novo, sem remédios, numa banheira, surpresa com os ruídos bovinos que saíam de seus pulmões. Tem a pilha com seus sete romances preferidos, que ela vem selecionando desde a infância, e sua melhor amiga, Tilly, e o vestido que usa em todas as reuniões importantes, porque faz com que se sinta ao mesmo tempo no controle e magra. O jeito como sua avó franzia os lábios e jogava beijos no ar, cantando cumprimentos: *Oi, oi!*

Jane passa pelo vazio e pelo significativo, tentando se distrair, não pensar onde está e para onde está indo. Seus dedos encontram automaticamente o ponto em sua clavícula onde fica sua marca de nascença, uma marca em forma de cometa, e o pressionam. É um hábito que tem desde a infância. Pressiona ali como se isso a ligasse a seu eu verdadeiro, real. Faz pressão até doer.

Crispin Cox olha pela janela. Os médicos de Nova York — os melhores médicos de Nova York, e isso não significa os melhores do mundo? — garantiram a ele que valeria a pena ser tratado num hospital especializado de Los Angeles. *Eles conhecem esse câncer do avesso*, os médicos lhe disseram. *Vamos colocar você no estudo clínico*. Havia uma luz nos olhos dos médicos que Crispin reconhecia. Eles não queriam que morresse, que fosse derrotado, porque aquilo significaria que eles também seriam derrotados um dia. *Quem é grande luta. Não cai. Queima como a porra de uma fogueira*. Crispin tinha

assentido, porque claro que ele ia vencer aquela doença ridícula. Claro que aquilo não ia derrubá-lo. Mas, um mês atrás, ele pegou um vírus que sugou sua energia e o encheu de preocupações. Uma nova voz podia ser ouvida em sua mente, prevendo desgraça e fazendo-o questionar sua confiança anterior. O vírus se foi, mas a ansiedade ficou. Ele mal havia saído do apartamento desde então. Quando o médico ligou para marcar uma consulta para os últimos exames de sangue antes que ele fosse para Los Angeles, Crispin disse que estava ocupado demais. A verdade era que tinha medo de que os exames refletissem o que sentia agora. Sua única concessão àquela nova e indesejável inquietação foi contratar uma enfermeira para o voo. Não gostava da ideia de ficar sozinho nas alturas.

Bruce Adler olha para seus filhos; o rosto deles é ilegível. Ocorre-lhe o pensamento familiar de que é velho demais e está à parte demais para decifrá-los. Alguns dias antes, enquanto esperavam por uma mesa em seu restaurante chinês preferido, Bruce notou Jordan olhando para uma menina da idade dele entrando com a família. Os dois adolescentes se olharam por um momento, com a cabeça meio inclinada, e então Jordan abriu um sorriso — e era como se seu rosto estivesse se abrindo ao meio. Ele parecia oferecer àquela desconhecida tudo o que tinha: sua alegria, seu amor, seu cérebro, sua completa atenção. E fez para ela uma cara que Bruce, que estudava seu filho todos os dias de sua vida, nunca tinha visto. Que nem sabia que existia.

Benjamin se ajeita na poltrona apertada. Queria estar na cabine do piloto, do outro lado da porta fechada. Pilotos falam como militares, em código, com precisão e rapidez. Alguns minutos ouvindo-os se preparar para decolar bastariam para aliviar seu peito. Ele não gosta da mistura de conversas e roncos à sua volta. Os civis se comportam de um jeito meio caótico que o irrita. A mulher branca ao lado dele cheira a ovo, e já perguntou duas vezes se ele esteve no Iraque ou “naquele outro lugar”.

Linda está envolta num estranho e exaustivo exercício abdominal enquanto tenta se afastar da massa selvagem que é Flórida sem tocar na passageira dormindo do seu outro lado. Ela se sente a própria Torre de Pisa, mantendo os músculos oblíquos trabalhando. Queria ter comprado mais chocolate. Ela pensa: *Na Califórnia, com Gary, vou comer mais.* Isso a reconforta. Está de dieta desde os doze anos; nunca pensou em desistir, até agora. A magreza sempre lhe pareceu essencial, mas e se não for? Ela tenta se imaginar voluptuosa, sexy.

Flórida voltou a cantar, mas tão do fundo do peito, num volume tão baixo, que mais parece uma vibração. Em volta dela, como se seguindo a deixa do som, o motor do avião ganha vida. As portas se fecham. O avião estremece e sacode, enquanto Flórida murmura. Ela é uma fonte de melodias, molhando todos à sua volta. Linda agarra as próprias mãos sobre as pernas. Jordan e Eddie, apesar da guerrinha de silêncio, deixam seus ombros se tocarem em busca de conforto enquanto o avião ganha velocidade. Os passageiros com livros ou revistas não estão mais lendo. Os de olhos fechados não estão dormindo. Todos estão conscientes, enquanto o avião deixa o solo.

12 de junho de 2013

Noite

A equipe de prontidão do Conselho Nacional de Segurança nos Transportes, o NTSB, está no local sete horas depois do acidente — o tempo que leva para voar de Washington, D.C. até Denver e então seguir em carros alugados até a cidadezinha nas planícies do norte do Colorado. Por causa dos dias longos de verão, ainda não escureceu quando eles chegam. O trabalho de verdade vai ser feito quando o sol nascer no dia seguinte. Estão aqui agora para ter uma ideia do que se passa, apenas para começar.

O prefeito da cidade veio para receber o investigador-chefe do NTSB. Os dois posam para a imprensa tirar uma foto. A não ser pelo momento do aperto de mão, o prefeito — que também é contador, porque a cidade não tem dinheiro para manter servidores em tempo integral — mantém as mãos nos bolsos, para esconder o fato de que está tremendo.

A polícia isolou a área; a equipe do NTSB, usando macacão laranja e máscaras de proteção, passa por cima e em volta dos destroços. O terreno é plano em todas as direções, a superfície queimada, carbonizada, um pedaço de torrada preta. O fogo foi apagado, mas o ar está carregado de calor. O avião entrou num aglomerado de árvores e foi enterrado no solo. A boa notícia, os membros da equipe dizem uns aos outros, é que a queda não ocorreu numa área residencial. Nenhum habitante local se feriu. Eles encontram duas vacas mutiladas e um pássaro morto entre poltronas, bagagens, metal e membros.

As famílias das vítimas chegam a Denver de avião ou carro nas vinte e quatro horas posteriores à queda. Muitos andares do Marriott do Centro estão reservados para elas. Às cinco da tarde de 13 de junho, o porta-voz do NTSB, um homem com cicatrizes de acne no rosto e comportamento gentil, atualiza as famílias e a imprensa no salão de festas do hotel.

Familiares se empoleiram nas cadeiras dobradas. Inclina-se para a frente como se a pele de seus ombros pudesse ouvir; baixam a cabeça como se os folículos capilares pudessem captar o que nenhuma outra parte do corpo pode. Poros se abrem, dedos se espalham. Ouvem com tanta intensidade, como se uma verdade melhor, menos esmagadora, pudesse ser revelada sob os fatos sendo comunicados.

No fundo do salão há um aglomerado de requintados arranjos de flores, para os quais ninguém olha. Peônias vermelhas e cor-de-rosa em vasos gigantes. Uma cascata de lírios brancos. São sobras da festa de casamento realizada ali na noite anterior. O cheiro vai manter muitos familiares longe de floriculturas pelo resto da vida.

A imprensa fica à parte em meio à fala do porta-voz. Os jornalistas evitam contato visual com os familiares durante as entrevistas. Desenvolvem seus próprios tiques: um homem coça o braço como se tivesse sido atacado por uma hera venenosa; uma repórter televisiva não para de arrumar o cabelo. Eles divulgam atualizações em entrevistas ao vivo na TV e em relatos por e-mail. Focam nos passageiros “famosos”. Um barão do plástico, conhecido por ter construído um império e demitido milhares de operários depois de automatizar suas fábricas. Um jovem sucesso de Wall Street, que valia cento e quatro milhões de dólares, segundo as estimativas. Um oficial do Exército norte-americano, três professores universitários, uma ativista dos direitos civis, uma roteirista de *Law & Order*. Eles despejam fatos nas bocas sedentas; o acidente prende a atenção do mundo. Está em todos os cantos da internet.

Um repórter mostra um exemplar do *New York Times* para a câmera, indicando a manchete enorme, do tipo normalmente reservada para eleições presidenciais e caminhadas na lua. Lê-se: 191 MORTOS EM QUEDA DE AVIÃO COM 1 SOBREVIVENTE.

Os parentes têm uma única pergunta quando o porta-voz encerra sua fala; todos se inclinam para a frente, como se estivessem numa sala escura e ali se encontrasse a única janela: “Como está o menino?”.

As peças intactas do avião vão ser transportadas para o escritório do NTSB, na Virgínia. Eles vão remontar o quebra-cabeça. Agora estão procurando pela caixa-preta. A mulher que lidera a equipe, uma lenda em sua área de atuação, com sessenta anos e conhecida apenas como Donovan, está segura de que vão conseguir encontrá-la.

Para alguém com sua experiência, não é uma cena complicada. Os detritos estão todos dentro de um raio de oitocentos metros, e não há corpos de água ou áreas pantanosas, só terra dura e grama. Nada pode ficar escondido ou perdido para sempre; está tudo dentro do alcance. Há metal queimado, poltronas quebradas e lascas de vidro. Há pedaços de corpos, mas não cadáveres inteiros. É fácil ignorar a carne humana e focar no metal. Focar no fato de que o quebra-cabeça começa a se encaixar. A equipe de Donovan é composta de homens e mulheres que passam a vida profissional esperando por tragédias. Eles trabalham duro, com a boca fechada atrás das máscaras, fazendo inventários e embalando evidências.

Alguns dias depois, os quartos reservados no Marriott estão vazios: as famílias foram embora. As atualizações diárias para a imprensa pararam. A equipe do NTSB encontrou a caixa-preta e voltou para a Virgínia. Foi anunciado que vão divulgar as principais descobertas em três semanas, e que

vai haver uma audiência pública em Washington, D.C., em cerca de seis meses, com base nas evidências.

A cobertura da imprensa se amplia; inúmeras matérias focam nos tios do menino em Nova Jersey, que foram encontrar o sobrinho para adotá-lo. Lacey Curtis, de trinta e nove anos, é a irmã mais nova de Jane Adler, e a única parente do menino. Há uma foto da mulher, com cabelo claro, sardas, bochechas rechonchudas e um sorriso tímido no rosto. A única coisa que se sabe a seu respeito é que é dona de casa. O marido, John Curtis, de quarenta e um anos, é um cientista da computação que faz consultoria de TI para empresas locais. Eles não têm filhos.

Informações sobre qualquer coisa e qualquer pessoa relacionadas à queda continuam a ser absorvidas, de modo que os especialistas prosseguem com a especulação na televisão e na internet. Os pilotos estavam bêbados? O avião teve algum problema? É garantido que não tenha sido um ato de terrorismo? Um dos passageiros pirou e entrou na cabine? Foi uma tempestade? O Google Analytics mostra que, uma semana depois do acidente, cinquenta e três por cento das buscas na internet nos Estados Unidos estavam relacionadas à queda. “Por que é que de todas as notícias ruins neste mundo horrível”, comentou um velho âncora de telejornal, “nos preocupamos tanto com a queda desse avião, e com esse menino?”

Faz uma semana que ele está no hospital. Uma mulher de muleta entra no quarto; é a chefe de relações públicas do hospital de Denver, e foi destacada para atualizar a família quanto a tudo que não for estritamente médico.

“Susan”, John Curtis diz, em cumprimento. É um homem alto de barba, com o tom de pele e a barriga de uma pessoa que passa a maior parte da vida diante do computador.

“Ele falou alguma coisa hoje?”

Lacey — pálida, com uma mancha de café na blusa — balança a cabeça negativamente.

“Não desde que contamos pra ele.”

“Já decidiram se querem que ele seja chamado de Eddie ou Edward?”, Susan pergunta.

John se vira para a esposa e os dois trocam um olhar abatido e cansado, que sugere que não dormem por mais de uma hora seguida desde que receberam a ligação. O avião tinha caído no meio de uma semana em que Lacey e John não estavam se falando, porque ela queria seguir em frente na batalha para ter um bebê e ele não. E agora a briga e o silêncio pareciam irrelevantes. Eles tinham caído do cavalo. O sobrinho estava deitado à sua frente, quebrado, e era responsabilidade deles.

“Por desconhecidos, você diz?”, Lacey pergunta. “Eles não o conhecem, nem conhecem a gente. É melhor a imprensa usar o nome de batismo dele. Edward.”

“E não Eddie”, John diz.

“Está bem”, Susan concorda.

Edward — porque agora esse é seu nome — está dormindo ou fingindo dormir. Três adultos olham para ele, como se fosse pela primeira vez. Tem uma gaze enrolada em volta de sua testa; mechas grossas de cabelo escapam por baixo dela. Sua pele está muito branca, e ele tem olheiras escuras. Há um hematoma roxo no peito, que sai pela gola do avental solto do hospital. Suas duas pernas estão engessadas, e a direita está suspensa. Meias laranjas cobrem seus pés, compradas na lojinha de presentes do hospital. Está escrito DENVER!!! em branco nas solas.

Tem um elefantinho de pelúcia debaixo do braço de Edward, para o qual Lacey tem dificuldade de olhar. A empresa contratada para fazer a mudança da família Adler para o outro lado do país parou num hotelzinho em Omaha

na noite depois da queda do avião. O caminhão foi esvaziado no estacionamento, e cada caixa foi colocada sobre o asfalto. Eles abriram aquela em que estava escrito QUARTO DO EDDIE. Encontraram o elefante de pelúcia e mandaram para o hospital de Denver com um bilhete dizendo: *Pensamos que o menino pudesse querer isto.*

“O plano é transportá-lo em dois dias, agora que ele está estável. Um avião particular foi emprestado para a viagem, então vocês dois podem ir junto”, explica Susan.

“Todo mundo tem sido tão bondoso!”, Lacey diz, depois cora. Tem tantas sardas que corar só serve para uni-las. Ela adquiriu o costume de retorcer as mãos sardentas, como se o movimento repetitivo de alguma forma pudesse mudar a realidade inaceitável.

“Tem mais algumas coisinhas...” Susan se apoia na muleta. “Vocês têm acessado a internet?”

“Não”, John responde. “Na verdade, não.”

“Bom, só para vocês saberem, tem uma porção de páginas do Facebook dedicadas ao voo ou a Edward. Também tinha uma conta de Twitter com o nome @meninomilagroso, com o rosto de Edward na foto de perfil, mas já foi fechada.”

John e Lacey arregalam os olhos.

“A maior parte do conteúdo é positiva. Pêsames, condolências, esse tipo de coisa. Vocês dois apareceram no noticiário, porque as pessoas queriam saber com quem Edward ia ficar. Não quero que fiquem surpresos caso se deparem com isso.”

“A maior parte é positiva?”, Lacey repete.

“Trolls”, John solta.

“Trolls?” Os olhos de Lacey parecem saltar, de tão arregalados.

“Pessoas que fazem comentários provocativos para tentar obter uma resposta emocional”, John explica. “O objetivo delas é incomodar. Quanto mais pessoas incomodam, mais bem-sucedidos são.”

Lacey franze o nariz.

“Alguns consideram uma forma de arte”, John diz.

Susan solta um suspiro quase inaudível. “Caso eu não tenha outra chance de conversar com vocês, queria só alertá-los quanto aos advogados especializados em lesão corporal e aviação. Infelizmente, eles devem ir para cima de vocês como abutres. Mas não podem abordá-los até quarenta e cinco dias depois da queda. Então ignorem ou processem quem fizer isso. Como sabem, todas as despesas médicas estão sendo pagas pela companhia aérea. Não há nenhuma pressa para fazer um acordo. Vocês vão receber primeiro os benefícios da seguridade social pelas mortes e o dinheiro do seguro de vida, caso os pais de Edward tiverem feito algum. Vai levar algum tempo para resolver o restante, e não quero que deixem ninguém os convencer de que há urgência em entrar com qualquer tipo de ação legal.”

“Certo”, Lacey diz, mas fica claro que ela não está prestando atenção. A TV no canto está ligada no mudo, mas está escrito numa tarja na parte inferior da tela: MENINO MILAGROSO VAI SER TRANSFERIDO PARA HOSPITAL PERTO DE PARENTES.

“As pessoas *podem* ser horríveis”, Susan diz.

Edward se mexe na cama. Ele vira a cabeça, expondo uma bochecha macia com um hematoma.

“Alguns familiares de outros passageiros do avião querem ver Edward”, Susan continua, “mas os mantivemos afastados.”

“Nossa”, John diz. “Por que querem ver Edward?”

Susan dá de ombros. “Talvez porque ele tenha sido o último a ver vivas as pessoas que eles perderam.”

A garganta de John produz um ruído leve.

“Desculpa”, Susan diz, com as bochechas ficando vermelhas. “Eu poderia ter dito isso de um jeito melhor.”

Lacey se senta numa das cadeiras perto da janela. Os raios de luz criam uma espécie de auréola em torno de seu rosto exausto.

“Só mais uma coisa”, Susan diz. “O presidente vai ligar.”

“O presidente?”

“O presidente. Dos Estados Unidos.”

John ri, uma rápida explosão no ar particular do quarto. Ar carregado. Ar que espera a próxima palavra do menino na cama. Ar que silencia todos os que entram, separando os que perderam dos que não perderam.

Lacey leva as mãos ao cabelo sem lavar, e John diz: “Ele só vai ligar, Lace. Não vai poder te ver”.

Os enfermeiros acordam o menino ao tirar sangue e verificar seus sinais vitais perto da hora em que a ligação deve vir.

“Estou aqui”, Lacey diz. “Tio John também.”

O rosto de Edward se contorce.

Lacey sente uma onda de pânico. *Ele está com dor?* Então se dá conta do que o rosto dele tenta fazer. Sorrir, para agradá-la.

“Não, não”, sussurra. Depois diz para o quarto em geral: “Estamos prontos para o telefonema?”.

Quando ela volta a se virar para ele, Edward tinha parado de tentar.

Um telefone novinho foi instalado ao lado da cama, e Susan está ali, para colocar a ligação no viva-voz.

“Edward?” A voz é profunda; enche o quarto.

O menino está na horizontal na cama, parecendo pequeno e frágil para os adultos que o cercam. “Senhor?”

“Meu jovem...” O presidente faz uma pausa. “Não há muito que eu ou qualquer outra pessoa possa dizer que vá significar alguma coisa para você agora. Só posso imaginar o que você está passando.”

Os olhos de Edward estão arregalados, mas neutros.

“Só queria dizer que o país inteiro sente muito pela sua perda, e estamos todos torcendo para que supere isso. Estamos torcendo por você, filho.”

Lacey acaricia o braço de Edward, mas o menino não diz nada.

A voz profunda repete as palavras, agora mais devagar, como se convencida de que a repetição fará alguma diferença. “O país inteiro está torcendo por você.”

Edward fica em silêncio no voo para Nova Jersey. Fica em silêncio na ambulância, que tem blecaute nas janelas para impedir a imprensa de tirar fotos dele. Só fala por necessidade médica nas duas semanas que passa no hospital de Nova Jersey, enquanto seu pulmão se recupera e a tração na perna não é mais necessária.

“Você está se recuperando muito bem”, um médico diz para Edward.

“Fico ouvindo um clique o tempo todo.”

O rosto do médico muda; um ponteiro invisível dentro dele gira e aponta para o contexto clínico. “Faz quanto tempo que tem ouvido isso?”

O menino pensa a respeito.

“Desde que acordei.”

O neurologista é chamado. Ele pede novos exames, incluindo uma ressonância magnética do cérebro de Edward. O neurologista tem sobancelhas brancas e é completamente careca. Todo dia, pega no rosto de Edward enquanto olha profundamente em seus olhos, como se houvesse alguma informação ali que só ele pudesse ler.

O neurologista chama Lacey e John para o corredor. “A verdade é que, se dez pessoas diferentes passassem exatamente pelo mesmo trauma que esse menino, se sofressem um baque, fossem lançados a uma velocidade altíssima, depois parassem com um solavanco, cada uma apresentaria sintomas diferentes.” Ele levanta as sobrancelhas brancas para dar ênfase. “O traumatismo cranioencefálico é invisível à maior parte das nossas ferramentas de medição, então não posso afirmar com certeza o que Edward está passando ou o que vai passar no futuro.” O médico foca sua atenção em Lacey. “Imagine que eu pegue você pelos ombros e a sacuda com tanta força quanto possa. Quando soltar, talvez você não esteja tecnicamente machucada, não tenha um músculo distendido ou coisa do tipo, mas seu corpo sentiria o trauma, certo? É assim com Edward. Ele pode apresentar sintomas nos próximos meses, talvez até anos. Como depressão, ansiedade, pânico. Seu equilíbrio, sua audição e seu olfato também podem ser afetados.” O médico olha para o relógio. “Alguma pergunta?”

John e Lacey olham um para o outro. Tudo, inclusive a linguagem, parece ter se desfeito e caído aos seus pés. *Alguma pergunta?*

Finalmente, John responde: “No momento, não”. E Lacey balança a cabeça negativamente.

A enfermeira acorda o menino no meio da noite para medir a pressão e a temperatura. Ela pergunta: “Você está bem?”. O médico careca sempre começa com: “Como está a dor?”. Toda manhã, quando chega, a tia afasta o cabelo dele da testa e diz, num sussurro: “Como você está?”.

Edward é incapaz de responder a qualquer uma dessas perguntas. Não pode avaliar como está se sentindo; é perigoso demais abrir essa porta. Ele tenta se manter distante de pensamentos e emoções, como se fossem móveis num cômodo, móveis dos quais pudesse simplesmente desviar. Quando a

enfermeira deixa a TV no canal de desenhos, ele assiste. Sua boca está sempre seca, e o clique no ouvido vai e volta. Às vezes, ele está acordado sem estar acordado, e horas se passam sem que perceba. Toma o café da manhã da bandeja posta sobre suas pernas, e de repente o sol se põe lá fora.

Ele não gosta da caminhada diária, que na verdade não é uma caminhada, já que fica numa cadeira de rodas. “Você precisa de uma mudança de cenário”, a enfermeira com dreads no cabelo diz-lhe todos os dias da semana. A enfermeira do fim de semana, que tem cabelo loiro quase até a bunda, não diz nada. Só o coloca na cadeira de rodas e o empurra pelo corredor.

É ali que os pacientes esperam. O corredor fica cheio deles. Pessoas doentes, algumas também em cadeiras de rodas, ou se segurando de pé à porta do quarto. Os enfermeiros tentam mandá-las de volta para os quartos. “Não obstruam o corredor”, um enfermeiro grita. “É passagem para a saída de incêndio. Deem espaço para o menino.”

Um senhor faz o sinal da cruz, assim como uma mulher de pele escura com um acesso intravenoso no braço. Um adolescente ruivo, da idade de Jordan, acena com a cabeça para ele, com o olhar curioso. Tantos olhos acompanham Edward que a cena parece um quadro de Picasso: centenas de globos oculares e um punhado de membros e cortes de cabelo. Uma senhora toca sua mão quando ele passa. “Deus o abençoe.”

Os piores são os que choram. Edward tenta não olhar, mas seus soluços ressoam como notas de um órgão, sugando o ar disponível. Parece cruel que despejem suas emoções nele quando sua própria tristeza e seu próprio medo são tão vastos que Edward precisa se esconder deles. As lágrimas dos desconhecidos são ferroadas em sua pele exposta. Ele ouve cliques, as pessoas seguram lenços contra a boca e a enfermeira chega ao fim do corredor, então a porta automática se abre e eles estão do lado de fora. Edward olha para as pernas quebradas, para evitar encarar o céu letal.

Edward é liberado do hospital quando já consegue suportar peso na perna que está melhor, de modo que possa usar muletas. Sua cabeça e suas costelas já se recuperaram, e os hematomas no peito e nas pernas passaram de roxo a amarelo. A equipe se reúne em seu quarto para se despedir, e é só então que Edward se dá conta de que não sabe o nome de ninguém. Todos usam uma identificação no peito, mas a cabeça dói quando ele lê. Edward se pergunta se esse seria outro sintoma. Talvez nunca mais consiga relacionar um nome a um rosto, e os únicos que vai saber são aqueles que já sabia antes do acidente. Estranhamente, a ideia o reconforta enquanto ele aperta a mão do médico careca, da enfermeira loira e da enfermeira com dreads no cabelo.

Edward se levanta da cadeira de rodas na frente da porta do hospital, e lhe entregam as muletas. Vai devagar até o carro, entre Lacey e John. Está consciente da presença dos tios de um jeito diferente. A última vez que os vira antes do acidente havia sido na época do Natal, quando foram tomar brunch num restaurante em Manhattan. Ele se lembra de ter ouvido o pai e o tio discutirem sobre uma nova linguagem de programação. Tinha sentado entre a mãe e Lacey, e ficara tão entediado que construía uma casa usando os talheres e o guardanapo. As mulheres tinham passado de um assunto insignificante para outro: os vizinhos, o sorvete que Lacey fazia uma vez por ano com uma fruta canadense difícil de encontrar, um ator bonito no programa de TV em que a mãe trabalhava.

Se perguntassem, Edward diria que amava os tios, mas sempre tinha sido claro que os dois não estavam ali *por* ele ou *por* Jordan. Os adultos se reuniam pelos adultos. A intenção dos encontros era permitir que a mãe e a tia se abraçassem com lágrimas nos olhos na hora de ir embora e prometessem, falando uma no cabelo da outra: *Vamos nos ver mais*. Edward consegue visualizar o irmão à sua frente na mesa do brunch, com as mãos inquietas, tentando entrar na conversa técnica dos homens, como se fosse um adulto

também. A imagem do irmão é tão dolorosa que Edward não enxerga nada por um segundo, e tropeça.

“Fica firme aí”, John diz.

“Tchau, Edward”, uma voz diz.

“Boa sorte, Edward.”

Abrem a porta do carro para ele. Só então Edward vê, do outro lado do carro, do outro lado da rua, uma pequena multidão. Ele se pergunta vagamente por que estão ali. Então alguém na multidão grita o nome dele, e outros aplaudem e acenam com os braços quando veem que chamaram sua atenção. Edward avalia o cartaz que uma menininha segura. Sua cabeça dói conforme ele absorve as palavras: *Força*. O cartaz ao lado traz, em letras maiúsculas: É UM MILAGRE!

“Não sei como eles descobriram o dia da sua alta”, John comenta. “Não saiu no jornal.”

Lacey esfregou o braço dele. Como o menino estava precariamente equilibrado no pé com a bota ortopédica, isso quase o derrubou.

“Parece que pensam que eu sou famoso.”

“Você meio que é famoso”, John solta.

“Vamos embora”, Lacey chama.

Eles entram no carro e passam pela multidão acenando e erguendo seus cartazes. Edward olha para as pessoas pela janela. Ele acena timidamente, e um homem levanta o punho fechado no ar, como se o gesto de Edward fosse o que estava esperando. Então os cliques recomeçam, um lembrete da batida em staccato que ele usava para marcar o tempo das notas ao piano. Edward afunda no banco e ouve seu corpo. Não consegue se lembrar de ter sido invadido por sons como esse antes. Por baixo dos cliques agudos há o som surdo — mais nebuloso e confuso — das batidas de seu coração.

Eles vão para a casa que Edward visitara esporadicamente, sempre com os pais e o irmão. Agora vai morar ali. Como é possível? Ele tenta se lembrar do nome da cidade em que os tios moram. Fica observando os carros e as árvores passando pela janela. Parece que estão indo rápido demais, e ele está prestes a dizer alguma coisa quando vê um cemitério. Pela primeira vez, se pergunta o que aconteceu com os corpos.

Um suor gelado cobre sua pele. “Para, por favor.”

John vai para o acostamento, e Edward abre a porta, inclina o corpo para fora e vomita no asfalto cinza. Mingau de aveia e suco de laranja. Carros passam correndo. Lacey passa a mão nas costas dele. Edward finge, e faz isso toda vez que o rosto dela não está em seu campo de visão, que é a mãe.

Ele não consegue parar de vomitar; seu corpo se encolhe, libera.

Edward a ouve dizer: “Odiei quando os enfermeiros disseram que você ia ficar bem”. A voz é mais estridente que a da mãe dele; voltou a ser a tia.

“Você não está bem. Está me ouvindo, Edward? Está ouvindo? Você não está bem. Nós não estamos bem. *As coisas não estão bem.*”

O corpo fez uma pausa, e ele não tem certeza se a violência vai continuar ou não. Quando conclui que acabou, que seu corpo foi raspado até o tacho e pulsa vazio, Edward se endireita. Assente. E, de alguma maneira, a fala dela e o aceno de cabeça dele dissolvem e quebram o clima entre os três. Há um tom de alívio. Eles têm por onde começar, ainda que seja pelo pior lugar imaginável.

9h05

Os prédios altos de Manhattan podem ser vistos pela janela, o braço levantado da Estátua da Liberdade, a extensão da ponte atravessando o rio. Os passageiros se remexem nos assentos, procurando por posições minimamente confortáveis para atravessar as seis horas no céu. Botões do colarinho são abertos. Sapatos são tirados. Passageiros com o dom de pegar no sono em qualquer lugar, a qualquer hora, caem no sono. Não há necessidade de consciência, afinal. No chão, os corpos são utilizados, mas, num avião, o tamanho, a forma e a força de uma pessoa não têm utilidade, e na verdade são até uma inconveniência. Todos precisam descobrir uma forma de se guardar, da maneira mais tolerável possível, pela duração do voo.

Flórida olha de soslaio para Linda e para a mulher do lenço azul, que dorme. Está louca para ver a cidade antes que desapareça por entre as nuvens. Lugares diferentes têm energias diferentes, e, para ela, Nova York é sombra cintilante, grafites de Basquiat e desconhecidos com sonhos ousados. Ela vê a si mesma dançando em bares, andando devagar pelas ruas cacofônicas enquanto homens reagem a seu corpo, extraindo toda a vida possível de seus dias naquela cidade excitante.

Flórida morou em Nova York dos vinte e poucos aos trinta e poucos, mas nunca visualiza um único período de sua vida; precisa pensar em todos, dispostos um em cima do outro, em camadas. Viveu tantas vidas, em tantos corpos, que suas lembranças são oceânicas — um corpo de água em que nada com frequência. Flórida tentou contar suas vidas uma vez, e chegou a treze

antes de se entediar. Por algumas, só passou, o que significa que entrou no corpo de alguém cuja alma tinha partido depois de um trauma físico — como um acidente de carro que o deixou em coma — ou uma tentativa de suicídio. Aquelas passagens eram sempre excitantes, e portanto também eram suas preferidas. Não havia nada como acordar num novo corpo adulto, impregnada na aura de outra pessoa. Sempre ficava um pouco decepcionada quando — como em sua vida atual — chegava da maneira tradicional, como um bebê.

O avião sobe, e Flórida se pega pensando em seu casamento mais recente, apenas sete anos antes. Duas dúzias de amigos no terreno que ela e Bobby tinham comprado pouco antes em Vermont. Cinco acres intocados na época, uma pradaria que terminava num córrego, com uma floresta do outro lado. Eles tinham acabado de começar a planejar — Bobby estava encarregado daquilo, e Flórida ia se arrepender disso mais adiante —, e a construção da casa só teria início meses depois. Os amigos de Flórida do East Village tinham ido. Havia uma tenda com luzinhas penduradas e uma banda local tocando. Eles dançaram no ar azul esfumaçado ao som de música filipina. Flórida bebeu vinho, balançou a bunda, os seios e o cabelo, e cantou junto, segurando a mão do marido. Foi uma dessas noites mágicas, quando a felicidade brilha em cada coração e rosto. Flórida se sentiu unida pelo amor.

A lembrança agora a faz suspirar, sentada na poltrona do avião. Flórida sente o avião subindo. Olha para Linda, cujos olhos estão fechados. Está bem ciente da ironia. A menina está correndo para os braços do marido, enquanto Flórida foge do dela.

O avião chega a nove mil metros de altitude, e Mark Lassio se lembra de algo da noite anterior, algo que bloqueara até aquele momento. Ele estava numa casa noturna, comemorando o aniversário de um amigo — na verdade, mais um colega que amigo —, quando viu uma ex-namorada do outro lado do

salão. Sua última ex-namorada, que odiava casas noturnas, que odiava dançar, que na verdade era muito eficiente em odiar qualquer coisa. Ela certamente era melhor em odiar do que em negociação de títulos, que era seu trabalho. Ela e Mark tinham aquilo em comum; adoravam ficar reclamando um para o outro. Depois do sexo, ficavam deitados na cama e se alternavam nas reclamações. Falavam mal de colegas de trabalho, amigos, chefes, políticos, familiares, de todo mundo. Era a melhor parte do relacionamento — havia uma alegria infantil naquilo, como quando se desce um morro com um trenó —, e Mark sentiu uma pontada de decepção sincera quando seu terapeuta insistiu que aquilo não era saudável.

A ex o notou um segundo depois. Estava na parede oposta; uma multidão dançava e se beijava entre os dois, e a música era uma série de batidas num volume planejado para tirar qualquer pensamento da cabeça. Ele nem deveria estar ali; estava tentando ficar limpo, e podia sentir no ar o cheiro da maldita cocaína. Afiado e pungente, como o aroma de fatias de limão. Mark procurou algo no rosto dela, e uma pergunta preguiçosa surgiu dentro dele. *Será? Podemos? Já fizemos?*

Os olhos dela encontraram com os dele. Eram escuros, quase pretos. Ela balançou a cabeça e fez com a boca: *Não*.

Vai se foder, ele respondeu então, e começou a dançar, algo que quase não fazia mais. A princípio, estava fora do ritmo, e teve que reorganizar os movimentos para acompanhar a batida. Mark balançou o corpo e jogou os braços para cima, e, quando a multidão gritou junto o refrão que ele não conseguia entender, gritou também. Um cara ao seu lado olhou meio assustado para ele, então sorriu, e eles bateram as mãos em cumprimento.

Ele ouve a voz de Verônica saindo dos alto-falantes, mas ela não está em seu campo de visão. A chefe de cabine anuncia que o avião atingiu altitude suficiente para que aparelhos eletrônicos aprovados voltem a ser usados. Mark

pega o laptop do bolso do assento da frente ao mesmo tempo que a mulher ao seu lado pega o dela. Os dois trocam um sorriso débil.

“Prazos”, ela diz.

“A vida não seria a mesma sem eles.”

Seu rosto se franze como se ela pensasse a respeito do que ele disse. Isso o irrita.

“Hum”, ela faz apenas.

Mark quer parar de falar, mas também quer que a mulher saiba que ele está no topo do mundo. “Você tem dois filhos, não é? Passamos juntos pelo controle de segurança.”

Sua vizinha de poltrona — que deve ter uns quarenta e cinco, não é muito mais velha que ele, mas tem um estilo de vida oposto, com certeza com marido e filhos, provavelmente nos subúrbios, uma vida num planeta que não é o mesmo em que ele vive — parece assustada. Ela aperta os olhos para o laptop, que já ligou. “Tenho.”

“Tenho um irmão”, Mark diz. Então pensa: *Claro, isso faz sentido. Essa mulher parece um pouco com a mamãe, e os meninos são Jax e eu.* Mark se lembra de estar com a família num avião, indo visitar os avós. Ele e Jax ficam trocando socos no braço enquanto dividem um Twix. A mãe parece estressada, como a mulher ao lado dele agora, embora Mark não tivesse entendido o motivo até crescer e começar a chacoalhar como uma panela fervendo que está prestes a explodir. A mãe, quieta, com lábios finos, que parecia estar sempre dando as costas a Mark, um dia tomou calmantes demais e nunca mais acordou. Mark tinha dezoito anos.

“Não estou sentada com eles, com os meninos, porque preciso trabalhar”, a mulher explica.

Mark toma isso como um pedido de silêncio. Ele volta sua atenção para a própria tela, que está coberta de gráficos e tabelas detalhados retratando

tendências de marketing, quedas e indicadores de mudanças. Analisa o book das ações. Processa os números do S&P, os títulos do CME, os últimos lances. Está atrás das mesmas coisas que busca a cada minuto, todos os dias: oportunidades invisíveis às outras pessoas.

Linda coloca as duas mãos na bolsa e enfia o teste de gravidez dentro da manga. Espera o máximo que pode antes de pedir licença a Flórida.

“Vai fazer xixi?”, a mulher pergunta.

Quando Flórida se levanta, sua saia tilinta. Ela passa para o corredor, e Linda sai. Corre para o banheiro e acaba fazendo contato visual sem querer com um soldado no assento do corredor.

“Oi”, Linda diz, mais um gritinho que uma palavra.

Ele levanta a mão enorme em cumprimento, e ela passa por ele, se sentindo ainda mais nervosa do que quando levantou. Tem fila para usar o banheiro, e ela espera. À sua frente, virado de lado no corredor, está um adolescente alto com o cabelo bagunçado, o mesmo que ela viu ser revistado por um agente no controle de segurança. Ele está de fone de ouvido, e se move ligeiramente ao som da música que ela não consegue ouvir. O modo despreocupado como sacode os ombros, ainda que num movimento mínimo, desperta uma pontada de dor dentro dela. Ele se parece um pouco com um ex dela, um de seus primeiros namorados. Linda se lembra de passar as mãos por seu cabelo, rebelde como o do menino, então afasta a recordação, porque o menino na frente dela com certeza é menor de idade. Ela o tinha visto com o agente de segurança e pensado: *Por que ele não passa logo pelo raio X?* Nunca entendia pessoas que defendiam sua posição. E daí se o aparelho não serve para nada? Para que criar confusão e irritar os encarregados da segurança? Afinal de contas, o aeroporto não vai mudar todo o sistema porque um adolescente acha que deve. Ela não consegue entender o que ele ganhou com aquilo.

Linda aperta a manga e sente o saco plástico amassar. Costumava esconder testes de gravidez do mesmo jeito quando estava no ensino médio. Ela se pergunta se aquele pedaço de pele, logo acima do pulso direito, está cansado de testemunhar seus fracassos.

“Está tudo bem?”, o menino à frente dela pergunta. “Senhora?”

“Eu? Oi?” Linda imagina a cara que estava fazendo para tirar o adolescente de seu mundinho próprio. Ela tenta aliviar a expressão. “Não precisa me chamar de ‘senhora’”, Linda diz. “Tenho só vinte e cinco.” Mas, quando as palavras deixam sua boca, ela se dá conta de que, para o menino, vinte e cinco é muito, e definitivamente digno de um “senhora”.

Ele sorri com educação e entra no banheiro, agora livre.

Vinte e cinco é bem jovem, ela pensa, virada para a porta fechada.

Quando era adolescente, Linda e a melhor amiga decidiram que vinte e cinco era o limite para ser solteira. Gary tem trinta e três, a idade perfeita para ela. Os homens demoram mais para amadurecer; aos trinta e três, ele já dormiu com um número suficiente de mulheres para então sossegar (nove, ele disse a Linda, embora ela imagine que seja mais). Ela já dormiu com um número suficiente de homens (dezesseis) para querer parar com isso. O nono cara a queimou com um cigarro no meio do orgasmo; o décimo primeiro a traiu com o professor de matemática do ensino médio; o décimo quinto gastou o dinheiro do aluguel deles em metanfetamina. Só o décimo terceiro tinha um emprego razoável e dinheiro no banco, mas o modo como demonstrava afeto era passível de crítica. Ele deu maquiagem de presente no aniversário e comprimidos para emagrecer no Natal. Linda terminou com ele antes do Dia dos Namorados, mas ela saíra do relacionamento julgando cada aspecto de si mesma.

Um banheiro fica livre, e ela entra. Fecha e tranca a porta, o que ativa a lâmpada fluorescente no teto. Há um único ponto onde ficar de pé: entre a

privada e o espelho minúsculo. Ela tira o teste de dentro da manga. Coloca a ponta entre os dentes e puxa de leve, rasgando a embalagem.

Linda abaixa a calça branca e depois a calcinha, então agacha sobre o assento, com o braço entre as pernas. Respira fundo e faz xixi, esperando que acerte. Então se lembra do adolescente dizendo ao agente de segurança que não gostava da pose em que as pessoas tinham que ficar dentro do escâner corporal — era degradante, ele disse? —, e se pergunta o que ele pensaria *daquela* pose. Suas coxas tremem, e o avião também.

Na primeira classe, Crispin Cox tenta ignorar as pontadas no abdome. Em vez disso, ele pensa na primeira esposa, Louisa, aquela que nunca desistia. É como ele a rotula mentalmente: *aquela que nunca desistia*. Faz trinta e nove anos que eles estão divorciados, muito mais que o tempo que tinham ficado casados, no entanto a cada tantos anos o advogado dela entrava em contato com o dele com alguma desculpa esfarrapada para tirar mais dele. Mais dinheiro, mais ações, mais imóveis. Às vezes em nome dos filhos, às vezes dela mesma. E a filha da mãe era bem-sucedida na metade das vezes.

Ao lado dele, a enfermeira diz: “O médico falou que sua condição é estável, mas o senhor parece estar com bastante dor. Consegue me dizer quanto, numa escala de um a dez?”.

“Estou bem”, Crispin responde. “Só preciso de outro comprimido.”

Por que ele se lembra de Louisa tão bem — consegue repetir palavra a palavra seu diálogo aquela noite no Carlino’s, quando ela estava com aquele vestido azul e o cabelo do jeito que ele gostava —, mas não se lembra de onde passaram a lua de mel, ou de qual é a profissão do filho mais novo, o inteligente, que parece um esquilo? A vida dele está ali, com todos os seus personagens, mas nuvens passam, bloqueando a vista. O que ele vê, o que ele recorda, muda a cada hora.

A enfermeira coloca um comprimido no centro da palma aberta dele.

“Para de me olhar assim”, ele diz.

“Só estou tentando fazer o meu trabalho.”

“Exatamente”, ele diz. “Você está me olhando como se eu fosse a porcaria do seu trabalho. Não sou o trabalho de ninguém. Nunca fui e nunca vou ser. Consegue enfiar isso na sua cabeça dura?”

A enfermeira abaixa os olhos, como se seus pés tivessem pegado fogo de repente e ela precisasse ficar de olho nas chamas. *Meu Deus, como algumas pessoas são fracas. É só soprar que elas caem.* Louisa volta à sua mente. *Ela nunca desviava os olhos quando eu gritava.*

A comissária de bordo com os quadris de primeira classe está à frente dele. De onde saiu? A dor piora de repente. Está no ápice.

“Posso ajudar de alguma forma?”, pergunta com uma voz suave. “Quer uma bebida, senhor? Um aperitivo?”

Mas a dor está ali, fixa, e ele não consegue falar. A enfermeira continua muda ao seu lado. Talvez esteja até chorando, pelo amor de Deus. Crispin se esforça para levantar a mão, esperando que o gesto faça a comissária de bordo desaparecer.

“Eu gostaria de uma bebida”, diz o homem do outro lado do corredor, e Crispin fecha os olhos, com o comprimido em segurança debaixo da língua.

O avião sacode de leve; Verônica apoia a mão num assento para se inclinar. Faz silêncio, só se ouve o barulho do ar-condicionado. Os passageiros estão fechados em si mesmos; o longo voo acabou de começar, e eles precisam se acostumar com o novo espaço, a bala de prata em que vão passar a maior parte do dia. Um a um, eles se resignam à nova normalidade. Prevalece a questão: *Como passar o tempo antes de voltar à vida normal?*

Jane esconde um sorriso enquanto ouve seu vizinho de poltrona flertar com a comissária de bordo quando ela volta com a bebida que ele pediu.

“De onde você é?”, ele pergunta.

“Aqui está seu bloody mary, senhor.”

“Mark, por favor.”

“Mark.” Verônica ajeita o corpo. “Sou de Kentucky, mas moro em Los Angeles agora.”

“Sou de Baltimore. Mas moro em Nova York. Não conseguiria morar em nenhum outro lugar. Há quanto tempo trabalha na aviação?”

“Ah, uns cinco anos, acho.”

Ele está nervoso. Jane vê seu joelho balançando debaixo da mesa de refeições aberta. Ela tenta deixar aquilo pra lá. Precisa escrever. Tem que terminar de revisar o roteiro, o que implica reescrever boa parte dele, antes de pousarem. Consegue fazer isso; é fácil focar com uma arma apontada para a cabeça. O problema é que não tem vontade. Se estivesse sentada ao lado do marido e ele não estivesse irritado com ela, Bruce perguntaria: *O que quer fazer?* Ele sempre volta ao início, à pergunta essencial. Seu cérebro nunca se prende a tangentes, obrigações e sentimentos, como o dela. Às vezes, ele inclina a cabeça enquanto olha para Jane, e ela sabe o que ele está pensando: *Eu ainda a amo?* E então, todas as vezes até agora, por sorte, ele conclui: *Sim.*

Jane está na primeira classe porque passou semanas preparando a mudança obsessivamente, em vez de trabalhar no roteiro. Sabe em qual caixa está o elefante de pelúcia de Eddie e a localização exata dos amados livros de Jordan. Enumerou as caixas na ordem em que deviam ser abertas em Los Angeles. Enquanto empacotava tudo, desejou que houvesse uma competição envolvendo mudar a família para o outro lado do país com a maior eficiência possível, porque ela ficaria em primeiro lugar. Quando Lacey se ofereceu para ir até Nova York na semana anterior para ajudar a arrumar as coisas, Jane riu.

“Desculpa por tentar ser útil”, Lacey disse, ofendida.

“Ah, eu sei. Desculpa, estou rindo de mim, não de você.”

O tempo fechou, com sentimentos feridos e seu longo histórico de provocar e cutucar uma à outra. Embora as duas tenham tentado, nenhuma delas conseguiu dissipar as nuvens antes de desligar. Lacey e Jane têm sistemas operacionais diferentes, o que muitas vezes leva a problemas. As coisas com que elas se importam às vezes se sobrepõem, mas há divergências essenciais. Lacey sempre, sempre quis se encaixar, o que ela acredita que exige um marido, dois filhos e uma bela casa de subúrbio. Quer que sua vida pareça “correta”. Jane nunca se interessou muito por esse conceito. Quando quer alguma coisa — um relacionamento, um filho, um emprego —, ela simplesmente tenta conseguir. Raramente olha para os lados para conferir o progresso das outras mulheres. Uma vez, tinha ficado surpresa ao descobrir que sua irmã assinava treze revistas femininas diferentes. Eram de tipos diferentes, explicou a irmã. De cozinha, casa, fertilidade, decoração, beleza. “O que foi?”, perguntou Lacey, diante da expressão no rosto da irmã. “Não sou eu a esquisita aqui, é você.”

Lacey conta pontos em cada relacionamento seu de um jeito que parece terrível a Jane, mas que, em momentos assim, ela pode usar para desfazer qualquer rusga entre as duas. *Vou ligar assim que chegarmos em casa*, Jane pensa. *Lacey vai gostar de ser a primeira pessoa para quem eu liguei do telefone fixo. É o tipo de coisa com que ela se importa.*

Ela nota que Verônica foi embora, e Mark parece perdido, segurando o bloody mary com ambas as mãos. O humor dele se assenta como uma leve névoa sobre a pele dela, e Jane começa a escrever.

As instruções do teste dizem que o resultado leva três minutos para aparecer. O objeto de plástico branco encara Linda, vazio. Ela gostaria de dar

alguns passos, ou até mesmo ir para outro cômodo enquanto espera, mas é impossível. Precisa ficar ali parada, em pé. Talvez porque seu corpo esteja preso, seu cérebro dispara.

Ela se lembra de quando bebeu pela primeira vez — Jägermeister —, na noite antes da prova de admissão na universidade. Chegou ao ginásio para fazer a prova depois de ter dormido só duas horas, com o cérebro cheio do que pareciam peças descartadas de motor. Seis semanas depois, uma professora, que sempre dissera que seu pai estava errado e que ela era esperta e teria um futuro brilhante pela frente se lutasse por ele, ficou pasma quando a menina lhe dissera como tinha ido mal. Linda a viu decidir, naquele momento, transferir suas esperanças e atenções para outro aluno, mais novo.

A iluminação do banheiro era péssima. Sua pele parecia amarelada no espelho. E o que ela estava pensando quando decidiu viajar toda de branco? Ela mostra a língua para o reflexo e vê a cicatriz de quando fez um piercing na língua, aos treze anos. Outra péssima decisão. Linda só fizera porque uma menina que admirava tinha virado gótica. Em dois dias, sua língua inchou tanto que ela tinha dificuldade para respirar, e a madrastra precisou levá-la ao pronto-socorro. A mulher adorou o incidente, e passou a mencioná-lo até em conversas que não tinham nenhuma relação com o assunto. “Você quase perdeu a língua, sabia? O que seria de você então? Teria ainda menos chance de conseguir um homem.”

“Consegui o Gary”, Linda diz para o espelho e para a madrastra.

Mas, em segredo, ela compartilha do ceticismo da mulher, e sempre compartilhou. Linda se preocupa que o único motivo pelo qual ela e Gary estejam juntos há onze meses seja porque se trata de um relacionamento à distância, e agora a distância está prestes a virar inexistente. Eles visitaram um ao outro, claro, e faz seis semanas desde o último encontro, mas as viagens sempre foram curtas e, portanto, doces. Num fim de semana prolongado, não

havia tempo para que rabugice, mau humor ou inseguranças há muito reprimidas se revelassem. A convivência próxima apontaria todas as falhas dela.

Os dois se conheceram num casamento — Gary tinha feito faculdade com a noiva; Linda já tinha saído com o noivo —, e acabaram aplacando a solidão aguda um do outro mais tarde, naquela mesma noite. Linda imaginou que fosse durar uma noite, mas Gary mandou uma mensagem no dia seguinte, a caminho da Califórnia. Eles conversaram por telefone e trocaram mensagens nas semanas seguintes. Quando ele disse que estudava baleias, uma onda de irritação tomou conta de Linda, e ela quase desligou. Achou que ele estava tirando sarro da falta de estudo dela; ele tinha um ph.D., e ela nem fizera faculdade. Gary obviamente achava que ela era tão tonta que ele poderia simplesmente inventar um trabalho fantasioso e ela nem perceberia. Mais que isso, parecia uma mentira feita sob medida para atingi-la. Linda era obcecada por baleias desde criança. Pôsteres do mamífero gigante cobriam as paredes de seu quarto, e a maior parte de seus livros mais queridos tratava da vida no mar. Parecia que Gary estava zombando da versão de vinte e cinco e da versão de doze anos dela ao mesmo tempo.

“Você não trabalha, então”, disse no tom mais cruel que pôde.

“Vou te mandar por e-mail o programa.”

Eles ainda estavam ao telefone quando ela abriu o link e viu um vídeo de homens barbados de jaqueta corta vento num barco no meio do oceano. Linda viu que um deles era Gary, queimado de sol. Outro vídeo mostrava uma baleia passando pelo barco e então salas de aula e baias cheias de material de mergulho. E foi nesse momento que Linda fechou o laptop e começou a tossir.

Quando ela parou, Gary chamou: “Linda?”

“Tenho algo na garganta”, ela respondeu.

Linda imaginava que ela e Gary eram só amigos, porque não sentia nem um pouco da preocupação obsessiva que em geral experimentava quando estava interessada por um homem. Seu dia melhorava depois que ela falava com Gary, e ele provocava nela um tipo de risada incontrolável que tentara reprimir a vida toda. *Que horror*, a madrastra uma vez resmungou, quando Linda riu na frente dela. Eles nunca falaram sobre filhos; Linda não tem ideia como Gary se sente em relação a ter um filho. Ele teve uma infância infeliz, disse que preferiria se matar a passar de novo por aquilo. Sua esperança secreta é de que possam ter uma vida juntos que vai consertar os caminhos corrompidos que os levaram até ali. *Quando estou com você, me sinto curado*, ele lhe disse uma vez, e, embora Linda não tenha sido capaz de dizer o mesmo, era como se sentia também.

Houve um zumbido alto, e o alto-falante no teto anuncia o início do serviço de bebidas. De repente, Linda percebe que está com sede.

“Ei...” A porta do banheiro sacode. Uma voz de homem pergunta: “Tudo bem aí?”.

“Sim!”, Linda responde, e segura o teste de gravidez como se fosse uma lança. Tem um sinal de mais cor-de-rosa em meio ao branco. “Sim!” Ela abre a porta e sai para o corredor.

Julho de 2013

Quando Edward chega à casa, é levado para o quarto. John levava o berçinho para o sótão e colocara no lugar uma cama de solteiro, com colcha azul-escura. A estante continua ali, cheia de livros cartonados para que os bebês possam mastigá-los sem problema. As paredes e as cortinas são rosa-claro, porque, todas as vezes que engravidava, Lacey tinha certeza de que seria menina. Tinha uma cadeira de balanço perto da janela.

O menino e o tio ficaram à porta por um momento. John parece confuso, como se por um momento tivesse esquecido por que estão aqui. Edward se pergunta se pode dar as costas e ir embora sem que ele note.

Esse não é o meu quarto, ele pensa. Não pode ser.

John diz: “Quer ver o lago?”.

Ele anda na direção da janela, e Edward o segue, de muletas.

West Milford foi construída à beira de um lago de mais de dez quilômetros de extensão. Durante o auge da cidade, no fim do século XIX, três barcos a vapor enormes operavam em suas águas, levando visitantes dos trens para um dos muitos resorts que havia por ali. Com o advento dos aviões, o turismo mudou. Greenwood Lake ainda recebia visitantes, mas só famílias de Nova Jersey e Nova York, muitas das quais tinham casas de veraneio ali. Os pais de John tinham se conhecido aos oito anos de idade, brincando no lago, e ambos passaram todos os verões da infância ali. Era uma cidade segura, embora a maior parte das cidades suburbanas fosse mais segura na época. As crianças corriam soltas, indo para casa só para comer e dormir, molhadas e bronzeadas.

Nos anos 1970, o lago perdeu parte do apelo. Famílias que podiam bancar uma casa de veraneio passaram a se dirigir à costa de Nova Jersey ou a Long Island. O movimento não era suficiente para manter os hotéis abertos. John e Lacey compraram uma casa ali logo depois de se casar, em 2002, porque assim poderiam ter um lugar melhor em West Milford do que mais perto da cidade, porque havia muitas empresas na região para as quais John podia prestar serviço de TI, e porque para Lacey o lago lembrava o Canadá. Eles têm uma bela vista do segundo andar da casa. Esse quarto dá para o vasto corpo de água imóvel, assim como o quarto de John e Lacey.

“Quando estiver se sentindo melhor, talvez a gente possa nadar no lago”, John diz.

Aquele lugar novo dentro de Edward, que se revelara depois da queda, começa a clicar. Ele se lembra de ouvir a mãe dizer ao pai que Lacey tivera outro aborto espontâneo. Ele não sabia bem o que aquilo significava, então fora procurar.

“Podemos dar uma arrumada no quarto. Vamos fazer isso, claro. Pode escolher a cor das paredes que eu pinto. Você tem uma cor preferida?”

“Não, obrigado”, Edward responde.

Ele vira e sai devagar do quarto, então desce a escada. Nesta noite, Edward dorme — ou, mais precisamente, não dorme — no sofá da sala. Ele odeia o fato de ter saído do hospital. Não antecipou a sensação, e sente que é impossível antecipar qualquer sensação agora. Aparentemente, o hospital, com os bipes dos aparelhos, a rotina e o desfile constante de profissionais da saúde, era o que o mantinha firme. Seu corpo agora dói de outro jeito; a insensibilidade se extinguiu. Ele consegue sentir a peça de metal que substitui parte da tíbia, e a pele parece estranha e áspera ao toque. Seus cabelos — que não têm nem terminações nervosas — de alguma forma doem. Às duas da manhã de sua segunda noite em West Milford, ele se senta no sofá, com as

mãos sobre as coxas. A dor atravessa os limites de seu corpo. Parece impossível que possa sobreviver a isso.

Na manhã seguinte, ouve batidas à porta. John já foi trabalhar, e Lacey ainda não desceu. Edward pisca — seus olhos são duas pedras quentes e secas — e vai atender, com auxílio das muletas. Uma mulher e uma menina da idade dele estão no topo da escada. É uma mulher de cabelo escuro, parda. Tem uma garrafa térmica vermelha na mão. A menina está parcialmente escondida, espiando por detrás da mãe. Edward só consegue ver um olho encarando-o por trás dos óculos. Por um segundo, ele se sente bem. Inocente, normal, inteiro. A sensação, que vai embora quase de imediato, é chocante.

“Oi”, ele diz para a menina.

“Sou a Besa”, a mulher diz. “E essa é a Shay. Moramos na casa ao lado, então vamos nos ver bastante. Trouxe café para a sua tia, mas parece que você é quem está precisando.”

Ela oferece a garrafa térmica, e Edward abraça o cilindro quente contra o peito. O cheiro o lembra de um café perto do apartamento de sua família, que espirrava essência de café na calçada para atrair as pessoas.

“Eu...” Ele hesita. É a primeira vez que se apresenta. Eddie é passado. Ele está feliz pela decisão que a tia tomou no hospital. “Sou Edward.”

Besa abre um sorriso caloroso, o que faz Edward se lembrar da mãe sorrindo, e então uma onda de pânico toma conta dele. Edward tem o desejo repentino de se deitar aos pés dela. Toda mãe vai lembrá-lo de sua própria mãe? Se for o caso, é o seu fim.

Besa diz: “Sabemos quem você é, *niñito*”.

Shay sai de trás da mãe, com os lábios levemente franzidos. “Sou dois meses mais velha que ele, e você diz que só posso tomar café depois dos dezoito.”

Besa ergue uma mão. “*Cállate, mi amor.*”

Então Lacey aparece e as leva para a cozinha. Edward se senta à mesa e serve um centímetro de café na tampa da garrada térmica.

“Gostou?”, Shay pergunta.

O gosto do café parece com o que ele imagina ser o gosto de um asfalto novo, quente e pegajoso, mas Edward assente e tenta se endireitar na cadeira. Shay é uns dois centímetros mais alta que ele, com cabelo castanho até os ombros e uma covinha na bochecha esquerda.

“Você já saiu?”, Besa pergunta. “Já passeou pela cidade?”

“Ele precisa descansar”, Lacey diz. “Não está pronto.”

“Melhor”, Besa diz. “Este lugar está *completamente loco*. West Milford é pequena, Edward. Todo mundo se conhece aqui, e faz décadas que não acontece nada tão animado quanto você aparecendo aqui. Sua tia disse que a cidade pintou esta casa enquanto você estava no hospital?”

Edward tenta entender o que ela disse. “Como uma cidade pinta uma casa?”

Lacey diz: “A prefeitura mandou pintar. Queriam ajudar de alguma forma”. Ela afasta a cadeira para se levantar e vai até a bancada. “Ficaram com pena e queriam fazer alguma coisa para ajudar, mas não sabiam como. Foi meio bobo, porque John pintou a casa no verão passado. Não havia a menor necessidade de pintar de novo.”

“Todo mundo no curso de férias só fala da sua vinda”, Shay diz. “Sou quase uma celebridade, só porque moro na casa ao lado.”

Curso de férias, Edward pensa. O termo parece familiar, mas seu cérebro demora um segundo para compreendê-lo. Verão. Crianças. Artes e artesanato. Ele e Jordan participavam do acampamento de ciências todo ano, no Museu de História Natural.

“Todo mundo quer panqueca?”, Lacey pergunta no tom de voz animado de quem quer mudar de assunto.

Edward está olhando para o café quando ouve a menina dizer: “Eu conheci seu irmão”.

Ele acha que não escutou direito. Enquanto repassa a frase mentalmente, ele se afunda ligeiramente na cadeira.

Mas Besa parece ter ouvido a mesma coisa. Ela diz: “Do que está falando? Você não conheceu o irmão dele”.

“Foi aqui”, a menina diz. “Bom, no gramado. Acho que eu tinha uns seis anos. Eu sabia que sua família tinha vindo visitar, e estava brincando com meu cortadorzinho de grama. Jordan saiu para o gramado sozinho.”

“Eu não sabia disso.” Besa parece ofendida.

“Mãe, eu tinha seis anos. Provavelmente te contei e você esqueceu. Fora que não era nada de mais. Eu nem me lembrava até...”, ela faz uma pausa, “pouco tempo.”

“Jane adorava vir com os meninos.” Lacey endireita os ombros. “Sentia que eles precisavam de uma folga da confusão da cidade.”

Edward pergunta para Shay: “Você conversou com ele?”.

“Um pouco. Ele saiu e desceu os degraus de um só salto, aterrissando direto para a grama. Por algum motivo, fiquei chocada com aquilo. Devo ter feito algum barulho, porque ele me notou.”

Edward tenta visualizar isso: o sol brilhando, a grama verde, os cinco degraus de cimento na frente da casa dos tios.

“Jordan disse alguma coisa tipo: *Nunca viu ninguém pular?* E eu disse que nunca tinha visto alguém pular *daquele* jeito. Ele riu e correu para a garagem. Então subiu no teto da minivan dos seus pais.”

“Espera aí.” Lacey franze a testa. “Não inventa, Shay. Não precisamos disso agora.”

“Jordan fazia esse tipo de coisa”, Edward diz. “Parece algo que ele faria.”

Shay assente de leve. “Ele acenou para mim e então pulou do alto do carro.”

“Dios mío”, Besa solta.

“Ah”, Lacey diz, então faz uma pausa. Num tom diferente, continua: “Eu lembro. Ele machucou o joelho... Não quis contar o motivo, mas dei um saco de ervilhas congeladas para ele colocar em cima.”

Edward não se lembra de nada disso. Não se lembra de Jordan ter ido lá fora sem ele. Não se lembra das ervilhas congeladas, nem dessa menina, nem do irmão mancando. Ele sente como se algo se partisse dentro de seu peito, como se ossinhos se quebrassem. Por que não consegue se lembrar?

“Não parecia que tinha se machucado”, Shay diz. “Alguém o chamou logo depois, e ele voltou aqui para dentro.”

Ela afasta a cadeira e dá um beijo na bochecha da mãe. “Tenho que ir, *mamí*. O ônibus vai chegar a qualquer minuto.”

“*Que tengas un buen día.*”

“*Adiós*”, Shay diz e vai embora.

Edward toma outro gole de café por causa do caroço em sua garganta. Ele tosse, com o guardanapo na boca. Sabe que Lacey quer que ele coma, mas é como se houvesse um campo de força em volta da comida, que ele não consegue penetrar — parece impossível transpor o cheiro e a solidez. Edward volta para o sofá. Lacey liga a TV, mas ele não consegue focar nas imagens. Então fica ouvindo o zumbido da conversa das mulheres na cozinha. Quando passa pela porta, no caminho para o banheiro, ouve a tia dizer: “Em vez de um bebê, um menino de doze anos”. Edward mantém os olhos nos pés, para garantir que não vai cair.

Quando o céu escurece e John chega em casa, Edward volta para a mesa da cozinha. O tio bagunça o cabelo dele; Lacey coloca uma colherada de purê de batata com manteiga no prato dele e diz: “Por favor, Edward”.

John fala algo sobre um advogado, e Lacey diz que parece que a safra de tomates não está boa. Os tios passam tigelas de comida de um para o outro,

mais vezes do que o necessário, Edward pensa.

“Queria gostar de salada”, Lacey diz.

John faz uma careta. “Ninguém *gosta* de salada.”

Sem saber como, Edward tem certeza de que essa conversa sobre salada é algo corriqueiro no repertório do casal. É algo que eles repetem para se reconhecer, no casamento e na vida pessoal. Assim como quando John diz: *Tudo bem, Lacey?* ao entrar num cômodo, sem parecer esperar ou precisar de uma resposta. Ou como Lacey dá uma olhada no cabelo a cada poucos minutos. Ou como coloca os temperos na porta da geladeira, e John muda para a prateleira de cima.

“Vocês têm que ficar comigo?”, Edward pergunta.

Os dois se viram para ele. As sardas de Lacey parecem mais escuras. A testa de John está franzida.

“Tipo, tem uma lei que obriga, porque são meus únicos parentes?”

“Não sei se tem uma lei”, Lacey diz e olha para o marido.

“Não havia dúvidas”, John diz. “Não tinha como ser de outro jeito. Somos sua família.”

“Isso”, Lacey concorda.

Conforme suas sardas ficam mais claras, Edward se dá conta de que ela está prestes a chorar. Ele nota que John também percebeu e coloca a mão na dela.

“Minha perna está doendo”, Edward comenta. “Posso ir?”

“Claro”, John responde.

Acaba ficando escuro do outro lado da janela quadrada em cima do sofá, e depois mais escuro. John fica parado à porta da sala e diz: “Hora de ir para a cama. Quer que eu te ajude a subir?”.

Edward diz a mesma coisa que disse nas duas últimas noites: “A escada me deixa tenso, por causa da perna. Tudo bem se eu ficar aqui de novo?”.

“Claro.”

Momentos depois, Lacey aparece com cobertores e um travesseiro e murmura *boa noite* na orelha dele. Edward ouve os passos deles subindo a escada, então a porta do quarto se fechando. Ele se levanta, vai até a porta que dá para a rua, abre e sai.

Edward atravessa o gramado e a entrada para carros. Seus movimentos são lentos. São dez horas. O ar noturno é macio contra sua bochecha e faz os pelos de seus braços se eriçarem. Edward nota que os sons da noite no subúrbio são muito diferentes daqueles da cidade. Ali, há um muro de silêncio separando o som dos animais do farfalhar das folhas e do motor dos carros à distância. Edward atravessa outro gramado e sobe os degraus da casa que, nas sombras, parece quase idêntica à casa de onde saiu.

Ele bate na porta.

Depois de uma pausa, uma mulher abre. Besa aperta os olhos na escuridão.

“Edward? Você está bem?”

Ele diz: “Posso entrar para falar com a Shay?”.

Outra pausa, e uma lembrança surge do nada na mente de Edward. É assim que as lembranças vêm agora, como um ladrão arrombando uma porta trancada sem aviso. Faltam algumas semanas para a viagem, e ele e Jordan estão no elevador do prédio. Eles saíram do apartamento sem que o pai percebesse, e sorriem um para o outro. Sabem que, quando chegarem ao saguão, o porteiro vai estar balançando a cabeça. Ele vai dizer: *Meninos, o pai de vocês ligou. É para voltarem*. Mas, enquanto o elevador descia, Edward e o irmão tocavam guitarra imaginária.

Edward pensa: *Jordan devia ter sobrevivido e não eu*.

Besa olha por cima do ombro e chama: “Shay, *mi amor*, está vestida?”.

A resposta da menina vem do andar de cima. “Por quê?”

Besa não responde. Ela o acompanha pela sala e escada acima. Através da porta entreaberta, Edward vê o corpo de Shay apoiado nos travesseiros sobre

a cama. Ela está de pijama com estampa de nuvens cor-de-rosa e tem um livro na mão.

“Oi”, ele diz.

Ela se endireita, num movimento rápido. Aperta os olhos para ele do mesmo modo como a mãe apertou quando estavam à porta, só que no caso dela por trás dos óculos.

“Hum, oi.”

“Shay”, Besa diz, “talvez você possa contar a Edward como foi no curso de férias.” A mão de Besa está no ombro do menino, e a sensação é ao mesmo tempo maravilhosa e terrível.

“Por que eu faria isso?”, Shay pergunta.

Edward nota Besa encarando a filha, tentando falar com ela sem usar palavras. E ele sabe — em certo nível, talvez — por que veio. Para ficar com outra criança, para ter um descanso dos olhos intensos, atentos e preocupados dos adultos.

Besa diz, no tom animado de quem quer fazer aquilo dar certo: “Você já fez algum curso de férias, Edward?”.

“Isso é esquisito”, Shay diz.

Besa suspira para a filha.

“Não precisa falar comigo se não quiser”, Edward diz.

“Tenho que dormir daqui a pouco.”

Ele olha de um lado para o outro e encontra uma poltrona perto da janela.

“Posso só sentar ali um pouco.” Sente o corpo ficar mais lento. Engole em seco. Então inspira. “Só por uns minutos.”

Shay e a mãe trocam outro olhar demorado e complicado, cheio de nuances. Edward vai até a poltrona. Sente como se estivesse andando na água. Suas muletas ficam pegando no carpete. *Por que alguém faria um carpete assim fofo?*, ele pensa.

Besa diz: “Vou ligar para Lacey, para avisar que você está aqui”.

“Só quero deixar registrado que isso é e-s-q-u-i-s-i-t-o”, Shay diz.

Quando Besa sai do quarto, Edward já está dormindo.

Ao acordar, a luz branca é tão forte que ele só consegue piscar. Edward não sabe, enquanto pisca, quem é, o que aconteceu ou onde está. É só quando sua visão se acostuma e seu cérebro se acalma que ele percebe que está sozinho no quarto de Shay. Tem um cobertor verde sobre suas pernas. Edward sabe que está sozinho na casa; as paredes, a porta aberta, tudo sugere vazio. Ele só fica ali sentado, por um bom tempo.

Quando bate na porta da casa ao lado e a tia a abre, Edward pergunta: “Está brava comigo?”.

Ela o olha de um jeito engraçado. “Não acho que possa ficar brava com você”, Lacey diz. “Entra e descansa um pouco. Você tem consulta à tarde.”

Edward se senta no sofá, e Lacey o ajuda a apoiar a perna machucada numa pilha de travesseiros sobre a mesa de centro. Algo ocorre a ele, que diz: “Estou prendendo você? Quer dizer, você tinha que estar no trabalho mas não pode por minha causa?”.

Ela ajeita os cantos dos travesseiros em que seu pé está apoiado. “Não. Eu tinha um emprego, mas saí quando engravidei”, ela disse. “Tinha que ficar de repouso. Isso foi no ano passado.”

“Ah.”

Lacey olha em volta, e Edward pensa: *Esse era o lugar dela*. Tem revistas embaixo da mesa de centro. As que estão no campo de visão dele são todas sobre gravidez ou bebês. A tia tinha passado os dias sozinha ali, planejando engravidar ou tentando manter a gravidez. O clique recomeça, e Edward deseja poder se levantar e deixar aquele lugar, do mesmo jeito que havia deixado o quarto lá em cima, mas Shay está no curso de férias, a perna dói e ele não tem mais aonde ir.

“Andei pensando em procurar trabalho. Alguma coisa”, Lacey diz. “Mas ainda não consegui fazer isso.” Ela faz uma pausa, como se para recuperar o fôlego. “Quer alguma coisa da cozinha?”

“Não, obrigado.”

Edward assiste a uma novela com uma mulher dividida entre fazer ou não um aborto enquanto a mãe dela fica em dúvida entre deixar ou não o marido. Ele controla as horas de um jeito novo. Tem uma vaga compreensão de que elas se empilham umas em cima das outras formando dias, e de que sete dias juntos constituem uma semana. E de que as semanas se somam até chegar a cinquenta e duas, que é um ano. O voo foi em 12 de junho. O que significa que devem estar no fim de julho agora. O tempo está passando.

O médico é do tipo que pigarreia. Entra na sala fazendo um ruído que mais parece um sapo e continua fazendo por uns bons dez segundos, diante de Edward e Lacey. Quando finalmente para, parece satisfeito com seu desempenho. Então diz: “Você perdeu três quilos e meio desde o evento”.

Evento?, Edward pensa, confuso por um segundo. Então compreende.

Lacey diz: “Isso não é bom”.

O médico repete: “Isso não é bom”.

A foto de uma borboleta se estende por toda a parede. Edward se pergunta se o médico se arrependeu depois de ter feito o painel. Tão grande assim, a borboleta não fica bonita. Naquela escala, tão esquisita, faz com que todo mundo se afaste dela tanto quanto possível.

“Compre sorvete, chocolate, o que ele quiser”, o médico orienta, então produz um ruído enfático. “Não é hora de pensar em boa nutrição. Ele precisa de calorias. Se perder mais um quilo vamos ter que entrar com alimentação intravenosa, Edward. O que significa voltar ao hospital.”

No carro, já a caminho de casa, a tia propõe: “Pense em algo que talvez consiga comer”.

Edward se sente estéril por dentro. Não tem nada vivo nele. Comida não parece apenas algo desnecessário, mas irrelevante.

Lacey para no estacionamento de uma loja de conveniência imensa. Ela desliga o motor, mas mantém as mãos no volante. Então faz uma cara para Edward que ele nunca viu. “Por favor, não faça isso.” Lacey parece aflita. “Se Jane soubesse como estou me saindo mal cuidando de você...”

Edward diz: “Não, tia Lacey”. Ele procura outras palavras, mas encontra apenas *conveniência, loja, batatinha, cerveja, promoção, estacionamento*.

Ela já saiu do carro, se afastou dele, e Edward corre atrás dela.

Dentro da loja, Lacey diz: “Vamos passar por todos os corredores. Pode colocar na cestinha tudo o que não te der nojo”.

Ele olha para os chocolates aos montes. Crocante, com recheio de caramelo, com castanhas, meio amargo, branco, ao leite. Então escolhe o preferido de Jordan: Twix. Os ombros de Lacey relaxam um pouco quando Edward o coloca na cesta. Batatinhas: sabor alho, churrasco, queijo, picles, jalapeño, sour cream e cebola, com sal, assadas, onduladas, lisas. Ele escolhe um saco do tipo que a mãe mais gostava: sal e vinagre. No próximo corredor tem bala de frutas, carne-seca e cafeteiras. Nada entra na cestinha. Então vem um longo corredor de cereais. Edward pensa: *Talvez sem leite não tenha problema*. Não suporta a ideia de comida que muda de forma. O som de líquido é intolerável, e ele não quer nada com bolhas. Sopa, ensopado, sucos e refrigerantes estão fora. Sorvete derrete, o que também o deixa desconfortável.

Edward escolhe o cereal com a caixa menos colorida. “Tá bom assim?”, ele pergunta à tia.

“É um começo.”

Quando chegam em casa, ela espalha a comida na mesa de centro. Então sai e volta com um prato e uma colher. Edward se senta no sofá e fica olhando. A perna lateja, ainda que esteja apoiada nos travesseiros. Os músculos e tendões acima do joelho pulsam, como se fossem o coração.

Lacey abre o Twix primeiro. Ela quebra um pedaço e põe no prato. Então abre a caixa de cereal e põe uma colherada de aneizinhos do outro lado. Depois duas batatinhas.

A tia e o sobrinho observam o prato em silêncio.

“Quero que você coma tudo isso em uma hora”, ela diz. “Aí eu coloco mais. Entendido?”

Edward assente. Liga a televisão; está passando um talk show com uma mesa cheia de mulheres se atropelando na conversa. Começa mordiscando a beirada de uma batatinha. Quando sente gosto de serragem, raspa um pouquinho do chocolate do Twix com os dentes da frente. Lembra de encher a boca de batatinhas com o irmão, para ver quantas cabiam. Lembra de estar sentado à mesa do jantar com a família, o sol se pondo atrás deles, Bach no aparelho de som. Então ele morde um anelzinho de cereal no meio e se força a não se lembrar de nada, a não pensar em nada, até que tudo o que existe seja insipidez — uma insipidez que Edward agora identifica como si mesmo.

10h02

O avião pesa setenta e três toneladas e meia. A envergadura das asas é de trinta e oito metros. Ele é feito de chapas de metal, extrusões, peças fundidas, lingotes, parafusos e longarinas. Tem trezentas e sessenta e sete mil partes individuais e levou dois meses para ser construído; é necessário 1,246 milhão de newtons de empuxo para propelir esse ônibus no céu.

Bruce olha para a janelinha além de Eddie.

“Eu tinha mais ou menos a sua idade quando andei de avião pela primeira vez”, ele diz. “Fomos para o funeral do meu tio, que eu nem conhecia. Quando eu vi como as nuvens pareciam do céu, só queria sair do avião e dançar nelas.”

Eddie olha para o copo de suco de laranja. Parece irritado, mas não está irritado de verdade. Bruce notou que, conforme Jordan se torna um adolescente mais combativo, o irmão tenta projetar raiva, irritação ou indignação similares, em determinados momentos. Mas Eddie não é muito bom nisso; nem seu coração nem seus hormônios estão preparados.

“É a minha terceira vez num avião, pai”, Eddie diz.

Agora, Bruce pensa, quero entender a composição das nuvens. Quero que elas sejam contidas e compreendidas. Quando essa mudança aconteceu? Quando passei de querer dançar para querer anotar dimensões num caderninho? Ele pensa na adolescência: seu eu de treze anos, uma versão mais tímida do menino de doze anos. A cada ano, mergulhava mais fundo no desconforto e no silêncio. Mas houve uma onda de animação quando percebeu, bem depois do que deveria, que dentro dele havia um cérebro que encarava provas com

facilidade, que ele podia usar, *usar* de verdade, para compreender os barulhos altos e os estranhos costumes e as pessoas imprevisíveis à sua volta. A matemática era a piscina mais profunda à vista, e ele entrou de cabeça nela. Números e equações levaram a teoremas, binômios, n -dimensões e grupos amigáveis, e depois, na faixa dos vinte, ele começou a usar a matemática para encaixar as partes do universo que ninguém achava que podiam se encaixar.

Ele olhou por cima do ombro. Jordan voltava lentamente pelo corredor, com a cabeça balançando ao ritmo da música.

“Você devia se esforçar mais para subir na carreira”, Jane dizia a Bruce durante algumas brigas. “Por que eu preciso cuidar de tudo? Por que a reserva para a faculdade — que deve ser, aliás, de uns trezentos e cinquenta mil dólares — é *minha* responsabilidade, enquanto você cria constelações matemáticas e pendura contas bonitas nelas?”

Jane não compreende o trabalho dele, mas não a culpa por isso. Mesmo na sua área só umas sete pessoas entendem o que Bruce faz. É assim com matemática pura; é preciso ser um ph.D. no assunto para ter uma esperança mínima de entrar na toca do coelho específica habitada por um matemático. E um projeto individual — o trabalho de uma vida — pode muito bem parecer sem sentido para não matemáticos, um trabalho matemático extraordinário, mas inaplicável. Que talvez possa se provar extremamente valioso, mas só anos depois de sua morte, num campo que a pessoa nem sonhava existir. Matemática pura é feita de sonhos, fios tênues criados para serem lançados a homens mais inteligentes no futuro.

Quando não matemáticos perguntam sobre seu trabalho, um exemplo que Bruce às vezes cita é Sir William Hamilton. O matemático irlandês teve uma revelação enquanto caminhava, em 1843, e entalhou na hora, com um canivete, a equação que depois resultou na Broome Bridge de Dublin. A equação marcou a descoberta do grupo dos quaterniões, o que pareceu inútil

enquanto ele era vivo, mas cento e cinquenta anos depois ajudou a criar os video games. O “Pequeno teorema” do matemático francês Pierre de Fermat teve pouca utilidade quando foi desenvolvido em 1640, mas se tornou a base do sistema criptográfico RSA dos computadores no século XXI.

“Por que você não trabalha com matemática normal?”, Jane perguntava. “Do tipo que tem uma aplicação real? Que ajuda cientistas a construir coisas?” *Do tipo que dá dinheiro*, ela poderia ter dito de uma vez.

Um cargo com estabilidade em Colúmbia teria resolvido inúmeros problemas. Não precisariam estar naquele avião nem sair de Nova York. Bruce suspira e olha por cima do ombro de novo. Sabe que Jordan está demorando de propósito. O menino gosta de fazer o pai suar um pouco.

Jordan *schzum-schzum* e *zump-zump* pelo corredor. A música em seus ouvidos lhe diz para *tump-tump*, e é o que ele faz. Tem uma menina mais ou menos da idade do irmão dele com um símbolo da paz desenhado nas costas da mão, olhando-o da poltrona da janela. Jordan acena para ela. Quer desfrutar do breve momento de liberdade. Se ficar sentado ao lado do pai, de cinto de segurança, eles vão discutir, e ele vai começar a pensar em Los Angeles e a se perguntar como vai ser lá. E vai ficar com saudades de Mahira.

Tinha começado do nada. Um dia, ele estava no mercadinho comprando um refrigerante e ela sorriu para ele, de um jeito que dizia que gostava dele e que já fazia um tempo, e ele sorriu de volta, e antes que se desse conta Jordan estava beijando uma menina de verdade ao vivo. Toda vez que passava no mercadinho e o tio dela não estava, os dois iam para o estoque nos fundos. Eles ficavam entre latas de feijão e caixas de papel higiênico, aos beijos, beijos e beijos. Mal se falavam. A linguagem deles era feita de sorrisos, olhares convidativos, afastar o cabelo da bochecha dela e cerca de vinte beijos diferentes, significando desde *oi* ou *quero você* (embora eu não saiba muito bem

o que isso possa significar) a quero descobrir que gosto é esse nos seus lábios. Ele nunca teria imaginado que beijos podiam ser tão diversos: em velocidade, profundidade, voracidade. Poderia beijar a menina por horas sem nunca se cansar. Tinha visto Mahira só uma vez fora do mercadinho, num restaurante chinês; Jordan estava com o pai, e ela estava com o tio. Tiveram que limitar sua comunicação a sorrisos.

Quando ele contou que ia se mudar, Mahira desviou os olhos por um segundo, então se virou para ele e o beijou de um jeito diferente. Nas últimas três visitas que Jordan fez ao depósito, os dois compartilharam um novo beijo, que dizia: *Vou ficar com saudade e Tenho medo de crescer e Queria que isso continuasse para sempre, mas sei que não seria assim mesmo se você não se mudasse.*

Jordan suspira, *tump-tump*, e diz: “Licença”.

O pai se levanta para que ele possa entrar, e Jordan volta a ser um termo na equação que afirma que Eddie + Jordan = Bruce. Jordan inclina a cabeça para trás e fecha os olhos, com a música ainda tocando nos ouvidos. Está feliz por nunca ter contado a ninguém a respeito de Mahira. Ela é só dele. Sua história secreta. Imagina que, quanto mais vezes se recusar a passar por escâneres corporais, quanto mais meninas beijar, mais de si mesmo vai possuir, mais de uma quantidade desconhecida que vai se tornar. E assim a equação, aquela em torno da qual o pai construiu sua vida, não será mais verdadeira.

Diretamente do lado oposto ao corredor dos Adler, Benjamin devolve a revista grátis ao bolso na poltrona da frente. Tenta mudar de posição, mas não há espaço suficiente para isso. Está desconfortável; a lateral do corpo dói, onde o saco está preso à pele. Depois da cirurgia, os remédios foram o único lado bom das semanas que passou no hospital. Benjamin nunca havia tomado nada mais forte que ibuprofeno, mas, enquanto o enchiam de remédio para

dor durante o dia e remédio para dormir durante a noite, sua existência se resumiu a uma névoa deliciosa. Ele pensava na briga com Gavin, mas seus pensamentos não estavam ligados à realidade. Assistia àquilo como a uma peça: um homem negro enorme rodeando um branco loiro magrelo.

Aquele voo, o último no caminho de volta, o tinha despertado, infelizmente. Ele não estava sob efeito de remédios, e o retorno à sobriedade faz com que se sinta dolorosamente consciente de cada detalhe do corpo e de cada pensamento na cabeça. Tem flashes de pânico, e chega a pôr a mão na cintura para verificar se está armado. Como vai se suportar o tempo todo?

Mandaram-no de volta a Los Angeles para outra cirurgia, e depois vão lhe dar um trabalho administrativo. Não pode mais ir a campo. Agora que não há mais drogas em seu corpo, Benjamin se pega torcendo para morrer na próxima mesa de operação. Seria melhor, muito melhor, do que ficar preso a uma escrivaninha todos os dias. Além disso, ele é um desconhecido para si mesmo agora, e não tem certeza de que esse desconhecido mereça viver.

As nuvens do outro lado da janela estão um tom mais escuras que antes. Parece mais escuro dentro do avião também, cheio de lembranças de meninas de lábios macios, mães que estão sempre sonolentas, meninos adolescentes tímidos e punhos em choque. Flórida quase pode ver as cenas, as pessoas que faltam, os densos minutos e horas e anos por trás de cada pessoa no avião. Ela inala e deixa o ar estrangulado preencher seus pulmões. Para ela o passado é igual ao presente, tão precioso e próximo. Afinal, se você pensa numa lembrança pela maior parte do dia, não é esse seu presente? Algumas pessoas vivem no agora; outras preferem morar no passado — ambas as escolhas são válidas. Flórida faz os pulmões voltarem a funcionar, satisfeita com a plenitude.

Quando Linda volta a se sentar, Flórida dá um tapinha na mão dela. “Você me lembra de alguém”, comenta. “Estou tentando lembrar quem.”

“Ah, é?”

“Talvez uma das revolucionárias de quem cuidei na minha loja em Cebu. Nas Filipinas. A maioria era homem, mas de vez em quando aparecia uma menina corajosa que tinha conseguido entrar para a batalha.” Flórida visualiza a sala dos fundos lotada da loja. Ela vendia ou trocava arroz e feijão na frente e escondia feridos debaixo de cobertores nos fundos. Reuniões secretas dos membros do Katipunan eram realizadas tarde da noite em seu quarto. Chegavam soldados feridos ou doentes, que lutavam contra os espanhóis, embora não passassem de crianças. Eles a chamavam de Tandang Sora, e ela sussurrava a mesma verdade no ouvido de cada criança-soldado: *Você é especial. Seu destino é sobreviver, seguir em frente e fazer coisas incríveis.*

Flórida se sente orgulhosa dessa lembrança; aquela foi uma boa vida. Em outras vidas, sua opinião de si mesma não é tão elevada. A que está vivendo agora, por exemplo, parece ter escapado por entre seus dedos.

Linda a encara. “Quando foi isso? Achei que você tivesse dito que mora em Vermont.”

“Ah, algumas centenas de anos atrás.” Flórida avalia a vizinha de poltrona. “Tratei de uma menina com pleurite. Acho que é dela que você me lembra.”

Linda olha para a mulher como se ela fosse louca. Flórida suspira. Às vezes ela explica, às vezes não, mas a garota parece precisar de toda a ajuda possível. “Essa não é a minha primeira vida”, Flórida explica. “E esse não é o meu primeiro corpo. Tenho lembranças mais antigas que a maioria das pessoas. Lembro de quase tudo.”

“Ah. Já ouvi falar de gente assim.”

Flórida não se deixa abalar pelo tom desconfiado de Linda. Nem os pais dela em sua vida atual, dois médicos filipinos que imigraram para Atlanta, na

Geórgia, e se tornaram o proprietário de uma lavanderia e uma dona de casa, acreditavam nas histórias de vidas passadas que ela contava. No meio do ensino médio, ela tinha ficado feliz em deixar os pais e o sul dos Estados Unidos com um namorado que tinha uma bateria e sonhava com a cidade grande.

Linda morde o lábio inferior. É uma jovem bonita que parece ter dominado a arte de parecer feia. Usa maquiagem demais e tem um rosto exageradamente expressivo. Sua boca quase não fica parada, suas sobrancelhas se erguem sempre, suas bochechas sobem e descem. Seu rosto se contorce, como se estivesse se esforçando para fazer algo.

Flórida dá outro tapinha na mão dela. “Você vai ficar bem. Quer se casar com esse cara na Califórnia, não é? Então se case com ele assim que sair do avião e, *voilà*, vai ter uma vida nova. E é atrás de uma vida nova que você está, não é?”

Linda fala baixo: “Não tenho cem por cento de certeza de que ele vai me pedir em casamento”.

Flórida sorri. “Querida, ninguém tem cem por cento de certeza de porcaria nenhuma. Se alguém disser que tem, está mentindo.” Ela se ajeita na poltrona, fazendo os sinos da saia soarem. Bobby costumava dizer que parecia que ela usava uma porção de alarmezinhos. E Flórida respondia: *E quem eu estaria tentando acordar? Os pássaros?*

Benjamin odeia ficar preso à poltrona, só com seus pensamentos. É incapaz de fazer o movimento físico necessário para acalmar a mente. Não pensa no tiroteio em sua última patrulha; a noite em que se feriu faz sentido para ele. Foi descuidado nas semanas depois da briga com Gavin. Distráído. Basicamente parara de dormir, o que tornava tudo ainda pior. Levou um tiro durante uma patrulha porque estava sem reflexos, o que o tornava um alvo

fácil. Benjamin chegou a ver o atirador, posicionado entre dois galhos. Olhou nos olhos do homem e tomou o tiro. As informações batem. Não resta nada para ficar remoendo.

Então pensa em Gavin. Gavin como um cara branco de Boston que aparecera em seu pelotão seis meses antes. Só de olhar para ele Benjamin já sabia que ele tinha feito faculdade e que provavelmente entrara para o Exército só para irritar os pais. Tinha uma porção de caras assim, além dos oficiais de carreira, como ele próprio. Se tivesse se mantido vivo por tempo o bastante, Gavin cumpriria seu tempo e cairia fora. Provavelmente seria contador, o tipo de cara que leva os filhos aos jogos de futebol. Usava óculos e tinha o cabelo loiro quase branco.

No geral, Benjamin se mantinha longe dos brancos. O Exército, como acontece em qualquer outro lugar, criava panelinhas, e Benjamin preferia ficar com pessoas parecidas com ele. A verdade era que ninguém — negro, latino, asiático ou branco — estava a fim de ser seu amigo. Benjamin sabia que tinha reputação de irritável e de um pouco assustador. Sua avó, Lolly, uma vez lhe disse que ele não tinha uma cara particularmente simpática.

Uma noite, Benjamin e Gavin foram destacados para cuidar das latrinas. O banheiro era nojento: havia manchas escuras inidentificáveis nas paredes e o chão era grudento. Havia boatos de que o pelotão ia para outro lugar, e a incerteza se traduzia em falta de motivação para aquele tipo de trabalho. Benjamin e Gavin entraram com baldes, esfregões e um galão de um produto de limpeza com cheiro forte; ambos fizeram uma pausa assim que entraram, e Benjamin cerrou os dentes. Quando ele olhou para Gavin, viu a mesma determinação em seu rosto. Começaram a trabalhar, e depois de três horas tinham deixado o banheiro limpinho.

“Caralho”, Gavin disse, então, coberto de suor e sujeira. “A gente conseguiu.”

Ele levantou o punho fechado para Benjamin, que bateu com o próprio punho fechado no dele, sorrindo.

“Conseguimos mesmo!”, ele disse.

Os dois ficaram amigos naquela noite, ainda que não fosse nada de mais — só legal, e legal já significava alguma coisa para Benjamin. Eles tinham conversas de verdade, na maior parte das vezes porque Gavin fazia perguntas a Benjamin e parecia interessado nas respostas. Benjamin contou que mal se lembrava dos pais e que Lolly não era sua avó de verdade — ela o havia encontrado numa escada quando tinha quatro anos e tomara conta dele desde então. Gavin contou a Benjamin que seu pai queria que permanecesse com sua clínica odontológica, mas que dentes faziam com que ficasse nauseado, então entrara para o Exército para escapar do futuro que lhe fora definido antes mesmo que nascesse.

Gavin era amigo de todo mundo, então a relação dos dois era uma parte pequena de sua vida militar, mas era uma parte grande da vida militar de Benjamin. Gavin gostava de fumar um — havia semanas sem nenhuma atividade na base, e em períodos de tédio o capitão fazia vista grossa para coisas como maconha e video games —, e quando fumava contava piadas inocentes, que um menino de nove anos contaria. Benjamin nunca fumava, mas ficava sempre por perto quando o amigo fumava, e ria histericamente, enquanto os outros caras reviravam os olhos.

A comissária da primeira classe passa pela poltrona dele e sorri. *Bum chica bum*. Benjamin consegue ouvir a trilha sonora dela tão claramente quanto se a moça carregasse um alto-falante em cada lado do quadril. No bairro em que ele morava, uma fila de homens a seguiria pela rua, dançando ao som daquela música.

Benjamin olha em volta, para as fileiras de civis com a camisa para fora da calça, barriguinha de cerveja, jogando conversa fora. A comissária é asseada,

composta e usa uniforme, o que ele aprecia. A bagunça da aparência de todos os outros, e de suas vidas não militares, o confunde. *Recomponham-se*, ele quer dizer à senhora sentada ao seu lado e ao pai amarrotado do outro lado do corredor. Qual é a dificuldade de pôr a camisa para dentro, endireitar a postura e perder cinco quilos?

Ele cerra os dentes. Não foi feito para ficar sentado. Se conseguisse fazer um intervalinho para correr um pouco, fazer flexões ou só caminhar até algum lugar, com um senso de propósito. Toca a lateral do abdome, para ver se o saco continua no lugar, se ainda é contido por seu próprio corpo.

Julho de 2013

Naquela noite, quando John e Lacey sobem, Edward finalmente consegue extravasar — sua tristeza, sua desolação — na sala vazia. Não está cansado; sente-se tão péssimo e desperto quanto dez horas antes. *Devo estar com algum hormônio em falta*, ele pensa. *Algo relacionado à palavra “endócrino”*. As pessoas normais seguem por um ciclo: acordam com a luz do dia, esfregam os olhos, ficam com fome, comem cereal, tocam o dia, e depois, com o pôr do sol, começam a relaxar. Comem de novo, assistem TV, bocejam e vão para a cama.

Edward está sentado no meio do sofá, totalmente ligado, cercado por sombras. Ouve a água na pia do andar de cima e a descarga; John está se preparando para dormir. Edward disse a si mesmo que não ia fazer isso de novo, mas ainda assim se levanta, sai de casa e abre caminho pelo gramado.

Quando Besa abre a porta, ele diz: “Desculpa”.

“Imagina”, Besa diz. “Só vamos ter que encontrar um lugar mais confortável que aquela poltrona para você descansar.” Ela o conduz escada acima.

Shay está de calça de moletom e camiseta. O cabelo está preso num rabo de cavalo. Ela acena com a cabeça quando o vê. “Pensei em você hoje no curso”, ela diz. “Ainda bem que veio.”

“É mesmo?” O alívio faz a voz dele falhar. Isso significa que ela não vai mandá-lo embora.

Besa desapareceu; os dois estão sozinhos no quarto iluminado pelo abajur. Edward se afunda na poltrona. Ele apoia as muletas com cuidado na estante

ao seu lado.

“Não sei por que não pensei nisso antes.” Shay está de joelho na cama. Parece animada. Edward identifica a emoção como se fosse a resposta de um teste. *Isso é um nimbo-cúmulo. Isso é o pâncreas. Isso é animação.* Ele procura em seu interior e toca os quatro cantos de sua insipidez.

“Você leu *Harry Potter*, né?”

Ele assente. Jordan ganhou a série toda de presente de aniversário e então teve a ideia de pegar os livros na biblioteca também, para que ele e Edward pudessem ler ao mesmo tempo. Os dois ficavam no beliche por horas, semanas a fio, passando de um livro para o outro. Da cama de cima, Jordan dizia: *Meu Deus, Eddie, você já chegou na página duzentos e dois?* Os dois tinham longas conversas a respeito de Snape ser ou não malvado. Uma vez, depois de dividir quase quatro litros de suco de maçã à mesa da cozinha, eles tinham entrado numa discussão tão intensa — Jordan insistia que Snape era a chave, até mesmo a gênese, de todo o mal nos livros, Eddie dizia que no fundo ele era bom —, que o pai teve que mandar cada um para um canto do apartamento até que os dois se acalmassem. “Chega de açúcar!”, Bruce gritara. “E quem é esse Snape?”

Shay se balança de leve no colchão e avalia Edward. O olhar dela o deixa desconfortável.

“Vou te dizer uma coisa muito louca”, ela diz. “Está pronto?”

O buraco dentro dele fica mais profundo, e Edward sente o cansaço na boca. “Acho que sim.”

“Você é igual ao Harry Potter.”

Ele olha para ela, incerto quanto ao que dizer.

“Tá, olha só. Quando criança, Harry sobreviveu a um ataque terrível a que ninguém deveria ter conseguido sobreviver, né?”

Edward percebe que se espera uma resposta dele. “É.”

“Voldemort matou os pais do Harry, mas não conseguiu matar ele, que era só um bebê. Ninguém entendia como era possível. E o fato de Harry ter sobrevivido assustou muita gente. As pessoas surtaram.” Ela pisca, por detrás dos óculos. “Ouvi um médico na TV dizendo que as chances de sobrevivência à queda do seu avião eram de zero por cento.”

Edward engole em seco. Como um aluno aplicado, segue a linha de pensamento dela. Voldemort equivale à queda do avião. Pais mortos equivalem a pais mortos. Harry equivale a ele.

“Meu tio disse que acham que sobrevivi por causa da posição da minha poltrona em relação à fuselagem, e porque ela foi lançada para longe dos destroços...”

Shay balança a cabeça negativamente.

Edward fica olhando para a menina: seus óculos, sua covinha, sua expressão determinada.

“Você ficou com alguma cicatriz?”

Sim. Tem uma horrível, que se estende pelo meio de sua canela esquerda. Edward levanta a perna da calça. A linha é irregular, rosada, com volume.

“Que nojo”, Shay diz, parecendo encantada. “Então você também tem uma cicatriz como o Harry Potter. E seus tios ficaram com você. Fora que lembra como a tia Petúnia tinha ciúmes da irmã que era bruxa? Lacey também tinha ciúmes da sua mãe. Minha mãe me fez ir ficar com sua tia quando ela ficou de repouso no ano passado, e ela ficava se gabando das conquistas da sua mãe, só que com uma voz meio triste.”

Há uma janela escura atrás da cabeça de Edward, e ele consegue sentir o silêncio no gramado e na rua. Quando passam carros, parecem se esgueirar, como se tivessem medo de atropelar uma criança ou um animal. Ele se sente levemente nauseado ao considerar as palavras dela. Ou talvez seja a animação

de Shay que o deixa enjoado, como se estivesse num barco balançando. De qualquer maneira, Edward sabe que não vai conseguir comer pela manhã.

“Você deve ter poderes especiais. Deve ser mágico, para ter sobrevivido à queda.”

“Não”, Edward diz, sem hesitar.

“Harry não sabia que tinha poderes especiais também”, Shay diz. “Ele morou no armário debaixo da escada da casa dos Dursley por onze anos antes de descobrir.” Ela olha para o relógio na mesa de cabeceira. “Devo dormir em três minutos para ter oito horas de sono. E preciso de oito horas de sono. Vai dormir aqui ou vai para casa?”

“Aqui”, Edward diz. “Se não tiver problema.”

A luz já está apagada antes de ele terminar a frase.

O terapeuta de Edward é um homem magro chamado dr. Mike. O dr. Mike usa boné e tem um relógio de mesa com detalhes em dourado e flores prateadas. Edward examina os ponteiros do relógio quando há uma pausa na conversa. O aparelho parece funcionar segundo seu próprio sistema de medidas. É a quinta vez que Edward vai ao consultório, e o relógio congela em vários momentos, depois pula para acompanhar o mundo em volta.

“Alguma novidade?”, dr. Mike pergunta.

“Não”, Edward diz. “Bom, meus tios estão chateados porque estou emagrecendo.”

“E você está chateado com isso?”

Edward dá de ombros. “Não?” Ele não gosta da terapia. O dr. Mike parece um cara legal, mas seu trabalho é escavar o cérebro de Edward, e o trabalho de Edward é mantê-lo à distância, porque seu cérebro está dolorido e sensível demais para suportar o mais leve toque. É um trabalho exaustivo.

Quando o silêncio se prolonga por tempo demais, Edward diz: “Sei que preciso comer”.

O dr. Mike transfere uma caneta de um lado da mesa para o outro. “Minha esposa está grávida, e o médico disse que, fisiológica e clinicamente falando, há três tipos diferentes de humanos: homens, mulheres e mulheres grávidas. Acho que essa ideia se aplica ao seu caso também, Edward. Há adultos, crianças e você. Imagino que não se sinta mais como criança, certo?”

Edward assente.

“Mas ainda faltam anos para ser adulto. Você é alguma outra coisa, e precisamos descobrir o quê, para poder te ajudar. Minha esposa precisa tomar ácido fólico e dormir mais, e tem um volume mais alto de sangue no corpo do que tinha antes de engravidar. Você ouve cliques, não tem vontade de comer e descobriu um jeito de entorpecer seu cérebro para se proteger.”

“Minha vizinha acha que sou mágico. Diz que sou como o Harry Potter.”

O dr. Mike toca a aba do boné, num gesto que Edward reconhece como um sinal do beisebol para deslizar, correr para a próxima base ou eliminar um jogador. Ele não consegue se lembrar o que o sinal significa, e por um segundo entra em pânico, como se fosse decepcionar o time inteiro.

“Interessante.”

No mesmo instante, Edward se arrepende de ter compartilhado o que Shay disse. Sua nova amiga — ele acha que Shay é sua amiga; ele dorme em seu quarto todas as noites, do que mais poderia chamá-la? — não aprovaria. A ideia parecia ridícula depois de dita, e Shay não era ridícula.

Edward usa toda a energia que lhe resta para tentar mudar de assunto. “Por que sua esposa tem mais sangue no corpo?”

O dr. Mike olha para ele por baixo da aba do boné. “Por que você não suporta mais a textura da banana, se antes adorava essa fruta?”

“Não sei.”

“Exatamente.”

Edward se pergunta se o dr. Mike tem algum tipo de calvície incomum no topo da cabeça — ele tem cabelo na lateral da cabeça, escapando por debaixo do boné —, ou talvez uma cicatriz horrível que deseja esconder. O menino considera se seria grosseiro perguntar a respeito.

Então diz: “Está esperando que eu te diga o que sou?”.

“Não”, dr. Mike diz. “Vamos descobrir juntos.”

Quando a noite cai, Edward escurece ainda mais, junto com o céu. A insipidez dentro dele se torna uma capa, de modo que ele não tem nenhuma reação, nenhum senso de responsabilidade, enquanto sai pela porta da frente da casa, desce os degraus, atravessa o gramado e sobe os degraus da propriedade vizinha.

Besa abre a porta, mas dessa vez não sai da frente para que ele entre.

Edward olha para ela. Besa é baixa, com quadris largos e sobrancelhas escuras e grossas. Ela trabalha em casa, traduzindo romances do espanhol para o inglês. John chama Besa de “irascível”. John disse a Edward que o marido dela tinha ido embora quando Shay ainda era bebê. Edward perguntou: *Ele foi embora?*

Saiu de casa, John disse. *Não é mais parte da família.*

Aquilo fez Edward pensar em todas as formas de partir: através de portas, janelas, carros, bicicletas, trens, barcos, aviões. Partir era diferente do que a família dele tinha feito. Ir embora era uma escolha.

“Edward, *mi amor*.”

Ele franziu as sobrancelhas para Besa. “Oi?”

“Quero que saiba que fico feliz que goste de Shay. Ela nunca teve um amigo de verdade. Ter que ser sempre educada a cansa, assim como acontece comigo. Tento fazer com que ela diga as coisas que se espera de uma menina,

mas...” Ela suspira. “Não faço isso de coração. Ela nunca gostou de bonecas. Sempre acaba insultando as pessoas. Costumava se meter em brigas de socos com as outras meninas. Provavelmente deixei que ela ficasse sozinha com seus livros mais do que deveria. Ela é um pouco solitária.”

Edward diz: “Eu gosto dela”. Muito embora *gostar* não tenha nada a ver com aquilo. Shay é como oxigênio. Edward não *gosta* de oxigênio; precisa dele.

Besa dá um passo para o lado. “Só quero dizer que você não precisa se sentir grato por nós. Você tem sido uma bênção. Desde o começo eu soube que você ia ajudar sua tia. A pobre Lacey estava ficando doente tentando ter um bebê. Agora ela tem alguém de quem cuidar.”

Edward quase balança a cabeça em negação, mas acaba não se dando ao trabalho. Ele sente que sua chegada fez o oposto de ajudar a tia; sua sobrevivência interrompeu Lacey, e agora ela tem que lutar ao lado dele. Às vezes, o rosto da tia parece tão triste quanto os sentimentos de Edward, e às vezes ele percebe a raiva que ela sente de John tão claramente quanto um raio caindo numa sala. Outras vezes, ela se agarra ao marido quando ele volta do trabalho, como uma criança pequena faria com o pai ou com a mãe. Edward é uma grande confusão, então reconhece que Lacey também é. E reconhece que ele próprio é parte da confusão dela.

Edward pensa no quarto com os livros sobre bebês e a cadeira de balanço. Seu corpo expressou um gesto automático de afastamento quando entrou ali no primeiro dia. Teve vontade de sair na mesma hora, sabendo de alguma forma que aquelas quatro paredes não suportariam o luto de Lacey e o dele também. Filhos que nunca tinham nascido, e pais que já não estavam vivos. Agora ele segue Besa escada acima, com a sensação de que está sendo seguido por mais fantasmas do que pode dar conta.

Suas manhãs começam no sofá, com um prato que agora inclui bolachas salgadas. John as acrescentou uma tarde, e elas se tornaram a comida mais tolerável de todas. Bastante sal em poucas bolachas. O mínimo de mastigação necessário. Depois do primeiro prato do dia, ele e Lacey vão para a fisioterapia. Entre as consultas, a tia sobe e desce a escada com cestos de roupas. Ela lhe dá um segundo prato de comida na hora do almoço e então se senta com ele para assistir a uma das novelas da tarde. A história se passa num hospital, e Lacey diz a Edward que ela e a mãe dele viam a mesma novela todos os dias quando eram adolescentes. “Então você acompanhou esses atores a vida toda?”, Edward pergunta, impressionado.

“Mais ou menos. Sua mãe era apaixonada pelo Luke.” Lacey aponta para um homem careca de aspecto cansado, que usava um único brinco. O amor da vida dele, Laura, que aparece linda e cheia de frescor nos flashbacks, agora parece triste e rechonchuda.

“Não é a melhor propaganda da passagem do tempo”, a tia comenta.

A novela avança devagar e se repete bastante, o que parece o ritmo adequado a Edward. Os personagens explicam seus problemas e depois se atrapalham com as soluções. A maior parte das cenas acontece em quartos do hospital ou, por algum motivo desconhecido, nas docas da cidade. Edward e Lacey acompanham em silêncio, com uma seriedade que o teria surpreendido quando ele era um menino comum.

Quando John chega do trabalho, Edward espera os raios vindos da tia. John sempre entra com uma expressão apreensiva, que Edward sabe que irrita Lacey, mesmo em seus melhores dias. Depois do jantar, ela vai para cima, e é a vez de John de se sentar com Edward. Ele mexe no tablet ou no computador. Raramente fica sem uma tela à sua frente.

Edward segura outro prato sobre as pernas e conta mentalmente, como fazia quando tocava piano, para controlar o tempo entre as mordidas. Ele só

consegue comer porque arranjou novas razões para isso. Costumava comer porque tinha fome, ou porque gostava de uma comida específica. Agora come para se manter fora do hospital e para não preocupar os tios. Ele morde um canto da bolacha, e o metrônomo conta: *um e dois e três e quatro*.

Está na metade do prato quando a insipidez dentro dele é jogada de lado, como se fosse um lençol, e de repente Edward sabe que a atividade no tablet do tio está de alguma forma relacionada ao voo. Ele dá uma olhada, mas, como sempre, o tio deixou a tela numa posição em que o menino não consegue ver.

“O que está fazendo?”, Edward pergunta.

Os movimentos de John costumam ser lentos; ele não parece estar totalmente atento na maior parte do tempo. Mas essa é uma pergunta direta do sobrinho, que dificilmente fala e talvez não tenha feito uma única pergunta desnecessária desde que acordou no hospital no Colorado. John se endireita na hora, oscilando um pouco seu equilíbrio. Como resultado, o tablet escapa de sua mão e cai no chão.

John arfa e se abaixa rapidamente para pegá-lo.

Algo no barulho exagerado diverte Edward. Algo formiga dentro dele, e o menino ri.

John para na hora, de quatro no chão.

Edward congela também. A risada morre, banhada pela água fria da culpa, da vergonha e da confusão. Ele deixa o prato de lado. Procura o lençol de novo dentro do cérebro e o puxa de volta, cobrindo bem.

John continua no chão, mas se senta. Então responde: “Uso o iPad principalmente para trabalho”.

“Ah.”

“Edward”, John diz. “Não tem problema rir. É até bom. Você tem que voltar a fazer as coisas que qualquer pessoa normal faz.”

O corpo do menino está dolorido. Ele quase conta a John o que o terapeuta disse, sobre ele ser um tipo diferente de humano. Não é um menino. É um monte de células, dois globos oculares e uma perna ferrada.

“Engordei meio quilo”, ele anuncia, e fica surpreso com o tom de triunfo em sua voz.

Há também uma rotina da hora de dormir. Edward aparece no quarto de Shay por volta das nove e passa a primeira hora sentado na poltrona à janela. Às dez, eles se alternam para escovar os dentes no banheiro, então ele desenrola um saco de dormir azul-marinho no meio do chão do quarto. Às dez e quinze, Shay já apagou a luz.

“Como foi o curso de férias hoje?” Ele está na poltrona, com a perna machucada bem esticada à sua frente.

“Idiota. Você tem sorte de não ter que ir.”

“Não posso ir. Não estou em condições de correr.”

Ela levanta os olhos do bloco de anotações que tem sobre as pernas. “Mesmo que você estivesse cem por cento saudável, eles te deixariam fazer o que quisesse. Se pedisse as chaves do carro pra minha mãe, ela provavelmente daria.”

“Claro que não.”

“Quer experimentar?”

Ele tenta se imaginar se aproximando de Besa com aquele pedido. Então balança a cabeça negativamente.

Shay parece decepcionada. “Bom, o que eu quero dizer é que as regras comuns não se aplicam a você. E você deveria ser *grato*, porque a maioria das regras para as crianças não têm nada a ver, só servem para os adultos sentirem que têm poder sobre a gente. A monitora nem me deixa ler durante o almoço.

Ela diz que é porque é uma atividade antissocial, mas acho que é porque na verdade ela é Joseph Goebbels.”

“Quem é esse?”

“Um nazista. Queimava livros.” Shay volta sua atenção para o bloco de notas e escreve algumas frases.

Edward a observa escrevendo no bloquinho todas as noites. Suspeita que toma notas a respeito dele e de seus poderes mágicos em potencial, mas tem medo de perguntar se é verdade. Ele olha para a perna machucada enquanto espera que as anotações cessem. Perguntou a Shay sobre o curso porque sabe que é o tipo de coisa que as pessoas perguntam às outras. *Como foi seu dia? Como você está?* Mas pareceu idiota ao perguntar, e ela pareceu irritada ao responder, e ele sente outra conversa, esquisita, transcorrendo por baixo, numa língua que não consegue compreender direito. Tem a ver com magia, a idade deles, a falta de amigos dela, as variações emocionais, a queda do avião e o que quer que Shay esteja escrevendo.

Quando ela para, diz: “Percebo todos esses seus olhares céticos”.

Ele tenta parecer inocente: “Oi?”.

“Não adianta. A verdade é que sou capaz de ver coisas que os adultos não veem. O que significa que vou conseguir ver o que se passa na sua cabeça antes de qualquer outra pessoa.”

O ar no quarto parece se comprimir, como se a eletricidade da conversa secreta e a eletricidade da conversa real tivessem se alinhado por um momento.

O verdadeiro Edward — não o que está sempre tentando expressar a fala “certa” no diálogo — diz: “Você vai ficar decepcionada quando perceber que sou um menino normal”.

“É tarde demais para isso”, ela diz. “Você nunca vai ser um menino normal.”

Aquilo parece verdade, e ele sente certo alívio.

“Não sou normal também”, ela diz, como se respondesse a uma pergunta dele.

“Ótimo”, Edward diz, e a onda de entusiasmo em sua voz o faz corar.

Ela volta para o bloquinho, e Edward percebe que está mais fácil respirar. Seu peito relaxou. Quando dá dez horas, ele pega as muletas e vai para o banheiro.

Shay está na cama e ele no saco de dormir quando ela diz: “Por quanto tempo será que vão te deixar dormir aqui? Ouvi uma mulher perguntar sobre isso à minha mãe no mercado. Os adultos ficam meio desconfortáveis, porque não somos adolescentes, mas também não somos crianças. Talvez tentem acabar com isso daqui a pouco. Vão querer que todo mundo volte a se comportar”, ela faz sinal de aspas com os dedos, “de um jeito aceitável”.

Edward a encara. “Como o pessoal da cidade sabe onde durmo?”

“Fofoca. Osmose. Vai saber.” Ela deve ter notado a expressão no rosto dele, porque diz: “Ah, não se preocupa. Você pode dormir aqui por quanto tempo quiser. Dou um jeito neles. Sou boa nisso. Consigo ser bem irritante”.

Um envelope grande chega pelo correio. Tem pelo menos cinco centímetros de grossura. Lacey o leva para o sofá da sala e afunda seu corpo ao lado de Edward. Ela abre o envelope, e os papéis caem pesados no chão. Pega uma pasta grande e azul.

“O que é isso?”, Edward pergunta, ao mesmo tempo que processa o título na frente: *Pertences pessoais dos passageiros do voo 2977*.

“Ah, querido”, Lacey diz.

Tem uma carta. Diz que, se identificarem quaisquer objetos pertencentes à família Adler, os itens serão enviados a eles. Lacey abre a pasta no meio, numa fotografia de uma pulseira dourada com berloques, com uma descrição

embaixo. Tem um berloque no formato da Torre Eiffel e outro de um ursinho de pelúcia.

“Não entendi”, Edward diz. “Essas coisas sobreviveram à queda? Todas elas?”

Lacey assente.

“Não derreteram? Nem explodiram?”

Ela bate com o dedo na pasta. “Quer dar uma olhada?”

Edward ouve um clique, uma batida em staccato. “Não, obrigado. Agora não.”

Mais tarde, ele ouve os tios discutindo na cozinha. John está bravo porque Lacey abriu a pasta na frente do sobrinho.

“Minha nossa”, o tio diz. “Seu trabalho é proteger o menino. Não consegue ver como está deprimido? O dr. Mike disse que precisamos tomar muito, muito cuidado.”

A voz de Lacey sai cortante. “Não quero mentir para ele. Acho que Edward deve ter contato com as informações, para conseguir formar uma ideia própria.”

Os pais de Edward sempre discutiam, mas isso parece diferente, mais triste e mais desesperado, como se John e Lacey subissem uma montanha sem estar preparados, tanto em termos físicos como de aparatos. Parecem muito conscientes de que um deles, ou ambos, pode escorregar e cair a qualquer segundo.

John diz: “Edward não está pronto para ter ideias próprias. É cedo demais”.

“É claro que ele não está pronto. Ninguém nunca está pronto para algo tão difícil.”

John baixa a voz, como se estivesse se esforçando para mudar a natureza da discussão: “Lace, se acalma”. Ele faz uma pausa, então continua: “Você nunca mais me chamou de ursinho”.

Mas Lacey parece incapaz, ou indisposta, a mudar o tom. Se bobear, parece ainda mais brava. “Não preciso que jogue na minha cara como estou me saindo mal. Não sei nada sobre crianças, e acho que ele sente isso. Nem quer dormir aqui.”

“Você só precisa ter mais cuidado com ele. Foi por isso que desligamos o telefone, pelo amor de Deus.”

Isso ressoa em Edward, que se dá conta de que não ouve o telefone tocar naquela casa desde que chegou. Ele se pergunta de quem estão evitando ligações.

Lacey diz: “Aquele homem horrível me mandou outro e-mail para dizer que precisam de amostras de DNA para identificar os corpos. Ele quer que eu ligue pro dentista de Jane para pedir”.

Jane, Edward pensa. E é só então que se dá conta de que a tia perdeu uma irmã, assim como ele perdeu um irmão. *Jane, Jordan. Jane, Jordan.*

“Me encaminha o e-mail. Eu respondo pra ele.”

“A responsabilidade é *minha*. Ela era minha irmã.”

As vozes cessam. Ou eles vão embora ou os ouvidos de Edward tomam sozinhos a decisão de bloqueá-las.

O verão continua a toda, turvo e ensolarado demais para o gosto de Edward. Ele vai ao médico, que pigarreia por causa da perna e do peso, ao dr. Mike por causa das emoções e a um fisioterapeuta para voltar a andar normalmente.

Ocorre a Edward que ninguém vivo sabe ou se lembra de como ele andava antes da queda. Nem ele mesmo. Edward se lembra do andar de Jordan, no entanto. Os passos do irmão sempre foram únicos: compridos e saltitantes. A gravidade parecia ter menor força sobre ele que sobre as outras pessoas;

Edward se lembrava de falar com Jordan enquanto andavam pela calçada, e no meio da frase o irmão estava no ar. *Ele ricocheteia*, a mãe tinha dito uma vez.

Edward dobra os joelhos e salta.

“Opa, calma aí”, pede o fisioterapeuta. “O que foi isso? Prefiro focar no movimento para a frente, por favor. Sem elevação.”

Às tardes, como lição de casa da fisioterapia, ele deve caminhar até o fim do quarteirão e voltar. Nos primeiros dias, Lacey o acompanhou, mas agora ela o espera nos degraus da frente, porque o fisioterapeuta disse que Edward precisa recuperar o equilíbrio sozinho. Tem uma pequena multidão do outro lado da rua. Alguns adolescentes, uma freira, alguns homens e mulheres mais velhos. Parece que estão esperando por um desfile.

Edward sabe que ele é o desfile. Se dizem algo, ele não ouve. Se acenam, ele não vê. Nunca olha na direção deles; se concentra em apoiar uma única muleta na frente, então dar um passo e depois outro. Ele ouve os cliques, como um metrônomo, assim como os relógios avançando a cada casa pela qual passa.

É o pior desfile do mundo, pensa.

Uma noite, Edward se senta sem querer em cima do tablet de John. Está no sofá, coberto por um cobertor. Edward o pega e vê seu reflexo na tela preta. O tio está numa reunião, e a tia está na cama. Seu rosto parece mais velho, e mais verdadeiro, como se o espelho escuro visse a tristeza dentro dele. O rosto que olha de volta para Edward não pareceria inadequado como vilão de um filme: sério a ponto de parecer malévolo.

Seus pais não deixavam que ele ou Jordan tivessem celular — eles tinham pagers, para que Bruce e Jane pudessem entrar em contato com os filhos em caso de emergência. Ambos os pais tinham tablets, no entanto, e deixavam os meninos brincarem com joguinhos educacionais neles.

Edward aperta o botão para ligar.

Surge uma tela pedindo uma senha de quatro dígitos.

Vou fazer isso mesmo?, ele pensa, com curiosidade genuína. *Vou.*

Edward tenta abordar a tarefa como seu pai faria. Ele falava sobre números com tanto afeto — como se fossem um bando de personagens curiosos do bar local — que quando Edward enche seu cérebro de algarismos parece esquentar por dentro. Enquanto considera os possíveis dígitos, sente que está usando o DNA que compartilha com o pai.

Ele digita o ano de nascimento de Lacey: 1974. A tela sacode, em um “não”. Ele tenta o ano de nascimento de John: 1972. Não. Só resta uma tentativa antes que o tablet bloqueie e um e-mail seja enviado para John, verificando se ele está tendo dificuldades com o próprio aparelho.

Edward larga o tablet. Ele o encara por um minuto. *Números nunca são aleatórios, o pai diria. Gostam de padrões e significado.*

Edward pega o tablet de novo e digita o número do voo: 2977.

A tela abre.

Uma onda de medo toma conta de Edward, que se levanta do sofá. Ele sai da casa, atravessando o ar abafado da noite, sobe os degraus da casa de Shay e vai para o quarto dela. Quando entra, a menina está à escrivaninha. Ele lhe entrega o tablet como se fosse uma granada sem o pino.

Ela o aceita com a gravidade apropriada. Edward se inclina sobre seu ombro e digita a senha.

Os dois ficam esperando a tela inicial aparecer. No canto esquerdo, tem um círculo vermelho com as palavras *Aviário* embaixo.

Shay olha para Edward, que assente. Ela clica no símbolo, e uma lista de links aparece:

parentes das vítimas

twitter edward

facebook edward
alertas do google edward
notas

Ela diz, em voz baixa: “Onde conseguiu isso?”.
“É do John.”

A covinha em sua bochecha fica mais funda quando Shay franze a testa. “Olha”, ela diz, “posso entrar numa dessas coisas, ler e te dizer o que fala. Você não precisa ver. Eu não ia querer, no seu lugar.”

Edward atravessa o quarto e afunda na cama dela. Em todas as suas visitas anteriores ao lugar, nunca se sentou no colchão. É macio e faz um leve barulho sob seu peso. Ele gostaria de se deitar, fechar os olhos e dormir. Mas, para ele, é difícil dormir, mesmo nesse quarto. Edward passa todas as noites buscando a inconsciência, como se fosse uma pedra no meio de um rio, enquanto uma forte corrente o afasta dela. Seus dedos às vezes roçam a pedra, e ele consegue cochilar. Mas nunca tem uma noite inteira de descanso.

Ele sussurra: “Tem alguma coisa sobre Jordan?”.

Edward só vê a lateral do rosto de Shay. Ela toca a tela. “John criou PDFs com links”, ela diz. “Criaram uma página no Facebook pro Jordan depois da queda. Parece que foram umas meninas. Acho que nem conheciam ele. Tem uma foto.”

“Quero ver.”

Ela mostra a tela. Lá está Jordan, sorrindo e com uma parca laranja neon. Está do lado de fora do mercadinho perto da casa deles. Seu cabelo está todo espetado.

“Eu que tirei essa foto”, Edward diz.

Shay abaixa a tela. “Ele é mencionado na lista de pessoas que morreram na queda e como seu irmão”, ela diz. “Na internet em geral e em matérias de jornal sobre a queda. Só isso.” Ela parece se assustar.

“O que foi?”, Edward diz, e uma esperança improvável atinge seu peito.

“Dei uma busca no Google com o seu nome, e apareceram mais de cento e vinte mil resultados, Edward. Cento e vinte mil.”

“Tá.” Ele não sabe o que mais dizer.

“Jordan só tem quarenta e três mil resultados.”

“Desliga”, Edward pede. “Por favor.”

Ela fecha a capinha do tablet, e ele fica grato que ela atenda ao pedido na hora. Edward sabia que tinha gente que o procurava do lado de fora da casa; mas não tinha lhe ocorrido que o mesmo podia acontecer na internet, através de cada celular, tablet e computador.

Ele e Shay se arrumam para dormir, se revezando para usar o banheiro. A escova de dentes verde de Edward está num copo de um lado da pia, junto com a dela, azul.

Quando Edward sai, Shay já estendeu no chão o saco de dormir azul-marinho. Edward se deita nele, tomando cuidado com a perna machucada. “Preciso acordar cedo”, ele diz. “Para devolver o iPad antes que John perceba que sumiu.”

“Ele vai ficar bravo se descobrir?”

Edward pensa a respeito. “Acho que não.”

“Acha que ele e Lacey ficam incomodados por você dormir aqui?”

Ele responde sem nem pensar: “Lacey fica”.

Shay assente e tira os óculos, o que faz seu rosto parecer diferente — indefinido e vulnerável. É o único momento do dia em que ela não parece confiante, e é um momento que Edward acompanha todas as noites. Antes que ela apague a luz, ele pergunta: “Onde está seu pai?”.

Shay faz menção de pegar os óculos, então deixa a mão cair e olha na direção de Edward. Está claro que não consegue ver nada além de uma forma borrada e uma variedade de cores.

“Meu pai”, ela diz, e as duas palavras soam estranhas em sua boca. “Foi embora quando eu tinha dois anos. Nunca mais apareceu. Minha mãe acha que ele tem uma nova família, em algum lugar no Oeste.”

Colorado, Edward pensa, porque agora esse é o Oeste para ele. As paredes brancas do hospital, a mulher de muletas, a sensação de estar nadando no cérebro. Talvez o pai de Shay tenha visto o avião caindo. *Ele foi embora*, Shay disse, e a família de Edward caíra.

Shay diz: “Se ele não quer a gente, então não quero ele também”.

“Ele deve ser louco”, Edward diz. “Se deixou vocês.”

“Minha mãe diz que ele só se casou para irritar a mãe dele, que não queria que ele ficasse com uma mexicana.”

Edward observa o rosto nublado de Shay, esperando mais palavras, explicações, respostas — algo que preencha as pequenas crateras que o constituem. Mas Shay apaga a luz, e ele fica sozinho na escuridão e no silêncio.

10h17

Há uma monotonia no ar. A qualidade e a temperatura do ar são consistentes, há uma variedade limitada de sons, determinada gama de movimentos para os passageiros. Algumas pessoas lidam bem com as restrições e relaxam no céu de uma maneira que raramente acontece em casa. Desligaram o celular e deixaram os laptops no bagageiro; gostam de estar inacessíveis, e leem romances, ou riem vendo séries de comédia na tela à sua frente. Mas certas pessoas ambiciosas, que não conseguem tirar uma folga, odeiam estar desconectadas da vida no solo e veem sua ansiedade amplificada.

Jane passa diante de Mark. Tem mais espaço para as pernas na primeira classe, então ele não precisa se levantar, mas ela sente que ele deveria fazer isso, por educação. Porque a bunda dela passa bem na frente do rosto dele. Quando Jane chega ao corredor, dá uma olhada para trás e vê que a atenção dele está focada na tela do laptop. Esse homem, que desde que embarcou está maluco atrás da comissária de bordo, nem levantou os olhos para ela.

Minha nossa, Jane pensa. Sou tão atraente quanto um chuchu.

Ela anda pelo corredor e atravessa a cortina vermelha que separa a primeira classe da econômica. Todas as poltronas estão ocupadas, e os passageiros da econômica parecem todos um pouco desconfortáveis. Jane pressiona rapidamente a marca de nascença. Ela se pergunta se é possível viajar na primeira classe sem se sentir culpado. Será que o homem sentado ao seu lado se sente culpado também? *Provavelmente não, ela pensa.*

“Mãe!”, Eddie grita, e os olhos dela seguem o som até seus três garotos. Um de cabelo branco, dois com cabelos cheios de cachos apontando para todas as direções.

Ela acena para Eddie, e, como sempre acontece quando o vê depois de uma ausência, se lembra dele como um bebê com cólica, gemendo em seus braços, chorando no berço, sendo balançado no ombro de Bruce. Ele mal dormia nos primeiros três meses, e aquela foi a época mais sombria da vida de Jane. Seus hormônios estavam fora de controle, seus seios vazavam e ela falhava a cada minuto de cada dia. Falhava em dar conforto ao seu bebê, e falhava em ser a mãe que Jordan conhecia. O menino de três anos a via em sua camisola de amamentação, com o cabelo despenteado e uma combinação de medo e tristeza. Ela também estava muito consciente de que falhava consigo mesma — sempre tinha acreditado que podia se virar com facilidade em qualquer situação, e aquilo provava que estava errada. Jane não era a mulher que pensou ser nem a que planejou ser.

Sua vida adulta tinha seguido uma trajetória tranquila até então. *Ela* tinha decidido o que queria e conquistado, desde textos publicados em revistas literárias até Bruce, um emprego de roteirista de série de TV que pagava bem, o primeiro filho, que ela colocava no sling e carregava consigo o dia todo. Agora estava paralisada no sofá, suja de leite, incapaz de dormir, descansar ou pensar, por causa dos gritos estrangulados e incessantes de um bebê. Mas, quando parou de chorar, Eddie se tornou um bebê fofo e sorridente, que engatinhava pelo apartamento atrás do irmão. Ele era mais carinhoso que Jordan. A depressão de Jane chegou a um fim definitivo quando ela acordou rindo uma manhã, porque o bebê estava em cima dela, enchendo sua bochecha com beijinhos infantis de boca aberta. *Muá, muá, muá.*

Jordan sempre foi de chamar mais atenção. Como irmão mais velho, era mais rápido, mais forte, o primeiro na maioria das coisas, mas ele e Jordan

funcionavam como um time. Era Eddie quem acalmava o irmão quando ele ficava nervoso porque algo não seguia conforme desejava. Eddie adorava tocar piano, então Jordan compunha para ele. Eddie construía cidades de Lego que se estendiam da cozinha até a porta da frente — garantia de que os pais iam xingar quando pisassem sobre aquelas peças ao andar até o banheiro no meio da noite. Quando começou a obsessão com Lego, Jordan pegou livros de arquitetura na biblioteca para ajudar o irmão a planejar metrópoles cada vez mais elaboradas. Quando Jordan passou a desafiar Bruce de maneira discreta, saindo escondido do apartamento em vez de ficar estudando, ou voltando do museu dez ou quinze minutos depois do combinado, Eddie o acompanhava, como seu parceiro no crime. Quando eram “pegos” pelo porteiro ou pelo próprio Bruce, Eddie sempre dizia no mesmo instante, em sua vozinha fofa de menino: “Desculpa, pai”. Isso diminuía a raiva de Bruce pela metade. Jane gostava de pensar que Eddie tinha gastado todas as suas lágrimas e a sua fúria quando bebê, e agora ele chegaria à vida adulta tranquilamente e sorrindo, seguindo o barco de Jordan, mais turbulento.

“Como vocês estão por aqui?”, pergunta quando chega à fileira deles. Os três levantam a cabeça para olhá-la, com a mesma expressão curiosa.

“A comida da primeira classe vai ser muito melhor”, Jordan comenta. “Guarda a sobremesa pra gente?”

“Claro.” Ela sorri para os meninos; tem um pouco de medo de olhar para Bruce. É difícil saber por quanto tempo vai ficar bravo por ela não ter terminado o trabalho a tempo para poder ficar com eles.

“Já colocou um alienígena no seu roteiro?”, Eddie pergunta.

“Não.”

“Submarinos?”

“Não.”

“Macacos mutantes?”

“Sim. Tem um monte de macacos mutantes.”

“Talvez sua mãe escreva uma história de amor”, Bruce diz.

Esse é o jeito dele de pressionar a marca de nascença dela. Jane tem a intenção de escrever um filme há uma década — do tipo simples, movido pelo diálogo, que se passa numa única hora —, mas fica sempre adiando em nome de trabalhos mais lucrativos de reescrita. Ela sente uma pontada agora. Imagina o casal ficcional prestes a se beijar pela primeira vez — um momento que não vai existir até que ela o escreva — e balança a cabeça. O homem, com os braços envolvendo a amada, vira a cabeça e olha para Jane. *Corra, por favor*, seus olhos dizem. *O tempo está passando*.

Os alto-falantes chamam acima da cabeça deles, e uma voz diz: “Aqui é o capitão falando. Vamos atravessar uma leve tempestade pelos próximos vinte minutos, então pode haver turbulência. Pedimos aos passageiros que retornem a seus assentos até que o aviso para afivelar os cintos de segurança seja desligado”.

Eddie cruza os braços e se vira para a janela. Jane sabe, sem nem ver, que seus olhos se encheram de lágrimas. A mudança está sendo estressante para todos, e ele teria preferido se sentar ao lado dela durante o voo.

“Sinto muito, querido”, ela diz, para seus ombros encolhidos. “Volto daqui a pouco.”

“A sobremesa”, Jordan relembra. “Quando o almoço vier, não esquece de guardar.”

Ela e Jordan trocam um aperto de mão elaborado em que vêm trabalhando; levam cinco segundos para terminar, e parte da rotina envolve manter o rosto sério. Não são permitidos sorrisos. Ele assente para a mãe, satisfeito, quando aquilo acaba. Ela fica aliviada, como acontece toda vez que acaba; o aperto de mão parece um teste que permite que ela seja mantida no círculo íntimo dele.

O problema é que ela é testada a intervalos regulares, e com um errinho poderia ser deixada sozinha à beira da estrada.

No caminho de volta para o assento, ela encontra a mulher grandona com sinos costurados na barra da saia. Ambas têm que ficar de lado para passarem pelo corredor apertado, e é impossível não se tocarem. Por um segundo, ficam nariz a nariz, então seus ombros roçam. Os sinos tocam de leve.

“Gostei da sua saia”, Jane diz. Ela sabe que *gostar* é o termo errado, mas não tem certeza de qual seria o certo. Fica constrangida ao perceber que está vermelha.

A mulher olha para Jane de cima a baixo, avaliando seu cardigã abotoado com jeans, seu cabelo na altura do queixo. “Obrigada”, ela diz. “Vi você com seus filhos. Eles são uma graça.”

Jane sorri. “Costumavam ser. Não sei o que são agora.”

“Bom, eu acho que são uma graça.”

“Muito obrigada.”

A conversa claramente acabou, mas Jane hesita antes de se afastar. No momento de hesitação, fica prestes a dizer mais alguma coisa, mas não consegue pensar em nada apropriado. Mesmo quando está de volta à sua poltrona, com o cinto de segurança afivelado, ainda sente que está de pé naquela tira de carpete laranja, procurando pelas palavras. *As pessoas me pagam para escrever diálogos, ela pensa. Sou uma fraude.*

Benjamin observa as duas mulheres no corredor. Estão cerca de dois metros à frente dele. Não consegue ouvir o que dizem, mas nota que as bochechas da mãe ficam vermelhas. Ele ouviu a conversa dela com o pai de cabelo branco e os dois meninos do outro lado do corredor. Famílias como a deles — brancas, com mãe, pai e dois filhos — sempre lhe parecem uma obra em exibição num museu. Quando falam, parece encenado, como se seguissem

o roteiro que todas as famílias felizes recebem em sua concepção. Benjamin viu o menino mais novo chorar quando a mãe foi embora, e não conseguiu evitar pensar: *Isso é sério? A mulher só vai voltar pra poltrona dela.*

Ele conhece as estatísticas, sabe que esse tipo de família existe, mas onde foi criado elas eram raras. E, no Exército, a maioria dos soldados vinha de circunstâncias que não eram as ideais. Ninguém falava sobre como sua vida familiar tinha sido feliz; a história de Benjamin não era incrível, mas ele ouvira piores. Um sargento gostava de perguntar aos seus homens: *Quem colocou essa arma na sua mão? Você ou seu pai?*

As duas mulheres se separam, e a saia da filipina tilinta conforme ela passa por ele. O pai do outro lado do corredor põe a mão no braço do filho mais velho, que ri. Benjamin tenta identificar o que está olhando, e a palavra que vem à sua mente é “conforto”. Eles se sentem confortáveis um com o outro. Ninguém levanta a guarda; não há cautela nem reserva. Dá para ver que aquele homem nunca bateu nos filhos. Se a violência é como uma pedra jogada num lago parado, Benjamin se tornou especialista em identificar as vibrações na superfície, e não tem nenhuma ali.

Gavin tinha uma família como essa. Por isso fazia amigos com tanta facilidade e contava piadas bobas sem se preocupar. Seu pai era dentista, e devia ter mãos macias e um sorriso nervoso. Benjamin visualiza uma mãe bondosa, do tipo que faz biscoitos e compra pneus da marca mais cara para sua perua. Não pode deixar de pensar: *Gostaria de ter conhecido os dois.*

Flórida observa a mãe de aparência cansada se afastando. Queria dar um abraço nela ou pelo menos acariciar seu ombro de leve. Todo o ser da mulher implora para ser tocado. Ela é uma dessas pessoas que vive demais na própria cabeça, investindo demais em seus planos cuidadosos. Flórida viu o marido, o judeu cerebral, e imagina que eles façam sexo razoável com certa frequência,

mas não passem muito tempo abraçados ou se beijando. Ela acredita que as pessoas assim fechadas podem se beneficiar de certo relaxamento medicinal. Elas não têm ideia de como extrapolar os próprios limites; precisam que alguém os remova por elas. Se tivesse cogumelos consigo, teria colocado alguns na bolsa da mulher.

O avião sacode uma vez enquanto ela se senta na poltrona.

“E aí, meu bem?”, Flórida diz, pensando que não ofereceria nenhuma droga a essa garota. Linda também é tensa, mas de um jeito meio caótico. Seus fios se cruzam e dividem, e seu fluxo de energia é uma confusão. Alucinógenos só soltariam sua pegada firme na normalidade, e segundos depois ela estaria gritando na rua, pelada.

Linda vira da janela para Flórida, encarando-a com os olhos arregalados. “Não sei por que estou te contando isso”, ela diz, “mas não tenho outra pessoa para quem contar e preciso dizer em voz alta.”

“Tá bom.”

“Estou grávida.”

Flórida olha para a jovem. Bobby queria um bebê. Ela tinha que tomar anticoncepcional escondido para não engravidar. Flórida soube, quando o assunto tinha surgido, que ele queria um filho não por amor, mas para moldá-lo à sua imagem, para seguir suas ordens. Ela revelava tanto de si quanto podia para ele, mas Bobby via as partezinhas que Flórida escondia — seus pensamentos, suas músicas, suas caminhadas diárias no bosque — como uma falta de comprometimento criminosa.

Para sobreviver ao colapso da sociedade, ao fracasso do dólar, a qualquer tipo de apocalipse meteorológico, Bobby acreditava ser essencial ter discípulos. Flórida acreditava que, depois que tivesse um filho ou dois, ele a excluía. Da família, de seus planos, de sua vida.

Bobby trabalhava para uma companhia de seguros em Manhattan quando as Torres Gêmeas foram atingidas, então tudo mudou. Ele pediu demissão, vendeu os ternos e começou a trabalhar como garçom no Brooklyn, que foi como Flórida o conheceu. Ela era secretária numa clínica de acupuntura e cantava numa banda de blues só de mulheres. Interessou-se por Bobby porque ele falava sobre a importância da verdade; era inteligente e tinha lido muito, sua bunda era sexy e ele podia explicar exatamente por que o capitalismo era o vilão. Bobby comentou que uma mulher de noventa e dois anos do bairro ia ser despejada do apartamento onde tinha morado por cinquenta anos para que um prédio novo e mais alto pudesse ser construído e alguém pudesse ganhar mais dinheiro. Era por isso que nem Flórida nem qualquer amiga sua podia pagar por seguro de saúde — a indústria não tinha nada a ver com oferecer auxílio; tinha sido criada para tirar o máximo de dinheiro de cada pessoa. Foram a precisão verbal de Bobby — ela tinha conhecido inúmeros maconheiros bonitões que encerravam seus argumentos com: *ah, cara, você sacou, né?* — e sua bela bunda que fecharam o acordo.

Eles foram juntos para o Zuccotti Park na primeira semana do Occupy e ficaram ali até que Bloomberg — o fascista de meia-tigela — enviara os caminhões de lixo, semanas depois. Bobby estava em muitos dos comitês de planejamento e com frequência ficava preso em reuniões. Flórida cozinhava para os manifestantes e distribuía cobertores, escovas de dentes, camisinhas e absorventes. Ela também entrou numa das bandas. Essa foi sua parte preferida daquele outono: tantas pessoas boas, esperançosas, esforçadas, erguendo sua voz pura em harmonia. Sempre tinha acreditado no poder da música, mas agora a prova estava bem à sua frente. As pessoas estavam mudando e estavam deixando para trás sua vida infeliz e escravizada para ir àquele parque cantar por um mundo melhor. Aquela música moldava o presente, criando um círculo completo, do tipo que Flórida raras vezes tinha visto.

O avião dá uma sacudida brusca, e os nós dos dedos de Linda ficam brancos enquanto ela se segura no apoio de braço.

“Não estou pronta para isso”, ela diz.

“Isso”, Flórida repete. Então pensa: *É o assunto que define as mulheres. Ter filhos. Você vai ter? Você pode ter? Você quer ter?*

“Você vai ficar bem”, Flórida diz, recorrendo à sua experiência de artista para transmitir confiança para a jovem. Mas seu ceticismo deve ter transparecido, porque estava ali, bem no rosto de Linda.

5 de setembro de 2013

A escola fica a três quarteirões de distância, mas Besa os leva de carro. “Malucos e idiotas vão seguir vocês e dizer bobagens.” Ela olha pelo retrovisor. “Mas até o Natal vão ter esquecido tudo e deixado vocês em paz, então não se preocupem que é temporário. Jornalistas são tão focados quanto drosófilas. Os religiosos vão ser os piores. Só sorriam com educação enquanto eles contam suas historinhas e eles vão embora em seguida.”

Lacey está no banco do passageiro. Edward acha que parece estranha, imóvel daquele jeito como se tivesse sido transformada em pedra. Quando John estava no banheiro de manhã, ela se inclinou sobre a mesa da cozinha e sussurrou: “Quer que eu grave *General Hospital* pra gente ver juntos depois da aula?”. Ele assentiu, e ela assentiu de volta, com o rosto sério. Edward se pergunta o que ela vai fazer o dia todo, sozinha em casa. Ele acha que dá para ver pelos ombros da tia que ela se pergunta a mesma coisa.

Edward nota que Besa a olha também. *Hoje é um dia importante para eles*, pensa. *Eles* inclui Lacey, Besa, Shay e John, que foi deixado na entrada de casa, acenando para o carro como se eles estivessem embarcando numa jornada perigosa da qual pudessem não voltar.

Edward pensa nisso para se lembrar de como as pessoas normais se comportam e para explicar a estranha energia no ar. O primeiro dia de aula, ainda que ele nunca tenha estudado numa escola de verdade, não parece pior ou mais incerto que qualquer outro dia. Seu coração bate firme no peito. Ele ouve cliques, respira.

“Você costumava ir à igreja, *mamã*”, Shay diz.

“Antes de recuperar o juízo. Sofri lavagem cerebral no México.”

Shay mexe no cinto de segurança. Ela e a mãe passaram três dias discutindo sobre a roupa com que voltaria para a escola, e finalmente chegaram a um acordo questionável: a saia rosa de babado que Besa tinha escolhido e a camisa azul de beisebol que Shay tinha escolhido. A menina também tinha deixado a mãe fazer uma trança em seu cabelo para a ocasião, e Edward tinha acompanhado o processo nos degraus da frente da casa aquela manhã. Besa enterrou as mãos no cabelo da filha; Shay ficou com a cabeça inclinada para trás, de olhos fechados, como um gato satisfeito. Mãe e filha ficaram em silêncio, o que era raro, e irradiava paz daquela cena.

Shay diz: “Você está deixando Edward nervoso, e ele nem precisa ficar, porque o pessoal da escola é muito idiota. Não vale a pena gastar energia com eles. Eu sei bem disso: convivo com eles desde os cinco anos”.

“Não estou nervoso”, o menino diz, sabendo que ninguém vai acreditar nele.

“Sorte a sua que estudava em casa”, ela diz. “Só ficava sentado o dia inteiro lendo.”

Edward dá de ombros. O pai tinha explicado a ele e a Jordan, muito cedo, suas objeções ao sistema escolar. “Não é horrível”, Bruce havia dito. “Varia. Mas tem pelo menos vinte e cinco crianças em cada classe, o que significa que a aprendizagem é ineficiente. Os inteligentes são prejudicados pelo fato de os outros não conseguirem avançar no ritmo deles. E, em parte por causa do excesso de alunos, as escolas são administradas como fábricas ou até como prisões. Fica todo mundo enfileirado, só pode se mexer quando o sinal toca e se tem permissão para correr numa área cercada uma vez ao dia. Nada disso é bom para o raciocínio ou para a criatividade. Quando você começa a se aprofundar num assunto, o sinal toca e te traz de volta.” Bruce coçou a testa, como fazia quando estava agitado. “Isso faz sentido para vocês?” Jordan, que

tinha oito anos, e Edward, que tinha cinco, deram de ombros. Mas, tarde da noite, depois de um longo dia cheio de matemática, piano e seus próprios pensamentos, um deles costumava dizer ao outro no escuro: “Aposto que a escola é melhor do que isso”.

“Quero ficar na classe da Shay”, Edward diz. Está com a calça cinza e a camisa branca que Lacey separou para ele. Não reconheceu as roupas, o que não é novidade. Lacey comprou um guarda-roupa novo para ele depois da queda, e o veste diferente de como a mãe vestia. Ele costumava usar cores fortes, calça cargo e as camisetas antigas de Jordan; agora usa jeans justo, camisetas brancas e, aparentemente, calças finas.

Os olhos de Besa estão duros quando eles estacionam na frente da escola. “Pobrecito”, ela diz. “Não se preocupe, você e Shay vão ficar juntos. Já cuidamos disso.”

O prédio — que reúne as escolas de ensino fundamental e médio da cidade — é de tijolos aparentes, e enorme. Eles estacionaram na entrada do ensino fundamental; os adolescentes mais velhos entram pelo outro lado do prédio, e suas aulas se concentram nos dois andares superiores. O ensino fundamental ocupa a metade de baixo. Edward foca nas costas azuis de Shay e em manter o equilíbrio no caminho — não precisa mais das muletas, mas suas pernas não estão tão fortes. Sua expectativa em relação a escolas vem dos filmes, e aquela lhe parece corresponder ao que imaginava. Tem dois seguranças na entrada, as paredes são de azulejo, os armários são retangulares e as portas de salas de aula se enfileiram. É muito diferente de onde Edward estudara até ali: debruçado no sofá da sala, lendo no beliche, fazendo exercícios de matemática na mesa da cozinha enquanto o pai preparava o jantar.

Ele caminha com cuidado pelo longo corredor, enquanto os outros parecem bolinhas numa máquina de pinball, rindo e conversando. Alguns

adultos disparam alertas para ir mais devagar, tomar mais cuidado, esperar sua vez. “Crianças!”, um deles grita. “Acalmem o corpo!”

Ele não está falando comigo, Edward pensa.

Ouve um clique, clique, clique. Então está na sala de aula, sentado perto de Shay, observando um professor escrever a fórmula para calcular a área de um triângulo na lousa. Edward já a conhece; o pai a ensinou anos atrás. Alguns minutos depois, ele percebe que poderia estar dando aquela aula; matemática é tão simples para ele quanto respirar. Então vem outra fileira de carteiras, em outra sala, com uma professora vestida de lavanda que parece olhar para qualquer ponto da sala que não ele. Então o refeitório barulhento, onde Shay o ajuda com a bandeja e ele cutuca um bolo de carne da mesma cor da calça dele.

Edward tem a sensação de estar sendo seguido por uma nuvem de abelhas zumbindo. O ruído o incomoda; parece estar descendo do teto e subindo do chão ao mesmo tempo.

Shay espeta um bolinho de batata e diz: “Finge que você está no Grande Salão de Hogwarts. Todo mundo ficou cochichando a respeito de Harry no primeiro dia dele também”.

“Não fiz nada para as pessoas ficarem cochichando”, Edward diz.

“Fez tanto quanto Harry tinha feito até aquele momento.”

Quando Shay vê que ele continua olhando para ela, explica: “Você sobreviveu”.

Ah, ele pensa. *Certo*.

Edward está saindo do refeitório quando alguém toca seu ombro. Ele olha para trás e vê um homem pardo de bigode.

“Diretor Arundhi”, Shay comenta.

“Boa tarde, Shay”, ele responde. “Edward, podemos ter uma conversinha na minha sala?” O diretor olha para Shay e diz: “Prometo devolvê-lo em

segurança na próxima aula. Não se preocupe, mocinha”.

Edward segue as costas do homem pelo corredor lotado, então dois lances de escada acima, depois por outro corredor. Ali, os alunos parecem inchados e distorcidos, então se dá conta de que está no andar do ensino médio. A voz dos meninos é mais alta e mais profunda, e, quando dois alunos por perto brincam de bater um no outro, Edward se encolhe. Ao notar o diretor, no entanto, os alunos abaixam a voz e se endireitam. Muitos dão oi, então olham para Edward. O diretor Arundhi entra numa sala com um vidro jateado na porta. Quando ela se fecha atrás dos dois, o barulho do corredor é abafado.

Há plantas de inúmeros tamanhos espalhadas pela sala e pelo peitoril da janela, e outras penduradas do teto. Algumas têm folhas grossas, outras são finas e altas, duas têm florezinhas cor-de-rosa. O cheiro é de terra úmida. A mesa no centro dessa estufa parece estranha aqui.

O diretor Arundhi sorri. “Gosto de trazer a natureza aqui para dentro. Sou metido a jardineiro.” Ele junta as mãos à sua frente. “Bem, Edward, em geral, no primeiro dia de aula de um novo aluno, faço um anúncio pelo alto-falante para que todos deem as boas-vindas. Não fiz isso com você porque achei que não precisaria nem você gostaria de mais atenção ainda. Mas queria saber se há alguma coisa que eu possa fazer para que se sinta mais confortável aqui.”

“Acho que não”, Edward diz. E pensa: *Não me sinto confortável em lugar nenhum.*

Há uma pausa, durante a qual o diretor olha por cima da cabeça de Edward, provavelmente para o arbusto com flores laranja sobre o arquivo. “Você fez uma prova na primavera”, ele diz. “Seu pai que marcou, me parece. Suas notas foram muito altas. O bastante para pular um ano.”

Edward se endireita na cadeira. “Não quero pular um ano. Quero ficar com Shay, por favor.”

“Seus tios acharam que você diria isso. Então as coisas ficam como estão.”

O homem continua olhando para ele em expectativa, então Edward diz: “Obrigado”.

“Preciso te fazer uma pergunta, meu jovem.”

Edward se prepara, sabendo que vai ser sobre a queda.

“Como se sente quanto à flora?”

Edward leva um segundo para compreender a pergunta. “Está falando de plantas?”

O diretor assente. “A base do nosso ecossistema.”

Na verdade, Edward nunca pensou sobre isso. A mãe tinha uma planta ornamental na cozinha, mas aquilo sempre lhe pareceu apenas parte da decoração.

“Todos os anos, peço a alguns alunos que me ajudem a cuidar dessas maravilhas.” Ele faz um gesto abarcando a sala. “Talvez você queira ser meu primeiro voluntário.”

“Tá”, Edward diz, porque parece a única resposta possível.

“Aviso quando seus serviços forem necessários. Pode ir agora. Mas, se tiver qualquer problema durante as aulas, lembre-se de que estou por aqui.”

Lacey e Besa esperam juntas no carro. Estão logo na frente, estacionadas diante das portas da escola, o que é muita sorte, porque o estacionamento está lotado de carros e de gente. Besa o avalia.

“Te deixaram em paz hoje, hein?”

Ele assente e sobe no banco de trás.

Ela acena para o estacionamento lotado. “Imagina como os lunáticos dessa cidade estavam entediados! É por isso que agora te tratam como um óvni.”

Besa não está errada. A cidade toda parece estar ali, e cada par de olhos no estacionamento está fixo no carro dela. Provavelmente nunca na história da escola os pais tinham ficado tão ansiosos para buscar os filhos. Mães, pais,

avós e tios tinham comparecido. Parentes tinham vindo de fora da cidade para pegar sobrinhos-netos no primeiro dia de aula. Adolescentes tinham dado a volta no prédio ou saído pela porta do ensino fundamental para pegar irmãos mais novos para os quais em geral não tinham tempo. A multidão tentava não encarar, mas era muito malsucedida. Algumas pessoas estavam descaradamente boquiabertas. Havia inúmeros celulares apontados na direção de Edward. Um jovem estava empoleirado num galho com uma câmera antiga. Eles sussurravam. *Ali está ele. Esse é o menino. É ele.*

Edward olha para os celulares e para as câmeras e se lembra do total de ocorrências do seu nome no Google. Ele pensa: *Cento e vinte mil e uma. Cento e vinte mil e duas. Três, quatro. Sete. Vinte e duas.* Imagina uma foto de si mesmo naquelas roupas certinhas, parecendo magro e cansado. Novas versões dessa imagem proliferam. Ele as imagina sendo publicadas no Instagram, no Facebook, no Tumblr, no Twitter.

“Essa gente não tem nada melhor pra fazer?”, Lacey comenta.

“Idiotas”, Besa solta. Por causa do trânsito, o carro anda muito lentamente. Uma mulher que parece uma avó bondosa segura o celular e tira uma foto perto da janela de Edward. Ela sorri como quem pede desculpa.

Besa buzina, e a mulher se assusta.

“É o meu dentista ali”, Lacey aponta. “Ele não tem filhos.”

Edward quer dizer alguma coisa, garantir para elas que está tudo bem, porque sabe que estão chateadas por ele. Mas o dia parece ter consumido toda a sua bateria, e sua mandíbula não funciona.

“Ei”, Shay diz, quando finalmente conseguem se libertar do terreno da escola. “E eu? Ninguém vai me perguntar como foi o primeiro dia no sétimo ano?”

A tensão é rompida, e as três riem dentro do carro. Lacey tem que enxugar os olhos, de tão desestabilizada. Elas riem ainda mais quando passam por uma

fileira de freiras a um quarteirão da escola. A sequência de hábitos pretos acena com a cabeça na direção do carro.

No jantar, Lacey diz: “Vai chegar um caminhão de mudança na semana que vem”.

John e Edward olham para ela. Estão jantando lasanha e salada. Edward recuperou três dos três quilos e meio que perdeu, e aos poucos voltou a comer comida normal. Ele fica com fome de verdade de vez em quando, e sempre se surpreende com a sensação da barriga vazia. Edward sabe que a tia planeja a comida procurando colocar tantas calorias quanto possível em cada garfada dele. Uma manhã, durante o café, John reclamou que o leite estava com um gosto estranho, e ela confessou que tinha adicionado castanha de caju moída para engrossá-lo um pouco. John a olhou como se ela tivesse ficado louca, e Edward riu, pela segunda vez naquele corpo novo.

“Vocês... vão se mudar?” Edward não é capaz de esconder o medo em sua voz.

“Ah, não, desculpa”, Lacey diz depressa. “Acho que não foi o melhor jeito de falar.”

“Não vamos nos mudar.” John põe a mão no ombro de Edward.

“O caminhão vai trazer as caixas que estão no depósito que alugamos em Omaha. Foi para onde os caras da mudança levaram as coisas da sua família enquanto pensávamos no que fazer com elas. Agora vão entregar tudo aqui. As coisas maiores, como móveis, vão ser vendidas, mas os itens pessoais vão chegar na quarta.”

“Onde está pensando em colocar tudo?”, John pergunta. “Pode ser no porão, acho. Só preciso arrumar umas coisas lá.”

“Estava pensando em colocar lá em cima, no quarto de Edward.” Lacey olha para o sobrinho. “Se você concordar. O porão é tão escuro, e acho que vai

levar um tempo para avaliar e organizar tudo.”

Edward fica confuso por um momento, sem entender muito bem o pedido. Ele nunca dormiu no quarto lá em cima, e nunca vai dormir, mas a tia parece precisar acreditar que aquele espaço pertence a ele. Então Edward diz: “Claro. Não tem problema”.

“Talvez você queira dar uma olhada nas caixas comigo”, diz ela. “Suas coisas vão vir também, claro.”

“Talvez”, ele responde. Pensa nas caixas, dentro do caminhão naquele instante, sendo transportadas pelo Meio-Oeste no fim de tarde. Seguindo na direção errada. Elas deviam ir em linha reta da cidade de Nova York para Los Angeles. Em vez disso, tinham chegado à metade do caminho, ficado paradas por três meses e agora estavam voltando. Edward visualiza o exterior das caixas de papelão, não o conteúdo dentro delas. Lembra-se das pilhas de caixas bem organizadas na sala do apartamento de Nova York, esperando para serem retiradas. A mãe tinha passado semanas encaixotando as coisas meticulosamente, e gritava com os meninos se os pegasse revirando alguma delas, em busca de uma camiseta ou de um livro específico.

Edward tenta desligar o cérebro para parar de visualizar as caixas e a mãe, então pergunta se já pode ir. Na sala, ele nota o tablet de John largado no sofá. Tem o instinto imediato de pegá-lo, enfiá-lo debaixo do braço e levá-lo para a casa de Shay. Em vez disso, fica parado por um minuto, só olhando para ele. O tio agora está sozinho na cozinha, deixando a cafeteira preparada para a manhã seguinte. Ele cantarola baixo a música de uma peça. John começou a correr pela manhã para queimar as calorias extras que Lacey vem colocando na comida, e baixou um monte de canções de musicais para acompanhá-lo. Agora está sempre cantando algo de *O fantasma da Ópera* ou *Alô, Dolly!* enquanto sobe a escada ou prepara o cereal.

“*Don’t cry for me, Argentina*”, diz para Edward quando o menino volta à cozinha.

“Não acho que seja uma boa ideia eu entrar na internet agora.” Edward para, incerto quanto a como prosseguir.

“Concordo”, John diz.

“Mas eu estava pensando se não teria problema, se você me contasse, de vez em quando, o que acha que eu devo saber... Pensei que talvez você pudesse decidir...” Edward não sabe como dizer: *Sei que você controla o que tem na internet sobre a queda e sobre mim*, sem admitir que já roubou o tablet do tio.

John se apoia no balcão, com os braços cruzados. “Você quer que eu te mantenha mais ou menos a par do que sai a seu respeito na internet, mas sem ter que saber ou ver os detalhes.”

“Acho que sim.”

O tio o avalia por um momento, como se pensasse no que pode fazer. “Imagino que você se deu conta de que, como as aulas começaram e agora você voltou à esfera pública, vai ter um monte de fotos novas e provavelmente um ou dois vídeos. Mas não acho que vá ter mais coisa, Edward. Nada factual, pelo menos. As pessoas vão dizer que te viram por aí e que te conhecem, como têm feito desde que o avião caiu, mas é tudo invenção.”

“Onde as pessoas dizem que me viram?”

John suspira. “Em todo lugar. Um homem está convencido de que passou semanas caminhando pela Trilha dos Apalaches atrás de você e de um labrador amarelo. Você nadou no lago Placid, esteve num museu de arte em Nova York. Conheceu os pontos turísticos de Edimburgo.”

Edward se ouve dizer: “Shay e eu procuramos Jordan na internet”.

John fica quieto por um minuto. “Não tem muito a respeito dele, né?”

“Não.”

“Vou fazer o seguinte”, John diz. “Vou te contar o que está rolando, dentro de alguns limites. Mas quero que entenda que não pode haver nenhuma informação verdadeira a seu respeito que você já não saiba. Sua vida é delimitada pelo seu corpo. Ninguém mais sabe de nada, e a internet está cheia de aventureiros e de gente triste inventando coisas.” Ele faz uma pausa. “Adoro a internet, ou pelo menos adorava, mas não é onde a gente encontra a verdade.”

Edward quase pergunta: *E onde é que a gente encontra a verdade?* Mas a questão parece vasta, impossível de ser pronunciada, então, em vez disso ele dá boa-noite e vai para a casa ao lado.

Da janela do consultório do dr. Mike, dá para ver uma árvore forrada de folhas bem verdes. O tronco é robusto, de um marrom uniforme. Parece mais árvore que as árvores em volta, como se tivesse sido habilmente produzida para um set de filmagem. A ideia de que a árvore possa ser falsa agrada alguma coisa no fundo de Edward. Ele mesmo se sente meio plástico, um monte de peças encaixadas, como se tivesse sido fabricado rapidamente para cumprir seu papel de “menino humano que se recupera de uma tragédia”. Quando ele se senta na poltrona de sempre, fica olhando para a árvore por cima do ombro do terapeuta.

O dr. Mike pergunta: “Quando lembranças vêm à sua mente, são do acidente ou de antes?”

“De antes.”

“Diga algumas coisas de que se lembra, pode ser qualquer coisa. Fragmentos, o que for.”

Edward fecha os olhos por um segundo e vê uma partitura aberta ao piano. Ele diz: “Eu estava prestes a começar a aprender um novo movimento no piano. ‘Scarbo’, de Ravel”.

“Não sabia que você tocava piano. Me fala a respeito dessa música.”

Edward franze a testa. “Não cheguei a começar. Meu professor disse que não tinha certeza de que eu estava pronto. Tinha tremolos muito rápidos, subia várias oitavas e tinha escalas harmônicas duplas nos tons inteiros da mão direita.”

Edward olha para as próprias mãos. Os nós dos dedos estão mais brancos que o normal por baixo da pele. Não parecem mais as mesmas mãos com que ele tocava piano durante horas, todas as tardes. Sente que, se sentasse diante de um piano agora, com certeza não seria capaz de tocar *nenhuma* das composições que havia aprendido. A sensação nos dedos era diferente, e ele não ouvia nenhuma música na cabeça desde a queda. Não tinha pensado nisso conscientemente, mas agora se dá conta de que esteve esperando a música voltar, como um cachorro que se solta da coleira. Mas ela não voltou, e não vai voltar. Foi embora. Eddie era musical; Edward não.

O dr. Mike diz: “Então você tocava a sério”.

“Não quero falar a respeito.” O tom de voz de Edward sobe. Como ele em geral fala num único tom ali, o som assusta os dois.

“Não conta pros meus tios”, ele diz.

“Eles não sabem que você toca?”

“Tocava. Se sabem, esqueceram.”

Parece que o dr. Mike vai dizer alguma coisa, então desiste.

“Não gosto dessa coisa toda”, Edward diz.

“Que coisa toda?”

“De que antes era bom. Acabou. Por que a gente tem que falar a respeito?”

“Não temos que falar a respeito agora”, o terapeuta diz. “Só não quero que você bloqueie todas as suas lembranças. O fato de serem boas implica que são poderosas também. Estamos construindo uma nova fundação aqui, e se você deixar que essas coisas entrem, se em determinado ponto elas chegarem até a

lhe proporcionar prazer, podem se tornar tijolos dessa construção. Tijolos bons e sólidos.”

Edward afunda na poltrona e fecha os olhos.

Ele só consegue ouvir o dr. Mike, sem vê-lo, de sua posição. “Acabamos por hoje?”, pergunta o terapeuta.

“Sim”, Edward diz. “Já chega.”

Um caminhão retangular branco está parado do lado de fora da casa quando eles chegam da escola na quarta-feira à tarde. Dois homens corpulentos atravessam o jardim, carregando juntos uma caixa enorme. Edward vira as costas para eles, em reflexo.

Shay bate palmas e diz: “Quero ajudar a abrir as caixas”.

“Vou ajudar também”, Besa diz, com uma voz igualmente animada. “Todos juntos, provavelmente vamos conseguir a maior parte hoje.”

“Ah, bom, eu...” Lacey parece perturbada. “Acho que eu não estava pensando em começar já agora à tarde.”

Edward concorda. Em geral, naquele horário ele e a tia assistem à gravação daquele dia de *General Hospital*. Luke e o filho de Laura, Lucky, estão desaparecidos.

“A gente tem que fazer um inventário detalhado”, Shay diz para a mãe. “Anotar o conteúdo de cada caixa.”

“*Perfecto*. Então vocês podem decidir o que fazer com as coisas”, Besa diz.

Lacey e Edward trocam um olhar.

“Então tá...”, Lacey diz.

Impotentes, ela e Edward seguem mãe e filha para dentro. Há mais caixas do que Lacey esperava: elas extrapolam o quarto e ocupam parte do corredor. Besa dá uma passada em casa e volta com o que parece ser alguns bisturis.

“Não precisa ficar vendo se não quiser”, Shay diz a Edward.

Ele assente, mas não se move. Observa como ela corta a caixa que tem o número um marcado em canetinha na lateral. Ele viu a mãe escrevendo aquele número.

“Coisas de cozinha”, Shay lê, e tira uma folha de dentro da caixa. “Aaah, uma planilha.” Ela balança a cabeça, parecendo admirada. “Está tudo muito organizado. Vamos ver. Xícaras de café, copos, talheres, pratos de sobremesa.”

A caneca preferida da mãe dele estava lá, a que tinha uma bexiga vermelha desenhada, de um filme francês que ela adorava. O copo longo e lascado, o preferido de Edward. Os copos de água menores que todos eles deixavam ao lado da cama, para tomar durante a noite.

Edward se afasta. Passa pela tia, que paira atrás das figuras ativas de Besa e Shay. Ela parece pálida; suas sardas se destacam como gritinhos de socorro. Lacey toca o braço de Edward e olha para ele como se lhe pedisse desculpas. *Acho que eu devia ter pensado melhor a respeito disso*, Edward acredita que ela esteja pensando.

A folha lisa faz suas entranhas se revirarem. Começa devagar, e sobe para o abdome, depois para o peito. Edward olha para baixo, para a calça cinza. Para os botões da camisa branca.

“Lacey”, Edward a chama, e ela se assusta ao ouvir seu nome sair da boca dele.

Nesse momento, Edward se dá conta de quão raramente se dirige a ela. Os dois se sentam lado a lado no sofá todas as tardes, mas não costumam falar. Edward gosta da tia, mas ela parece mais imprevisível que John, e o lembra o bastante da mãe, por isso evita encará-la. Em determinado ângulo, que quase nunca se revela, ela parece oitenta por cento com a mãe dele. Na maior parte do tempo, no entanto, parece frustrantes vinte por cento, apenas como um lembrete do que Edward perdeu. Quando ele precisa de alguma coisa, é ao tio que se dirige.

“Oi?”, ela diz.

“Quero ficar com as roupas, as minhas e as de Jordan, por favor. Quero usar, se você não se importar.”

“Ah.” Lacey o avalia de cima a baixo, e sua expressão se altera. “Você não... entendi. Claro.”

“Deixa comigo”, Shay diz em meio a uma torre de papelão. “Vou encontrar as roupas rapidinho.”

Naquela noite, Edward se deita no saco de dormir com sua calça xadrez de pijama e uma camiseta vermelha do irmão. As roupas que Lacey comprou já estão guardadas numa sacola; só vai usar se precisar, de vez em quando, para agradar a tia. Senão vai usar roupas que combinam com ele. Roupas já usadas, que cheiram vagamente a Jordan.

Ele ouve Shay ler, está tão exausto que não é capaz de se distanciar da experiência. Eles recomeçaram Harry Potter; toda noite, Shay lê um capítulo em voz alta.

“Escuta”, Shay diz, ao fim do parágrafo.

“Fala”, Edward responde, sonolento.

“Sua cicatriz doeu quando você viu as caixas?”

“Não.”

“Hum...” Isso não parece desencorajá-la. “Vai doer quando você encontrar alguma coisa importante”, ela diz. “Sei que vai.”

Edward fecha os olhos. Ele ouve a voz de Shay; ela lê bem, usando uma voz dramática nos momentos certos, falando mais baixo quando isso funciona melhor. Jordan costumava ler para ele também. Não sempre, mas, quando deparava com algo especialmente engraçado ou assustador num livro, ele repetia em voz alta. Edward sente o toque macio do pijama na pele. Se ficar completamente imóvel, ele pode fingir que é o mesmo menino que costumava dormir num beliche, debaixo do irmão.

Uma manhã, a tia diz: “Tinha um casaco quente nas caixas?”. É assim que Edward descobre que é quase inverno. Ele vai até o armário e pega a parca laranja de Jordan. Fica grande demais, mas as mangas compridas substituem as luvas, e o capuz cobre a maior parte do rosto, e Edward gosta disso. Ele tenta não reparar nas estações passando. O primeiro outono sozinho já foi embora. O primeiro inverno sozinho chegou. Logo vai ser seu aniversário, Natal e Chanuká — a família dele meio que comemorava ambos. O dr. Mike diz que deixar o tempo passar sem notá-lo é chamado de *fuga dissociativa*. “É comum em vítimas de trauma”, ele diz. “As pessoas perdem a noção das horas, às vezes até dos dias. Tocam a vida, mas o cérebro não registra as experiências. É como se ele não tomasse notas, não prestasse atenção.”

“Eu queria apresentar fuga dissociativa todos os dias.”

O dr. Mike dá de ombros e diz: “Se eu pudesse fazer com que você ficasse em fuga dissociativa por todo o período das festas de fim de ano, faria isso”.

Esse tipo de bondade faz Edward querer chorar, mas ele não chora com facilidade. Chorou pouquíssimas vezes desde o hospital; as lágrimas parecem presas na cabeça, sem saber por qual canal sair. No lugar delas, ele sente uma dor na região do nariz. Edward o esfrega. “Podemos encerrar?”

“Não.”

“Não?”

“Semana passada você me disse que Jordan devia ter sobrevivido, e não você. Por que acha isso?”

O corpo inteiro de Edward geme, embora não saia nenhum som de sua boca. As folhas da árvore do outro lado da janela, que estavam bem vermelhas na última sessão, desbotaram e começam a secar. Algumas já caíram no chão.

Edward sente que o dr. Mike o observa. “Porque sim”, o menino responde.

“Seja mais específico.”

Edward pensa: *Por que você está me pressionando?*

O dr. Mike toca a aba do boné. Edward agora sabe que não se trata de um sinal; é só um hábito. Ele faz isso sem pensar.

O terapeuta diz: “Sinto muito, Edward, mas não posso mais deixar que se feche. Lá fora, tudo bem. Mas não aqui”.

Posso ir embora, Edward pensa. Mas o que ele diz, numa voz que soa irritada, é: “Jordan era alguém de verdade... que sabia quem era. As pessoas gostavam dele. Meu irmão já estava fazendo coisas. Coisas importantes. Como no aeroporto, quando não quis passar pelo escâner corporal. Ele parou de comer carne...”. Sua fala morre no ar.

“Você tinha doze anos quando o avião caiu”, o dr. Mike diz. “Jordan tinha quinze. É uma diferença de idade importante. Seu irmão tinha essa opinião sobre o controle de segurança nos aeroportos aos doze?”

Edward pensa por um segundo. “Não.”

“Quando se tem quinze anos, já se pode escolher muito do que se faz, Edward. Você ainda tem só doze anos. Por causa do que aconteceu, já é muito mais interessante que seu irmão. As pessoas querem falar com você, não é verdade?”

É verdade. Edward vai à sala do diretor todas as tardes de quartas, e enquanto leva um velho regador azul de um vaso a outro, o homem lhe diz o nome e a história de cada planta. Enquanto dissecavam sapos, o menino baixinho do laboratório de ciências disse a Edward que quer ser cantor de ópera quando crescer. Quando foi entregar alguns documentos, a secretária da escola contou que nasceu na Geórgia e que ela e a irmã alimentavam dois jacarés selvagens todas as tardes depois da aula. “A comida preferida deles era pão de fôrma”, ela disse. A menina do armário ao lado do dele contou que tem uma irmã de seis anos que nunca disse uma palavra.

O dr. Mike fala: “Elas querem compartilhar coisas extraordinárias sobre si mesmas, porque sabem que você viveu algo extraordinário”.

Edward não responde nada, porque não tem o que dizer. O que o terapeuta disse é verdade. Ele não vai perder tempo tentando negar.

Uma tarde, Shay volta ao prédio da escola para pegar um livro que esqueceu, e Edward fica sozinho na calçada. Os ônibus já foram embora, e só há alguns carros no estacionamento. Já estão quase nas férias de Natal. Edward treme no casaco laranja — é tão grande que entra ar por todas as aberturas. Ele se inclina para coçar a canela. A cicatriz está em outro estágio do processo de cura, e anda incomodando. Parecia uma boca franzida quando Edward acordou pela manhã. Ele a coça com cuidado para não machucar a pele delicada.

Então ouve um homem falar com ele. “Oi, Edward. Você não me conhece, mas meu nome é Gary.”

Edward se desequilibra um pouco e precisa se esforçar para se estabilizar. Quando está enraizado de novo, vê um homem de meia-idade a alguns passos de distância, usando jeans e uma blusa de frio grossa.

“Minha namorada estava no avião.” O homem pisca várias vezes por detrás dos óculos. Tem cabelo loiro-escuro e barba. “Desculpa por incomodar”, ele continua. “Vim dirigindo desde a Califórnia. Sei pelo que tem passado, e respeito isso.”

Edward olha em volta. Não tem ninguém por perto.

“Fiquei pensando se você não viu minha namorada no avião. Acho que estava sentado perto dela. Vi na relação de poltronas. Todo mundo fala sobre como você sobreviveu por causa de onde estava sentado, e Linda ali perto. Algumas fileiras para a frente. Do outro lado do corredor.”

Edward engole em seco. Então se ouve dizer: “Como ela era?”

“Tinha vinte e cinco, era branca, mas talvez eu nem precisasse dizer isso. É que um professor meu uma vez disse que era racista não descrever as pessoas

brancas como brancas, sendo que a gente sempre descreve as pessoas negras como negras. Ela era loira.” Ele pisca exageradamente. “Espera aí, sou muito tonto.”

Ele leva a mão ao bolso e pega o celular. Toca a tela algumas vezes, então o vira para Edward com uma velocidade que faz o menino se contorcer por um segundo, até que a foto de uma loira sorrindo aparece no seu foco. Ela sorri para a câmera. Está sentada no banco de um parque, usando uma blusa de frio que parece feita de renda.

Edward sente algo se contorcer dentro dele. Pensa no dr. Mike dizendo: *Quando lembranças vêm à sua mente, são do acidente ou de antes?* Ele se esforçou muito para recordar apenas o antes, mas a foto da jovem torna isso impossível. Edward se lembra dela. Estava algumas fileiras à frente deles. Ficou atrás de Jordan na fila do banheiro. Sorriu para Edward quando passou pela fileira deles, do mesmo jeito que sorria para a câmera.

Gary parece mais calmo agora, com o celular com a foto na mão. “Eu ia pedir Linda em casamento naquele dia”, ele diz. “Ia levar a aliança ao aeroporto.”

“Eu vi sua namorada”, Edward diz. Ele tenta imaginar o que um adulto gostaria de ouvir. “Ela parecia legal. E animada. E feliz.”

Ele vê no rosto de Gary que acertou na mosca. “Obrigado”, o homem diz.

Edward treme, com as mãos enterradas nos bolsos da parca. “Você veio até aqui só para me perguntar isso?”

Gary assente. “Me deram uma licença no trabalho, então eu fico o dia todo no apartamento, bebendo refrigerante no sofá, fazendo listas de todas as perguntas para as quais quero uma resposta. Estava ficando maluco, aí me ocorreu que você poderia responder uma. Então entrei no carro.”

Edward pensa: *Faz sentido.*

“Não sei bem se é falta de educação perguntar...” Gary pisca depressa de novo. “Mas você está bem?”

As pessoas vêm perguntando se Edward está bem desde que ele acordou no hospital, e isso sempre o incomodou. Lacey, os enfermeiros, os médicos, os professores — todos fizeram a mesma pergunta, com grande expectativa na voz. Ele podia perceber que gostariam que dissesse que estava bem. Agora, fica surpreso ao notar que não liga mais para a pergunta feita por um desconhecido no estacionamento. Dá para notar que Gary não busca uma resposta em particular; tudo o que espera é a verdade, e provavelmente é por isso que Edward se sente livre para ser sincero.

“Na verdade, não”, ele diz. Então pergunta, depois de uma pausa: “Você está bem?”.

Gary olha para ele com cuidado e responde: “Não”.

Os dois ficam quietos no ar congelante por um momento.

Gary diz: “O lance é que eu nunca pensei que teria uma vida normal em terra, ou que me casaria, até conhecer a Linda. Não queria nada disso até conhecer a Linda”.

Ele fecha os olhos por um segundo, e Edward vê as marcas de dor no rosto do homem. São as mesmas — impressas pela perda — gravadas nele mesmo, e o garoto sente um arrepio ao perceber isso.

“Mas fico feliz de ter falado com você. Agora, neste exato momento, me sinto melhor do que venho me sentindo há meses.” Gary assente, como se concordasse consigo mesmo. “Obrigado pela atenção, Edward.” Ele se vira e começa a se afastar.

“Espera”, Edward diz.

Gary para e vira para ele.

“Vai voltar para a Califórnia direto?”

“Vou”, Gary diz. “Estudo baleias. Elas estão esperando por mim.”

As baleias estão esperando por ele, Edward pensa, e leva semanas para aquela frase lhe parecer estranha. Ele observa o homem entrando no carro e indo embora. Quando Shay volta, eles vão para casa juntos, andando.

Edward pensa: *Depois eu conto pra ela*. E ele vai contar. Mas, durante a volta, sua cicatriz pulsa, e o ar congelante bloqueia a garganta. Edward pensa em loiras e baleias, e tem a impressão de que, caso tente encontrar as palavras, talvez elas se dissolvam em sílabas, em partículas no ar, no próprio frio à sua volta.

O céu cinza sólido fica mais pesado, e começa a chover. A água é clara, sem cor, batendo no exterior do avião. Na cabine do piloto, os limpadores de para-brisa começam a funcionar, e as janelinhas ovais nas laterais são lavadas. A chuva costuma ser irrelevante para aviões comerciais, mas se ela pode ser vista da janela quando já chegaram à altitude máxima significa que as nuvens de tempestade estão anormalmente altas e densas. Em geral, as nuvens se situam entre seiscentos e quatro mil e quinhentos metros de altitude. Aviões voam entre nove mil e doze mil metros. O espaço sideral começa a noventa mil metros.

A atenção dos passageiros se volta ao clima. A chuva e o céu feio deixam algumas pessoas sonolentas, e elas fecham os livros que vinham tendo dificuldade para ler. Dão uma olhada na própria poltrona, como se esperassem descobrir algum botão mágico que transformasse o assento estreito e implacável em algo mais parecido com sua cama em casa.

Benjamin fecha os olhos e para de lutar contra a lembrança. A sensação é de que está desistindo, e ele odeia desistir, mas ao mesmo tempo está exausto e totalmente desperto por causa das seis xícaras de café que tomou, e não há outro lugar para onde mandar a mente. A família do outro lado do corredor ficou em silêncio; o pai pegou no sono.

Tudo ficara tranquilo um mês inteiro antes da briga, o que significava que todo mundo acampado ali estava morrendo de tédio. Já tinham limpado as armas várias vezes; jogavam video game direto; eles até ansiavam pela patrulha

noturna, só para ter algo para fazer. Havia rumores de um ataque afegão que nunca ocorreu, e Benjamin se pegara no limite do acampamento, olhando para a floresta, confundindo árvores com homens. Quando ventava, os galhos eram sacudidos como braços, e ele preparava a arma.

Benjamin, Gavin e outro garoto branco, que todo mundo chamava de Jersey, estavam na patrulha do fim da tarde. Mais rumores tinham surgido naquele dia, daquela vez sobre três grupos juntando forças para uma emboscada. Eles estavam sem frutas e vegetais, e a próxima entrega só seria na manhã seguinte. Benjamin sentia que era feito de cereal mole, aveia e hambúrguer. A sensação da língua na boca era estranha.

“Para de suspirar”, Gavin disse. “Está me deixando nervoso.”

“Não estou suspirando.” Benjamin ficou surpreso com o comentário, como se Gavin tivesse dito que estava enfiando o dedo no nariz.

“Cala a boca, caralho”, Jersey soltou. Era o tipo de cara que nunca sabia o que falar, mas acreditava que *cala a boca, caralho* era uma escolha segura. Repetia aquilo em tons variados, dependendo da ocasião: com sinceridade, ironia, raiva. Daquela vez, parecia entediado.

“Você *estava* suspirando, sim”, Gavin disse. “Ficou o dia inteiro suspirando. Quando escovou os dentes de manhã, já ficou suspirando na frente do espelho.”

Benjamin parou de andar. Olhou para Gavin com uma cara que, por experiência, sabia que deixava todo mundo se cagando de medo. Tinha aprendido aquilo com Lolly; ele a vira fazer aquela cara para Luther, o maluco que ficava na esquina. Nunca vira a si mesmo fazendo aquilo, mas sabia que era uma cara de mau, ameaçadora. Aquela cara encerrava qualquer conversa.

“Eu não suspirei.”

Jersey assoviou, a segunda de suas três repostas-padrão. O repertório inteiro dele, de quem só queria chegar ao fim do serviço vivo, consistia em:

cala a boca, caralho, um assovio baixo e filho da puta.

Gavin não pareceu intimidado. Só falou: “Você suspirou”.

Os dois ficaram se encarando, com a palavra *suspiro* suspensa no ar, como um balão de fala numa tirinha de jornal. Benjamin apostaria tudo no fato de que não tinha suspirado. Se tivesse suspirado em algum momento, e não sabia ao certo se tinha feito aquilo, teria sido sozinho.

“O que foi que você disse?”, perguntou.

“Ô, seus filhos da puta”, disse Jersey num tom apaziguador.

“Eu disse que você suspirou. Talvez estivesse triste.” Gavin chutou um pouco de terra. Fazia semanas que não chovia. Uma paz seca os cercava. “Afinal, a coisa está triste como o caralho aqui.”

Benjamin sentiu seu interior se encher de uma fumaça quente, como um motor queimando. Pulou para cima de Gavin, agarrou-o pela camisa e jogou-o longe. Ele caiu adiante e rolou até parar. Seus óculos caíram do rosto. Gavin se levantou, se preparou e atacou Benjamin. Ele se movia como uma pequena locomotiva. Atingiu o meio do corpo do outro e o deixou sem ar.

Benjamin tentou respirar, incrédulo. Parecia que não estava no próprio corpo. Pensou, em algum recanto do cérebro, que talvez estivesse sonhando. No sonho, avançou até Gavin, levantou-o e jogou-o no chão. Houve um baque quando a cabeça do soldado bateu no chão de terra.

Jersey tinha corrido para longe deles e gritava: “Andem logo, seus filhos da puta! O Stillman vai matar o Gavin!”.

Benjamin mergulhou como se fosse um jogador de beisebol chegando à base. Ele pressionou o corpo de Gavin contra a terra seca. Olhou para ele e tentou pensar em algo para dizer. Algo que pudesse intimidá-lo, fazer com que se desculpasse. Que o obrigasse a admitir que Benjamin não tinha suspirado — nunca nem jamais suspiraria.

Ele encarou os olhos azuis de Gavin e seu rosto recém-barbeado, então o calor dentro dele se transformou em algo totalmente novo. Algo poderoso, sobre o qual não tinha controle. Parecia que uma parede interna tinha explodido e se transformado em pedras de todos os tamanhos. Cada uma era um desejo; Benjamin era uma praia de necessidades terríveis e incômodas. Ele queria salada fresca, bons sapatos, o fim daquele medo constante da morte e queria tocar a bochecha de Gavin e sentir como era macia. Podia fazer aquilo. Ouviu o pisar das botas fazendo o chão tremer conforme os soldados se aproximavam. Inclinou-se para a frente. Estava a poucos centímetros do rosto de Gavin.

Se os outros não o tivessem tirado de cima de Gavin naquele momento, Benjamin teria feito algo esquisito. Ele sabia, e a julgar por seu rosto Gavin também. Benjamin se levantou depressa, forçou-se a assumir uma expressão ameaçadora e foi embora. Ficou escondido na floresta por horas, tremendo. Quando se esgueirou para seu beliche depois da meia-noite, ouviu alguém sussurrar na tenda escura: *bicha*. Duas semanas depois, privado de sono, enquanto marchava alguns passos atrás do restante da patrulha, Benjamin levou um tiro na lateral do corpo.

O jovem do outro lado do corredor fala com Crispin, o que não o agrada.

“Li seu livro”, o cara diz. “Até te vi falar sobre ele na época do lançamento. Você deu uma palestra na minha faculdade. Era um verdadeiro astro.”

Crispin assente. Agora que está nesse corpo, parece incrível até mesmo para ele que costumasse viajar pelo país e gritar apaixonadamente em cima do palco sobre contratar as pessoas certas, cortar o peso-morto, manter a vitalidade de um negócio em crescimento. Houve um tempo em que ele tinha que atravessar protestos para fazer aqueles discursos. Homens e mulheres empunhavam cartazes dizendo coisas como: *As pessoas acima dos lucros e*

Outro mundo é possível e Sim às necessidades humanas, não à ganância corporativa. Tudo enganação, claro. Eram imbecis incapazes de enxergar o cenário geral. Louisa se deliciava enviando-lhe recortes das calúnias dos jornais pelo correio. *Querido cretino*, ela escrevia ao início de cada bilhete.

O garoto olha para ele de um jeito que Crispin reconhece — porque quem o inventou foi ele. Um olhar que diz: *Sou ambicioso, desesperado e mais inteligente do que você, então sai do meu caminho.* Agora esse olhar o deixa exausto; faz outro furo em seu pneu já vazando.

“Quantas ex-esposas você tem?”, Crispin pergunta.

Os olhos do jovem escurecem. “Uma. Sei que você tem quatro.”

“Tente manter assim”, ele diz. “Só uma. Quatro sai muito caro. É melhor parar de fazer merda o quanto antes.” Crispin tosse, então abaixa a voz. “Estou sozinho com a porcaria de uma enfermeira nesse avião.”

O garoto parece confuso, depois compreensivo. Ocorreu-lhe que Crispin pode estar senil.

“Você parece estar se saindo bem”, diz. Uma mentira óbvia pra caralho.

Crispin retribui a mentira, ainda que só queira fechar os olhos e descansar. Ele ainda é competitivo, e não quer que o moleque pense que não tem ideia do que se passa. “E você parece estar se saindo bem com a comissária de bordo.”

Os olhos do garoto se iluminam como uma árvore de Natal. Crispin tocou no ponto certo. “Acha mesmo?”

Ele assente: “Se jogar as cartas certas essa pode ser sua ex número dois”.

O garoto ri, e o som é surpreendentemente familiar para Crispin. É o som que costumava ouvir quando abria a porta de casa depois de doze horas no trabalho. Repiques de prazer ou triunfo vindos da cozinha, dos quartos, da sala. Um ou outro filho se dava conta de que o papai estava em casa e se jogava nos braços dele. Logo, estavam todos juntos no chão, num emaranhado de

membros, pés descalços e barrigas, e a risada era orquestral, todas as notas alegres atingidas simultaneamente. Os bilhetes com *Querido cretino* de Louisa tinham vindo depois, quando a casa estava sempre silenciosa, quando ele morava sozinho com a nova esposa.

Jordan observa o irmão. Eddie apoia a mão contra a janela marcada pela chuva e a mantém ali por um momento antes de tirá-la. Repete a sequência, de novo e de novo. Jordan olha para o próprio relógio. O pai deu a ele em seu aniversário de treze anos, e tem vários quadradinhos que medem coisas diferentes, incluindo um que registra centésimos de segundo. Jordan controla os movimentos do irmão por três minutos.

“Que merda é essa?”, pergunta.

O pai está dormindo na poltrona. Se estivesse acordado, teria reclamado do jeito como falou. Bruce disse aos meninos que não se importa com palavrões, desde que tenham um propósito. Jane uma vez tinha pegado o marido no meio de uma discussão sobre o tema, bem quando ele dizia: “Se você está furioso e esgotou seus argumentos racionais, mas ainda precisa transmitir uma emoção poderosa, então pode dizer ‘vai se foder’”. O que não quero é que use essas palavras de impacto como muleta, como quando as pessoas dizem: ‘Que porra está fazendo?’. É pura preguiça. Que diferença faz o *porra* nessa frase?”. Jane tinha tossido à porta e dito: “Desculpa, mas tudo bem dizer *porra*?”.

Eddie se sobressalta. Então solta a mão sobre as pernas. “O quê?”, ele pergunta.

“Como faz isso?”

“O quê?”

“Você ficou com a mão na janela por exatos vinte segundos, então a afastou por dez. Aí repetiu tudo de novo e de novo, com precisão, sem um segundo de margem de erro. Nenhuma vez foi vinte e um ou onze.”

“Hum”, Eddie diz. “Não sei. Não estava pensando a respeito, só fazendo.”

Jordan olha para o irmão, que parece cansado. Nenhum deles dorme bem há semanas. Nunca estiveram na Califórnia e nunca dormiram em nenhum outro lugar a não ser o beliche no quarto em Nova York — com exceção de algumas viagens educativas para campos de batalha da Guerra Civil e outras localidades históricas.

“Deve ter alguma coisa a ver com tocar piano.”

Eddie dá um sorrisinho. O piano é a desculpa, ou o exemplo, usada muitas vezes por Jordan, provavelmente porque se incomoda por não ser uma pessoa musical. Ele sabe que o irmão mais novo ouve música todas as horas do dia. Todas as músicas que Jordan compôs são bombásticas e irritáveis — uma crítica à sua falta de aptidão. Ele ficou ainda mais bravo quando se deu conta de que o pai sabia o que estava fazendo. Uma tarde Bruce disse, olhando por cima do ombro de Jordan enquanto terminava de escrever uma música: “Toda motivação é válida para produzir um bom trabalho, filho. E a frustração pode ser uma motivação importante”.

O que ele se dá conta agora, pela primeira vez, é de que nenhuma de suas composições é boa. Jordan pensa: *Quem tem talento é Eddie. Eu só tenho raiva.*

“Seus olhos estão meio esquisitos e brilhantes”, Eddie comenta.

“Vai se ferrar”, Jordan responde.

“Ei”, Bruce diz, desencostando do assento, já desperto, como uma morsa assustada. “O que está acontecendo aqui?”

Os irmãos continuam olhando um para o outro. Jordan se acalma por dentro. A mudança é abrupta, mas bem-vinda. De repente, quer se inclinar para a frente e sussurrar todos os detalhes sobre seu relacionamento com Mahira no ouvido de Eddie. Faz semanas que quer fazer isso; nunca guardou nenhum outro segredo do irmão, e esse tem moldado sua vida diária e dominado seus pensamentos. Mas, de alguma forma, desde o primeiro beijo, o

segredo foi como uma cunha. Criou um espaço entre ele e Eddie onde antes não havia nenhum.

Jordan quer fazer uma concha com as mãos na orelha de Eddie e começar a falar, mas nem abre a boca. Ele e o irmão se afastam, e Jordan sabe que essa divisão, por menor que seja, magoa a ambos. Os dois são duas crianças se revirando no tapete, depois dois meninos se transformando em homens. Uma massa amorfa, depois dois seixos de lados opostos do cômodo.

“Ah, pai”, Eddie diz, de um jeito doce, como se tentasse tranquilizar uma criança que não teria como entender aquilo, “está tudo bem.”

Janeiro de 2014

Em 1º de janeiro, Edward se veste com tantas camadas de roupas de Jordan quanto consegue: cueca, segunda pele, meias, camiseta de manga comprida, camiseta de manga curta, jaqueta com zíper, gorro de lã e tênis All Star vermelhos grandes demais. Quando entra na cozinha, vê Lacey e John de costas. Os dois estão diante da janela, falando em voz baixa. Baixa, mas não calma. *Vozes que empurram*, o cérebro de Edward decide. O tom de Lacey empurra John, e o dele a empurra de volta, ainda que mais fraco.

“Você nem perguntou se eu queria ir à audiência.”

“A possibilidade nem me ocorreu”, John diz. “Você quer?”

Ela balança a cabeça com firmeza. “Nem sei se ele quer ir, na verdade. É uma questão sua, e não é saudável. Por que *você* vai?”

John está inclinado contra a bancada da cozinha, como se precisasse de algum tipo de apoio. “É minha responsabilidade reunir todas as informações possíveis, para protegê-lo. Preciso saber o que está por vir. Se algo me escapar...”

“Você disse que estava me protegendo. Ano passado.” A respiração de Lacey está irregular. “O que basicamente significou parar de falar comigo até que eu concordasse em desistir.”

“Isso é diferente. Não tínhamos informações, não tínhamos razões conhecidas. Eles não sabiam por que seu corpo rejeitava o bebê. Agora, quanto a isso, temos informações. É por esse motivo que o NTSB vai fazer uma

audiência.” Ele faz uma pausa, então diz: “Eu queria que você parasse porque o médico disse que poderia morrer”.

“E eu parei.”

“Só por causa do que aconteceu.”

“Mas sua *proteção* não me ajudou.” Lacey morde a última palavra, então vira depressa e vê Edward à porta. Seu rosto passa da escuridão para a surpresa e então para um sorriso falso.

“Minha nossa!”, ela diz. “Dormiu bem?”

A falsa animação no rosto da tia faz Edward se sentir horrível. Assente, ainda que não tenha dormido bem. Nunca dorme, e a tia deve saber disso, mas ela quer que tudo seja diferente nesse momento, e ele quer ajudá-la.

“John”, Lacey diz, “está vendo quantas roupas ele está usando?”

O tio dá de ombros, como um robô de brinquedo que sai do modo de economia de energia. Ele entra na brincadeira, mas sua voz não sai com força total. “Talvez ele vá sair numa expedição.”

Edward pensa: *É o primeiro dia de um ano que meus pais e meu irmão nunca vão ver. Não sabem disso?* Ele olha com cuidado da tia para o tio e vê que nem se lembraram. Isso não lhes ocorreu. O que significa que Edward está sozinho, patinando sobre um gelo negro que só existe sob seus pés.

“Estávamos querendo falar com você”, John diz. “Só para te deixar a par de algumas novidades dos advogados.”

Lacey fica em pé ao lado da janela, segurando um ovo cozido; John está perto do calendário, na parede oposta. Edward pensa: *Geometricamente, estou no meio da discussão deles.* Ele sente que cede sob o peso da situação, como um membro fraco.

“Quer uma torrada?”, Lacey pergunta.

“Não, obrigado.”

“Bom, os advogados”, John diz. “A maior parte da logística com as companhias de seguro, no plural, foi resolvida.” Ele faz uma careta. “A família da maior parte das vítimas vai receber cerca de um milhão de dólares pela perda e pelo sofrimento. Você vai receber cinco milhões, porque...” Ele para por um segundo. “Você vai receber mais. O dinheiro vai ser depositado num fundo que você vai poder acessar quando tiver vinte e um anos.”

Lacey coloca o ovo na mesa e dá duas batidinhas nele. Edward acompanha as rachaduras leves se espalhando pela casca.

“Esse tipo de conversa me lembra do hospital”, ela diz. “Tudo soava meio absurdo lá também.”

“É muito dinheiro”, John comenta.

Edward se afasta da mesa, como se o dinheiro tivesse sido empilhado ali na sua frente. Ele se lembra do hospital também — da meia colorida elevada, da voz profunda enchendo o ar, de se perguntar por que o presidente dos Estados Unidos achava que era uma boa ideia conversar com um menino que tinha caído do céu havia pouco tempo.

“Minha recomendação”, John explica, “é que você tire isso da cabeça. Acabou de fazer treze anos.” Eles tinham manifestado a ocasião, algumas semanas antes, comendo bolo. Tinha sido uma comemoração discreta; ninguém cantou parabéns, porque Edward tinha implorado com os olhos para que não o fizessem. Se o aniversário *precisava* acontecer, era melhor que fosse rápido, e mudo.

“Ainda faltam oito anos para você fazer vinte e um, então esse dinheiro nem é uma realidade ainda. Ainda tem uma série de burocracias que precisam ser cumpridas. Só queríamos que você soubesse, caso alguém comentasse a respeito disso na audiência do NTSB.” John passa manteiga com baixo teor de gordura numa torrada. “Não que eu ache que alguém vai fazer isso, mas não queríamos que fosse pego de surpresa.”

“Eu não quero”, Edward diz.

“Acho que você está certo”, Lacey diz. “Precisa de ajuda pra fazer as malas para ir para Washington?”

Shay fica com Edward enquanto ele faz as malas, embora o menino meio que se arrependa de ter deixado. Ela quer discutir a audiência, e Edward não. Ele decidiu que queria ir meses antes, mas não quer pensar a respeito. *Vá, não pense*, uma voz neandertal em sua cabeça repete sempre que ele começa a prestar atenção em Shay.

“Vai ser tipo uma cena de tribunal de filme”, a amiga diz. “Em que a identidade do assassino é revelada.”

“Não exatamente.” As camisetas de Jordan estão todas espalhadas no sofá. Ele escolhe duas e enfia na mala.

“Eles vão explicar por que o avião caiu, não é? Têm a caixa-preta, então sabem tudo o que aconteceu.”

Eu estava no avião, Edward pensa. É o primeiro momento em que ele se permite se situar ali, na poltrona, ao lado do irmão. O pensamento passa num flash, numa fração de segundo, mas mostra a estrutura do avião ao seu redor, o céu, a asa, os outros passageiros.

“Ah, como eu queria poder ir”, ela diz. “Todos os parentes vão estar lá, você sabe, né? Talvez Gary também. Sua cicatriz vai pirar.” Ela bate palmas. “Eu não ficaria surpresa se seus poderes dessem algum sinal. Você vai estar perto de partes do avião e vai descobrir a verdade. É como se estivesse revisitando o acidente.”

Na sessão daquela semana, o dr. Mike disse: “Você parece distante, Edward. Sabe que não precisa ir a Washington, não é?”

Edward respondeu numa linguagem que sabia que o dr. Mike compreenderia: “Eu quero ir”. Ainda que *querer* não fosse o termo certo. O

menino só sabia que tinha dito que iria, então iria.

“Preste bastante atenção”, Shay diz agora. “Faça anotações, se der. Preciso saber de tudo para poder te ajudar.”

Edward assente.

“Ninguém pode te machucar lá”, Shay diz. “Ninguém nunca mais pode te machucar. Você já perdeu tudo, não é?”

Aquilo toca em algo lá no fundo de Edward. Ele experimenta as palavras na própria boca. “Ninguém nunca mais pode me machucar?”

“É isso mesmo”, Shay confirma.

Ela dá um tapinha em suas costas antes que ele e John partam, como um coronel enviando um soldado para a batalha. Lacey os acompanha até o carro e, quando John entra por um minuto, dá um abraço apertado em Edward.

“Me deseje sorte. Tenho uma entrevista de emprego hoje.” Lacey sorri, mas seu rosto parece ansioso. “Tenho que começar a ocupar meus dias de alguma maneira, não acha? Todos precisamos fazer isso.”

“Boa sorte”, Edward diz.

“Preciso de coragem, por isso estou usando a blusa da sua mãe. Quero ser mais forte, Edward. Por mim e por você.”

Edward nem notou, mas agora vê que Lacey vestiu a blusa com pequenas rosas que a mãe costumava usar para trabalhar pelo menos uma vez por semana. A familiaridade da peça torna difícil engolir a saliva por um momento, e ele experimenta uma onda de raiva — *Isso não é seu, é da minha mãe!* Mas o sentimento se dissolve quase imediatamente. Ele está usando as roupas do irmão, então como pode dizer que é errado Lacey usar as roupas da irmã? Além disso, a ideia de que um pouco da coragem da mãe dele pode passar para a tia através da blusa é interessante. Faz Edward se perguntar o que pode absorver das roupas de Jordan. Não havia pensando nisso desse jeito; o tênis vermelho, a parca, o pijama, tudo era só um jeito de se sentir

perto do irmão. Agora, ele está usando um suéter com listras azuis de Jordan e Lacey está usando a blusa da mãe. Quando a tia o puxa num último abraço, ele pensa: *Quem somos nós?* Ele se afasta do abraço e do emaranhado *Jane, Jordan, Jane, Jordan*, quase se jogando para dentro do carro.

A viagem de quatro horas consiste numa estrada cinza sem fim.

John olha para o relógio quando passam por Princeton e diz: “Sua tia deve estar na entrevista agora. Mande boas vibrações para ela”.

Edward se remexe sob o cinto de segurança, buscando uma posição mais confortável. “Você quer que ela arrume um emprego?”

“Quero que ela seja feliz. E você está melhor, não acha? Então não há motivo para ela ficar em casa o dia todo.”

Edward pensa: *Estou melhor?* Parece impossível responder à pergunta, e então lhe vem à mente a lembrança do pai corrigindo uma redação sua e dizendo: *Você tem que ser mais preciso. O que significa melhor? Melhor em relação a quê?*

As árvores estão desprovidas de folhas; o céu não tem cor. Há uma série de avisos de que estão prestes a deixar Nova Jersey, então vem uma placa de que entraram em Delaware. John deixa Edward escolher que trilha sonora da Broadway vão ouvir. O menino fica olhando para a lista de opções, tentando adivinhar qual pode ser a menos cafona e ridícula. “*Rent?*”

“Excelente escolha”, John diz, e eles ouvem jovem artistas sem dinheiro gritando seus sentimentos pelo resto da viagem.

Os dois dividem um quarto no hotel aquela noite. Edward fica deitado no escuro ouvindo o tio roncar. Seu corpo ficou dolorido durante a viagem de carro, como se a gravidade o puxasse com mais força que de costume. Esperava que a sensação fosse parar quando saísse do carro, e por um momento deu certo, mas tudo voltou com a escuridão. Edward se remexe sob os lençóis finos. A sensação o lembra de quando deixou o hospital com o

corpo doendo de um jeito novo, porque o hospital tinha sido um exoesqueleto e sem ele o menino ficara vulnerável. Leva as mãos à testa, tentando fazer pressão sobre a pressão que sente dentro da cabeça. Está numa cama de hotel, numa escuridão desconhecida, ouvindo uma mistura do aquecedor temperamental com as bufadas do tio. Edward se sente desancorado, como se pudesse estar em qualquer lugar no espaço, em qualquer lugar no tempo, e esse é um lugar assustador. Quando consegue pegar no sono, seu corpo o lança de novo na consciência, no pânico: *Onde estou?*

Pela manhã, enquanto tomam mingau, John propõe: “Acho que a gente devia ter um sinal, caso você queira ir embora no meio da audiência. Podemos sair quando quiser”.

“Um sinal?” Edward pensa no dr. Mike, com seu boné.

“Talvez você possa dizer: *Está quente aqui*. Se disser isso, vamos embora.”

“E se só estiver *mesmo* quente?”

John olha para ele. “Então não faça nenhum comentário a respeito.”

“Ah, tá. Boa ideia.”

A audiência vai ser realizada no centro de conferências do Conselho Nacional de Segurança nos Transportes, no centro de Washington. Eles estacionam a alguns quarteirões de distância, porque algumas ruas estão fechadas. “Deve ser por causa de alguma construção”, John diz enquanto caminham. Quando viram a esquina, há mais pedestres na rua, e eles precisam atravessar aquele grupo de pessoas.

“O que acha que é?”, John parece perguntar a si mesmo.

Os pelos do braço de Edward se levantam. Antes que ele tenha a chance de descobrir o motivo, um homem — cheirando a loção pós-barba — vira para ele e diz, com educação: “Posso tocar seu braço por um segundo? Minha esposa estava no avião”.

A primeira coisa que Edward pensa é que o homem está mentindo. É só um cara qualquer, inventando coisas. Então outra pessoa fala com ele também, como se as palavras do desconhecido lhe dessem permissão para tal. “Edward? Oi. Desculpa incomodar, mas eu queria saber se você viu minha irmã.” Uma mulher segura um celular com a foto de uma morena sorridente de cabelos encaracolados.

“Ah”, Edward diz, com uma cadência diferente, como se tentasse fazer o monossílabo passar por resposta.

“O nome dela é Rolina”, a mulher insiste.

Outro celular surge na frente dele, vindo de outra direção, com a imagem de um asiático de meia-idade. Um homem de olhos azuis com a aparência meio desarranjada mostra uma foto impressa de uma mulher mais velha com cachos brancos e um sorriso irritado. “Você reconhece minha mãe?”, ele pergunta.

Edward olha para onde apontam. Telas, rostos. *Eu deveria responder*, ele pensa, mas não consegue. É como se tivesse esquecido como se fala inglês.

Ele ouve *menina, mãe, primo, amigo, namorado*, e as palavras se acumulam uma sobre a outra.

Alguém diz: “Quero fazer um documentário sobre pessoas que foram as únicas a sobreviver a algum acidente. Posso te entrevistar?”.

John pega o braço de Edward e o puxa para a direita, tirando-o da calçada e entrando numa lavanderia. Tranca a porta. “Lancei uma campanha no Kickstarter!”, o cara grita através do vidro.

“Ei!”, o homem atrás do balcão diz, mas então fica quieto ao ver as câmeras e os rostos na vitrine. “Você é famoso?”, ele pergunta. “Deve ser. Do cinema?”

Edward dá as costas para a vitrine.

“Pode autografar a parede?”

“Acho que não”, Edward diz.

John liga para seu contato no NTSB, e um segurança vai buscá-los na lavanderia. Eles saem pelas portas dos fundos, e o homem usa o corpo para proteger Edward da multidão. Mãos passam pelo segurança e tocam o braço do menino, o ombro. Há mais telas, mais fotos de homens e mulheres. Ele é bombardeado com nomes.

Alguém diz: “Qual foi a sensação de sair do avião?”.

Uma mulher com forte sotaque do Sul recita uma ave-maria, a única prece que Edward sabe de cor. Uma moradora de rua que ficava no parquinho perto da casa deles em Nova York costumava gritar aquela prece o dia inteiro, sentada em seu banco preferido. Às vezes Jordan se esgueirava por trás de Eddie enquanto ele resolvia uma equação ou lia e gritava em seu ouvido: *Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco*. Edward se lembra da última vez em que aconteceu, do irmão cantando, de como ele tinha tirado o tênis e jogado nas costas de Jordan, que corria, enquanto os dois riam.

Uma voz grita atrás de Edward: “Ninguém estaria nem aí pra esse menino se ele fosse negro. Não percebem isso? Só acham que é o segundo advento porque é branco!”.

O segurança abre a porta e fica segurando. John está na frente, então entra primeiro. Antes que Edward o siga, o segurança se inclina para mais perto dele e diz: “Bate aqui, garoto. Foi incrível como você sobreviveu àquela queda. In-crí-vel”.

Edward bate na mão estendida do homem — porque não consegue ver alternativa —, então se abaixa para entrar. A porta metálica pintada de bege se fecha atrás dele. Ele segue o tio e outro segurança por dois corredores vazios. O homem aponta para uma fileira de cadeiras dobráveis à parede, pede que esperem e desaparece. John e Edward se sentam. Não há mais passos, então Edward fica ouvindo a própria respiração, e a do tio. John parece inalar e exalar com uma lentidão deliberada, como se tentasse acalmar os dois assim.

Shay estava errada, Edward pensa. Ele ainda podia se machucar. Aquilo machucava.

“Estamos em segurança aqui”, John diz. “Estamos no porão. A audiência é no terceiro andar. O elevador de que precisamos fica ali na esquina.” Ele passa essas informações práticas com tamanho alívio que Edward se dá conta de que informação é o que seu tio mais ama no mundo. Dados, estatísticas e sistemas mantêm o mundo dele no lugar.

John prossegue: “A audiência começa em dez minutos, se não atrasar. Estamos no horário. Me disseram que em geral leva uma hora. Uma hora e meia, no máximo”.

Edward diz: “Não vou à audiência”.

“Como assim?”

“Não quero ir. Achei que quisesse, mas não quero.”

“Edward?”, John diz.

O menino quer dar uma explicação ao tio, mas não tem certeza do que dizer, porque, se disser que algo dentro dele mudou, John ficaria preocupado. Mas é verdade. Começou ontem no carro: como se o lençol dentro dele fosse puxado. Atravessar a multidão removeu os últimos centímetros. *Ave Maria, cheia de graça*. Edward se dá conta de que nunca conseguiu se visualizar dentro da sala. Sabia o tempo todo que não ia assistir à audiência? Nesse caso, por que tinha vindo?

De repente ele se sente alerta, recém-desperto. Situa a si mesmo, como um pontinho piscando no mapa, no prédio, no andar, na cadeira de metal, com as mãos nos joelhos. Está cem por cento em Washington, no distrito de Colúmbia, um estado que não é um estado de verdade. Está sentado ao lado do tio. Edward compreende — e a compreensão surge com uma tranquilidade surpreendente — o verdadeiro motivo pelo qual não dorme na casa dos tios. Não suporta viver com uma figura materna que não seja sua mãe, com uma

figura paterna que não seja seu pai. Ele teve pais de verdade, e os perdeu. Também é muito difícil tentar fingir que é filho de John e Lacey, cujos filhos não sobreviveram, e ele mesmo não é uma criança. É alguma coisa diferente.

Edward se inclina apoiando a testa nas mãos. *Desculpa*, ele pensa, na direção do tio.

John pigarreia. “O que eles vão anunciar na audiência hoje é público. Vai estar na internet e em todo lugar. Só queria ouvir antes e fazer anotações caso você tivesse perguntas. Mas, se quiser ir embora agora, tudo bem.”

“Vai você na audiência”, Edward diz. “Posso ter dúvidas. Shay me pediu para fazer anotações, mas você pode fazer. Eu espero aqui. Tem um segurança na porta. Vou ficar bem.”

John arregala os olhos para ele. “Sua tia achou que eu estava errado em querer te trazer aqui”, ele diz, “mesmo você tendo dito que queria vir. Eu deveria ter dado atenção a ela. Sou teimoso demais.”

O tio parece chateado consigo mesmo, e Edward não gosta disso. Ele diz: “A audiência já vai começar. É melhor você ir”.

“Você vai se sentir melhor se eu for à audiência do que se eu não for?”

“Sim.”

Quando John vai, Edward se mantém imóvel na cadeira de metal. Sente o cinto de segurança do avião na cintura. Suas mãos estão frias, como quando ele pressionou a palma contra a janela molhada do avião. Ele se lembra de ter feito isso, e depois retirado a mão. Sente o calor do corpo do irmão ao lado do seu. Não parece uma lembrança. Edward sente o aperto do cinto na cintura, sentado ali na cadeira dobrável.

Ele sente as batidas do coração de mães, pais, irmãos, cônjuges, primos, amigos e filhos lá em cima. Seu corpo entra em sincronia com sua tristeza. Fica feliz por ter esperado no porão. Os outros batem com os punhos nas janelas do avião, e Edward está aqui embaixo, porque seu lugar não é com

eles. Seu lugar é com os mortos, os que não apareceram, os que sabem tudo, e nada.

Depois de uma hora, ele ouve passos de verdade e levanta o rosto para o tio, que se aproxima. “A audiência acabou agora.” John olha por cima do ombro. “É melhor a gente já ir. Vamos encontrar com o segurança na porta lateral. Centenas de pessoas apareceram, nem cabiam todas na sala.”

Edward assente, porque faz sentido. Ele tinha ouvido centenas de batimentos cardíacos.

“A maior parte veio para ver você, o que eu acho um absurdo.” John faz um gesto com a mão, como se estivesse afastando aquelas pessoas dali. “Tem um carro com motorista esperando a gente nos fundos. Vão acompanhar a gente até o carro, para evitar a multidão.” Ele segue na frente rumo à porta. “Anotei um monte de coisa”, o tio diz, por cima do ombro. “O delegado falou, e eu tirei fotos dos slides. Vou te mostrar quando chegarmos ao carro.”

A cabeça de Edward balança negativamente antes que o tio termine de falar. “Tudo bem. Não preciso ver. Não quero saber por que o avião caiu.”

O tio olha para ele. Mas Edward se sente satisfeito, porque, depois de não ter certeza de *nada*, sabe que essas frases são sinceras. Não quer saber mais detalhes do pior dia da sua vida.

Ocorre a ele que talvez tenha vindo a Washington para descobrir o que queria. Queria ser parte do drama público envolvendo a queda? Queria ser abordado na rua? Queria que dissessem que era especial, que tinha sido escolhido? Queria o tipo de resposta que a audiência oferecia? Algo que se aproxima de um sorriso surge em seu rosto enquanto ele segue o tio porta afora. A resposta é não, para todas as perguntas, e essa resposta é um alívio. Edward sente que está deixando algo deliberadamente para trás — o avião ou o campo em chamas depois da queda.

Eles caminham pela calçada e entram pela porta aberta de um carro muito comprido. Lá dentro, Edward conclui que é um tipo de limusine pequena. Tem um homem de terno no banco do motorista. Uma mulher magra e mais velha, com coque branco e vestido de veludo, está sentada em frente a Edward. Suas mãos estão cruzadas sobre as pernas, e seu queixo está levantado. Embora nunca tenha ocorrido a Edward que era possível se sentar com dignidade, a mulher fazia isso.

“Olá, Edward”, ela diz. “Meu nome é Louisa Cox.”

“Oi”, Edward responde.

“Ainda bem que viemos com o Bentley, Beau”, diz ao motorista. “O tamanho é útil.”

“Sim, senhora. O carro do senhor não está muito longe.” Ele já saiu com o veículo. Conforme se afastam do prédio e das pessoas, algo relaxa dentro de Edward, e ele teme que possa chorar. Preferiria não chorar na frente dessa senhora chique, que tira as luvas com cuidado e sorri para ele.

“Tenho três filhos”, Louisa diz. “Posso ver os três com a sua idade, sentados ao seu lado. Um diferente do outro. Eu os fazia usar blazer e gravata, embora eles preferissem jeans, como você. Devia ter deixado. Eles parecem miniexecutivos raivosos, como o pai.”

“Muito obrigado pela ajuda”, John agradece. “Eu não tinha ideia...”

Ela faz um gesto de mão, e o anel em seu dedo cintila. “É um prazer. Uma vez que estiverem em seu carro, vai ser tranquilo ir embora.” Ela volta sua atenção para Edward, como se fosse um cadeado que pretende abrir. Não parece educado o modo como o olha.

“Você foi esperto em não assistir à audiência, meu jovem. Foi um circo, e você teria sido a atração principal.”

Edward tenta colocar o cinto de segurança, mas o encaixe está enfiado no banco atrás dele, e não trava. “A senhora sabe se o cinto está quebrado?”, ele

pergunta.

“Não precisa pôr o cinto”, John diz. “São só alguns quarteirões.”

“Precisa, sim”, Edward insiste.

Louisa se estica por cima dele e solta o encaixe do cinto. Ele trava com um *clique* audível. Edward assente para ela, agradecido.

O carro vira à esquerda e à direita. Todas as ruas são de mão única.

“Acho que eu não sabia o que esperar”, John diz. “Não... não me ocorreu que haveria tantos familiares aqui.”

Louisa sorri de leve. “Meu ex-marido era um dos passageiros. Crispin Cox. Talvez tenha ouvido falar dele. Estávamos divorciados há, bem, vamos ver... quase quarenta anos.”

Edward apoia as mãos sobre o cinto, para se certificar de que está funcionando. Em seu estado totalmente alerta, o mundo parece tão perigoso quanto é.

“Seu ex-marido deu uma palestra na minha faculdade”, John diz. “Muitos anos atrás.”

“Crispin era um cretino”, Louisa solta. “Tinha câncer, mas teria vencido a doença e continuado a ser um cretino por muitos anos mais.”

“A senhora não gostava dele?”, Edward pergunta.

“Bem”, ela diz, “é um pouco mais complicado do que gostar ou não gostar. Mas eu o odiava, na maior parte dos dias.”

“Estou vendo nosso carro.” John se inclina na direção do carro, do qual eles se aproximam. A calçada parece normal agora, só tem homens e mulheres a caminho de algum lugar, que não conhecem nem se interessam por Edward Adler.

“Eu não odiava minha família”, o menino diz.

Louisa olha para ele com alta estima. Seus olhos são de um azul lívido. “Sinto muito em ouvir isso”, ela diz. “Seria muito mais fácil para você se os

odiasse, não acha?”

John se inclina sobre Edward para abrir a porta do carro, e então eles estão em pé, olhando para a senhora pela janela aberta.

“Foi um prazer conhecer você, Edward Adler. Gostaria de manter contato, se não se importa.”

“Não me importo”, ele diz.

Ela acena com a mão do anel, o vidro da janela sobe e o Bentley vai embora.

Quando eles chegam a Nova Jersey, tudo parece diferente. É como se o ar tivesse mudado com a ausência de Edward; está mais denso e levemente azedo. O leite que Lacey entrega a ele todas as manhãs parece desagradavelmente frio. Edward se pega quase consciente dos germes, e sente o cheiro da comida — esteja rançosa, passada ou estragada — antes de colocá-la na boca. Fica aliviado ao voltar ao quarto de Shay, mas o saco de dormir parece ter encolhido, e uma etiqueta interna irrita a cicatriz conforme ele se revira à noite. As roupas de Jordan não têm mais o cheiro dele, ou das caixas de papelão em que ficaram por meses. Em vez disso, cheiram ao sabão floral que Lacey põe na máquina de lavar.

Quando Edward nota que não ouve mais os cliques, passa horas testando esse novo silêncio. Ele inclina a cabeça devagar, para um lado e para o outro, pula no lugar, até pensa na mãe, mas nada desperta o som familiar. Pergunta-se se a partida simultânea de inúmeros sintomas — todo traço de fuga dissociativa, o lençol esticado dentro dele, os cliques — poderia ser considerada um sintoma também.

Até o rosto de Shay parece ter mudado nos poucos dias em que ele ficou fora, e agora ela tem expressões novas, que ele não consegue ler. De vez em quando, do nada, no meio do almoço ou quando estão nos armários da escola, ela olha para Edward de um jeito diferente e ele pede desculpa.

“Para com isso”, ela diz todas as vezes. “Não pede desculpa; você não fez nada de errado.” Mas Edward sabe que ela ainda está decepcionada por ele não ter entrado na audiência. Quando ele contou, na noite do dia em que voltou, as bochechas dela ficaram vermelhas, e Shay havia dito: “Mas deve ter sido tão *interessante*”.

Ele a segue pelos corredores da escola e tem sobressaltos várias vezes ao dia, quando uma porta bate ou quando começam a anunciar algo nos alto-falantes. A escola parece mais barulhenta do que Edward se lembra, e uma tarde, quando um menino grita “Vai se foder!” perto do ouvido dele e então o olha como quem diz *Calma, cara, não é com você*, Edward entra aos tropeços na primeira sala vazia que encontra para se sentar.

No fim da primavera, chega uma carta sobre a cerimônia de um ano. Famílias de vítimas do voo 2977 formaram um comitê para organizar uma cerimônia, e a companhia aérea se ofereceu para cobrir todos os custos. Um ano depois da queda do avião, um monumento vai ser inaugurado no Colorado, no local em que a tragédia ocorreu. O terreno foi doado pelo estado. O memorial vai ficar ali para sempre.

Um esboço do monumento planejado acompanha a carta. Um artista está produzindo cento e noventa e um pássaros de metal, que vão ser organizados na forma de um avião. Um avião feito de pássaros prateados.

“Que horrível. E lindo”, Lacey diz, olhando para o esboço.

Quando John e Edward chegaram de Washington, ela disse que tinha aceitado um trabalho de meio período como coordenadora dos voluntários do hospital infantil local. Ela organiza os voluntários e se certifica de que haja gente o bastante para ler para as crianças doentes e pegar no colo bebês recém-nascidos. Lacey tinha dito ao sobrinho, com o rosto orgulhoso: “Vou trabalhar no General Hospital de verdade”.

Edward não lhe diz que gostaria que não tivesse aceitado o emprego, porque é outra mudança inoportuna em sua vida. Não lhe diz que notou que as revistas sobre gravidez, que estavam debaixo da mesa de centro desde que ele havia chegado, sumiram. Não diz que notou que ela anda pela casa de um jeito diferente antes e depois do trabalho todos os dias. A tia passa de um cômodo a outro com passos firmes, cheios de propósito. Não vê mais TV com ele. Quando Edward fecha os olhos e ouve seus passos rápidos no piso da cozinha, parece uma desconhecida andando.

“Quer ir à inauguração?”, John lhe pergunta.

“Não.”

“Bom, tenho que dizer que fico aliviado. As famílias vão estar lá.” John mal consegue esconder o horror ao dizer isso, o que quase faz Edward sorrir.

“É demais”, Lacey diz.

Ainda que esteja resolvido, os três ficam ali parados, enquanto o pôr do sol escurece a sala, olhando para a imagem de uma cascata de pássaros apontando para o céu.

Naquele verão, Edward fica vendo TV durante o dia, enquanto Shay está no curso de férias. O médico disse que ele poderia fazer o curso também, mas com certa hesitação na voz, então Edward aproveitou a desculpa, porque não conseguia se imaginar correndo de uma base a outra, colando missangas ou desviando das bolas na queimada. Percebe que gosta de ficar sozinho em casa. Conversa com os personagens de *General Hospital*. Diz a Jason para não trabalhar com Sonny, o gângster, e diz a Alan para ser mais bonzinho com a filha.

Edward tem menos consultas médicas nesse verão do que no anterior, então expande a programação televisiva e tira cochilos no sofá depois do almoço. Algumas vezes, provavelmente para obrigá-lo a sair de casa, John o

leva junto ao trabalho. Eles entram num escritório cavernoso, quase vazio, e passam de um computador a outro, fazendo backup externo das máquinas. “Eles estão declarando falência”, John diz, e acena para um grupo de homens no canto oposto, de camisa amarrotada e barba desgrenhada. “Faz nove meses que configurei esses computadores, e eles estavam superanimados. É uma pena.”

Shay parece determinada a fazê-lo sair de casa também. Alguns dias por semana, quando volta do curso, ela insiste em ir ao parquinho que fica mais adiante na rua. “Você precisa de ar fresco”, ela diz. “A vida é mais do que *General Hospital*.”

Ele dá de ombros, cético, mas não se importa em sentar no balanço ao lado dela e ouvi-la contar algo irritante que a mãe, ou alguém do curso de férias, disse. Edward protege os olhos do sol com a mão e observa as criancinhas brincando na areia com uma expressão muito séria no rosto.

Quando o oitavo ano começa, eles continuam a ir ao parquinho uma ou duas vezes por semana depois da aula. Edward não se importa com a volta às aulas; a rotina de ir de uma sala para a outra não o incomoda. Admira as duas novas samambaias que o diretor Arundhi comprou no verão e vai ao escritório dele regar as plantas todas as tardes de quarta. Todos os dias, ele coloca *General Hospital* para gravar e vê quando chega em casa.

Em meados de outubro, o ator que interpreta Lucky deixa o programa, e outro cara assume o papel imediatamente. Mais tarde naquele dia, nos balanços, Edward tenta explicar a Shay como isso é injusto.

“Ninguém reconhece a mudança, só colocam um anúncio rápido embaixo da tela. Todos os outros atores fingem que é o mesmo Lucky, ainda que seja uma pessoa completamente diferente. Esse cara novo tem uns dez quilos a mais que o Lucky de verdade. Mal lembra ele. Isso faz tudo parecer tão falso.”

“É uma novela.” Shay chuta um pouco de terra e balança para a frente. Sempre chega mais alto do que ele. Toma impulso com as pernas e nunca faz um intervalo, como se a qualquer momento pudesse ser julgada em termos de forma e trajetória. “Todas as personagens femininas fizeram cirurgias plásticas drásticas. Mônica nem consegue mais mexer o rosto.”

Ele franze a testa para ela e pensa: *É verdade?*

“Não gosto do novo Lucky”, diz Edward. “Vou parar de assistir o programa de vez.”

“O Lucky de verdade pode voltar. Talvez a carreira no cinema acabe não decolando.”

Edward quase rosna para ela, de tanta irritação: “Ele não vai voltar”.

Shay vira a cabeça para olhá-lo. Passa por ele no balanço, como um delicado borrão. “Faz tempo que quero te perguntar... você não quis ir à cerimônia no verão só porque não queria viajar de avião?”

Edward remexe a terra com um pé. Balança para a frente e para trás, sem tirar um pé do chão. “Em parte.”

Ela o surpreendeu com a pergunta, e o peito dele dói quando pensa a respeito. Ele não se permitiu pensar na cerimônia de novo, depois da conversa com os tios na cozinha. Quando voltou da audiência, tentou se afastar de qualquer pensamento relacionado ao acidente. Mas Shay fez uma pergunta, e a resposta é que ele não consegue se imaginar entrando num aeroporto, passando pelo controle de segurança, afivelando o cinto. Essa sequência de eventos parece inviável, em contradição com as leis naturais. Para ele, é tão possível pegar um avião quanto bater os braços e sair voando do parquinho. Edward pertence ao chão. Está preso a ele.

“Não tem a menor chance de acontecer de novo com você”, Shay diz. “Você praticamente garante a segurança de um voo, se embarcar nele.”

“Não é assim que funciona.” Ele muda de posição no balanço, que range. “Chamam isso de falácia do apostador, sabia?”

“Quê?”

“É quando um apostador está convencido de que, já que perdeu várias vezes seguidas, sua probabilidade de vencer aumenta a cada minuto. Mas é claro que isso não é verdade. As chances de dar cara são sempre de cinquenta por cento, ainda que tenha dado coroa dez vezes seguidas.”

“Interessante.” Shay joga a cabeça para trás quando seu balanço está lá em cima. “Sempre me sinto como se fosse à prova de balas quanto estou com você, como se ficasse em segurança, por associação.”

Edward mal registra o que ela disse. Lembranças do irmão o atingiram de surpresa. Isso acontece às vezes, e ele sabe que deve aguentar. Elas só vão embora se ele as encarar. Edward se lembra de Jordan no beliche em cima dele, com a cabeça meio enterrada no travesseiro. Se lembra de Jordan compondo músicas, com a testa franzida concentrado. Vê Jordan ao seu lado no avião, e sabe que o verdadeiro motivo pelo qual nunca mais vai voar, ainda que trivial, é que a última poltrona de avião em que vai se sentar na vida precisa ser aquela ao lado do irmão.

2

*Para que vivemos, se não
para tornar a vida menos difícil uns
para os outros?*

GEORGE ELIOT

11h42

Pouco antes de o almoço ser servido, Verônica faz um rápido intervalo no canto dianteiro da cabine, perto da cozinha. Nesse momento, sempre dá vontade de fumar. Esse desejo é estranho, porque ela parou de fumar há quatro anos e não sente falta da sensação da fumaça preenchendo os pulmões, mas algo relacionado a apoiar o quadril no balcão metálico e olhar pela janelinha da porta desperta sua vontade todas as vezes.

Ela se pergunta por quanto tempo vai ficar em Los Angeles — dois, três dias? Faz quatro dias que está voando, e embora ainda não tenha recebido a programação da próxima semana sabe que vai ter alguns dias de folga. Verônica quer colocar o biquíni novo e ficar deitada à beira da piscina. Quer dirigir o conversível do irmão e deixar o cabelo bagunçar ao vento.

É do vento que mais sente falta, quando está no céu. O ar do avião não é tão ruim quanto os passageiros dizem; ela não gosta que as pessoas fiquem opinando sem se dar ao trabalho de verificar os fatos primeiro. Cerca de cinquenta por cento do ar coletado pelas válvulas de saída do compartimento de passageiros é misturado com ar fresco do exterior. Esse ar então passa por filtros, é esterilizado e depois reintroduzido no avião. Por isso o ar do avião é limpo, sim, e não há motivo para reclamação, embora as pessoas costumem reclamar.

Toda vez que sai de um aeroporto, Verônica desfruta da imprevisibilidade de cada inspiração. Um vento leve, cheiro de pipoca, o ar pesado que precede uma tempestade. Nota no ar nuances a que os outros são imunes, com

exceção, imagina, de tripulantes de submarinos e astronautas. Pessoas para quem a Terra não é o bastante; para serem livres, não podem estar no chão. Verônica gosta de pequenas doses da natureza desenfreada do mundo exterior, mas é aqui que se sente em casa. É a nove mil metros de altitude que se sente plena.

Fica ereta, passa as mãos pelos quadris. São as únicas mãos que sentiu em seu corpo desde que terminou com Lionel. Verônica não faz sexo há um mês, o que é um recorde pessoal. Em geral, interrompe as secas com o viciado bonitão do primeiro andar do prédio em que mora, ou com o ex-namorado da época da faculdade, mas anda ocupada demais ou distraída demais para isso. Está consciente de que se sente sozinha, no entanto; sente até uma faísca quando roça o corpo de um passageiro bonito. Até o cara do setor financeiro na primeira classe — que normalmente seria arrumadinho e ávido demais para seu gosto — desperta-lhe algo. Verônica balança a cabeça e puxa a enorme gaveta cheia de refeições. Enche o carrinho. Escolhe seu caminhar mais lento, aquele que mais valoriza o balançar dos quadris, e vai para a cabine. Ela quer todos os olhares, mesmo que seja só para guardar, como moedas numa caixa registradora.

A comissária da classe econômica está ao lado de Bruce. “Servimos as refeições especiais primeiro”, ela diz.

Bruce lança um olhar de quem não entende. “Especiais?”

Jordan abre a bandeja na poltrona da frente. “É pra mim. Obrigado.”

“Por que pediu comida especial?”, Eddie pergunta.

“É vegana”, Jordan diz. “Quando mamãe foi comprar as passagens e marcou a opção com comida, eu disse a ela que queria vegana.” Tem um potinho com compota de maçã, um sanduíche de homus e uma pilha de palitos de cenoura na bandeja que a comissária lhe entrega.

Bruce pergunta: “Agora você é vegano?”.

“Faz algumas semanas. Acho que você não percebeu que não comi nada do que fez que tinha laticínios.” Jordan tira o plástico que envolve o sanduíche.

A mudança está sendo difícil para todos nós, Bruce diz a si mesmo. Ele só está se expressando. É o que os adolescentes fazem. Fique calmo.

Bruce sempre foi o cozinheiro da família. Quando Jordan estava na pré-escola, apareceu uma vez na cozinha e pediu para ajudar a fazer o jantar. Os dois vinham trabalhando juntos desde então. A princípio, Jordan recebera uma faca de manteiga, que usava para cortar os vegetais mais macios. Servia a comida nos pratos. Experimentava o macarrão para ver se estava cozido, provava o molho para verificar o sal. Quando estava com dez anos, Jordan já ajudava Bruce a pensar no que faria. Ele ganhou uma assinatura da *Bon Appétit* no Chanuká e se debruçava sobre cada exemplar, fazendo uma dobrinha no canto das páginas que tinha receitas que queria experimentar. Eddie virou a cobaia deles, e largava o piano ou o livro que estivesse lendo só para ir à cozinha aprovar o prato. Quando Bruce pensava em felicidade, via a imagem dele cozinhando ao lado de Jordan enquanto ouviam Eddie tocar piano na sala. Essa cena se repetia com frequência e o fazia vibrar de alegria. Pensava toda vez: *Nunca vou deixar de valorizar isso.*

Um ano atrás, Jordan anunciou que ia virar vegetariano, por razões morais. Era o fim do peito bovino assado, dos hambúrgueres de domingo, do macarrão à bolonhesa, dos mariscos ao vapor. Bruce odiava a ideia de Jordan comer coisas diferentes do restante da família, então assinou o *Vegetarian Times* e passou a preparar jantares sem carne todas as noites. Às vezes, fazia hambúrgueres para ele, Eddie e Jane, e um vegetariano para Jordan, ou incluía linguiça ou pancetta — que ele adorava — como acompanhamento, que o filho não precisava comer. Era difícil, e secretamente Bruce odiava tudo aquilo, mas havia dado um jeito.

Veganismo, no entanto, era algo completamente diferente. Bruce diz: “Nada de ovo ou laticínios? Nenhum queijo?”.

“Eu devia ter virado vegano direto”, Jordan explica. “Foi uma fraqueza moral minha. As vacas leiteiras são muito maltratadas. Fazem inseminação artificial nelas, uma em seguida da outra, e separam as vacas dos filhotes. E são geneticamente manipuladas para produzir dez vezes mais leite que o normal, então passam a vida inchadas, com dores agonizantes. Morrem muito mais cedo do que deveriam.” Ele balança a cabeça. “É horrível.”

“Eca”, Eddie solta.

“E é melhor eu nem falar sobre o que acontece com as galinhas.”

“Verdade”, Bruce diz. “Melhor não falar.”

Jordan lança um olhar inquiridor, apertando os olhos, como se avaliasse o homem ao seu lado. “Você se descreveria como um covarde moral?”

Bruce hesita, embasbacado. Pode ouvir a esposa sussurrando: *É culpa sua. Você disse que queria que os meninos fossem críticos.*

Eddie bate o ombro no do irmão. “Não seja maldoso com o papai.”

“Não estou sendo maldoso.”

“Jordan está certo”, Bruce diz. “Os fatos estão do lado dele. Como sociedade, tratamos os animais muito mal.”

“Fora que o homem é a única espécie que bebe leite de outro mamífero”, Jordan explica. “Nunca vi um gatinho tomando leite de cabra. É meio nojento que a gente beba leite de vaca, quando se pensa a respeito.”

Bruce esfrega os olhos. *O que vou cozinhar?*, ele pensa. Quase todas as suas receitas vegetarianas têm queijo ou creme de leite como base. Sente um peso se espalhando pelo peito. Viu uma foto da cozinha na casa nova, brilhando em aço inoxidável, do dobro do tamanho da que tinham no apartamento de Nova York. Estava animado para cozinhar ali. Achou que uma semana com as

receitas preferidas deles encheria a nova casa de cheiros familiares e ajudaria todos a se sentirem em casa.

“Não estou dizendo que você tem que virar vegano”, Jordan diz, talvez porque perceba a melancolia do pai. “Se quiser continuar fazendo animais sofrerem desnecessariamente, fique à vontade.”

“Obrigado”, Bruce responde. “Obrigado mesmo.”

Linda se arrepende de ter pedido almoço assim que a bandeja é colocada à frente dela. O cheiro do sanduíche de frango inunda suas narinas; não importa para que lado vire a cabeça, não há como evitar. Os palitinhos de cenoura estão moles e são de um laranja deprimente. A única coisa que a deixa satisfeita é a lata gelada de coca.

Flórida, sentada ao lado dela, come um sanduíche que tirou da enorme bolsa. O cheiro é delicioso. Ela cantarola enquanto come, folheando uma revista de moda feminina.

“Querida”, Flórida diz. “Você parece um pneu furado. Precisa se acalmar. Consegue comer um pouco?”

“Não”, Linda diz. “Não consigo.”

“Toda essa *situação* é muito nova.” Flórida faz um gesto abarcando a barriga dela. “Qualquer coisa pode acontecer, então não precisa se preocupar agora como vai conseguir pagar a faculdade do bebê.”

Linda sente um aperto no peito. Ela ganha vinte e seis mil dólares por ano. Pretendia procurar emprego na Califórnia, mas é certo começar a trabalhar sabendo que está grávida? Lembra-se de uma coisa. Ela diz: “Não posso ter contato com tanta radiação”.

“Como assim?”

“Sou técnica de raio X.”

O rosto de Flórida muda, e ela dá um tapinha na mão da jovem. “Ah”, ela diz. “Marie era uma boa amiga. E uma agitadora. Eu morava duas casas para baixo dela.”

Linda arregala os olhos. “Marie?”

“Curie. A mulher que descobriu a radiação com o marido, sabe? Já deve ter ouvido falar dela, considerando que trabalha com isso.”

“Ah, meu Deus”, Linda solta. Tem vontade de rir, mas o instante de divertimento é engolido pela ansiedade. Não tem dinheiro, não tem trabalho, disse que nunca mais aceitaria nada do pai, e foi bombardeada com radiação por toda a sua vida profissional. O bebê provavelmente vai nascer brilhando como uma lanterna.

“Bom, Marie morreu por causa disso, é claro. Mas carregava o troço nos bolsos, mantinha na mesa de cabeceira. Não foi uma boa ideia, no fim.”

Está chovendo lá fora. Linda queria estar na chuva, longe da história pessoal enrolada daquela mulher, queria estar sob a água, onde a radiação, o filme e o sonar dos últimos cinco anos seriam lavados de seu corpo. Quer se purificar.

Benjamin espera na fila do banheiro. Não pretendia usar o cubículo do avião — tinha bebido tão pouco quanto possível desde que acordara, planejando esperar para fazer xixi na Califórnia. No entanto, sendo sincero, ele vinha fazendo o mesmo todos os dias desde a cirurgia. Está sempre com sede, beirando a desidratação. Odeia ter que olhar para o saco na lateral do corpo. Odeia ter que desatarraxá-lo e fazer a desconfortável manobra para esvaziar seu conteúdo na privada. Benjamin costumava ser sempre o homem mais forte onde quer que estivesse. Agora ele carrega as entranhas do lado de fora, e sua pele não contém mais seus órgãos. Tudo está escapando.

Ele sente que alguém entrou na fila atrás dele. “E aí?”, uma voz masculina diz. Benjamin olha por cima do ombro e vê um branco rico de camisa. “E aí?”, ele retruca num tom que desencoraja qualquer conversa.

Mas o cara está alongando o pescoço, com os olhos semicerrados, e não tem como, ou simplesmente não quer, captar o sinal. Ele diz: “Não aguento ficar parado por tanto tempo”.

“Pois é.”

“Eu podia usar o banheiro da primeira classe, mas achei que seria bom dar uma andada.”

Benjamin não responde, só se pergunta se o cara sabe que parece meio babaca.

“Com licença, senhores”, Verônica diz, e vira de lado para passar por ele. Ela para no meio, um lado do quadril apontando como uma arma, e diz para Benjamin: “Tudo bem aqui? Se precisar de ajuda, é só dizer”.

“Tudo bem”, ele responde.

Ela assente e segue adiante pelo corredor.

“Você a conhece?” A voz do branquelo falha no meio da pergunta. Ele olha para a comissária de bordo, e sua expressão faz Benjamin lembrar do lobo de um desenho que ele costumava assistir aos domingos de manhã, quando era pequeno. Seus olhos parecem saltar das órbitas, e o homem a encara como se estivesse morrendo de fome e ela tivesse se transformado numa peça de presunto.

Cacete, Benjamin pensa, *bem que eu queria ter esse interesse nela*. Sabe, naquele momento, com o avião balançando levemente abaixo dele e a chuva batendo contra as janelas, que, se tivesse que escolher entre a comissária de bordo e o cara ali com ele, escolheria o cara. Vinha dizendo a si mesmo que era só o Gavin, que era uma anomalia, talvez um colapso nervoso, mas aquilo vinha de muito antes, pelo menos da época do colégio militar, quando se dera

conta de que estava feliz por não ter meninas ali. Elas o deixavam um pouco triste, era assim desde as mais antigas memórias, e aquela comissária de bordo, com sua bunda perfeita, o deixava simplesmente desolado.

“Não”, responde. “Não a conheço.”

“Sua vez”, o cara diz, e aponta para o sinal de LIVRE sobre a porta do banheiro.

“Pode ir primeiro.”

“Tem certeza? Não sou de recusar.” Ele já está de lado, para passar por Benjamin. No processo, seus ombros se tocam por um segundo, e Benjamin nota a energia que percorre seu corpo. Isso o faz pensar: *foda-se*, o que inclui o cara que parece ser de Wall Street, Gavin, o saco grudado ao seu corpo, a próxima operação e a ideia de que ele precisa continuar triste e seguir as mesmas regras que vem seguindo desde que Lolly o deixou no colégio militar. *Foda-se*, ele pensa, sentindo outra onda de energia, uma que vem de dentro dele.

Flórida dá a última mordida no sanduíche e forma uma bolinha com o plástico do embrulho.

“O truque é colocar um pouco de cúrcuma na carne”, ela diz, quando repara em Linda olhando.

“É um tempero?”

O plástico em sua mão é da cozinha de Vermont, assim como o peru e o tomate do sanduíche. Ela fatiou o tomate diante da pia da cozinha, seu lugar preferido em toda a casa, com a luz entrando pela janela e a vista das montanhas ao fim do jardim. Bobby passou por ali duas vezes enquanto Flórida fazia o sanduíche. Ele sabia que ela ia sair, mas não quanto tempo ficaria fora. Flórida havia dito que ia ao chá de cozinha de uma amiga em East Village. Haveria mesmo um chá de cozinha, e Flórida tinha sido convidada.

Mas dentro das botas de caminhada guardadas no fundo do armário ela tinha uma passagem só de ida para Los Angeles.

“Isso, é um tempero.” Flórida coloca a bolinha de plástico dentro da bolsa. “Vou pra Califórnia pelo sol”, diz, acenando para a janela. “Gosto de pensar que essa chuva abre caminho para o céu azul.”

“E por que você vai pra lá? Férias?”

Flórida dá de ombros.

“Conhece alguém lá?”

“Tenho alguns amigos que posso procurar. Nunca fui pra lá, na verdade, e não posso dizer o mesmo de muitos lugares. Quero andar de patins naquela pista sinuosa que acompanha a praia. Aquela que aparece nos filmes, sabe?”

“Sei”, Linda diz.

“Bom, vou pra Los Angeles fazer isso.”

“Mas você é casada, não é?”

Linda olha para a mão de Flórida, que acaba olhando também. Tem um anel de prata simples em seu anelar esquerdo. Ela pensou em tirar, mas gosta do anel, e duvida que vá passar pelo nó do dedo. Era mais magra quando se casou com Bobby.

“Decidi ir embora”, ela diz. “Antes que piorasse. Já vivi o suficiente para aprender a confiar nos meus instintos. Fui embora enquanto ele ainda tinha afeto por mim. Estávamos seguindo caminhos diferentes.”

Linda fica quieta por um momento. “Quer dizer que ele não queria patinar na beira da praia?”

Flórida fica surpresa com a risada que deixa escapar. As pessoas sentadas por perto provavelmente se assustam; sua alegria nunca foi discreta. Cabeças à frente e do outro lado do corredor se viram para as duas. Não se sabe como, a mulher do outro lado de Linda continua dormindo. Flórida está gargalhando, seu corpo até se inclinou. Pensa em Bobby à mesa de trabalho, com inúmeros

planos à sua frente. Cada um detalhando um esquema de sobrevivência em caso de catástrofe: o colapso do dólar, estoque limitado de água devido ao aquecimento global, clima extremo, insurreição populista derrubando o governo, um estado policial fascista, entre outros. Ele tinha treze planos detalhados, com cenários complicados envolvendo as ações a tomar caso certas suposições se confirmassem.

“Isso mesmo”, Flórida diz. “Ele não quer andar de patins, e eu quero.”

E isso parece um motivo tão verdadeiro para tê-lo deixado quanto qualquer outro. Flórida olha para a jovem a seu lado com um respeito renovado. Talvez tenha alguma sabedoria em si, no fim das contas.

Outro motivo é que todos aqueles planos tinham mudado durante o casamento. No começo, visavam a salvar todo mundo, ou pelo menos seus amigos e aliados, mas, conforme os anos passaram e eles foram ficando mais e mais isolados em Vermont, os planos foram revisados — sutilmente a princípio, depois de forma descarada — para salvar apenas os dois. Ou, ela começava a suspeitar, apenas ele.

“Sinto muito que não tenha dado certo”, Linda diz.

Flórida sorri para a jovem. “Tudo acaba”, ela diz. “Não tem nada de triste nisso. O que importa é o que começa no mesmo momento.”

“Neste momento?”

“Isso mesmo.”

Mark anda para cima e para baixo do corredor algumas vezes depois de ter usado o banheiro. Ficar sentado ao lado da mulher digitando devagar e pesado, com a testa franzida, deixa-o estressado. Tem vontade de cumprimentar o soldado com o punho cerrado quando aquele homem enorme passa no caminho de volta para sua poltrona, mas fica preocupado que o gesto de alguma forma possa parecer racista. Em vez disso, só acena com a cabeça.

Mark se pergunta se o cara acha que o menospreza porque é um soldado e deve ter menos estudo que ele. Não é o caso, no entanto, nem um pouco. Dá para ver que o cara sabe se virar sozinho; parece profissional. E Mark também. Crispin Cox era assim, com toda a certeza, no seu auge. Esses homens são seus irmãos. Raça e classe não têm nada a ver com isso. *Vocês sabem o que estão fazendo? São extremamente competentes? Detonam? Então venham comigo, irmãos.*

Está de volta à primeira classe. Quase se senta, mas decide dar outra volta. Aquela mulher com os filhos e o marido de cabelo branco não detona. Ela é do tipo que se preocupa, não que vai para a briga. É mãe, e está minando os poderes dele. Mark para no meio do corredor e fecha os olhos. Tenta adivinhar onde está Verônica.

“Tudo bem aí?”, Mark a ouve perguntar atrás dele.

“Ah, sim.” E está mesmo. Ele tomou uma cápsula de cafeína logo antes de se levantar da poltrona e se sente bem. Ótimo, na verdade.

Verônica o observa daquele jeito feminino sábio, de quem consegue ler pensamentos, então ele decide: *Dane-se, vou falar.* Ele fala baixo, no entanto, para que ninguém mais ouça. “Quero te beijar mais do que qualquer outra coisa na Terra.”

Há uma pausa em seguida. O ar-condicionado zune, alguém abre um pacote de batatinhas, outra pessoa espirra alto, e nesse intervalo Mark está consciente de que isso pode dar muito, muito errado. Ela pode olhar para ele com desprezo, insistir que volte para a poltrona imediatamente, denunciá-lo por assédio sexual e até mesmo processá-lo.

Mas então ela diz, também baixo: “Não estamos em terra, senhor”.

Um show de pirotecnia desperta dentro dele. Mark responde: “Melhor ainda”.

Junho de 2015

Dois anos depois da queda do avião, o fisioterapeuta e o médico que pigarreia liberam Edward, o que significa que ele não tem escolha: precisa ir para o curso de férias com Shay. Edward descobre que os monitores — garotos só alguns anos mais velhos que ele — não se importam se ele joga beisebol ou não, então resolve só ficar marcando os pontos. Edward se senta na arquibancada, na sombra, e fica controlando o jogo. Surpreendentemente, ele gosta das atividades de artes e de artesanato, tem algo de tranquilizador em ficar sentado perto de Shay diante de cola em bastão, hastes de chenile, canetinhas e olhinhos de plástico, com toda a liberdade para criar algo feio.

No entanto, Edward fica assustado com a maneira como a liberação dos médicos faz com que as coisas mudem à sua volta. No fim do oitavo ano, os professores esperam que ele faça a lição de casa e participe das discussões em sala. Lacey lhe atribui tarefas domésticas pela primeira vez — lavar a louça e a própria roupa —, e quando ela fica até mais tarde no hospital Edward tem que pôr pizza congelada no forno para ele e John. Besa sempre pede que Edward tire as compras mais pesadas do carro, e às vezes olha para ele de um jeito cético que parece dizer: *Você ainda precisa ficar com minha filha o tempo todo?* Os adultos cutucam Edward e o olham de soslaio coletivamente. Sua linguagem corporal diz: *A crise passou. Você precisa seguir em frente para que possamos seguir em frente com a nossa vida.*

Mas como a crise pode ter passado se ele ainda tem dificuldade para dormir, e se precisa usar as roupas do irmão para se sentir intacto, e se nunca

mais vai ver sua família? Então, quando Lacey pergunta, com olhos ansiosos: *O curso é divertido? Está gostando?*, ele precisa esconder a irritação. Não, não estou gostando, pensa. A sensação preponderante é de alívio por essa nova experiência não ser insuportável. Edward se pega evitando a tia, passando mais tempo do que o normal na casa de Shay. Compreende o desejo dos adultos de que ele fique bem — como poderiam entender de verdade pelo que passou? Mas sente que com Lacey deveria ser diferente.

Quando o verão termina, a tia fica visivelmente animada com a entrada dele no nono ano, o que é inexplicável para Edward, que não vê nenhuma diferença em relação ao oitavo. Ele e Shay continuam estudando no mesmo prédio, e o diretor também é o mesmo. Só que as aulas agora são nos dois andares superiores, não mais nos inferiores. A única mudança que lhe parece significativa é que ele não é mais dispensado da educação física. Edward gostava de passar aquele horário na sala de estudos lendo ou desenhando no caderno.

A quadra enorme fica nos fundos do quarto andar, bem no canto. Edward encontra a professora na sala dela antes da primeira aula e diz: “Não consigo correr muito rápido e às vezes perco o equilíbrio. Acho que é melhor só ficar na arquibancada vendo. Posso marcar os pontos pra você. Ou cuidar do cronômetro, se quiser. Marcar o tempo dos outros ou coisa do tipo”.

A sra. Tuhane, uma mulher atarracada com cabelo castanho curto e um apito pendurado no pescoço, que nem levanta a cabeça da prancheta. “Isso é só aula de educação física, filho, não é um time de verdade. Você não vai ser o único a cair. Mas é melhor que em cinco minutos esteja naquela linha amarela usando uma roupa apropriada.”

“Mas...”

“Sem ‘mas.’”

Depois de se trocar, Edward encontra Shay esperando por ele do lado de fora do vestiário. “Parece que vamos começar com basquete”, ela diz. “Você já jogou?”

Edward e o irmão às vezes treinavam arremessos no parquinho perto do apartamento. Ele balança a cabeça. “Meu pai não era muito fã de esportes organizados.”

“Talvez você descubra que gosta. Eu curto tirar a bola da mão dos babacas. Pode fazer isso no basquete, sabia? Está nas regras.” Ela olha de lado para ele. “Talvez você descubra que é bom nos esportes.”

“Duvido.”

Shay dá de ombros.

Edward sente frio nas pernas por causa do short do uniforme. Está crescendo tão rápido que seus braços e pernas doem o tempo todo. Não quer estar aqui. Ele diz: “Para de pensar que tenho poderes escondidos. Não sou a porcaria de um bruxo”.

“Não acho mais isso.”

Edward olha para ela e sabe que é verdade. Harry Potter é um passado distante, e a possibilidade — aquela infantilidade — ficou para trás. Estão crescendo. Edward — em seu corpo cada vez mais comprido — é uma decepção para ela, e para si mesmo. Ele se prepara para uma onda de tristeza, mas é a raiva que o pega de surpresa. Quando sua voz sai, é maldosa. “Posso prometer que não serei bom no basquete.”

“Nossa”, ela diz. “Tá bom.”

Com o rosto queimando, ele a segue para a quadra. Edward fica onde os outros alunos estão. Quando a aula começa, a acústica do ginásio é excruciante. Os gritos constantes do apito, o baque da bola de basquete no piso, o arrastar de pés, o choque de corpos contra o seu. O volume do ambiente e a urgência do barulho despertam lembranças que ele procura

evitar. Edward sente o coração batendo nos ouvidos enquanto cruza a quadra. Desvia os olhos, para que ninguém lhe passe a bola. Uma vez, quando ela cai em seus braços, o corpo todo dele é pego de surpresa. Edward a joga fora, como se fosse uma granada prestes a explodir.

Por duas vezes, a professora grita: “Adler, você está indo na direção errada! Vira!”. Edward está convencido de que o relógio na parede parou, ou que ele está preso a esse horário, como numa piscina de areia movediça, e que nunca mais vai conseguir escapar. O tempo o engoliu por inteiro. Ele vai suar e entrar em pânico para sempre na aula de educação física. Quando um aluno dá um encontrão nele, Edward reage sem pensar: vira e o empurra. O aluno — e agora Edward percebe que na verdade é uma aluna, uma menina asiática chamada Margaret, que o ajudou a encontrar seu novo armário — cai no chão. A sra. Tuhane grita: “Adler, fora da quadra agora! Vá sentar!”.

Aquela noite, ele diz a John e Lacey: “Vocês precisam escrever um bilhete pedindo que me dispensem da educação física. Só por alguns meses, até eu ficar mais forte. É perigoso demais”.

“Perigoso?” John olha para a esposa. “A educação física mudou depois da nossa época?”

“Vou fingir que estou com dor de barriga toda vez se vocês não escreverem o bilhete”, diz. “Não vou passar por isso de novo.”

“Querido”, Lacey responde. “É claro que vamos escrever o bilhete.”

Quando ele entra no quarto de Shay aquela noite, fica olhando para os próprios pés. Ainda consegue ouvir bolas de basquete batendo no piso da quadra quando diz: “Desculpa por ter sido um idiota”. Ele percebe que parece bravo, ainda que não esteja; só está tentando falar num volume que possa ser ouvido por cima do barulho das bolas.

“O que você tem contra a Margaret?”

Ele tenta pensar num jeito de explicar o que sentiu na quadra, como se estivessem pondo fogo em seus nervos, um por vez. Depois da aula, Edward tinha pedido desculpas a Margaret. Ela não disse nada em resposta, só olhou com raiva para ele e foi embora.

“Pelo menos você sabe que não vai acontecer nada com você por ter empurrado Margaret”, Shay diz. “Porque você é você.”

“Eles não fariam nada com um aluno por ele ter empurrado outro *uma vez*.”

“Claro que fariam. Eu fui suspensa por ter dado um soco num menino.”

Edward a encara. “Você foi suspensa? Quando?”

“Pouco antes de você vir pra cá. Ele não está mais na escola, a família se mudou.” Shay fecha o livro que estava segurando. “Ele ficava cantarolando baixinho durante todas as aulas, era muito irritante. Não aguentei.”

“Então socou o menino?”

“Bom, eu vivia entediada antes de você chegar, e odeio ficar entediada. Tinha que me distrair. Quase fugi de casa todos os anos até os seis. Sempre tinha um plano diferente, para uma data diferente. Até que acabei me dando conta de que não ia fugir de verdade, porque aquilo mataria minha mãe. Mas eu fazia planos mesmo assim, pra me distrair.”

Edward se lembra de uma vez em que ficou diante de Besa nos degraus da frente da casa, em suas primeiras semanas ali. “Sua mãe me falou que você batia numas meninas às vezes, quando era pequena. Me agradeceu por ser seu amigo, mas achei que ela estava exagerando, pra que eu não me sentisse tão mal em ficar vindo.”

“Ela não estava exagerando.”

“Do que você tinha que se distrair?”

Shay solta um ruído exasperado, então diz: “Não sei. Da minha mãe me comprando bonecas todo Natal, esperando que eu brincasse com elas. De jantar às cinco e quinze todos os dias. Sabe qual é a nossa programação de

frango? Porque tem uma programação pra isso. Comemos frango frito às segundas, frango assado às quartas e peito grelhado com molho barbecue às sextas. Nunca muda”.

Edward sente que entrou num quarto diferente daquele em que dorme todas as noites. Ele se lembra de seguir Shay pelos corredores da escola no primeiro dia do sétimo ano, quando ela deu uma cotovelada num menino para que ele saísse do caminho. Lembra dela fazendo cara feia para as pessoas que olhavam para Edward como se os dois estivessem num desfile. Ele consegue ver essa nova versão de Shay na antiga.

Ela sacode as mãos, como os atletas fazem antes de competições. “Olha”, Shay diz. “Não quero mais ficar quieta. E não acho que você quer que eu fique.”

“Não”, Edward concorda, embora esteja nervoso. O ar está estranho no quarto. Uma calma que precede um furacão.

“A queda do avião e sua mudança pra cá foram emocionantes, claro”, ela começa. “Mas agora...”

Ele assente. Sabe que *agora* é diferente, insatisfatório. O ar parece rarefeito, e tem espaço para o tédio e para outros tipos de um leve desconforto crônico. Edward arfa um pouco e quase se inclina para apoiar as mãos nos joelhos, porque aquele dia o exauriu, porque ele precisa focar, porque estar irritado com o mundo e ver Shay irritada com ele são duas coisas muito diferentes. A segunda é inaceitável, mas Edward agora consegue ver pequenos sinais da distância dela nos últimos meses. Às vezes Shay apaga a luz do abajur mais cedo, mesmo que não esteja especialmente cansada. Ela escolheu fazer uma optativa diferente da dele no curso de férias: Edward se inscreveu em mais uma aula de artes e artesanato, enquanto ela escolheu marcenaria. Uma ou duas vezes ela se sentou numa mesa com outros alunos no almoço. Ele sente uma onda de pânico. Está perdendo Shay.

“Desculpa por te entediar”, ele diz, e odeia o tom de choramingo.

Ela dá de ombros. “Isso não é sobre você, Edward. Pra variar um pouco.”

Há perigo na expressão dela. Shay olha pela janela como se quisesse pular e sair correndo ao chegar ao chão. Edward sabe que, de alguma maneira, foi o fato de ter se irritado com ela na educação física que deu início a isso tudo. Ela tinha se comprometido a cuidar dele, e Edward mandou que se afastasse.

Ah, meu Deus, ele pensa. O que foi que eu fiz?

Ela volta a olhá-lo com uma expressão impetuosa no rosto. “Preciso te dizer uma coisa.”

“Não precisa ser agora”, Edward disse. “Me conta amanhã.” Ele não tem ideia do que Shay está prestes a dizer, mas sabe que não vai suportar mais. Vem-lhe a lembrança de ver a mãe pressionando o dedão sobre a marca de nascença debaixo da clavícula. Quando Jane notou que o filho a observava, sorriu e disse: *Aperto aqui quando quero voltar no tempo*. O Edward de oito anos acreditara nela e desejara ter nascido com uma marca de nascença mágica. Ele deseja a mesma coisa agora. Tomado pelo medo, quer voltar para antes daquele momento.

“Prometi pra minha mãe que eu mesma diria, ou ela disse que faria isso no meu lugar, o que seria péssimo.”

Um carro buzina alto na rua, e Edward sente que o som vem de dentro de seu corpo.

“Você não pode dormir mais no meu quarto. Mas não se preocupe, nada mais vai mudar.”

A temperatura corporal dele cai, sua pele fica fria de repente. “Por quê?”

“Quando você começou a aparecer, quando começou a dormir no meu quarto, minha mãe me fez prometer que ia parar quando a gente crescesse. Quando eu virasse mulher. Argh.” Ela leva as mãos ao rosto, e fala por entre os dedos. “É assim que ela chama.”

Edward olha para o relógio na mesa de cabeceira. São oito e quinze. Como o dia ainda não acabou? “Do que está falando?”, ele pergunta. “Você sabe que não entendo nada.”

“Fiquei menstruada.”

Com exceção de quando viajou para Washington, Edward caminhou no escuro da casa dele para a dela todas as noites, desde que tinham se conhecido. “E daí?”, ele pergunta, mas sabe que Besa se importa com isso, que é um marco onde fincar — onde fincou — sua bandeira.

“Sei que você não quer dormir no quarto da casa dos seus tios. Mas tem um sofá-cama no porão deles. Você pode dormir ali. Te ajudo a arrumar. Não tem problema ficar no meu quarto por mais alguns dias, até o porão ficar pronto.”

Edward demonstra surpresa. Sabe que precisa responder, então diz: “Tá”.

“Nós dois sabíamos que não podia durar pra sempre.”

Ele pensa: *Eu não*.

O dia seguinte é quarta, então depois da aula Edward vai para a sala do diretor Arundhi. Eles percorrem o perímetro da sala, Edward com o regador azul, o diretor com saquinhos de tecido com diferentes nutrientes para as plantas. Os saquinhos não estão identificados, mas ele sabe qual é qual. Em algumas plantas, o diretor passa os nutrientes nas folhas, então ajusta lâmpadas quentes sobre elas. Em outras, usa o indicador para fazer buraquinhos na terra com todo o cuidado e então deposita ali o conteúdo de um saquinho.

Edward aprendeu a despejar a água devagar e a verificar a cor da terra para ver se está saturada. Marrom-escuro é bom; preto ou lamacento significa que passou do ponto. Ele foca em controlar a rega. Suas mãos apresentam um tremor irregular, porque mal dormiu à noite. Ficou acordado no chão de Shay,

tentando memorizar a rachadura em formato de Y no teto, tentando memorizar os ruídos que ela fez quando se revirava durante o sono.

“Já sabe os nomes, Edward?” O diretor está três plantas à frente do menino. Ele cheira a folha de uma planta e então inclina a cabeça, como se estivesse avaliando o que o cheiro indica.

Edward agora sabe que a sala está cheia não só de diferentes tipos de plantas, como ele imaginava em sua primeira visita, mas especificamente de samambaias. Além de um jardineiro ávido, o diretor Arundhi é um especialista em samambaias. Até publicou um livro a respeito: *Samambaias do nordeste (incluindo licópsidas e cavalinhas)*, que fica exposto numa vitrine entre dois vasos grandes.

Edward pousa o regador e pega um borrifador da mesa. A planta com folhas enrugadas à sua frente prefere receber uma leve camada de água. “Essa é um asplênio-crocodilo.”

“Muito bem.”

Edward examina a próxima. “Samambaia-americana. Chifre-de-veado. Depois algumas avencas. Uma samambaia de azevinho japonês.” Examina a planta no canto, apertando os olhos. Tem sessenta centímetros de altura e suas folhas parecem tiras de couro. “Aquela e a de trás são outros tipos de asplênio.”

O diretor Arundhi assente na mesma direção, encantado. “Tenho essa belezura da frente desde a época da pós.”

“Uma samambaia de botão. Aquelas da prateleira são samambaias-vitória e aquela é uma pata-de-canguru.”

“Excelente. E o que todas essas plantas têm em comum que as diferenciam das outras?”

“São vasculares e se reproduzem por esporos.”

O diretor assente, e um sorriso faz seu bigode se esticar. “Bom trabalho. É um prazer ensinar alguém como você.”

Quando Edward termina de regar, pendura a mochila nas costas. Shay o espera em casa, para começar a arrumar o porão. Edward mexe nas alças da mochila e respira devagar, tentando desacelerar o tempo à sua volta.

O diretor Arundhi se vira da samambaia mais antiga, que fica a um canto. “Já são quatro? Uma última coisa antes que você vá, Edward. A sra. Tuhane me disse que você pediu para ser dispensado da educação física.”

“Minha perna dói.”

“Hum, certo. Ela falou da aula e do bilhete dos seus tios. Pode segurar isso um segundo? Quero arrumar o suporte.”

Edward pensa: *Ele sabe que empurrei uma menina.* O diretor apoia uma variedade da samambaia-americana nas mãos de Edward e se vira para arrumar o suporte. O menino olha para a planta. É verde-clara e tem uns quinze centímetros de altura. As folhas são do tamanho de um dedão. Segurando-a contra o peito, Edward olha diretamente para o meio da samambaia. Se uma planta tem um rosto, é ali. Edward não consegue deixar de pensar que essa planta o olha com ceticismo. *Concordo*, ele pensa.

“O que acha dessa ideia? Edward?”

Ao ouvir seu nome, ele percebe que o diretor está falando há pelo menos um minuto. Edward levanta o rosto depressa e devolve a planta ao diretor. “Desculpa, não ouvi.”

“De levantar peso”, o diretor Arundhi diz, parecendo ligeiramente irritado. “Durante a aula de educação física, você pode ir para a sala de musculação, em vez de ir para a quadra. Assim você pode se exercitar sem forçar a perna machucada. É muito mais tranquilo na sala de musculação do que no ginásio. Eu mesmo prefiro lá. E sempre é útil ficar um pouco mais forte, não acha?”

“Musculação?”, Edward repete. Tem dificuldade de associar a palavra ao que quer que seja a princípio. Imagina homens enormes, com óleo no corpo, de sunga. O pai nunca devia ter levantado peso, nem John. Edward olha para o diretor, que tem bochechas redondas e gordura acumulada no tronco. Ele faz musculação?

Então Edward se lembra do soldado no avião. Ele e Benjamin se cumprimentaram do lado de fora do banheiro, e o soldado parecia até um ser de outro mundo, de tão musculoso. Com certeza levantava peso, provavelmente ninguém mexia com ele. Benjamin devia se sentir seguro em qualquer lugar, com aquele tamanho todo. E *teria* ficado em segurança em qualquer lugar, exceto no avião. Edward olha para seus braços magros e pulsos ossudos. Sente a cicatriz na canela. Tenta se imaginar mais largo, mais forte, mais seguro.

“Vou fazer isso”, ele diz, e sua voz falha no meio. “Obrigado.”

No jantar, Lacey pergunta: “Você tem um filme preferido?”.

“Eu?” Edward estava encarando o prato, tentando pensar numa maneira de comer o bastante da costeleta de porco para não decepcionar Lacey. Seu apetite se reduziu desde o anúncio de Shay. Ele se sente escurecendo por dentro, as luzes apagando uma a uma.

Você está bem?, Shay tinha perguntado para ele no almoço. *Não precisa ficar estranho por causa disso. Está tudo bem. A gente está bem.* Ele tinha dito: *Eu sei*, mas na verdade sente como se o tivessem mandado caminhar pela prancha e pular em águas infestadas por tubarões. A cada minuto, Edward avança mais um pouco na prancha. Hoje é sua última noite dormindo no chão. Amanhã, ele pula.

“Você, claro, seu bobo”, Lacey brinca.

“Qual é o seu?” Ele só pergunta para ganhar tempo. Não tem um filme preferido. Quando era pequeno, costumava ser *Mogli: O menino lobo*. Ele viu algum filme depois da queda? *General Hospital*?, pensa.

“*Flores de aço*”, Lacey diz.

“E você?”, Edward pergunta a John. Ele fica confortável com esse tipo de esquiva com contragolpe nas conversas; faz isso toda semana com o dr. Mike. Sempre que o terapeuta faz uma pergunta que o deixa desconfortável, ele a redireciona. Essa semana, num esforço para evitar qualquer menção a Shay ou ao fato de que vai mudar de quarto, Edward contou ao terapeuta sobre o livro de investimentos que o motorista de Louisa Cox deixou na casa deles. Vinha com um bilhete num papel-cartão bem grosso: *Há elementos de uma boa educação que não são ensinados na escola. Leia este livro e me mande suas ideias a esse respeito*. Era o segundo livro que o motorista entregava desde a audiência. O primeiro era uma biografia de Teddy Roosevelt, que Shay e Edward leram juntos, parando a cada uma ou duas páginas para tirar sarro de como o autor era claramente obcecado pelo presidente corpulento. Mas agora, quando Shay diz: *Vamos fazer a lição*, Edward sente uma onda de culpa que não tem nada a ver com as tarefas passadas pelos professores, e sim com o fato de que está devendo suas ideias para a sra. Cox — sobre um livro que de tão chato ele não conseguiu passar da primeira página.

Aquilo distraía o dr. Mike, de modo que Edward acabava ganhando. Nem sempre ele ganha do terapeuta — em geral o dr. Mike dá corda para ele por um minuto e depois faz uma pergunta que chega ainda mais perto do alvo —, mas Edward está confiante de que consegue enrolar os tios. São amadores, não têm chance contra ele.

“*Blade Runner*.” John mastiga e sorri um pouco, como se o filme fosse uma lembrança calorosa. “Vi vinte e três vezes.”

“Minha nossa”, Lacey exclama. “Não é algo de que você deva se orgulhar, sabia?”

“Ah, é?” John aponta o garfo na direção da esposa. “Quantas vezes você viu *Flores de aço*, Lace?”

“Esse filme é um clássico”, Lacey diz, em tom altivo. Então vira para Edward. “Eu estava pensando que, se você gostar de *Star Wars* ou de qualquer outro desses filmes famosos, podemos comprar roupa de cama do filme.”

Edward repassa a frase dela na cabeça, tentando entender o que se passa. “Roupa de cama?”

“Besa me contou que você vai dormir no sofá-cama do porão. Acho que dá pra montar um espaço bem legal pra você lá embaixo.”

Lá embaixo. Edward visualiza o porão, imediatamente abaixo deles. O menino está perto do fim da prancha, onde o vento uiva, e ele se odeia por se sentir assim. Edward sabe que está mais chateado do que deveria ficar, pelo menos quanto ao que se passa na superfície. Ele dormia num quarto; agora vai dormir em outro. A distância entre o quarto de Shay e o porão é de menos de trinta metros. Os dois vão continuar indo juntos para a escola, todas as manhãs. Ele ainda vai ouvi-la lendo em voz alta. A novidade superficial é suportável. Mas o que o aflige é o que pode estar mais fundo, sob a água turva.

Lacey sorri para ele, do outro lado da mesa. Edward pousa o garfo, porque perdeu a fome. A escuridão toma conta do interior dele. O menino se pergunta o que exatamente Besa disse a Lacey. Mencionou que Shay ficou menstruada? Ou disse outra coisa, algo que Edward tema que seja a verdade de fato: que Shay está cansada dele, e agora tem a desculpa de que precisava para tirá-lo de seu quarto, e portanto de sua vida?

Ele levanta os objetos metálicos que a sra. Tuhane o manda levantar, endireita as costas quando ela diz para fazer isso, e tenta decifrar a estranha linguagem da atividade física que a mulher usa. A sala de musculação fica logo na saída da quadra; Edward consegue ouvir os alunos correndo pelo piso brilhante. Dribles com a bola. Um apito chamando a atenção.

“Você vai fazer agachamentos, levantamento terra e supino”, ela diz. “São exercícios compostos, o que significa que vai trabalhar mais de um grupo muscular por vez. Se aprender a fazer supino direito, vai ser capaz de empurrar alguém cinquenta quilos mais pesado que você. Se fizer o máximo levantamento terra, vai conseguir levantar um carro para salvar uma criança presa debaixo dele.”

“Sério?”, Edward pergunta. Tenta se imaginar levantando um carro, com o rosto vermelho, os braços tremendo com o esforço. A imagem é ridícula.

“Sério.”

“E o agachamento, pra que serve?”

“Pra tudo. Quando você agacha, usa todo o corpo. Quer pernas grossas? Agachamento. Quer braços grossos? Agachamento.”

A sra. Tuhane é sempre muito intensa, mas no momento parece estar transmitindo uma verdade universal eterna. Benjamin Stillman devia fazer agachamento. Devia saber o que fazer com cada peça de metal daquela sala.

Edward faz agachamento com um cabo de madeira atrás das costas, porque a sra. Tuhane disse que ele é ridiculamente fraco e não está pronto para uma barra, muito menos para pesos de verdade. Conforme abaixa, ele se lembra de Shay olhando pela janela, com uma expressão impetuosa no rosto.

“Adler”, a sra. Tuhane chama a atenção dele. “O agachamento não termina embaixo. Isso se chama *se sentar*. Você precisa voltar em boa forma.”

Voltar em boa forma, Edward repete mentalmente, e tenta obedecer.

Shay lê um capítulo de *A bússola de ouro* em voz alta, então, às nove, Edward se levanta. Ele tenta pensar em algo que possa dizer para impedir que aconteça. Mas não consegue, porque a verdade é: se Shay quer que ele vá embora, é melhor ir. Edward mal ouviu uma palavra do que ela leu, vai ter que repassar as páginas depois para acompanhar. Os músculos de seu corpo tremulam, como se fossem de borracha, e ele sabe que amanhã vai estar dolorido.

Edward não olha para ela. Só diz: “Tá, bom, boa noite”.

“Dorme bem. A gente se vê amanhã.”

Os dois falam um pouco alto demais. Edward pega a mochila e sai cambaleando do quarto. Fica aliviado quando não vê Besa. Sai sozinho pela porta da frente, e então, no meio do caminho para a casa dos tios, nas sombras — num ponto que ele sabe que Shay não consegue ver da janela —, afunda no chão. Não é uma escolha; seu corpo só desiste e cai.

Ele pensa: *Não tenho mais casa.*

O apartamento em Nova York, com os pais e o irmão, era sua casa. Depois do acidente, seu corpo o levou para o chão de Shay, e ele se entocou ali, ficou mais forte ali. Edward passou de dormir perto de Jordan a dormir perto de Shay, o que lhe dava certo conforto. A casa dos tios, assomando sobre ele nas sombras, nunca lhe pareceu a casa de que precisava. Edward caiu do fim da prancha e agora está nas águas escuras, onde tubarões traçam círculos em volta dele.

Deita-se de lado no chão. A noite de setembro está surpreendentemente fria. Fecha os olhos para mesclar as águas escuras ao céu escuro. Não lembra de ter chorado assim talvez desde a queda. Suas bochechas ficam ensopadas, seus ombros sacodem. As lágrimas fazem subir o nível do oceano à sua volta. Ondas sobem e depois descem em cristas brancas, e Edward se pergunta se vai ver Gary ou as baleias dele.

É só quando alguém sacode seu braço que Edward se dá conta de que dormiu.

“Ah, meu Deus, Edward! Você está machucado?” A tia está branca, o rosto tomado pelo pânico. Ela vira o rosto e grita: “John! John, vem aqui! John!”.

Edward pensa: *Ela parece assustada.*

Lacey o pega pelos ombros: “Você consegue falar, Edward? Sabe onde está?”.

Ele assente, ainda que o movimento exija um esforço imenso. Seu corpo parece ter sido soldado numa entidade sólida. Ele finalmente consegue fazer a boca dizer: “Sim”.

Então o tio aparece também, inclinado sobre Edward. Ele está com o pijama xadrez velho. “O que aconteceu?”

“Não sei. Olha só pra ele. É melhor ir pro hospital?”

“Vamos entrar um pouco primeiro.”

John ajuda Edward a ficar em pé, então coloca o braço do menino sobre seus ombros. Lacey faz o mesmo do outro lado. Assim, Edward fica mais alto do que se lembra, e se pergunta se está literalmente se desfazendo, enquanto sua cabeça flutua para longe. Sua última esperança — enquanto os três avançam — é de que Shay esteja dormindo profundamente e longe da janela do quarto, para que não possa ver os tios carregando o que resta dele para dentro de casa.

12h22

As pessoas andam de avião, ainda que certa porcentagem deles caia todo ano. “Sabem” disso, mas encontram maneiras de justificar, e portanto de abrandar, esses dados. A justificativa mais comum é de que é estatisticamente mais perigoso andar de carro que de avião. Em números absolutos, há mais de cinco milhões de acidentes de carro, comparados a vinte acidentes aeronáuticos por ano, então, na verdade, voar é mais seguro. O comportamento de grupo também desempenha um papel aqui: como a maior parte da aviação comercial é coletiva, entra em jogo certo tipo de confiança. As pessoas se reconfortam com a presença de outras. Sentadas lado a lado, ombro a ombro, acreditam que é impossível que tantos assumam ao mesmo tempo um risco tão absurdo.

O piso chacoalha sob os pés de Crispin enquanto ele volta a se recostar na poltrona. A ida ao banheiro deve ter levado uns vinte minutos. Precisou ficar sentado no assento da privada por um bom tempo até reunir forças para o caminho de volta. Crispin tinha pensado: *Há um mês, eu me sentia bem. Me sentia eu mesmo. Agora não tenho ideia de quem é esse cara.*

Antes do voo, seu advogado, Samuels, que tem a idade dele, mas está tão em forma que decidiu começar a fazer levantamento de peso aos setenta anos, ligou para dizer que seu cliente estava na lista anual da *Forbes* das cem pessoas mais ricas dos Estados Unidos.

“Hum”, Crispin tinha dito ao telefone.

“Parabéns, Cox. Você é fera.”

“Hum”, ele repetiu. Mas na verdade estava registrando que não sentia nada. Figurava naquela lista fazia vinte anos, e na última década ficara na primeira metade dela, desde que vendera sua empresa. Antes, costumava ansiar pelo anúncio anual da *Forbes*. Marcava a data no calendário, atendia ao telefone com entusiasmo no dia esperado. Comemorava e batia na mesa quando recebia a notícia.

“Está se sentindo bem, Cox? Os médicos de Los Angeles vão dar um jeito em você rapidinho.”

“Liga pro Ernie e diz que quero refazer meu testamento quando chegar lá.”

“Pode deixar.”

“Por que deixar tudo para os meus filhos? Eles me odeiam.”

“O Met tem a esperança de ser lembrado, claro.”

“Foda-se.” Crispin fazia parte do conselho do museu havia décadas — gostava das reuniões, cheias de figurões de Nova York e grande parte de seu círculo social —, mas quase nunca atravessava as salas para ver as obras de arte. Tinha sido um campo de batalha divertido para ele e Louisa, já que ambos estavam envolvidos na instituição. Ela se graduou em história da arte e se considerava colecionadora. Por um período, em meados dos anos 1990, Louisa foi presidente do conselho e o baniu das reuniões.

“Qual é o plano?”

Crispin se segura para não dizer: *Não tenho certeza*. Ele nunca diz: *Não tenho certeza*. Incerteza é sinal de fraqueza, e isso é contra sua política. Então fala: “Talvez eu despeje tudo em cima de Louisa. Isso mexeria com a cabeça dela. A maldita mulher passou a vida toda atrás do meu dinheiro. Talvez eu devesse entregar tudo para ela numa bandeja de prata.” A ideia o faz rir.

Há uma pausa do outro lado do telefone, porque Samuels também é advogado dela. A descrição profissional o silencia. “Como quiser, Cox. Vou avisar Ernie.”

Enquanto Crispin afunda agradecido na poltrona, identifica as gotas de chuva do lado de fora com sua boa sorte, conforme caem rumo ao chão. É uma ideia boba, na verdade, porque o dinheiro — desligado de Crispin — não tem sentido. São só retângulos de papel verde e branco que ele passou a vida toda guardando, com todo o seu ser. Ele adoraria confundir a cabeça de Louisa, mas ela não precisa do dinheiro — nem notaria esse acréscimo em sua vida cotidiana. Como um amigo de Crispin uma vez disse: “Você não pode comer melhor do que já come”. Tanto ele como Louisa já comiam tão bem quanto era humanamente possível.

Crispin sempre se importou com dinheiro e com o que precisava fazer para conseguir mais. Os números sempre o tinham interessado, pelo menos até que o advogado ligasse naquela manhã. Se aquilo havia perdido o sentido, então o que restava? Do outro lado do corredor, o garoto, que parece sob o efeito de drogas, bate nas teclas do laptop como se cada letra fosse fazer toda a diferença. E talvez vá fazer mesmo, talvez faça.

Talvez já tenha feito.

A dor é como um punhado de bolinhas de gude rolando por seu abdome. Pegando no sono, ele pensa: *Eu devia ter levado as crianças para acampar quando elas pediram.*

Bruce coça a cabeça — um tique nervoso que não tem certeza de que conta como tique, porque tem consciência do gesto — e se levanta.

“Só vou dar um oi pra sua mãe”, ele diz. “Se comportem.”

Eddie responde: “Não temos cinco anos, pai”.

Jordan pede: “Fala que eu agradei pela sobremesa, mas que dei pro Eddie, porque tinha leite”.

Bruce suspira, porque Eddie tinha cinco anos no sonho do qual acabara de despertar. Seu filho pequeno estava sentado em seu colo, no sofá, e Bruce lia

O *ursinho Puff* para ele. Eddie estava recostado contra o peito do pai, e a sensação daquele peso — a confiança e a falta de inibição completas enquanto relaxava cada grama de seu corpo contra o corpo do pai — era uma das coisas que tornava a paternidade algo imperdível.

Bruce leu aquele livro para Eddie umas doze ou treze vezes, do princípio ao fim. Sabia que as crianças gostavam de repetição, mas Eddie gostava ainda mais. Quando foi alfabetizado, passou a ler um pouco de *O ursinho Puff* quase todas as noites na cama. Ele também assistiu a seu filme preferido, *Mogli: O menino lobo*, inúmeras vezes. “Pelo menos Eddie tem bom gosto”, Jane dizia quando Bruce externava sua preocupação de que o menino não lesse outras coisas. “Pelo menos ele gosta dos clássicos.”

O Eddie de doze anos tem membros finos. Não é mais gordinho. Não é muito bom com abraços: quando está nos braços do pai, se sente como uma planta que ainda está brotando, bastante suscetível às intempéries. Tocar as teclas do piano parece ser a repetição pela qual Eddie anseia agora, e ele não precisa nem quer mais que o pai leia para ele.

Bruce afasta a cortina da primeira classe e vê que a poltrona ao lado de Jane está vazia.

“Senta”, ela diz. “Não sei aonde ele foi.”

Bruce se acomoda ao lado dela. “Aquele cara não parece bem”, ele diz, indicando o senhor dormindo do outro lado do corredor.

“Parece que é um magnata famoso.”

“Magnata”, Bruce diz, e sorri. “Então por que pegou um voo comercial? Se eu fosse assim rico, teria meu próprio jatinho.”

“Na verdade, ele é um impostor, um charlatão”, ela diz. “E o cara sentado do meu lado mais ainda. Está na cara.”

“Como está indo o roteiro?” Bruce tenta garantir que seu tom não seja pesado demais. Quer conversar, não brigar. Está sentindo falta da esposa, nos

confins da classe econômica.

Como de costume, ela parece saber o que ele está pensando. “Desculpa”, Jane diz. “De novo.”

Ela coloca a mão sobre a dele e a aperta. A pele dela é macia, e a pressão faz com que ele sorria. Bruce pode ficar furioso com ela e ao mesmo tempo ter plena consciência de que a ama. Levou anos para ser capaz de aceitar a ausência de lógica no amor deles. Frustração mais mau humor mais um sorriso em especial dela equivalem a uma onda de alegria dentro dele. Bruce espera que seus filhos encontrem esse mesmo tipo de lógica desequilibrada no futuro. Lembra do rosto de Jordan no restaurante chinês e se pergunta, por um momento passageiro, se é possível que seu filho mais velho já tenha encontrado isso. Mas então considera a ideia absurda.

“O que foi?”, Jane pergunta. “Pensa em voz alta, por favor.”

“A gente devia colocar Eddie na Colburn School.”

Jane levanta as sobrancelhas. “Sério?”

“Você não acha?”

“Acho, claro. Eddie é talentoso e adora piano. Mas vai ser um currículo diferente do seu.”

“Não totalmente. E posso acompanhar a parte de matemática e as leituras de história.”

“Jordan vai se sentir solitário.”

“Eu sei. Vamos ter que pensar em alguma coisa. Talvez ele goste de passar ainda mais tempo sozinho com o pai.”

É uma piada. Os dois sabem, e não se dão ao trabalho de sorrir.

Jane apoia a cabeça no ombro dele.

“Onde o cara foi parar?”, Bruce pergunta.

“Deve estar seguindo a comissária de bordo por aí. Acho que gamou.”

“Ela é bonita?” Ele tenta visualizar a mulher. Lembra que ela usa um coque perfeito, e nada mais.

Jane lança um olhar inquisitivo para ele. “Não notou mesmo?”

Bruce acena apontando a cabeça para o computador dela: “Está quase acabando?”. A frustração acumulada é audível em sua voz, e ele fica decepcionado consigo mesmo. É uma reação tão vulgar; ele quer ser melhor, como marido e como homem.

Jane se ajeita na poltrona e olha para a tela. Para as fileiras de letras agrupadas em palavras, para o formato do roteiro, com espaços em branco e respingos de diálogo. “Não”, ela diz. “Mas vou terminar antes do pouso. Prometo.”

Verônica já fez isso duas vezes na carreira. Não que se trate de um hábito, mas ela sabe a melhor maneira de proceder. A comissária de bordo diz a Mark para ir ao banheiro dos fundos, à esquerda — o que fica mais escondido do restante do avião —, em dez minutos. Depois que o vê fazer isso, ela aciona o aviso de APERTAR CINTOS DE SEGURANÇA, para manter o máximo de pessoas possível no lugar. Então liga o sistema de som no último volume, enchendo o ar com o zumbido da estática. Os passageiros levantam a cabeça e olham para o teto, onde ficam os alto-falantes. Ela desliga o som e vai para o banheiro.

O lugar é tão pequeno que ela e Mark ficam imediatamente colados um no outro. Quando travam a porta, a luz acende e a ventilação começa a funcionar, então eles ficam embebidos na fluorescência, com um espelho a cinco centímetros da cabeça dela. A parte de trás dos joelhos de Mark toca a privada. O cheiro é surpreendentemente normal; a ventilação está funcionando bem.

“Nada de papo”, Verônica sussurra.

Mark pega a cabeça dela, os dedos tocando o coque e a nuca. Verônica perde um pouco o ar com a própria voracidade. Quer tirar os grampos do cabelo, mas tem que voltar ao trabalho em seis minutos, ou vão notar sua falta, e precisa estar com a mesmíssima aparência de quando entrou no banheiro.

Ela levanta a saia e abaixa a meia-calça.

Mark desfivel o cinto.

Verônica ouve o barulho de algo batendo, não na porta do banheiro, mas na lateral do avião, e ela pensa, lá no fundo: *O que é isso?*

Tic, tic, tic, faz a batida, ou o ar-condicionado, ou o duto solto, enquanto os lábios de Mark tocam os dela — ele beija surpreendentemente bem —, e Verônica agarra a bunda dele para puxá-lo para perto.

Então há um rugido em sua cabeça, e ela já está tão vermelha quanto seu batom, se guiando por tudo o que constitui a vida, e quando Mark Lassio sussurra em seu ouvido *Posso precisar de você*, ela afasta as palavras como se fossem beijos.

Jordan cutuca o irmão, então se aproxima dele. O pai ainda não voltou.

“Que foi?”, Eddie pergunta.

“A comissária de bordo da primeira classe acabou de entrar no banheiro com um cara.”

Eddie se vira para olhar para os fundos do avião. “Por que faziam isso?”

Jordan ri, quase alto demais. “Pra fazer sexo, provavelmente.”

Eddie parece horrorizado. “No banheiro do avião?”

“Acho que ninguém mais notou. Ela distraiu todo mundo com o zumbido do alto-falante, pra ninguém olhar.”

“E por que você olhou?”

“Eu estava contando quantas fileiras de poltronas tem no avião, então tinha virado pra lá.”

Eddie analisava aquelas informações, com o rosto sério. “Vai ver ele está passando mal e ela entrou pra ajudar.”

“Talvez. Mas ele parecia muito bem.”

Eddie dá de ombros. “Que nojo.”

“Bom, eu é que não vou no banheiro de novo.” Jordan pensa em Mahira e sente um enrijecimento dentro da calça. Abaixa a bandeja para que o irmão não perceba.

O irmão mais velho vê o pai mais adiante no corredor, vindo em sua direção. Pensa nos pais fazendo sexo, e a ereção se abrandando.

“Bom”, Eddie diz, com seu jeito cuidadoso e ponderado de sempre, “é meio legal pensar que sexo é tão bom que as pessoas não se importam de fazer no banheiro.”

Jordan assente e se sente profundamente grato pelo comentário. O irmão está começando a se juntar a ele na terra dos sonhos eróticos e dos desconfortos por dentro da calça.

Crispin abre os olhos e não sabe onde está. Bem, sabe que está num avião. Isso é óbvio. Mas para onde está indo, e quando chegará? Já esteve em centenas de aviões na vida; houve anos em que parecia passar mais dias no ar, no caminho para reuniões, conferências e férias luxuosas, do que no solo. Ele poderia comprar uma frota de aviões se quisesse, mas nunca quis um jatinho. Voos comerciais eram um dos poucos lugares em que se sentava em meio aos clientes, para observar como pensavam e se comportavam. Sempre considerou o tempo que passava em aeroportos ou aviões uma pesquisa de marketing inestimável.

“Em que ano estamos?”, Crispin pergunta à mulher ao seu lado.

Ela usa um cardigã branco abotoado até em cima. “Me dê seu pulso”, ela diz. “Vou checar seus batimentos.”

“De jeito nenhum. Responda à minha pergunta.”

“Estamos em 2013.”

“Nasci em 1936. Isso significa que...” Crispin fecha os olhos, mas seu cérebro se recusa a fazer as contas. Suspeita que a mulher é enfermeira e que provavelmente está com ele.

Ela pega o braço dele como se tivesse esse direito, e posiciona dois dedos na parte interna do pulso. Crispin deixa, porque sua força física foi embora, junto com a capacidade de fazer contas.

“Está fraco”, ela comenta baixinho.

Ele assente, ou talvez não faça isso de fato, mas só por dentro, em concordância. Ele está fraco. Está fraco por dentro e por fora, onde quer que esteja.

“Está com frio, senhor Cox?”

Estou, ele pensa. Estou congelando. E não sou mais jovem. Estou sozinho no céu, indo não sei para onde.

Quando seu vizinho de poltrona volta, Jane fica surpresa com a diferença de energia entre ele e o marido dela.

O rosto de Mark parece irritado e rosado, como se ele tivesse saído para correr em meio ao tempo ruim. Ele fica apertando o botão da caneta retrátil sem parar, a ponta vai e volta, vai e volta. Bruce tinha se sentado tranquilamente ao lado de Jane. Foi preciso que ela olhasse nos olhos dele para saber o que estava pensando; não tinha pistas externas.

“Acho que está chovendo granizo”, Jane diz, indicando a janela.

“Como assim? É verão.”

Ela assente e olha para o borrão cinza de nuvens e chuva. Imagina se o clima está tentando alertá-la. *Volte, ele pode estar dizendo. Escreva sua história de amor. Tenha uma vida mais tranquila, com menos. Você pode se*

mudar para mais perto de Lacey, como ela sempre quis. Vocês podem criar os filhos juntas.

Mas Lacey não podia ter bebês. Jane se surpreendia ao ver como *ela mesma* ficava chateada toda vez que a irmã sofria um aborto. Precisava esconder a própria tristeza de Lacey, claro, mas quando a irmã engravidava de novo Jane sentia seu corpo se encher de animação. Haveria uma nova pessoa na família, um bebê que os meninos iam curtir. Ela ficava quase tonta de alegria com a perspectiva. *Outra criança para amar.* Contrabalanceando a onda de esperança, no entanto, havia sempre um medo de que a irmã pudesse perder o bebê no processo.

Jane lhe disse ao telefone: *Há outros meios de constituir uma família. Quer que eu pesquise agências de adoção ou barriga de aluguel?* Mas Lacey se recusou a parar de tentar engravidar, e Jane não ia se mudar para perto da irmã para vê-la se matar. Além disso, ela odiaria o subúrbio, as festas do Super Bowl, os olhares estranhos para sua família porque os meninos estudavam em casa e porque tinham opiniões perigosas. Bruce incomodaria as pessoas ao aparecer sem ser convidado em reuniões locais para debater os méritos da educação em massa das crianças.

“Droga”, Mark resmunga. “Não consigo focar.”

“É porque estamos no meio do voo”, Jane diz. “Sempre perco a esperança no meio. Quando ainda tenho horas à frente apesar das horas que já se foram. A gente se sente empacado.”

Mark vira para olhá-la. “Faz sentido.” Ele aperta o botão da caneta retrátil de novo e diz: “Há quanto tempo está casada?”

Ela sorri, surpresa. “Me deixa ver... dezesseis anos.”

“Caralho. É bastante tempo. E nunca traiu seu marido?”

Que conversa estranha, Jane pensa. *Vai ver que as pessoas da primeira classe são mais abertas umas com as outras, porque assumem que têm um monte de*

coisas em comum.

“Não.”

Ele balança a cabeça. “Caralho.”

“Você é casado?”

“Fui, por uns dez minutos.”

“Pelo menos se divertiu?”

“Rá!” A risada é como um latido. “É, acho que me diverti. Mas rolava cocaína demais.”

“Ah.” Jane nunca usou cocaína, nunca se casou com a pessoa errada, nunca se interessou por um comissário de bordo. Sente uma pontada de arrependimento. Não gostaria de ser esse homem, assim instável, mas talvez desejasse ter feito um desvio ou outro em sua rota. Jane sempre se moveu de maneira deliberada.

Agora que Jordan parece pronto para enfrentar o mundo, ela gostaria de poder dizer ao filho: *Eu me identifico com isso. Passei um novembro em Seattle protestando contra a Organização Mundial do Comércio*. Mas não pode fazer isso. Sua versão de ativismo se resumia a ler reportagens no *Nation* e assentir enfaticamente. *Pode haver virtude numa vida confusa*. Ela e Bruce levavam uma vida certinha. Mesmo sua maior ambição — escrever um filme pequeno, pessoal, íntimo — era aceitável e certinha.

Mark esfrega os olhos e olha em volta, sem dúvida procurando a comissária de bordo.

Jane vira o pescoço também, num esforço para ajudar.

Dezembro de 2015

Edward olha para a árvore do lado de fora do consultório do dr. Mike. Sua casca cinza é marcada por sulcos profundos. Parece que os galhos nunca mais ostentarão folhas. Um pássaro pousa em um e quase de imediato vai embora.

O terapeuta diz: “Pode me dizer o que se passa aí dentro? Se eu souber qual é o problema, talvez possa ajudar”.

Edward parou de tentar controlar os pensamentos, então cada um deles é uma surpresinha. O menino ouve o tique-taque do relógio ornamental sobre a mesa e pensa: *Tenho cada vez mais saudade de Jordan.*

“Edward?”, o dr. Mike diz.

“Sei que eles querem que eu venha duas vezes por semana”, o menino diz. “Mas acho que é um desperdício do seu tempo.”

“Você desmaiou do lado de fora da casa dos seus tios.”

“Faz três meses. Não foi nada de mais.”

“Se estivesse mais frio, você teria morrido congelado. Foi algo de mais, sim.”

“Eu não teria morrido.”

“Como você sabe?”

Edward observa o galho, esperando que o pássaro volte para onde estava, mas o ar e a árvore permanecem imóveis. O espaço vazio parece apropriado, no entanto. Edward dorme num espaço vazio agora, sozinho. Perambula o dia inteiro, sozinho, mesmo quando Shay está com ele. Edward considera dizer ao terapeuta que, ainda que Shay continue sendo sua amiga, sua conexão mais profunda — que ele sempre soube que funcionava como seu oxigênio — vem

morrendo lentamente desde que pediu que ela se afastasse dele na aula de educação física. Shay é tão forte que, quando precisa, é capaz de se libertar para ir atrás de ar em outro lugar, mas Edward sabe que não é tão forte quanto ela, e que aquela já era sua segunda chance. Compreende que, quando o que existe entre ele e Shay finalmente morrer, será o fim do que está vivo dentro dele também.

O dr. Mike gostaria que Edward lhe contasse tudo isso, mas o menino não tem vontade de falar. Mantém os olhos na janela e tem a sensação de que a árvore o observa de volta.

John fica acordado toda noite agora, até que Edward esteja na cama no porão. Põe a cabeça para dentro do cômodo só para confirmar que o sobrinho está deitado debaixo dos lençóis. “Tudo certo?”, John pergunta, então Edward assente e se vira na bicama.

Uma hora depois, quando tem certeza de que os tios dormiram, Edward se levanta, põe blusa e tênis — e a parca laranja, se estiver muito frio — e vai lá para fora. Dá várias voltas no quarteirão, tomando cuidado para não ficar à vista do quarto de Shay. Conta as casas pelas quais passa, o número de janelas, a miscelânea de estrelas lá em cima. Ele precisa de movimento, gosta da escuridão do céu noturno e do ar preto entre as árvores. Às vezes, quando os números começam a se embaralhar em sua mente, Edward anda de olhos fechados. Nunca se permite se sentar ou se deitar, no entanto, para evitar pegar no sono e congelar, o que confirmaria o medo dos adultos.

Em determinado ponto, quando algo dentro de Edward se tranquiliza, ele volta para o porão e para a bicama. Não é silencioso lá dentro, mas os ruídos são completamente diferentes daqueles que havia no quarto de Shay. Talvez por estar embaixo da casa, a estrutura parece se mover e chiar acima de sua cabeça. Edward consegue ouvir o farfalhar das folhas secas através das janelas

fechadas. Pelo menos duas vezes por noite há um estalo alto, que faz com que ele se sente na cama na mesma hora e fique observando as sombras.

Do lado de dentro, Edward não quer escuridão. Mantém a luz do banheiro acesa, além do brilho difuso de um poste de luz que entra pelas janelas altas do porão. O único ponto positivo de ter o próprio quarto é que ele não precisa fazer silêncio para não acordar Shay. Nem precisa fingir dormir. Pode tossir, socar o colchão, falar sozinho. Pode rolar de um lado para o outro da cama. Comer uma barrinha de cereal às duas da manhã porque o estômago está roncando.

Ele ouve o apito estridente da sra. Tuhane, lembra-se de entreouvir Shay falar — com a voz aguda, animada — com uma menina na aula de francês sobre ir a uma festa na sexta, perto do lago. Edward fica olhando pelas janelas altas e estreitas quando o céu se ilumina e outro dia começa.

A sra. Tuhane é obcecada pelo que chama de “forma”, e faz com que Edward mova seu pé direito um centímetro, jogue os quadris um pouquinho para trás e estenda os braços até que fiquem cem por cento retos. O capitão do time de futebol americano — um ruivo corpulento — entra na sala de musculação durante o treino de Edward. O garoto sorri ao ver Edward de cócoras.

“Bela posição, Adler”, o garoto diz, e tira uma foto com o celular. A sra. Tuhane o repreende e o manda embora da sala, mas Edward sabe que é tarde demais. A foto já foi enviada aos amigos do garoto. Ao fim do dia, todo o time fica de cócoras quando vê Edward, com a expressão fingindo enorme concentração.

Quando Edward e Shay viram uma esquina e um menino tímido com cabelo loiro fica de cócoras, Shay o repreende: “Você? Por que está fazendo isso? Você não é um babaca. É melhor do que isso”.

O menino fica branco, se levanta e sai correndo.

Durante as três aulas da tarde, Edward fica sentado com o caderno aberto e a caneta na mão, mas não escreve nada. Os professores parecem falar a partir de um ponto muito distante. Edward e Shay voltam andando para casa, e ele finge que está tudo bem entre os dois. O menino sabe que ela está irritada, porque também sente que tem algo errado, algo além de Edward ter deixado de dormir em seu quarto, mas não consegue identificar o que é exatamente. *O que existe entre nós está morrendo*, ele pensa. *Não vamos ser amigos por muito mais tempo.*

Ela pergunta: “Arundhi pediu pra te ver também?”.

“Não. Por quê?”

“Hum... Acho que minhas notas caíram. Ele provavelmente vai vir com um sermão sobre dar o meu melhor para entrar na faculdade.”

“Não, cedo demais. Não faculdade.” Edward está cansado demais para compor frases completas. “Outra coisa. Minhas notas caíram também.”

“Bom, ele não te daria o mesmo sermão, porque sabe que vai entrar em qualquer faculdade que queira mesmo com notas péssimas. Só vai precisar escrever sobre a queda do avião na redação.”

Edward balança a cabeça. De repente, gostaria que fosse o meio da noite, quando caminha com os olhos fechados sob as estrelas. Não quer ficar à luz do dia, sentindo uma coceira debaixo da pele, ouvindo Shay falar sobre coisas a respeito das quais não sabe nada.

Ele fecha os olhos por alguns passos agora, e então pensa algo que o faz abri-los. “Por que nenhum outro aluno gosta de mim?”

“Do que está falando?” Shay faz uma pausa. “Alguns gostam, sim.”

“Mal falo com eles.” Como isso nunca lhe ocorreu? Faz dois anos e meio que Edward mora na cidade, e sente tamanho alívio que a maioria dos alunos o deixa em paz que ele nunca se perguntou o motivo. Pensa no capitão do

time de futebol americano, nos amigos horríveis dele, em Margaret, nas meninas perto do armário dele, que passam protetor labial com cheirinho. E tem os alunos que nunca o olham — como que por princípio — e que se viram quando ele se aproxima.

“Ah...” Shay faz uma careta. “São completos idiotas, é melhor ignorar. Acham que você tem sorte. Alguns têm inveja.”

Edward pensa que deve ter ouvido errado. “Sorte?”

Shay o olha de lado enquanto entram na rua deles. “Tem três alunos da nossa turma com um parente preso. Alguns dependem do governo pra comprar comida, e todo mundo tem alguma história triste na família, você sabe. Mas você ficou muito famoso por causa da sua.”

Edward inspira o ar gelado.

“Além do mais”, ela diz, em tom de desculpas, “o que piora é o fato de te verem como um menino branco privilegiado que vai ficar podre de rico quando receber o dinheiro do seguro.”

Sorte. Edward testa a palavra dentro da cabeça, como se considerasse seu peso.

“Como eu disse, é melhor ignorar.”

Edward sente tudo ficar mais escuro dentro de si, como se uma lâmpada tivesse queimado. Nada do que ela disse está errado. *Talvez eu seja um babaca*, ele pensa. Nada disso tinha lhe ocorrido antes.

Aquela noite, quando encerra sua caminhada pela vizinhança, Edward dá uma volta em torno da casa em meio às sombras. Está pensando no desdém no rosto do capitão do time de futebol americano e na possibilidade de ele próprio ser um babaca, e esses pensamentos exigem movimentos. Ele pensa em outra coisa também, algo que o segue há semanas e que agora bate em seu ombro. Amanhã é seu aniversário de quinze anos. Amanhã, ele vai ter a

mesma idade que o irmão tinha quando morreu. Edward passa pelos quatro cantos da casa escura, de novo e de novo. Nota a garagem numa volta, e vai traçar aquele perímetro também.

O jardim dos fundos é comprido, e a garagem, separada da casa, fica afastada da calçada. Chega até a sebe, e além da sebe ficam as árvores. Edward nunca nem chegou perto da garagem — John e Lacey estacionam seus carros na entrada. Nunca pensou a respeito daquela construção. Nunca se perguntou para que a usavam, o que havia lá dentro. Edward se dá conta de que se confinou em certos ambientes desde que se mudou. A cozinha, a sala, o quarto de Shay, o parquinho, a escola.

Na escuridão, com a grama molhando seus tênis, ele sente certa satisfação em rumar para um novo lugar, mesmo que seja apenas a garagem. Circula o prédio, então para e olha pelas janelas. Só consegue ver seu próprio reflexo, fantasmagórico e sério. Edward se pergunta o que seus tios guardam lá dentro, já que não estacionam os carros ali.

Tem uma porta na lateral, e ele tenta abri-la, embora imagine que esteja trancada. Não está; quando gira a maçaneta, a porta abre para dentro. Conforme Edward entra, o cômodo escuro parece uma extensão do jardim dos fundos. Sebes grossas, no meio uma estrutura semelhante a uma casa, retângulos em diferentes tons de escuridão, emaranhados de grama escura não cortada. Edward fica próximo à porta. Sua visão melhora ligeiramente, e ele vê uma lanterna ligada à tomada ao lado dele. Isso é coisa do John — todos os cômodos na casa têm uma lanterna de emergência numa tomada. Edward a pega e acende.

No meio do cômodo há uma bancada de trabalho, com ferramentas penduradas em ganchos nas laterais. Tudo parece arrumado demais para ser usado com frequência, e Edward se pergunta o que o tio constrói ali. Ele tenta imaginar John lixando uma velha mesa, mas a imagem não faz sentido.

Aproximando-se, vê uma pilha de laptops, e sorri. É claro: a ideia não é fazer ou consertar móveis; a bancada é para montar e desmontar computadores. Edward nunca viu John perto da garagem, mas o tio acorda cedo, de modo que deve trabalhar ali quando o sobrinho e Lacey ainda estão dormindo.

No canto, há uma poltrona de um verde desbotado do tipo que pessoas idosas costumam ter em casa. Ao lado, há uma estante de livros. Edward aponta a lanterna para as prateleiras e vê que estão cheias com o que parecem ser as obras completas de apenas dois autores: Zane Grey e Louis L'Amour. Edward olha mais uma vez, para ver se há outros escritores representados ali, mas não. *John vem pra cá e fica lendo histórias de faroeste?* Por algum motivo, Edward tem certeza de que tudo ali pertence a John, e não à tia. A casa é de Lacey; Edward tem certeza disso. Deve ser ali que John deixa a bagunça que a esposa não permite dentro de casa.

Edward se senta na poltrona verde, para ver o mundo da posição do tio. Está feliz por ter entrado, feliz por ter encontrado alguma distração capaz de retardar seu retorno ao porão. Gostaria de adiar a ida para a cama esta noite, e assim adiar acordar com quinze anos. Há uma mesinha redonda ao lado da poltrona, com uma pilha de pastas de cores diferentes nela. A seus pés, há duas malas de lona grandes. Edward empurra uma com o pé, e ela se move com facilidade. O que quer que haja lá dentro, é leve. Baixa o foco da lanterna e vê que as duas malas estão fechadas com cadeado.

Edward apoia a pasta de cima sobre as pernas e a abre. Há uma folha repleta com a caligrafia certinha de John, que o menino associa com a lista de compras na bancada da cozinha: *maçã, peito de peru, leite de soja, amêndoas cobertas com chocolate*. Mas não se trata de uma lista de compras; é uma lista de nomes, e ao lado de cada um aparecem números e letras: 34B, 12A, 27C. Só cinco nomes não são acompanhados por números.

As pontas dos dedos de Edward suam na folha de papel.

Há cento e noventa e um nomes, ele sabe sem contar. É a lista de passageiros do voo. Os cinco nomes sem identificação de poltrona são dos dois pilotos e dos três comissários de bordo. Edward passa os olhos pela lista, procurando pelo próprio nome. Não está ali, mas os nomes do irmão, do pai e da mãe estão naquela lista com a caligrafia bonita de John. O número da fileira da mãe é diferente do número da fileira do restante da família Adler. *Você devia ter se sentado com a gente*, Edward pensa.

Tem outros documentos debaixo da lista de passageiros, e alguns papéis parecem diferentes, mais grossos. Edward não tira a primeira folha de cima, no entanto, e não olha mais. Ele se senta com a pasta aberta sobre as pernas e com a lanterna na mão. Lembra-se de estar sentado ao lado do tio no corredor do porão do NTSB. Então pensa: *Então você continua reunindo informações*.

Ele se vê devolvendo a pasta à mesa. Seu corpo, tanto quanto seu cérebro, sabe que não consegue fazer isso sozinho. Edward conecta a lanterna à tomada perto da porta e corre pelo jardim em direção à casa de Shay. Ele joga pedrinhas — as menores que consegue encontrar, com medo de acordar Besa ou de quebrar o vidro — contra a janela de Shay até que ela aparece, com o cabelo desgrenhando e já de óculos.

“O que é isso?”, ela pergunta, depois de abrir a janela. Sua voz é baixa o bastante para que apenas ele a escute. Shay também não quer acordar a mãe. “Você está bem?”

“Quero te mostrar um negócio”, ele responde, e sente uma onda de alívio quando o rosto dela se ilumina.

“Ei”, ela diz, “feliz aniversário.”

“Ah.” Ele ergue os olhos para o céu noturno cheio de estrelas, parecendo furos num cobertor preto. “Já passou da meia-noite?”

Ela assente, e ele percebe, ainda que não tenham falado a respeito, que Shay compreende que esse aniversário é diferente, e mais complicado. Dois

minutos depois, ela já está lá embaixo, de moletom, e Edward a leva até a garagem.

“O que você foi ver na garagem?”

“Por que está acordado a essa hora?”

“Se você ia dar uma volta, por que não me chamou? Eu teria vindo também...”

Dentro da garagem, ele aponta com a lanterna para a poltrona, então para a estante, então para a pilha de pastas, e para as malas fechadas com cadeado. Edward nota um pufe verde combinando enfiado embaixo da poltrona e o puxa para si, enquanto Shay fica com a poltrona.

Ele aponta para a pasta superior, e Shay a ajeita sobre as pernas. Olha para baixo e então volta a olhar para Edward.

“O que foi?”, ele pergunta. “Anda, pode abrir.”

“Não.” Ela diz isso devagar, como se fosse uma surpresa para si mesma.

“Não?”

“Não vou abrir a menos que você me prometa uma coisa.” Ela se ajeita no assento. “Você tem que jurar que vai parar de agir de forma esquisita. Vai voltar a agir normalmente comigo daqui em diante. Não pode ser todo frio e distante amanhã de manhã.” Ela faz uma pausa, então diz, mais baixo: “Não aguento mais”.

Edward olha em seus olhos, assustado. Ele percebe que lhe parecem desconhecidos, e que não a encara há um longo tempo. Tem olhado para o chão, para qualquer outro lugar, numa briga interna. Nesse momento, Edward compreende que a culpa é dele, e não dela. Quando Shay disse que estava tudo normal entre os dois, estava falando sério. Edward tinha se convencido de que havia algo que não podia ser remediado, quando na verdade o que tinha mudado era ele próprio. Suas bochechas ficam quentes. Sozinho, ele quase havia destruído a parte mais importante de sua vida.

“Desculpa”, Edward diz. “Eu prometo.”

“Ótimo.” Ela assente. “Senti sua falta, esquisitão.” Shay abre a pasta, e ele a observa passando os olhos pela lista de passageiros. “É o que eu acho que é?”

Ele leva as mãos às bochechas, que estão em brasa.

Ela sussurra: “Você não está aqui. Qual era o número da sua poltrona?”

“31A.”

Quando Shay acaba de ler, tira a folha de cima da frente e revela a foto de uma loira. A moça está inclinada ligeiramente para a frente, sorrindo para a câmera como se tentasse agradar quem quer que estivesse atrás dela. É uma foto diferente daquela que Edward viu no estacionamento da escola, mas ainda assim ele a reconhece. E diz: “Essa é a namorada do Gary”.

“Ah”, Shay murmura. “A pobre Linda.”

A próxima foto é de Benjamin Stillman, que está de uniforme e não sorri, mas Edward não diz nada. Nunca mencionou o soldado para Shay e não tem ideia de como explicar quem ele é. Como poderia dizer: *Só tive contato com esse cara por alguns minutos, mas penso nele pelo menos uma vez por dia e quero ficar forte por causa dele*, sem parecer idiota ou maluco?

As fotos seguintes são da família Adler. A mãe. O pai. Jordan com a mesma parca que Edward usa agora. Então vem a foto de uma mulher grandona, que usava uma saia com sinos na barra. Ela parece estar dançando, com os braços no ar. As fotos são tão próximas — principalmente as da família dele — que Edward sente um leve enjoo. É um alívio quando aparecem desconhecidos. Muitas pessoas parecem vagamente familiares, mas ele não consegue identificá-las. Talvez tenha passado por sua poltrona no avião. Talvez tenham ficado juntos na fila do banheiro. Seus olhos recaem sobre a foto do homem com cara de rico e cabelo bem arrumado, que Edward reconhece. Ele está com um sorriso enorme no rosto, mas parece com raiva, ou com um ar

malvado, como se estivesse prestes a dizer o que há de errado com quem o fotografou.

Shay vira a foto desse cara, e então eles descobrem que há anotações atrás de cada uma. O nome dele: Mark Lassio. Sua idade, na época em que o avião caiu, provavelmente. Uma lista de parentes vivos, ou um só, no caso: um irmão chamado Jax Lassio, com endereço na Flórida.

Há mais de cem fotos na pasta, incluindo duas dos pilotos, de aparência oficial: um sorrindo, com bigode grisalho, e outro mais jovem e melancólico, mas bonito. Edward sente que o rosto deles ocupa um espaço dentro de si, como se o avião fosse repovoado debaixo de sua pele. Seus braços são as asas. Seu tronco, o corpo da aeronave. Os homens e mulheres entram, um a um.

Quando já viram todas as fotos, Shay fecha a pasta. Os dois ficam sentados no escuro sem conversar, então ela diz: “Aposto que John começou a montar essa pasta depois que você voltou de Washington”.

“Como assim?” A mão de Edward descansa sobre a pasta. Há tanto ali dentro, e no momento inclusive ele está ali dentro, de modo que o que Shay diz não faz sentido.

“Foi quando ele e Lacey pararam de dormir juntos, então acho que faz sentido.”

Edward olha para ela. “Do que está falando?”

“Nunca reparou que John está dormindo na cama do quarto que eles tinham arrumado pra você?”

Edward visualiza o cômodo, com suas caixas empilhadas e sua cama de solteiro. “Eu não... nunca vou pro andar de cima. Como você sabe onde ele dorme?”

Shay levanta o cabelo e o prende em um coque com velocidade e precisão impressionantes. Edward nota, não pela primeira vez, que ela tem seios agora,

e que a forma deles pode ser vista através da blusa. Ele fica vermelho e olha para baixo.

“Lacey contou pra minha mãe. Primeiro ela disse que foi por causa de uma briga, depois que foi porque John ronca. Mas não pode ser isso, porque minha mãe diz que, com o remédio pra dormir que Lacey toma, ela não ouviria John de jeito nenhum.”

Edward dá uma olhada no cômodo escuro. Tinha pensado que era ali que seu tio lia romances e verificava placas de circuito, mas há uma exploração mais sinistra acontecendo. As sombras se estendem na direção dele, cheias de segredos em potencial. “Lacey toma remédio pra dormir?”

“O médico receitou pra ela, depois da queda. É bem forte. Minha mãe fica até preocupada se não é forte demais.” Shay nota a expressão no rosto dele e oferece um sorriso reconfortante. “Não se preocupa. Sei que você não presta atenção nessas coisas. Vou ser melhor em te apontar o que acontece daqui em diante.”

Uma semana antes, um aluno levou cupcakes para a aula de francês, porque a professora estava prestes a tirar licença para ter o bebê. Edward ficou confuso, porque de alguma forma não notara a barriga gigante da mulher nem registrara qualquer conversa sobre sua licença iminente. Com um cupcake na mão, tentando absorver a notícia, ele se perguntou como tinha sido capaz de deixar passar algo tão óbvio.

“Lacey sempre vai pra cama cedo mesmo”, Edward diz, tentando acompanhar.

Shay assente. “Ela toma o remédio logo depois do jantar.”

Ele pressiona a palma da mão contra a pasta que contém os nomes, os rostos e os números que seu tio reuniu. Edward pensa em todos os rostos na escola que não gostam dele. Imagina quanto mais está perdendo e entende o instinto do tio de pesquisar e tomar notas.

“Se fizer você se sentir melhor”, Shay diz, “você nota coisas que eu não noto. O que acha que te trouxe aqui hoje à noite? Acho que foi atraído pra cá de alguma forma. Sentiu que tem alguma coisa importante rolando.”

Edward balança a cabeça, refutando aquela ideia, apesar de ficar feliz ao perceber que ela ainda acha que há algo de especial nele.

“Lacey deve estar chateada porque John faz isso.” Shay cutuca a mala mais próxima dela. “O que acha que tem aqui? Deve estar relacionado ao voo.”

Isso não tinha ocorrido a Edward. Ele olha com suspeita para as malas enormes.

“A gente deveria abrir. E tem mais pastas também. Mas vamos esperar até amanhã, você parece cansado. Não temos pressa.”

Edward tenta aparecer animado na noite seguinte, quando descobre que Lacey amarrou uma bexiga no encosto de sua cadeira, na mesa da cozinha. “Ei, mocinho”, John diz. “Quinze anos, hein? Vocês crescem rápido mesmo”.

Edward se força a sorrir. Ele se pergunta se um dos tios vai mencionar que era a idade que Jordan tinha. Provavelmente não, e Edward vai ficar se perguntando se esqueceram ou se apenas não sabem o que dizer a respeito.

Mais cedo, Shay o tinha preparado para o jantar. “Sei que você odeia aniversários, mas tenta aguentar, pelos seus tios.”

Edward tinha assentido. Apesar do desconforto despertado por aquele aniversário em particular, sente uma onda de gratidão, porque o que havia entre Shay e ele foi retomado. Edward é grato porque a pasta na garagem o levou até Shay, e assim o impediu de estragar a própria vida. Mais cedo, ela olhou para ele e disse, com alívio: “Você voltou ao normal”.

Edward enrola o espaguete no garfo e tenta observar os tios como quem não quer nada. Ao seu lado, Shay parece fazer o mesmo. De manhã, o menino conferiu a cama de solteiro no quarto, e dava para ver que John havia dormido

ali. Seu pijama estava dobrado sobre uma cadeira, e os lençóis estavam bagunçados. No entanto, não parece que Lacey está com problemas com o marido. Ela lhe passa o macarrão e sorri quando ele faz uma piada boba sobre quinze ser a velocidade de processamento de seu primeiro computador.

Edward então se dá conta de que há um bom tempo não vê mais a tia fulminar o marido, nem ficar em cima de John como se ele fosse uma criança carente. Ela está mais firme, e mais distante também. A teoria de Shay sobre a perturbação conjugal culpa o hobby esquisito de John — reunir informações sobre a queda —, mas Edward se pergunta se não foi Lacey quem mudou e, portanto, desequilibrou a relação deles.

“Como vocês se conheceram?”, Shay pergunta.

“Nós?” Lacey parece surpresa. “Ah, nossa. Nos conhecemos num restaurante italiano no Upper East Side. Um amigo em comum nos apresentou. Era um jantar com um monte de gente, e nos sentamos um ao lado do outro.”

“Estava nevando”, John completa.

“Estava mesmo. Nos casamos tão rápido depois disso.” Lacey sorri. “Sua mãe achou que eu estava louca, mas estávamos os dois prontos para nos casar.”

Shay lança um olhar pensativo para Edward, e ele ouve seus pensamentos: *Estava nevando. Lacey está sorrindo. Acho que eles ainda se gostam.* Mas isso não é convincente o bastante para ele. Edward se lembra de como os pais às vezes começavam a brigar no meio do que parecia uma conversa normal. A veia do lado da testa do pai saltava, e a voz da mãe subia algumas oitavas. Edward e o irmão olhavam um para o outro, surpresos, como se perguntassem: *Você esperava que isso acontecesse?* Se ele não conseguia compreender os padrões do casamento dos próprios pais, que esperança tinha de entender o casamento dos tios? Mas tinha a idade de Jordan agora, e o irmão não ficaria quieto.

Então ele pergunta para John: “Por que você está dormindo no outro quarto?”.

Isso faz todo mundo congelar. Lacey está com o guardanapo pressionado contra a boca; Shay e John param no meio de uma garfada. Edward nota a pausa com certa satisfação.

As bochechas de John ficam vermelhas. “Vou pra lá quando meus roncos incomodam sua tia.”

Lacey continua segurando firme o guardanapo. “Por que essa pergunta?” Sua entonação fica mais alta no fim da frase, como se tentasse deixar tudo mais leve.

Edward diz: “Só estava pensando se está tudo bem”.

O comentário suga todo o ar em volta, e Edward sabe, no silêncio, que não está tudo bem. Lacey e John trocam um olhar.

Shay pigarreia e comenta: “Ouvi falar de uns adesivos de nariz que aparentemente fazem a pessoa parar de roncar. Acho que dá pra comprar na farmácia”.

John diz: “Obrigado, Shay. Vou dar uma olhada”.

“Não importa onde as pessoas dormem”, Lacey aponta para Edward, o que o lembra um pouco de algo que ela lhe disse nos primeiros meses dele ali, quando estava chateada com o fato de o sobrinho dormir na casa de Shay.

“Agora o bolo”, John diz, como se fosse uma ordem.

Eles cantam “parabéns pra você” enquanto o tio pega o bolo em camadas e o coloca à frente de Edward na mesa.

“Faça um pedido”, John diz.

Pedidos são perigosos e sem sentido, e parte de Edward odeia esse aniversário. Queria poder perguntar ao tio se o que está reunindo na garagem o ajuda, mas sente necessidade de encontrar sozinho a resposta. Pensa: *Está fazendo isso para me proteger? Está funcionando?*

Quando Shay elogia o bolo, Lacey explica: “A receita era da minha mãe. Edward sempre adorou, desde pequeno”.

“É”, ele concorda, mas a verdade é que ela o confundiu com Jordan. Esse era o bolo preferido do irmão, e era nos aniversários de Jordan que a mãe fazia essa receita. A sobremesa preferida de Edward — que ele sempre comia em seu aniversário quando seus pais estavam vivos — era *sundae*. Mas Lacey parecera tão feliz por ter se lembrado daquela sobremesa especial que Edward nunca lhe disse a verdade. Ele leva uma garfada do bolo preferido do irmão à boca. É o mesmo que comeu em seu aniversário de treze e catorze anos. Imagina que é o mesmo que vai comer no de dezesseis.

John boceja e se levanta.

“O que está fazendo?”, Lacey pergunta, com um tom reprovador.

John olha em volta, surpreso. “Desculpa”, ele diz, e volta a se sentar. “Foi falta de educação minha. Não quis apressar vocês.”

“Você está cansado”, Edward comenta.

O tio franze a testa, e algo em sua expressão faz Edward compreender que não é só ele que tem insônia e distúrbio do ciclo circadiano. No escuro, no meio da noite, Edward sempre supunha que fosse o único acordado, o único que não conseguia descansar. Mas agora adolescentes cruzam o gramado, John tem duas camas e Edward está um ano mais velho, um ano mais distante de sua família.

Edward e Shay voltam à garagem à meia-noite, quando já faz mais de uma hora que todos os adultos foram para a cama, e por isso se sentem seguros.

Shay cutuca uma das malas com a ponta do tênis. “Cada uma deve ter uns cinco quilos. Talvez sete. Não são tão pesadas quanto parecem. E o que quer que tenha aí está embrulhado em papel. Pelo barulho.”

“Talvez só sejam as roupas de verão dele ou coisas para doar.”

“Nesse caso ele não ia fechar as malas com cadeado. Ninguém faz isso. Deve ter algo importante aí dentro.”

Os dois assumem seus assentos: Edward no pufe, Shay na poltrona. O plano é terminar de verificar as pastas nessa noite — Shay quer tomar notas do conteúdo — e voltar a atenção para as malas no dia seguinte. Uma pasta contém informações sobre o avião, um Airbus A321. Há diagramas, medidas da envergadura, das turbinas, do tanque. A história daquele tipo de aeronave e a frequência com que é usada por diferentes companhias aéreas. Há fotos do Airbus A321 tiradas de baixo, de cima, e uma dele no ar. No fim da pasta há fotos do avião caído. Edward não consegue focar a visão nelas. Passa todas para Shay, que as devolve para a pasta.

A outra pasta contém cópias impressas de menções a Edward ou ao voo nas redes sociais. A parte superior vem da conta de Facebook do Menino Milagroso. A foto é a única que tiraram de Edward no hospital. Ele tem um curativo na cabeça e olha de lado. O menino mal se reconhece na imagem. A maior parte dos posts são links de notícias sobre o voo, mas há alguns posts com texto, também publicados numa conta no Twitter com o mesmo nome. *Estou com medo. Me sinto sozinho. Sinto falta da minha mãe. Não sei por que estou aqui. Talvez Deus tenha me salvado, mas sou só um menino.*

“Quem escreveria isso?”, Edward sussurra. “Por que alguém pensaria que não tinha problema?”

“Eu vi isso no começo”, Shay diz. “Na internet. Antes de te conhecer, claro. Achei que você podia estar escrevendo do hospital.”

“Eu mal conseguia engolir”, Edward diz, “quanto mais abrir uma conta no Twitter.” Mas parte dele pensa: *Ou será que eu abri?* Seu cérebro não é confiável, e nenhum fato é sólido o bastante para se sustentar. Ele se imagina deitado na cama do hospital, com a perna engessada, escrevendo seus sentimentos num iPad.

Shay segura a lanterna com as mãos em concha, como se estivesse rezando. Ela balança a cabeça e sussurra: “Já vimos tudo. É melhor ir embora”.

Antes de deixar a garagem, releem a lista de passageiros — estão tentando decorar os nomes — e procuram por novas fotos na primeira pasta. John tinha acrescentado uma desde o dia anterior. É a foto de uma ruiva de jaleco branco, com um estetoscópio no pescoço. Ela olha para a câmera com uma expressão que sugere ser inconveniente parar para tirar uma foto naquele momento. Seu nome está escrito atrás: *Dra. Nancy Louis*. Seus pais ainda estão vivos, e moram em Connecticut.

Edward a reconhece. Com a lembrança, ligada a muito mais coisas, sente um nó na garganta.

“Você se lembra dela?”, Shay pergunta.

“Não”, ele diz, mas esse não machuca, assim como seu último olhar para a médica antes de guardar a foto na pasta, ir para a porta e atravessar o gramado congelado.

Na manhã seguinte, depois da aula de matemática, Margaret aparece ao lado de Edward e diz: “Isso está me incomodando, então achei que devia perguntar. Não aconteceu *nada* com você depois de ter me empurrado, né?”.

Edward olha para ela. Ele cresceu mais de sete centímetros nos últimos seis meses, e fica sempre surpreso em ver o topo da cabeça de seus amigos quando atravessa os corredores. “Não”, ele diz. “Desculpa. Foi um erro. Meio que surtei. Por isso não estou mais na turma de educação física.”

Então suspira, porque o capitão do time de futebol se aproxima. Ele reconhece Edward e lhe mostra todos os dentes no que o menino imagina ser um sorriso, então ergue a mão para um “toca aí”. Edward levanta a mão e toca ali. Quando volta a virar para Margaret, ela está olhando para ele com desgosto. “Ele não é meu amigo”, Edward diz.

“Quantas aulas você vai fazer em turmas avançadas quando estivermos no segundo e no terceiro ano?”

“Não sei.” Ele olha para Margaret, surpreso. “Você já sabe?”

“Sete.”

“Nossa.” Edward não sabe o que mais dizer. Nem sabia que havia turmas avançadas em tantas matérias. Queria não ter empurrado Margaret na educação física, e queria não estar tendo essa conversa estranha agora. Sente o suor se acumulando na nuca.

“Tinha onze asiáticos no seu voo”, Margaret diz, com a voz baixa. “Um deles morava na mesma cidade que uma tia minha.”

As palavras voam direto para dentro de Edward, até o ponto onde a lista de passageiros agora está impressa, a qual supunha que continha onze asiáticos, a julgar pela grafia dos nomes. A confirmação que Margaret acabou de lhe oferecer parece uma peça de quebra-cabeça se encaixando, e ele é grato por isso. Entende agora que é por isso que ela se aproximou dele. É com isso que se importa.

“Sei o nome deles”, Edward diz, no mesmo tom baixo que ela usou.

O menino pensa por um segundo que Margaret vai pedir que os recite, mas ela só assente, aparentemente satisfeita, e vai embora.

12h44

O voo 2977 segue o rastro de todas as aeronaves que vieram antes dele. Dos ornitópteros, asas de metal que homens amarravam a seus braços, dos planadores, dos balões de ar quente, da carruagem aérea a vapor, dos aviões de Burrell Cannon, e muito mais. Todas as pessoas no voo nasceram na época da aviação comercial, e todas elas, até certo grau, veem como algo normal a possibilidade de atravessar o céu sentadas.

Benjamin reluta em se sentar ao voltar do banheiro. Não vai tolerar as horas encolhido num assento apertado. Vai para o fundo do avião, para ficar fora do caminho. Olha pela janelinha à sua direita, para os veios de água gravados no vidro. Eles se desfazem enquanto Benjamin observa — sob seu olhar, a chuva para. O céu se ilumina, como se fizesse um intervalo.

Benjamin sente algo se alterando dentro dele em resposta à mudança no tempo, e pensa, pela primeira vez, na sua vida depois daquela viagem. Lolly vai encontrá-lo no aeroporto. Ele para ali e pensa: *Talvez isso seja o bastante.*

Não mora com a avó, ou perto dela, desde que tinha doze anos. Talvez o novo foco de sua vida possa ser agradecer-lhe. Ainda que Benjamin não merecesse ser salvo — no corredor do prédio residencial que seus pais tinham ocupado ou na terra seca do campo afegão, com sangue jorrando da lateral do corpo —, Lolly o salvou quando ele tinha quatro anos. Ela o alimentou, vestiu e banhou. Leu para ele. Gritou com ele, quando retrucava ou parava de falar.

Benjamin tinha onze anos quando descobriu que ela havia conseguido uma bolsa integral para ele no colégio militar. Ficou mudo, para punir Lolly e

segurar o choro. Ela pareceu mais ofendida pelo silêncio do que por qualquer outra coisa que ele já tivesse feito até então. Gritava com ele de manhã, à tarde e à noite. *Abre a boca, menino! Parece até um fantasma! Os vivos devem falar! Estou te fazendo um favor! Estou te tirando deste lugar!*

Ele manteve a boca fechada, mas pensava: *Amo este lugar. Este lugar é o meu lar.*

Talvez ele possa se dedicar a servi-la. Cumprir o horário do trabalho administrativo recrutando pessoas e preenchendo a papelada, e depois gastar seu dinheiro e seu tempo livre com Lolly. Eles podem ir ao cinema. Ela gosta de quebra-cabeça — sempre tinha um espalhado pela mesa da cozinha. Benjamin poderia comprar um novo toda semana, para que ela não precisasse ficar remontando os quebra-cabeças incompletos e desgastados que pagava baratinho. Os dois podem ir até a praia, que fica a poucos quilômetros de onde ela mora, mas que ninguém na vizinhança nunca visita, como se o grande mar azul não fosse para eles.

Um dos meninos do outro lado do corredor — o irmão mais novo — anda na direção dele, então para.

“Está na fila do banheiro?”, o menino pergunta.

Benjamin nega com a cabeça.

“Ah”, o menino diz, e enfia as mãos no bolso do jeans. “Eu estava pensando... você é do Exército?”

O menino é magro, tem uma expressão preocupada e cabelos pretos bagunçados. Deve ter a idade que Benjamin tinha quando foi mandado para o colégio interno. Ele não sabia merda nenhuma naquela época. Os meninos mais velhos pegaram no pé dele no primeiro semestre, e, embora pudesse identificar que estavam sendo maldosos, Benjamin não entendia os insultos. Estavam tirando sarro dele, mas como? Por sorte, ele teve um surto de

crescimento durante as férias de Natal e voltou quinze quilos mais pesado que qualquer menino da sua idade, então o deixaram em paz.

Mas Benjamin nunca entendeu direito a comunicação interpessoal. Saía-se bem nas provas acadêmicas, mas continuava ignorante em termos sociais. Se fosse mais sábio, teria seguido o caminho do comando e ido para a academia militar de West Point. A maioria dos que iam para lá era branca, mas, para cumprir a cota, o Exército estava sempre atrás de jovens ambiciosos de outras origens. Porém Benjamin nunca tinha apertado as mãos certas, nem sabia quais eram as certas. Ele manteve a boca fechada durante todo o ensino médio e foi enviado diretamente para o treinamento básico em seguida. Não era surpreendente que houvesse uma confusão tão grande de pensamentos em sua cabeça que ele não tivesse mais ideia de quem era ou do que queria. Agora, Benjamin pensa em Gavin e sente uma pontada profunda.

“Estou saindo do Exército”, responde, a tristeza dentro de si se transforma em incredulidade. Benjamin repete a afirmação, mais alto. Quer ouvir como as palavras soam. “Estou saindo do Exército. Estou indo para casa.”

O menino assente, como se aquilo fizesse sentido. Faz sentido? Como pode fazer sentido? Ele não tem nenhuma especialidade, nenhuma experiência fora da área militar. Sabe lidar com um rifle melhor do que a maioria das pessoas, marchar em formação impecável e atravessar uma floresta carregando uma mochila de trinta e cinco quilos sem fazer barulho. Mas essas habilidades são úteis na vida civil?

O menino diz: “Deve ser muito estressante saber que se pode morrer a qualquer momento”.

E é, Benjamin pensa, como se tivesse acabado de perceber isso.

Avalia o menino. Parece que faz tanto tempo que era assim jovem. “Você está na escola?”

“Mais ou menos. Eu e meu irmão estudamos em casa, com meu pai.”

Benjamin abre um sorriso tão discreto que ninguém mais o identificaria como um sorriso. “Como você se chama?”

“Eddie.”

“Sou o Benjamin.”

“É melhor eu...” O menino aponta para a porta do banheiro. “Foi bom conhecer você. O senhor.” Ele acrescenta a última frase depois.

“Você também, Eddie.” Benjamin observa o menino entrar no banheiro e trancar a porta.

Linda localiza a comissária de bordo mais tímida avançando pelo corredor com um saco de lixo. *Anda*, ela pensa. *Por favor, anda logo*. A comida intocada em sua bandeja a oprime, com seu cheiro desagradável. Ela quer que a tirem. Quer que o céu cinzento dê lugar ao azul. Quer que Flórida e seu corpo espaçoso desapareçam. Quer sair do avião. Imagina esse momento: Gary esperando com um buquê de flores no meio de uma multidão de desconhecidos. É uma cena que aparece em quase todos os filmes românticos. A garota sai do avião com o batom retocado, cheia de frescor, descansada. Os olhos do rapaz se iluminam ao vê-la.

Linda olha para si mesma. Suas roupas, tão impecáveis quando as vestiu, agora parecem sujas e levemente cinza. Suas mãos estão ressecadas por causa do ar-condicionado. Seu cabelo — ela levanta a mão para tocá-lo e fica imediatamente vermelha ao sentir um emaranhado — sem dúvida não está no seu melhor. Linda imagina os olhos de Gary se arregalando em assombro. As flores murchando.

“O que acha que ela faz da vida?”, Flórida pergunta.

“Quem?”

Flórida aponta para a mulher dormindo ao lado de Linda, ainda com o lenço azul na cabeça.

“Invejo quem consegue dormir assim”, Flórida comenta. “Tenho insônia desde minhas lembranças mais remotas.”

“Ela devia estar bem cansada”, Linda diz. “Talvez tenha dois empregos e nunca consiga dormir o bastante.”

Flórida franze as sobrancelhas, como se fizesse um cálculo matemático. “Não. Os sapatos dela são caros. Acho que ela está cansada de tentar satisfazer os namorados. É exaustivo ter uma vida dupla, sem mencionar todo o sexo.”

Linda solta uma risada, como um soluço de boca aberta.

“Meu bem”, Flórida diz.

“O que foi?”

“Você deveria rir mais. Que som maravilhoso.”

“Shhh”, Linda faz. “Vai acordar a mulher.”

As duas sorriem para a comissária de bordo, que está ao lado da fileira delas, com o saco de lixo. Linda ergue a bandeja na direção dela, aliviada.

Mark odeia a sensação de quando o barato está passando, seja das drogas, de uma maratona, de dezesseis horas procurando padrões no mercado. Foi isso que finalmente o fez desistir da cocaína no ano passado. A dor de cabeça, a sensação de coceira por baixo da pele, os olhos secos, o cérebro lento — tornou-se intolerável o fato de que esses sintomas eram a consequência inevitável de um barato delicioso. Ele adorava ficar chapado, não tinha nenhuma dificuldade em obter o que fosse — comprava de um dos assistentes da empresa, um garoto popular com um futuro brilhante — e funcionava maravilhosamente bem nessas condições, modéstia à parte. Tinha visto usuários descuidados — na verdade, via todos os dias no trabalho. Caras esfregando o nariz, com pupilas claramente dilatadas, falando tão rápido que tinham que repetir três vezes o que falavam, para ser compreendidos. Ninguém nem notava quando Mark cheirava, e ele se orgulhava disso. Bem, o

irmão notava, mas Jax era exceção, e os dois quase nunca se viam. Mark se esforçava para não pensar nele. Pensar no irmão é como sair do barato, e Mark havia construído sua vida pós-cocaína em torno da ideia de evitar essa sensação a qualquer custo.

Preso pelo cinto à poltrona, Mark se sente à beira dessa sensação agora. Está no topo da montanha, ainda movido a sexo, adrenalina e uma sensação de “puta merda, isso aconteceu mesmo?”. Precisa manter o motor acelerado ou apagar, para estar inconsciente durante o declínio. Não tem na mala de mão os narcóticos necessários para apagar, então a única alternativa é não deixar o ritmo cair.

Olha em volta.

“Você está bem?” A mulher ao seu lado o olha com uma preocupação maternal.

Ah, não, ele pensa. De jeito nenhum. Para com isso. Não vem com essa merda pra cima de mim.

Ele se levanta. Quer trocar alfinetadas com Crispin de novo, mas o velho está de olhos fechados. Sua pele parece translúcida e fina como papel, deixando suas veias visíveis. Mark dá de ombros. *Doença, idade, declínio: inaceitáveis.*

Ele encontra Verônica na cozinha, perto da porta da cabine. Na verdade, ele nota — seus sentidos estão tão afiados que ele não deixa de processar tudo — que está cercado por portas. A entrada enorme do avião está a seis passos atrás dele, a porta da cabine está à esquerda e o banheiro da primeira classe está às suas costas.

“Oi”, ele diz, com o que espera ser charme na voz. Mark arrisca um sorriso igualmente charmoso, mas parece estar jogando dardos em seus esforços: é difícil acertar bem no alvo. Estima que tenha oitenta por cento de chance de ter errado em suas duas tentativas.

Verônica está agachada no canto, dobrando o que parecem ser quadradinhos de celofane e colocando-os num pote. Quando ouve a voz, se levanta e vira para Mark num único movimento. Sua graça tira o ar dele.

A mãe de Mark costumava arrastar os dois filhos para o balé quando eram pequenos. Embora reclamasse, Mark na verdade adorava ver os movimentos de beleza singular. Uma bailarina girando. Um salto que terminava nos braços de outro dançarino. Era esse encanto — essa magia — que Verônica trazia para a cozinha pequena de um avião a nove mil metros de altura.

“Obrigado”, ele diz, então pensa, horrorizado: *Obrigado? Caralho, que idiota!*

“O que você disse?” Ela parece confusa de verdade.

Com sua visão em câmera lenta e superdetalhada, Mark vê a tranquilidade que havia no rosto dela ao se virar, a certeza de que ia interrompê-lo e mandá-lo embora serem substituídas por essa confusão, essa vulnerabilidade.

Ele vê outra porta. Agora elas se apresentam de todos os lados. Ele só precisa abrir essa, e com certeza sabe como.

“Você está trabalhando”, ele diz. “E entendo isso. Prometo que não vou incomodar de novo. Só queria te levar pra jantar amanhã à noite. Em Los Angeles.”

Ela olha para ele, o batom vermelho perfeito, os olhos divinos.

“Por favor, diz que sim”, ele diz. “É só um jantar.”

Ela não responde de imediato. Dá para ver que domina a arte da pausa. Mark espera, com uma paciência que não lhe é familiar.

“Tá”, Verônica finalmente responde. “Só um jantar.”

“Só um jantar”, ele repete, e o motor em seu peito ronca. Mark fica surpreso ao perceber que é mesmo grato a essa mulher. O declínio foi postergado. Essa vitória vai sustentá-lo até estar sentado à mesa amanhã à noite, com ela à sua frente.

Jordan olha para o livro aberto, tentando se concentrar. O irmão e o pai estão fazendo sudoku, e ficam se esticando na frente dele o tempo todo. Jordan não quer participar daquela nerdice, e sabe que o pai não vai interrompê-lo enquanto estiver lendo. Isso o mantém em segurança, e o livro é bom — *A Prayer for Owen Meany* —, mas Jordan não consegue se concentrar. Seu cérebro fica espreitando, pensando em Los Angeles.

Ele não foi contra a ideia de mudar, como Eddie. O irmão tinha chorado e implorado para ficar em Nova York. “Nossa casa é aqui”, ele havia dito. “Não podemos morar lá. Los Angeles tem terremotos. Todo mundo só anda de carro. Vamos ter que passar protetor solar.” Os pais tinham prometido a Eddie que teriam um piano em casa, e muitos livros, mas ele só parou de insistir quando a maioria de seus pertences já tinha sido encaixotada.

A ideia de sol, praia e meninas de biquíni parecia boa a Jordan, embora fosse difícil compreender a logística. Garotos da idade dele realmente vão para a praia nos fins de semana com toalhas e algo para comer? Todo mundo morava em casas com jardim. Não haveria mais mercadinho na esquina. Não haveria mais Mahira. Jordan se dá conta de que tinha imaginado, quando a beijara pela última vez, que uma nova Mahira apareceria magicamente em Los Angeles e em todos os lugares em seu futuro.

Ele relê uma frase pela quarta vez e pensa: *Mas não vão ser os lábios dela*. Como isso não lhe ocorreu antes? Jordan não quer beijar qualquer garota. Tem que ser a certa — ou pelo menos é o que ele imagina. Afinal, nunca beijou nenhuma outra. Jordan se ajeita na poltrona, para ficar mais alto que o irmão e o pai. De repente o sol de Los Angeles parece descorado e sem graça. As meninas de biquíni também. Mahira o escolheu, ele teve sorte. E se sua sorte tiver acabado ou for ligada a Nova York e a ela?

“Pai”, Eddie diz, “lembra que você disse que todo número natural pode ser escrito como um produto de números primos?”

Bruce assente.

“Por que isso? Quer dizer, é muito esquisito. Que funcione para todos os números.”

O pai olha para Eddie. “Está me perguntando por que isso é verdade?”

Quero que esse avião dê meia-volta, Jordan pensa. Ele se sente infeliz, tolo, jovem. Sente a falsidade em suas ações. Chamou a atenção ao não aceitar passar pelo escâner corporal. Chamou a atenção pedindo comida vegana no avião. Chamou a atenção todas as vezes que infringiu as regras do pai, incluindo a hora de voltar para casa. Ele não beijou Mahira, foi ela que o tinha beijado. Tinha sido ideia dela, não dele, e aquela era a única parte secreta e genuína de sua vida. Fora isso, Jordan é um fanfarrão, um showman, atuando na vida real. Sente saudade de um jeito novo, mais agudo. A sensação se retorce como metal quente em seu peito. Mahira estava em sua essência — talvez fosse sua essência —, e Jordan não tinha valorizado isso até agora.

“É uma ótima pergunta”, Bruce diz. “Mas não sei a resposta. Quer dizer, por que qualquer coisa é verdade?”

Jordan fecha o livro.

“Está cansado, filho?”, Bruce pergunta.

Jordan pensa: *Vou mandar uma mensagem para Mahira quando aterrissarmos. Vou contar como me sinto.*

“Olha”, Eddie comenta, animado, “a chuva parou.”

Janeiro de 2016

Edward e Shay acabam tendo que esperar até depois das festas para abrir as malas, porque Besa — segundo Shay — é a louca do Natal e do Ano-Novo, o que significa que meio que não dorme durante esse período, de modo que eles não podem ir em segurança para a garagem. Era comum que Besa estivesse na cozinha às duas da manhã, fazendo *polvorones de canela* ou vinho quente. Em algum momento, ela ia para a sala, para tirar uma soneca no sofá, então começava a embrulhar presentes ou a decorar a árvore de Natal. Antes que seus primos chegassem para o Ano-Novo, ela encheu as paredes da sala de jantar com serpentina vermelha, amarela, verde e branca — cada cor representando um tipo de sorte diferente — e fez *pan dulce*. Na virada do ano, abriu a porta da frente e varreu para fora de casa a má sorte do ano anterior.

“Ela fica assim todo ano?”, Edward perguntou, porque não tinha nenhuma lembrança de Besa encarando as festas daquela maneira. Shay assentiu, cansada, enquanto montava uma pilha alta de biscoitos para levar para o quarto, onde se escondia pela maior parte possível do dia.

Edward teve mais dificuldade para dormir durante as festas, o que atribuiu à alimentação à base de açúcar e à frustração por não poder ir à garagem. Olheiras escuras surgiram em seu rosto, e a tia disse que, se ele não parecesse menos terrível logo, ia levá-lo ao médico. Num esforço para vencer o corpo, Edward comeu couve, tomou chá antes de dormir e fez um pouco de exercício com os pesos que tinha no porão. Todos os dias, ele considerava a possibilidade de roubar um dos comprimidos para dormir de Lacey, pensando

que resolveria o problema, mas a suposta potência do medicamento o assustava. Tinha medo de tomar um e nunca mais acordar.

Na segunda-feira da volta às aulas — ainda que esteja aliviado que a vida tenha voltado ao normal e que ele e Shay possam ir para a garagem à noite —, Edward fica meio sonolento durante todas as aulas. Vai para a sala do diretor Arundhi quando o sinal toca, para ver como as samambaias se saíram nas férias. Edward pega o regador no lugar de sempre, dentro do armário.

“Feliz Ano-Novo, Edward”, o diretor diz.

“Feliz Ano-Novo.” Ele tem dificuldade de colocar as palavras para fora. Por um momento, elas se agitam como se fossem bolinhas de gude em sua garganta. Edward se dá conta de como falou pouco naquele dia.

Enquanto avalia as hastes de um clorofito, o diretor diz: “Faz tempo que quero te perguntar: o que acha de entrar para o clube de matemática?”

Edward demonstra surpresa. “Eu? Hum, acho que nunca pensei a respeito.”

“Você leva jeito pra matemática. Talvez devesse pensar.”

“Acho que não, obrigado.”

“E quanto ao clube de debate? Você não gosta de nenhum esporte? Eu gostava de esgrima quando era novo, mas nunca consegui reunir um número suficiente de interessados para montar uma equipe aqui.” O bigode do diretor cai por um momento, como se em respeito àquele fracasso.

Edward se concentra em traçar um círculo lento e firme com o regador em torno da samambaia, então um círculo menor na base da planta.

“Só acho que uma atividade coletiva faria bem a você. Ampliaria seu círculo de amizades. Vivemos em comunidade para nossa própria saúde emocional. Precisamos estabelecer relações para ter uma sensação de pertencimento. Não fomos feitos para viver isolados.”

“Não vivo isolado”, Edward diz. “Tenho meus tios. E Shay.”

“Faço parte de um clube botânico que se reúne duas vezes ao mês. Ajudamos uns aos outros em nossa pesquisa, compartilhamos informações e comemos uns biscoitinhos ótimos.”

Edward diz: “Shay acha que posso entrar na faculdade que quiser se escrever sobre o acidente na redação. Acha que é verdade?”

O diretor se vira para encará-lo. “Ela disse isso?”

O menino assente.

O diretor Arundhi alisa o bigode. “E isso te incomodaria?”

“É claro. Não é justo. Não posso ser aceito na faculdade independente das minhas notas ou do quanto me esforcei, só porque uma coisa horrível aconteceu comigo.”

“Alguns chamariam isso de ação afirmativa.” O diretor sorri. “Mas, se isso te ofende, sugiro que estude mais e melhore suas notas. Fui informado da natureza errática da sua lição de casa.”

“Não quero entrar pra nenhum clube.”

O diretor olha para ele. “Então não entre. Por favor, não pense que estou me preocupando com seu currículo, ou com suas inscrições para a faculdade, quando falo esse tipo de coisa. Estou pensando nas minhas samambaias.”

Edward se pergunta se a falta de sono o reduziu a um estado em que o impede de processar as informações corretamente. “Suas samambaias?”

“Bom, qualquer criatura viva. Ou uma samambaia cresce ou morre. Quero...” Ele para por um momento, pensativo. “Quero fazer tudo o que posso para garantir que você continue crescendo.”

A bondade do homem do outro lado da sala é palpável. Ao mesmo tempo, Edward sente que seu time, sua comunidade, está na pasta na garagem. São as cento e noventa e uma pessoas que morreram na queda. São os homens e mulheres que o encaram das fotografias, que perguntam coisas que ele não pode responder. *Por que você sobreviveu, e não eu?*

“Será que já posso ir?”

O diretor continua a avaliá-lo, com o rosto triste. É um tipo de tristeza profunda que Edward reconhece, o que o faz sentir um pouco da própria tristeza vindo à tona.

“Na dúvida, leia um livro”, o diretor Arundhi fala rápido, como se estivesse preocupado que pudesse ser sua última oportunidade de dividir o que pensa. “Se eduque. A educação sempre me salvou, Edward. Desvende os mistérios.”

O menino olha para o diretor, e acredita nele. Acredita que a educação o salvou, acredita que ele já foi uma pessoa que precisava ser salva. “Obrigado, senhor”, Edward se despede e se vira para ir embora.

No caminho para casa, Edward identifica diferentes gramados nos jardins. Nuvens cobrem o céu, e ele consegue perceber onde uma acaba e outra começa. Em sua fadiga, vê os limites que separam uma coisa da outra. A árvore retorcida na esquina de sua casa é feita de muitas partes: raízes, galhos maiores e menores, os diferentes veios na casca. Edward pensa na fachada externa — na casca — da escola, com tantas partes internas compondo o organismo. Cadeiras, armários, crianças pequenas que choram quando alguém as insulta. Professores, funcionários, todo o barulho, o rebanho de humanos crescendo. Os alunos que o odeiam, que sentem que têm mais problemas que ele, embora toda a vida de Edward tenha desabado do céu. Percebe que não fica bravo que o odeiem. Talvez seja *mesmo* pior ter o pai preso, ser negro numa cidade cuja maioria é branca, ter dificuldades com a lição de casa mesmo se esforçando ao máximo. Como ele poderia saber?

Não tem nenhum carro na entrada. Lacey está no hospital, John está no trabalho. Shay deve estar no quarto, lendo ou fazendo a lição de casa. Edward decide entrar na garagem direto, mesmo ainda sendo dia. Vai ignorar as malas — são um mistério que Shay deve resolver. *Posso ficar deitado no chão*, ele

pensa. *Ninguém vai me ver.* Edward quer ficar perto das fotos. Mas está com fome, então antes pega alguma coisa para comer. Ele e Lacey se assustam quando o menino entra correndo na cozinha.

“Nossa!”, ela diz.

“Seu carro não está aqui.” Edward diz isso em tom acusatório, enquanto absorve a imagem da tia sentada à mesa com a roupa do trabalho — uma calça bonita e um cardigã da mãe dele —, segurando uma cerveja de John. Ela nunca toma cerveja.

“Peguei uma carona. Teve uma festa de aposentadoria no trabalho, e bebi um pouco de espumante.”

“Ah.” Edward fica parado, sem saber muito bem o que fazer.

“Sente-se comigo”, Lacey convida.

Ele pega uma maçã da fruteira sobre a bancada e então se senta no lugar de sempre, diante dela. Morde a maçã e mastiga, mais para se ocupar do que pelo gosto. Os dois ficam em silêncio por um momento, então ocorre a Edward que nesse horário ele costumava chegar em casa e encontrar a tia esperando no sofá para verem a novela juntos. Faz um bom tempo que nenhum deles assiste a *General Hospital*. Parecia uma hibernação mútua, aquelas horas passadas lado a lado, vendo o programa mais previsível do mundo. Edward se pergunta se a tia tem saudades daquele momento no dia; ele às vezes tem.

“Dormiu bem essa noite?”

“Dormi”, ele mente.

“Que bom.” A voz de Lacey sai mais lenta que de costume, e sua postura está menos ereta. Ela diz: “Já te falei que quando pego os bebês no colo no hospital às vezes penso em você quando bebê? É fácil de lembrar, porque você chorava tanto. Seus pais te contaram sobre como tinha cólica?”

Edward pressiona a maçã contra a boca e assente.

“Lembro que um dia sua mãe deixou Jordan com seu pai e veio pra cá. Ela achava que o passeio de carro ou a mudança de cenário poderiam te acalmar. Não funcionou.” Lacey abre um meio sorriso. “Jane deitou no sofá e dormiu, enquanto eu dava voltas pela casa com você gritando o tempo todo. Nem liguei. Você parecia bem, apesar do choro. Como se estivesse no modo raiva e precisasse gritar até passar. Era sua mãe quem precisava de ajuda, e eu quase não tinha chance de ajudar. Era sempre ela que tentava me ajudar.”

Edward se esforça para visualizar isso. Uma versão mais jovem e exausta da mãe dormindo no sofá onde ele passou tantas horas terríveis. Lacey segurando-o no colo, dando voltas e mais voltas. A mãe contara muitas vezes sobre a fase das cólicas, mas nunca mencionara a ida a Nova Jersey. Parecia que só mencionava o choro para chegar ao final feliz, quando ela acordara uma manhã com Edward enchendo sua bochecha de beijos.

“Não sabia que ela tinha me trazido aqui.”

“É curioso”, Lacey diz, quase para si própria, “como Jane e eu acabamos compartilhando aquele bebê.”

Compartilhando. A palavra tem um gosto amargo na boca de Edward.

Lacey esfrega os olhos, como uma criança com sono. “A funcionária que se aposentou trabalhou na administração do hospital por trinta anos. Ela e o marido vão viajar pelo mundo agora. Não é legal?”

Edward assente, porque parece necessário dar uma resposta.

“Fiquei pensando que a aposentadoria é um pouco como quando alguém que a gente ama morre. Faz você pensar em como quer levar a vida. Te obriga a recomeçar. Ou a sentir que deveria fazer isso.” Ela olha para Edward, parecendo notá-lo de verdade agora. “Sua mãe sempre quis escrever um filme. Era sobre isso que falava quando bebia um pouco. Sabia disso?”

“Ela estava escrevendo um filme no avião.”

“Não, não esse. Era só um trabalho bobo de reescrita, que ela odiava. Mas sua mãe tinha uma ideia, e ficou fazendo anotações a respeito disso por anos. Eu tinha inveja de como ela se importava com aquilo. Às vezes acho que deveria escrever o filme por ela, então me lembro de que não sou escritora.”

Edward tenta parecer compreensivo. Não tem ideia do que dizer. Odeia ter essa conversa com a tia, ao mesmo tempo saboreia suas palavras como se fossem um copo de água gelada que aplacasse uma sede que não sabia que tinha. *Fala mais da minha mãe*, ele pensa. Sabe que, se disser isso em voz alta, o momento vai passar, e nenhuma outra verdade será revelada.

Lacey cutuca o rótulo da garrafa de cerveja. “Se você visse a mulher que acabou de se aposentar, nem desconfiaria que vai viajar pelo mundo. Parece do tipo que nunca sairia desta cidade.” Ela boceja. “Sabe onde está seu tio?”

“No trabalho?”

Lacey dá de ombros e afasta a garrafa de cerveja. “Ultimamente nem sei mais. Vou tirar um cochilo. Me acorda pro jantar?”

Edward assente e fica surpreso quando, antes de deixar a cozinha, a tia se inclina para beijar sua bochecha. É um beijo delicado, e ela acaricia seu cabelo ao se levantar. Isso em parte o surpreende, porque Lacey raramente o beija, mas também porque o momento se destaca, assim como as nuvens no céu e as placas de grama nos jardins. Ele vê — e sente — duas realidades separadas.

Lacey beija sua bochecha exatamente como a mãe de Edward beijava quando estava viva. O beijo parece deliberado e intencional; Lacey não pode escrever o roteiro do filme da irmã, mas isso ela pode fazer. Mas Lacey também beija a bochecha dele do jeito como teria beijado a bochecha do bebê que tanto queria. Edward sabe disso, ainda que não consiga explicar como. A palavra *carinho* entra em seu cérebro como uma brisa estrangeira, então parte. Sua tia também se foi, e Edward fica sozinho à mesa da cozinha, segurando o miolo da maçã.

À meia-noite, ele e Shay estão sentados no chão frio da garagem, diante das malas. Estão de casaco e gorro, porque ali dentro não está tão mais quente do que lá fora, mas quando Edward treme é de ansiedade. Ele e Shay trocam um olhar que diz: *Estamos aqui, finalmente.*

Shay pesquisou sobre os cadeados, porque a internet é seu domínio. Edward tem um laptop para estudar e um celular. Ele mal usa o celular, mas às vezes a sra. Cox lhe envia mensagens, porque um filho a ensinou a fazer isso. O celular vibra no meio da aula de matemática com a frase: *Você precisa visitar a Europa antes dos vinte, enquanto sua mente ainda é impressionável.* E no sábado à noite: *Recomendo manter uma lista dos livros que leu, com algumas anotações. Esqueço tudo, então anotações são importantes.* A sra. Cox também tinha mandado uma mensagem no aniversário dele para dizer que ia lhe dar títulos públicos de presente.

Edward faz buscas acadêmicas no Google quando necessário, mas nunca pesquisou o voo, tampouco sobre si mesmo ou sobre sua família. Shay o provoca dizendo que ele usa a internet como um velho, mas é claro que ela o compreende. Quando precisam descobrir alguma coisa, como agora, ela cuida disso. E, de acordo com a internet, o cadeado é velho e barato, o que significa que, se esquecer o código, a melhor coisa a fazer é quebrá-lo.

“Não temos como quebrar o cadeado sem que John note”, comenta Shay. “Lembrei hoje de manhã que tenho um livro que ensina a arrombar fechaduras. Encontrei no fundo da cômoda.” Ela puxa sua mochila. “Mas não acho que vai funcionar com esse tipo. Por que John tinha que usar cadeados tão baratos?”

“Por que você tem um livro que ensina a arrombar fechaduras?”

“Ah, bom, quando eu estava planejando fugir de casa, ia arrombar portas e dormir no armário das pessoas enquanto atravessava o país. Assim ia ter abrigo garantido sempre que precisasse descansar.”

Edward gosta da imagem de uma Shay pequena e determinada com um livro sobre arrombar fechaduras debaixo do braço. “Você ia atravessar o país para chegar aonde?”

Ela dá de ombros. “Vai saber. Eu disse que sabia que nunca ia fugir de verdade.”

Ele percebe verdade naquele gesto. A versão mais nova de Shay pretendia encontrar o pai. No Oeste. Edward se pergunta se seria para se reconciliar com ele ou para brigar. Um pouco dos dois, conclui.

Ele aponta a lanterna para a mala mais próxima deles. No cadeado tem um retângulo onde dá para ver quatro rodinhas com números. Para abri-lo basta escolher a combinação correta.

Shay folheia o livro sobre suas pernas. “Acho que devemos tentar todas as combinações possíveis.”

Edward olha para ela. “São dez mil.”

“Então faz você. Vou ficar irritada.”

Edward se inclina para a frente e gira uma das rodinhas. Ele precisa de algumas tentativas para identificar a diferença na tração. Está procurando algum sinal, algum desgaste que pode sinalizar a combinação correta.

“Queria que John tivesse posto carpete aqui”, Shay diz. “Pode levar uma eternidade, e minha bunda está gelada.”

Algo ocorre a Edward. “Espera aí”, ele solta, e dá uma olhada no cadeado. Os quatro dígitos foram programados pelo tio, o que significa que não são aleatórios. “Tenho uma ideia.” Ele gira as quatro rodinhas até ver 2977 no cadeado.

Há um clique alto, então o mecanismo abre e cai na palma aberta de Edward.

“Você conseguiu”, Shay sussurra. Ela se inclina para a frente e abre o zíper da mala. Parece levar um longo tempo, e Edward fica observando. Está

consciente de que parte dele não queria que as malas abrissem. Queria que permanecessem num canto, um mistério que intrigasse Shay, mas um mistério insolúvel. *Gostaria de saber em vez de saber.*

“Tem um monte de papel”, Shay diz.

A mala está cheia de envelopes. Shay pega um, e Edward lê o nome escrito à mão em cima do endereço.

Edward Adler

A carta não foi aberta. O endereço é desconhecido, de uma caixa-postal na cidade. O coração de Edward bate mais rápido. Quem poderia ter escrito para ele? Shay pega outra carta da mala. Também é para ele, e foi enviada para o mesmo endereço.

Edward estica o braço à frente de Shay e o enfia na mala, puxando mais cartas. Dá para ler vários endereços ao mesmo tempo. A caligrafia é diferente. A cor dos envelopes e a da caneta variam. Ele pega algumas aleatoriamente e vê que o carimbo do envio é de dois anos antes.

“São todas para você”, Shay diz, em voz baixa.

O mesmo nome em todos os envelopes. Tantos envelopes.

A adrenalina acelera o cérebro de Edward, e ele sente os pensamentos lhe escapando, fugindo ao seu controle. Percebe e externa algo ao mesmo tempo. “Eles não recebem correspondência aqui em casa. Nunca vi nenhuma carta por aí. Achei que Lacey pegasse quando eu estava na escola. Mas toda a correspondência deve ir para essa caixa-postal.”

Por quê?, ele sabe que Shay está pensando.

“Por causa de todo o problema causado pela pasta que recebemos. Eles tiveram uma briga feia por causa da pasta. E por causa do que quer que seja isso”, Edward diz, e abarca os envelopes, os selos, os carimbos com um gesto de mão. “Acho que a outra mala também deve estar cheia de cartas.”

“Quer que eu abra?”

“Espera.”

Ela avalia o rosto dele à luz fraca.

Edward pensa: *Sei que o impossível é possível. Já vi, já vivi.*

“O que foi?”, ela sussurra.

Quando Edward fala, sua voz sai baixa também, como se os dois tentassem se comunicar sob uma conversa maior, mais alta, como se para falar agora precisassem entrar num novo registro. “E se as cartas forem dos meus pais, do meu irmão e de todo mundo que morreu no avião?”

Ela parece assustada. “Dos fantasmas deles, você quer dizer?”

“Nem sempre as coisas fazem sentido, fazem? Vai ver que, quando estamos abertos a ideias que não fazem sentido, temos contato com mais dessas coisas sem sentido.”

Ele consegue ler Shay. Sempre consegue. Ela parece triste, preocupada. Sabe que Edward quer que as cartas sejam dos pais e do irmão. Shay também quer que sejam. Mas nunca viu o impossível com seus próprios olhos. Não estava dentro do avião quando ele caiu do céu. Só viu as consequências na televisão, sentada no sofá ao lado da mãe.

“Não acho que as coisas sempre façam sentido”, ela diz, com a voz tão suave que as palavras se juntam à poeira das prateleiras em volta deles.

Edward assente. “Abre uma.”

13h40

Não existe silêncio de verdade num avião. O motor ronca; a saída do ar condicionado zune. De vez em quando alguém tosse, uma roda do carrinho de bebidas chia, a porta do banheiro se fecha, crianças e bebês choramingam, num protesto justo e intermitente. O cinto de segurança e as poltronas apertadas dizem: *Fique parado*. O ar diz: *Ouçá*. Agora tem mais passageiros dormindo do que em qualquer outro momento do voo. Alguns se cobrem com casacos ou cobertores — como tartarugas, se recolhem ao casco. Outros parecem exibir sua vulnerabilidade. Dormem com a cabeça para trás, a boca ligeiramente aberta. Um braço pode cair para o corredor, como se na esperança de que um desconhecido segure sua mão ao passar.

Verônica circula pelo corredor da primeira classe. “Bebida?”, ela fala num suspiro cantado, para não acordar os passageiros dormindo. Faz contato visual com todos que estão despertos, porque contato visual é um ingrediente vital para garantir que os passageiros da primeira classe se sintam especiais, para que sintam que o dinheiro gasto valeu a pena.

Ela olha uma única vez para Mark, no entanto, e não mais que isso. A mulher sentada ao lado dele pede uma garrafinha de água.

“Claro.”

Verônica se vira para verificar o senhor que está acompanhado pela enfermeira. Desde que o avião decolou, o clima naquelas poltronas é desanimador. O homem claramente tem o tipo de riqueza desmensurada que o leva a crer que todo mundo está a seu serviço. Ela viu a enfermeira

chorando mais cedo, e deu outro pacote de castanhas para a mulher enquanto o homem estava no banheiro.

Houve muitas ocasiões em que Verônica foi tratada como uma cidadã de segunda classe, então ela compreende bem o gosto amargo que isso deixa na boca. Sabe que castanhas não vão apagar esse gosto, mas espera que com o gesto a mulher saiba que não está sozinha. Verônica já perdeu a conta dos beliscões e de tapas na bunda que levou. O mesmo vale para homens mandando-a sorrir, como se seu humor ou suas feições fossem da conta deles. Houve caras que se inclinaram ligeiramente na direção dela ao passar pelo corredor, de modo a roçar sua ereção contra os quadris dela. Com frequência a tratam por “querida”, “meu bem”, “linda”. Ela recebe o mesmo salário que Luís, embora ela seja chefe de cabine e ele só trabalhe na área há seis meses. Verônica já foi alvo de olhares maliciosos de homens flutuando num mar de vodca com tônica e teve seu trabalho — no qual ela é excelente — criticado por homens que estão apenas atrás de um passatempo.

Verônica sabe como se virar nessas situações, é claro. Talvez seja seu maior talento: não permitir que os homens a diminuam, jogando sua luz diretamente sobre eles. Tem dó das mulheres que não são muito versadas nessa arte. A enfermeira claramente é uma delas.

Verônica ajeita a saia ao voltar para a cozinha. Está um pouco fora de si — não é seu costume ficar remoendo os aspectos desagradáveis do trabalho. Precisa voltar ao normal. Mas, quando fecha os olhos para se recompor, vê os olhos de Mark. Olhos que brilham como veludo azul-escuro, reluzentes e iluminados.

Os olhos dele a assustaram no banheiro. Talvez tenha sido a beleza inesperada que a tirou do prumo. Verônica achava que estava oferecendo sua beleza a ele; não antecipou que também receberia um pouco em troca.

Crispin está tomado por uma sensação que não consegue identificar — algo que não experimenta há décadas. Desde a infância, talvez. A sensação cintila através dele, como a luz de uma vela refletindo na parede. Essa luz viaja por corredores escuros e retorcidos dentro dele.

Crispin cresceu numa casa pequena no Maine, o filho do meio entre treze. Não havia corredores em seu lar de infância. Dois passos e você estava na cozinha; mais dois e estava no banheiro; outros dois era a sala. Crispin dividia um quartinho com cinco irmãos. O mais velho era um fanático religioso que sempre o derrubava no chão e se sentava em cima dele para então ler a Bíblia em voz alta. Com a bochecha pressionada contra o chão áspero, Crispin murmurava palavras em resposta. Falava baixo o suficiente para que a mãe não o ouvisse, mas alto o suficiente para fazer as orelhas do irmão ficarem vermelhas. É essa lembrança que lhe vem à mente nos raros momentos em que pensa na juventude. Pressionado contra o piso de madeira, xingando enquanto seu irmão seguia em sua pregação furiosa.

Onde estão esses corredores? São grosseiros, empoeirados, pertencem a uma casa inferior àquelas em que Crispin morou quando adulto. Ele sempre contratou decoradores, e se casou com mulheres com estilo. Nunca tinha sido capaz de criar ele mesmo algo lindo, mas sabia reconhecer a beleza quando a via. Seus corredores tinham papel de parede luxuoso e painéis decorativos. Eram bem iluminados, com arandelas e lustres finos.

O interior grosseiro à luz de velas remetia ao Maine, antes que sua família tivesse televisão, quando todos ficavam sentados em volta do rádio à noite, ouvindo Jack Benny e o noticiário. Crispin era o que ficava mais perto do rádio. A voz suave que fazia o alto-falante vibrar era o único sinal que chegava de uma vida fora daquela cidade, daquele bairro, daquele estado mergulhado na neve, e ele queria ir embora. Crispin queria ir embora desde o momento em que se tornara capaz de encadear palavras. A maioria de seus irmãos ia se

casar com alguém da escola e trabalhar na fábrica local. O irmão que ficava sentado em cima dele abriu um negócio de paisagismo. Mas Crispin sabia reconhecer uma armadilha quando a via. Descobriu uma bolsa para um colégio interno, se inscreveu e foi aceito. Foi embora daquela casa aos catorze anos e nunca mais voltou.

A luz oscila; talvez a pessoa que a segura esteja ficando cansada. Os passos se tornam mais lentos. A pressa parece ter passado. Há uma sensação esmagadora no ar, que leva Crispin de volta ao chão, com o peso do irmão sobre ele.

Flórida dá uma olhada nas poltronas em volta. As pessoas estão sossegando, começam a pegar no sono. O avião zune a uma frequência mais profunda, como se também tivesse entrado no sono REM. Ela se sente expandir no silêncio. Sua atenção se amplia, e Flórida se permite descarregar — seus pensamentos, seus sentimentos. Pergunta-se se Bobby já percebeu que ela não está num chá de bebê em Nova York. Ela jogou o celular numa lata de lixo no aeroporto. Não tem medo de Bobby, mas sua intensidade é inacreditável, e ela prefere não ser facilmente localizada. Flórida se casou com um homem com muito potencial, que a fazia gritar de prazer na cama, mas acabara morando com um desconhecido, um homem que lhe parecia imprevisível. Era sua própria falta de discernimento o que mais a perturbava.

Quem estragou tudo *foi ela*, não ele. Flórida ficava triste que sua ampla experiência, sua maratona de homens, não a tivesse tornado mais sábia. Tinha desenvolvido, muito tempo antes, uma teoria de que ela melhorava a cada encarnação. Permanecia humana e falha, mas evoluía. Sabia diferenciar as coisas. Sabia o que importava. Sabia, cada vez num nível mais profundo, que o que importava era o amor. Mas, em sua vida, era o amor que ela havia interpretado mal, confundido e colocado no lugar errado. Flórida olha para a

mulher dormindo à janela, com o lenço azul e os sapatos caros. Olha para Linda, com o cabelo loiro caindo sobre o rosto, a boca ligeiramente aberta. Ela parece uma menininha. Uma menininha que vai ter um filho.

Flórida vê a si mesma patinando na pista tortuosa à beira da praia. Não tem um plano para sua nova vida, mas enxerga possibilidades. Pode entrar para uma banda. Criar música com outras pessoas sempre alimenta sua alma, e ela precisa disso agora. Pode jogar tarô. Ler cartas não é sua especialidade, mas ela é boa, e os clientes sempre vão embora satisfeitos e com uma compreensão clara das coisas. Ela presta atenção à pessoa sentada à sua frente, o que é difícil de encontrar. Flórida olha a pessoa no fundo dos olhos e inevitavelmente encontra bondade. Às vezes, a bondade é como um pedregulho; às vezes, é como fogos de artifício.

Um plano mais intangível, ainda que seja a motivação da ida para a Califórnia, é amar. Não um homem, especificamente. Não vai se casar de novo. Recusa-se a brigar, a enfrentar silêncios sombrios, a comer brócolis porque ele gosta de brócolis e quer que ela coma também. Flórida vai simplesmente amar todos que cruzarem seu caminho, a começar pela garota ao seu lado. Vai ser como uma mãe para Linda, que precisa desesperadamente de uma, e como uma avó para o bebê.

Quando Linda contou que o namorado estuda baleias, Flórida viu de relance seu próprio futuro, o que é raro. Ela quase sempre circula pelo passado, mas de vez em quando sua visão se estende para mais adiante, como os cabos de aço de uma ponte pênsil, rumo a uma terra ainda intocada. Flórida vê a si mesma, com Linda e Gary, num barco em meio ao mar tempestuoso. O dia cai e só se vê a crista espumosa das ondas. Eles usam capas de chuva e chapéus amarelos. Estão lado a lado, apoiados no parapeito, olhando na mesma direção. Há uma baleia a cinquenta metros do barco. Ela vem à superfície, joga água para o alto e volta a mergulhar. Os três ficam

olhando para o ponto onde ela desapareceu, maravilhados. Esperam, e não se importam com isso. Pouco depois, como que para recompensá-los, salta um animal de beleza e tamanho improváveis.

Janeiro de 2016

O som do envelope rasgando soa violento na garagem silenciosa. O papel em que a carta foi escrita é branco e grosso. Shay abre a folha com cuidado.

Querido Edward,

Espero que esteja bem e se recuperando dos seus ferimentos. É certo que Deus o abençoou com a vida.

Minha filha, Nancy, estava no avião com você. Era nossa única filha, e sua morte deixou o pai dela e eu devastados. Nancy era adulta: tinha quarenta e três anos, mas isso não faz diferença para mim. Ela ainda era meu bebê, minha ruivinha.

Nancy era médica, e uma médica excelente, mas seu hobby era fotografia. Quero te pedir uma coisa. Quero te pedir que tire fotos para ela, por favor. Minha filha tirava fotos de tudo: da equipe de enfermeiros, de seu gato Beezus (que mora com o pai dela e comigo agora; o bichinho está tão devastado quanto nós), de prédios, da natureza, de tudo. Era sua paixão.

Saber que você tiraria fotos para ela faria bem ao meu coração. Que a câmera não foi deixada de lado, só mudou de mãos. Espero que não seja pedir demais, já que todo mundo tira fotos de vez em quando. Só peço que faça isso de forma mais vagarosa.

Desejo tudo de bom para você, Edward. Obrigada.

Atenciosamente,

Shay ergue o rosto, com os olhos arregalados. “A médica da pasta.”

Devastados, Edward pensa.

“Outra?”, Shay sussurra.

Esta foi escrita em papel cinza, e é do marido de uma mulher que estava no avião. A morte dela o deixou sozinho com os três filhos. Ele pede a Edward que escreva às crianças dizendo que conheceu a mãe delas durante o voo.

Sei que você provavelmente não a conheceu. Quem conhece gente no avião? Mas meus filhos nem vão saber. Vão acreditar em você. Por favor, diga que ela comentou o quanto os amava e que sabia que ficariam bem. Na carta para Charlie, comente que a mãe queria que continuasse lendo. Diga à mais nova para continuar sendo assim boazinha. E para Connor que ela não queria que ele abandonasse as Olimpíadas de Ciências.

Ele mandou uma foto com a carta. Shay mostra a Edward. Três crianças negras enfileiradas em ordem de altura. Os dois meninos mais velhos usam blusas de frio listradas, e a menina mais nova usa um vestido listrado combinando. Eles sorriem para a câmera.

“Mierda”, Shay solta.

Edward passa a mão pelo cabelo, como se estivesse agarrando uma bola de basquete, com os dedos bem abertos. Sua cabeça pulsa.

“Mais algumas, e paramos por hoje”, Shay diz. Edward sabe que ela quer continuar lendo na esperança de encerrar os trabalhos num tom mais animado. O que quer que isso signifique.

A próxima carta é de uma mulher que perdeu a filha, cujo sonho era homenagear sua ascendência andando pela Muralha da China.

Por favor, Edward, torne esse sonho da minha filha realidade.

Quase todas as cartas lhe pedem algo. A próxima pede que Edward escreva um romance. A que se segue implora que se mude para Londres, de preferência para um apartamento com vista para o St. James's Park. Uma mulher cujo filho queria fazer stand-up pede que Edward abra um clube de comédia com o nome do garoto na cidadezinha de Wisconsin em que a família dele mora.

Edward imagina que o rosto arrasado de Shay espelhe o seu. Ele pensa: *Aguentamos mais?* Tem que se esforçar para que a voz saia. “Quantas cartas acha que tem aqui?”

“Se a outra mala também estiver cheia delas, centenas.” Shay continua segurando a foto das três crianças com roupa combinando. “Por que essas pessoas não mandaram e-mail? Por que escreveram cartas de verdade?”

“Porque o e-mail que John criou pra mim é difícil. Cheio de números e hifens. Pra ninguém conseguir me encontrar.”

“Vai contar a ele ou Lacey que encontrou as cartas?”

Edward aperta a cabeça com mais força. Então diz: “Acha que são todas assim?”.

Compre uma câmera. Escreva cartas para crianças que perderam a mãe. Vá para a China, para a Inglaterra, para Wisconsin.

“Espero que não”, Shay responde na escuridão.

Quando Edward finalmente chega ao porão, são três da manhã. Ele se move mecanicamente no processo de escovar os dentes, apagar a luz e entrar debaixo dos lençóis. Fecha os olhos por um sentimento de dever e rotina. Não tem mais nenhuma esperança de sentir sono; perdeu-a dias atrás. Mas, assim que seus olhos se fecham, algo muda. A escuridão dentro dele assumiu um novo tom; há uma riqueza nela. É escorregadia, como veludo. Edward mal consegue se manter sobre os pés; escorrega para o sono como uma criança descendo uma colina num trenó. Não tem essa sensação desde que a família

morreu, e ela vem acompanhada por uma explosão de alívio. Ele pensa, em meio às ideias turvas: *as cartas*. Tem que ser as cartas; nada mais mudou. Não faz sentido, mas ele está cansado demais para ligar. Está aliviado demais para ligar. Edward dorme, e consegue sentir, enquanto desliga, suas células vibrando em comemoração.

Seus sonhos aquela noite parecem experiências reais. Edward escala uma montanha do outro lado do mundo e então fala por Skype com a família de uma vítima lá do alto. De repente está equilibrado sobre uma pedra cheia de musgo, jogando as cinzas de um desconhecido num córrego do Oregon. Nada numa piscina olímpica para tentar bater um recorde específico. Transpira entre os lençóis, enquanto tenta de novo e de novo. Vê o próprio corpo se curvar em prece — algo que nunca fez na vida.

Edward passa de uma aula a outra sem ouvir o que lhe dizem. Mais de uma vez, Shay tem que puxar seu cotovelo enquanto ele anda, para mudar a direção. Edward deixa que o faça, mas pensa: *Não faz a menor diferença se assisto a uma aula de inglês ou de estudos sociais*.

Aquela noite, eles só esperam quinze minutos depois que as luzes dos quartos estão todas apagadas antes de atravessar o gramado até a garagem.

Uma vez lá dentro, Edward abre o cadeado da mala. Shay diz: “Acho que devemos estabelecer regras”.

“Regras?”

“Talvez a gente devesse ler dez cartas por noite, só ficar aqui por uma hora ou coisa do tipo. As cartas são... intensas. E acho que depois de ler é melhor levar a carta com a gente. Temos que deixar as malas aqui, claro, mas posso encher com alguma outra coisa depois que tivermos tirado bastante. Quero registrar as cartas, e depois podemos responder, se quisermos.”

“Não acha que John vai notar?”

“Ele nunca abriu nenhuma. Acho que ia deixar as cartas nas malas pra sempre. Ou talvez te dar quando você ficar mais velho.”

Edward parou de ouvir. Seu braço já está enfiado bem fundo na mala. Ele fecha os dedos em torno de um envelope e o puxa.

Querido Edward,

O sol nasceu às 4h55 hoje, e faz uma semana que não vejo Linda e Betsy. Faz mais de um ano que ninguém vê um filhote de baleia-azul. É possível que meu colega e eu estejamos seguindo as últimas baleias-azuis do mundo, e essa ideia me assombra. Talvez seja por isso que não deixei o barco depois da última viagem. Eu deveria tirar uma folga, entregar minhas anotações para que outro cientista assuma meu lugar enquanto vou ao cinema e como hambúrguer. Mas não quis fazer isso. Sendo sincero, me preocupo que se tirar os olhos dessas meninas elas podem desaparecer para sempre. O que é idiota, eu sei. Mas deixei minha vida em terra firme morrer depois que minha Linda se foi, então o único lugar em que posso ser útil é aqui.

Enfim, espero que você esteja bem, Edward. Gosto de ter alguém para quem escrever. Desejo o melhor a você.

*Sinceramente,
Gary*

“Ah, essa foi boa”, Shay diz, claramente aliviada. “Oi, Gary.”

“Oi, Gary”, Edward diz.

A próxima carta pede que ele visite uma casa no Alabama, para abraçar uma mulher acamada cujo filho estava no avião. Edward tenta se imaginar se inclinando sobre a cama onde uma desconhecida frágil morre e envolvê-la com os braços. Quando termina a carta, entrega a Shay. Ela trouxe um laptop

para a garagem para fazer anotações e registrar todos os pedidos numa planilha.

As duas cartas seguintes pedem a Edward que assuma a ocupação das pessoas mortas, virando enfermeiro e depois violinista. Uma mulher pede que ele reze para o marido dela todas as noites, antes de dormir. A carta é acompanhada por salmos copiados à mão, que Edward imagina que também se espera que ele leia antes de ir para a cama.

“Você não pode fazer tudo isso”, Shay diz.

“Talvez possa.” Na metade de cada carta, Edward pensa: *Tenho que fazer isso. Tenho que tocar violino. Tenho que sorrir mais. Tenho que aprender a pescar.* Ao fim de cada carta, ele sente como se já tivesse falhado.

Querido Edward,

Minha mãe conheceu você há pouco tempo em Washington. Acho que deu uma carona para você e seu tio. Minha mãe queria que meus irmãos e eu fôssemos junto com ela à audiência, mas todos dissemos que estávamos ocupados. Acho que só estamos programados para dizer “não” a ela, independentemente do que peça, como uma punição pelos crimes cometidos na nossa infância.

Meu irmão mais novo está numa clínica de reabilitação, então está mesmo ocupado. E eu, o que estava fazendo naquela tarde? Lendo William Blake. Estou torturando minha mãe fazendo com que ela pague pelo meu segundo ph.D. em poesia. Sempre lhe digo que a culpa é dela, porque discursa o tempo todo sobre como as artes são importantes, ainda que com isso considere as artes como um hobby para os ricos, e não uma vocação para os próprios filhos.

Quando leio poesia, me esqueço dos meus pais, e era isso que eu estava tentando fazer na tarde da audiência. Tento esquecer o acidente, tento esquecer que venho de dois seres humanos desastrosos. Mas vem me incomodando a

ideia de que eu deveria ter estado no carro quando você entrou, porque gostaria de ter acompanhado minha mãe, que já é uma senhora, numa ocasião dessas. Além do mais, sei que você foi o último a ver meu pai vivo, caso tenha passado pela poltrona dele ou notado a cadeira de rodas no aeroporto. Há certa poesia na ideia de estar em sua presença.

Você deve estar se perguntando por que te mandei esta carta. Desde que meu pai morreu, me obrigo a escrever algo todos os dias. Quero produzir coisas, não só estudar. Idealmente, escrevo um poema, mas nos dias mais difíceis escrevo cartas. E hoje escrevi para você, para ligar os pontos entre mim, minha mãe, meu pai e você.

*Cordialmente,
Harrison Cox*

“Você vai contar à sra. Cox que o filho dela te escreveu?”, Shay pergunta depois de ler a carta.

Edward faz que não com a cabeça. Essa carta pertence a outra categoria, da qual faz parte a história da secretária da escola sobre ter alimentado jacarés quando pequena, e a revelação de um colega de laboratório de que quer ser cantor de ópera quando crescer. São segredos, confissões e, portanto, sagrados. Edward vai guardá-los no peito.

Está olhando para a mala, com a visão turva, quando Shay diz: “Para. Vamos parar. Lemos bem mais que dez cartas”.

Quando a ajuda a levantar, Edward nota que as pontas dos dedos de Shay estão manchadas de tinta. Ele se sente mais velho, ou mais pesado, do que quando entrou na garagem, e Shay parece mudada também, de um modo que Edward não seria capaz de explicar. Os dois saem juntos, levando para a noite escura todas as palavras que ingeriram.

“Não achei que fosse durar tanto”, a sra. Tuhane diz para o reflexo de Edward no espelho.

Ele acabou de se sentar no banco para levantamento de peso. As palavras o surpreendem, porque, até onde se lembra, é a primeira vez que a professora lhe diz algo que não se trata de instrução. Edward queria que Shay estivesse ali para traduzir, porque, embora não faça ideia do que a sra. Tuhane esteja falando, gostaria de poder dar uma resposta apropriada ao comentário.

“Hum, como assim?”, ele pergunta.

“Achei que você fosse desistir, que fosse correr para o diretor, dizendo que é difícil demais. Teria apostado dinheiro que estaria de volta à sala de estudos duas semanas depois de ter entrado aqui.”

Edward balança a cabeça, ainda confuso. “Mas educação física não é obrigatório?”

A sra. Tuhane coloca uma anilha pequena de cada lado da barra que Edward vai levantar. “É um elogio, garoto. Faz meses que você vem treinando. É mais durão do que eu pensava. E está ficando mais forte.”

Edward olha para seu corpo magro no espelho.

Ela parece ler sua mente, e franze a testa. “Não importa se não dá pra ver os músculos. Não estou nem aí para o que você vê. Seu cérebro foi reprogramado. Você consegue levantar quarenta e cinco quilos. Está objetivamente mais forte. Agora chega de perder tempo.”

Edward se deita no banco e fecha os dedos em volta da barra. Antes de ir para a escola, leu um punhado de cartas que tinha contrabandeado do porão. Uma era de uma senhora em Detroit dizendo que um de seus vinte e sete netos tinha morrido no voo, aquele que sempre tinha sido seu preferido. Ela se perguntava se todos os passageiros do avião não eram simplesmente bons demais, de uma ou outra maneira, para este mundo. E queria saber o que Edward achava de sua teoria.

“Vamos”, a sra. Tuhane diz, e ele levanta a barra.

Outra carta era de uma mulher que dizia ter dado um beijo na bochecha de Edward do lado de fora da audiência do NTSB, em Washington, embora ele não conseguisse se lembrar de ter sido beijado por quem quer que fosse naquele dia. Outra era de uma mulher que se dizia arrependida de ter sido crítica demais com a filha. *Eu dizia que ela tinha que parar de comer carboidratos, e que seu corte de cabelo não combinava com ela. Agora me pergunto o que importava a aparência dela.* Depois veio uma sequência de cartas com exigências que pareciam bastante inapropriadas.

Por favor, não desperdice nem um minuto, não desperdice o presente que lhe foi dado.

Certifique-se de que sua vida tenha significado.

Viva todos os dias em memória daqueles que morreram.

Era o tipo de carta de que Edward menos gostava: as que lhe diziam como levar a própria vida.

“Além disso”, a sra. Tuhane diz, “na sua idade, o metabolismo é uma caldeira queimando. Se continuar fazendo musculação com essa regularidade, vai ganhar dez quilos de músculos até o último ano. Agora abaixa, devagar.”

Edward leva a barra até o peito. Pensa em si mesmo em três anos, com o peito mais largo e os membros mais grossos. Pensa nas cartas por abrir dentro das malas — com seu nome em cada uma delas —, e sobe e desce a barra até que todo o seu ser sintá dor.

Durante o jantar, Edward nota que os tios estão retraídos. Ele não sabe onde Lacey guarda o remédio para dormir, mas tem vontade de descobrir, jogar tudo na privada e dar a descarga. *A pessoa tem que fazer por merecer o sono*, Edward quer lhe dizer. Ainda que ele próprio não tenha feito por merecer, pois foram as cartas que lhe deram o presente do sono.

Ele tem uma aliança não declarada com John, que parece distraído e verifica o celular duas vezes durante o jantar, um hábito que Lacey detesta. A tia estreita os olhos e foca em Edward enquanto conta que o dia foi parado no trabalho, o que significa que pôde passar mais tempo com bebês da maternidade no colo.

“Já sentiu o cheirinho de um recém-nascido?”, ela pergunta ao sobrinho.

“Acho que não.”

“Você precisa ir ao hospital comigo um dia e sentir. É maravilhoso, não dá para descrever.”

Tenho cartas demais para ler, ele pensa, e joga o peso do corpo na direção do tio, de maneira imperceptível. Se Lacey está forte agora, sob o manto da coragem da mãe dele, como ficam o marido e o sobrinho dela?

“É verdade”, John diz com intensidade, mas bastante atrasado. “Sobre o cheiro dos recém-nascidos.”

Edward e Lacey olham para ele, e uma expressão preocupada surge no rosto de John. Edward, que é sensível ao anseio e à diferença de fuso, consegue analisar os três nesse estranho momento. Lacey olha para o marido como se ele tivesse batido nela sem querer. Como se tivesse dito algo que uns anos antes ela esperava do fundo do coração que ele dissesse — quando ter o bebê deles em seus braços era seu maior desejo. Mas essa versão dela não existe mais, e Lacey recebe a afirmação como uma traição. John, perdido e em pânico, olha para a esposa e para o sobrinho, pensando: *Meu Deus, estraguei tudo?* Já Edward, que vive na correspondência guardada na garagem, o que significa viver em meio a perguntas com um desejo ensurdecador de respostas, sente cada átomo de sua vulnerabilidade compartilhada, e se pergunta se qualquer um deles vai ficar bem.

Quando Edward sai de casa depois do jantar, encontra Besa esperando por ele na entrada da garagem.

“Ah. Oi”, ele diz.

“Quero saber o que você e minha filha andam fazendo.”

Está frio, mas nenhum deles usa casaco. “Temos tido bastante lição de casa ultimamente”, Edward responde e treme.

“Não insulte minha inteligência, *mi amor*.” Besa sempre o chamou de *mi amor*, mas no último ano Edward tem sentido um leve esmorecimento do carinho dela em relação a ele. Edward agora está mais alto que Besa, e a irritação perpassa seu rosto quando ela inclina a cabeça para trás para encará-lo. Shay disse a Edward uma vez que a mãe amava todas as crianças, mas não confiava nos homens. E Edward está desconfortavelmente ciente de que agora parece um homem, ainda que jovem.

Ele tenta fazer uma cara de confiável. “Não é melhor perguntar pra Shay?”

Besa o encara por baixo das sobrancelhas tensas. “Você sabe que já fiz isso. Por que viria falar com você primeiro?”

Edward suspira. Não pode nem pensar em mentir para Besa. Ela exige a verdade com cada traço de seu rosto. Tenta pensar em algo que não chegue a ser mentira. “Estamos trabalhando num projeto. Queremos ajudar as pessoas.”

Ela olha para ele com uma expressão que a faz parecer tanto com a filha que Edward quase sorri.

“No meio da noite? Acha que não ouço vocês dois escapando?”

“Ah”, Edward diz. “Bom, o projeto...”

“Vocês estão transando?”

A expressão no rosto dele deve ter servido de resposta, porque o rosto de Besa relaxa de alívio. Ela se inclina para a frente e leva a mão à bochecha dele. “Desculpa, *pobrecito*. Não queria que tivesse um ataque cardíaco. Tenho meus medos, mas é óbvio que me enganei.”

Edward nem consegue falar, e sente o rosto queimando. Besa ri e o pega pelo braço. Ela o leva para sua casa. “Que bom que estão trabalhando num projeto. É para a escola? Shay precisa tirar notas boas para conseguir uma bolsa de estudos. Um projeto seria maravilhoso para conseguir uns pontinhos a mais. Não precisamos mencionar nada disso para ela, não acha?”

“Não”, Edward diz, enquanto Besa o larga já dentro de casa.

Ele fica parado ao pé da escada por alguns minutos, tentando controlar o coração e a temperatura, antes de ir para o quarto de Shay. Fica aliviado ao ver que ela está à escrivaninha, de costas para ele.

“Estou terminando uma”, Shay diz, sem virar.

Edward se senta na cama para esperar. Quando ela vira, entrega-lhe um envelope grande. Então diz: “Você está bem? Parece meio queimado de sol.”

“Tudo bem. Quantas respostas tem aí?”

“Só uma hoje.”

Não podemos ignorar as cartas de crianças, ou sobre crianças, ela disse pela manhã, depois de terem aberto a primeira mala. Os dois tinham concordado que ela escreveria respostas, depois Edward assinaria. Shay começou com a segunda carta que haviam lido, a do pai que pedia que Edward escrevesse mensagens específicas a cada um de seus três filhos. Ela já havia escrito e reescrito as três cartas durante dias. *Não posso errar*, Shay havia dito. *É importante. As frases precisam ser perfeitas.*

Edward tira a carta do envelope e dá uma olhada. Era para uma freira do sul da Califórnia para quem o milagre da salvação de Edward a impedira de deixar a Igreja.

“Sei que não é uma criança, mas achei que ela parece fofa”, Shay diz. “E é bem velha. Tudo bem por você?”

“Você é quem decide para quem respondemos.”

“A freira diz que tem certeza de que você foi salvo por Deus por causa do jeito como seu cabelo estava nas fotos que tiraram no hospital.”

“Do meu cabelo?”

“Parece que Jesus tinha cabelo escuro e brilhante, que parecia sempre molhado, como se tivesse acabado de ser ungido. E seu cabelo estava assim também.”

“Meu cabelo parecia molhado? Credo.”

“Ela acredita que isso prova que Deus te ungiu e te salvou da morte.”

Edward quase ri, mas não consegue reunir forças para fazer o som subir pela garganta e sair pela boca.

“Vou faltar na escola amanhã”, ele diz. “Lacey vai passar o dia no hospital por causa de algum treinamento, e vou aproveitar pra ler o resto das cartas. Sinto como se em metade do dia eu não conseguisse respirar.”

“Tá, eu falto também.”

Ele esperava por isso, e está preparado. “Se nós dois faltarmos, vai dar muito na cara. Podem nos pegar. Eu quase não faltei, então ninguém vai ligar se eu faltar sozinho. E você precisa manter suas notas altas.” Edward fica vermelho ao dizer isso, porque se lembra da acusação de Besa na entrada da garagem.

A covinha de Shay aparece, o que não costuma ser um bom sinal. O fato de ele ter planejado um golpe sozinho — ainda que mínimo — a incomoda.

Edward a encara. Não tem escolha. Não tem nada contra a escola agora, mas é uma perda de tempo. Tempo que ele poderia passar lendo; cada carta parece a página de um livro que ele não vai compreender totalmente até chegar ao fim. Parece imperativo — de um jeito que nada mais em sua vida parece ter sido — ler cada palavra. A atenção que dá às cartas parece estar mudando Edward; ele sente os fios dentro de si se juntando, tentando chegar a uma forma com a qual ele vai poder olhar nos olhos das pessoas nas fotos.

14h04

O avião já percorreu dois terços do caminho até Los Angeles. A consciência dos passageiros avança, procurando pelo brilho da luz no último trecho do túnel. Os ombros perdem a tensão e as dores de cabeça se vão, porque há mais horas de voo para trás do que à frente. A esperança volta, com pensamentos relacionados a logística, transfers e para quem mandar mensagem depois da aterrissagem.

Jane levanta os olhos da tela.

Acabou de reescrever uma cena em que dois robôs brigam, e o único prazer que conseguiu obter disso foi com a troca do gênero dos robôs. *Poder feminino*, Jane pensa, incomodada. Tinha imaginado os robôs como ela e Lacey. Irmãs, o que significa que amam uma à outra até o fim, mas passaram a vida com uma circundando a outra, testando o espaço entre elas com socos no ar. Jane é a terceira roteirista a trabalhar no roteiro — só vai aguentar fazer o trabalho se personalizar um pouco a escrita.

A porta da cabine do piloto abre, e Jane tem visão direta para o espaço escuro. Entrevê um lampejo de para-brisa, um painel cheio de luzes piscando, pontuado por alavancas, e o ombro do copiloto. O piloto, um homem com cabelo e bigode grisalhos, sorri para Verônica, diz algumas palavras que Jane não consegue ouvir e então entra no banheiro. A porta se fecha atrás dele.

Jane volta à tela do computador, escreve três linhas de um diálogo, apaga e tenta de novo. Ela acha que está conseguindo. Então levanta os olhos, porque um grito agudo preencheu o ar. Jane olha em volta. Pensa: *Um bebê? Um dos*

meus? Então: *Não seja ridícula, eles não são mais bebês. Não precisam mais tanto de mim.*

“Há algum médico no avião?” Isso é dito na mesma voz aguda, e embora agora haja passageiros de pé e Verônica esteja no corredor, Jane consegue ver que é a enfermeira que está perguntando, aquela mulher toda de branco. Está debruçada sobre o senhor ao lado dela. Ele está com uma aparência horrível — talvez não horrível, mas esquisita. Sua pele parece de borracha; seus olhos estão fechados, e ele parece mais branco que as paredes do avião.

Jane tira as mãos do teclado; sem pensar, pressiona a marca de nascença. Com força, como se fosse um botão capaz de fazer o tempo voltar, mesmo que só alguns minutos.

“Merda”, Mark solta.

Ele está um pouco recuado, ocupando parte do espaço da poltrona de Jane. Os dois se ergueram um pouco, olham através da aglomeração para a enfermeira agitada, que segura o pulso do velho como se fosse um instrumento musical que não sabe tocar.

“Ele não parece bem, não acha?”, Mark comenta.

A voz de Verônica soa pelos alto-falantes: com suavidade, calma. “Senhoras e senhores, por favor, notem que o aviso de apertar os cintos continua ligado. Há previsão de turbulência, então permaneçam em suas poltronas, por favor. E, se houver algum médico no avião, poderia por favor vir para a primeira classe?”

Jane pensa: *Quero ficar com os meninos.* Vê a si mesma correndo para os fundos do avião, passando pelo homem doente e pela enfermeira, cedendo seu espaço a Mark, que parece querer se afastar da cena o máximo possível.

Uma ruiva atarracada aparece, com uma mochila cinza. Pega o pulso do velho da mão da enfermeira e coloca a outra mão na lateral do pescoço dele. Então espera, como se aguardasse notícias.

“Doutora?”, Verônica murmura.

Todo mundo na primeira classe observa. A enfermeira, sem ter mais nada para segurar, parece desolada.

Finalmente, a ruiva poussa o braço do velho sobre o peito dele. Ela se levanta. Fala baixo com Verônica, mas sua voz ecoa.

“Ele está morto.”

“Morto?” Verônica engasga com a palavra. “Tem certeza?”

“Tenho.”

Jane se apoia nas costas da poltrona à sua frente, porque perdeu o equilíbrio. Tem um homem morto do outro lado do corredor. Os únicos dois corpos mortos que viu foram os dos pais, duas décadas atrás, e ela tinha sido preparada por diagnósticos terríveis e declínios visíveis. Os corpos mortos estavam em caixões. Tinha passado o batom rosa preferido da mãe em seus lábios, e suas mãos estavam cruzadas na altura da cintura.

Jane leva um momento para perceber que Mark mudou para uma poltrona virada na direção oposta e que Verônica parece fora do ar. Há outro grito agudo, mas a enfermeira continua na poltrona, em silêncio total. O velho está caído na poltrona.

“Turbulência”, alguém grita, e por um segundo Jane fica feliz que o que está acontecendo não é interno, porque se o tremor, os ruídos e a confusão só ocorressem dentro de seu corpo era porque havia algo de muito errado com ela.

Janeiro de 2016

Edward finge que vai para a escola na manhã seguinte. Toma café com os tios. Usa o banheiro do andar de cima para verificar se o tio dormiu no outro quarto. Os lençóis estão desarrumados, e na mesa de cabeceira há um livro grosso, *Last of the Breed*, de Louis L'Amour. Edward pestaneja diante da cena, e por um momento a cama, as cartas e o lago do outro lado da janela parecem a mesma coisa, como uma fileira de livros na prateleira. Com o mesmo peso e a mesma densidade. Por que uma dessas coisas deveria fazê-lo feliz ou infeliz? São todas neutras. Camas são feitas para que as pessoas durmam nelas. Cartas são escritas para serem lidas. *Ou estou ficando zen ou ainda mais deprimido*, pensa.

Edward espera por Shay na calçada, como sempre. Ele acena para Besa, e os dois descem o quarteirão juntos. Shay parece ativa e fala pouco durante a caminhada, mas Edward sabe que vai dar cobertura para ele na escola.

“Obrigado”, o menino diz quando chegam à esquina.

“Você vai me mostrar tudo o que ler, óbvio.”

“Óbvio.”

Ele a observa se afastando. Espera até que ela tenha atravessado duas ruas, então entra em meio ao bosque que se estende pelos fundos das casas do quarteirão deles. Sabe que John e Lacey devem estar saindo de casa agora, então segue essa rota para ninguém vê-lo.

Quando eram pequenos e vinham visitar a gente, você e Jordan brincavam aqui, a tia tinha dito uma vez sobre o bosque. Achavam incrível, porque nunca

tinha visto um bosque de verdade. Edward não se lembra disso, mas, enquanto segue seu caminho por cima das raízes das árvores, tenta se imaginar com o irmão ali quando pequenos, dando voltas em torno dos troncos grossos. Jordan vai na frente e Eddie o segue, rindo. Os dois ficam olhando um inseto na terra, depois encontram dois gravetos e fingem que são espadas.

Edward para quando chega à sebe atrás da garagem. Não questiona a visão dos meninos. Sente que sua imaginação, talvez alimentada pelo conteúdo das cartas, tem levado a melhor ultimamente, em relação à realidade. Em seus devaneios, às vezes vê Gary, a barba loira salpicada de fios brancos, fazendo anotações no deque do barco de pesquisa. Outro dia, na musculação, Edward pensou ter visto no espelho Benjamin Stillman levantando peso. Ele estava de uniforme, o mesmo que usava no avião. Fazia levantamento terra com uma quantidade enorme de pesos. Parecia real, tanto que quase fez Edward derrubar os halteres que estava segurando. Ele se virou, e a sra. Tuhane gritou: “Adler, presta atenção!”. Mas é claro que não havia ninguém ali.

Edward observa Jordan, que parece ter cerca de nove anos. Foi esse menino que pulou de cima do carro para impressionar Shay. Seu cabelo preto, sempre indomável, aponta em diferentes direções. Edward não tem dificuldade em recordar cada detalhe do rosto do irmão, ainda que o rosto e a voz dos pais fiquem ora próximos, ora distantes, ora focados, ora desfocados. Não sabe por que Jordan permanece perfeitamente distinto enquanto seus pais formam um borrão, mas talvez seja porque sempre considerou o irmão uma parte de si próprio. Os dois são inextricáveis, mesmo agora. Edward sorri, porque o irmão sorri para a espada em sua mão.

Uma pergunta surge em sua mente: *O que posso fazer por você?*

No mesmo instante, parece estranho que isso não tenha ocorrido a Edward antes, que tenha sido necessária uma avalanche de cartas de desconhecidos para que isso fosse revelado como uma possibilidade. Lacey tinha beijado a

bochecha dele *pela* irmã, o que significa que Edward também pode fazer algo pelo irmão. Pode olhar para um dia — para hoje — e pensar: *Se Jordan estivesse aqui, o que ele ia querer fazer?*

Edward não sabe bem por onde começar, mas já está com fome de novo, então decide que vai ser pela comida. Ele se aperta para passar pela sebe e antes de ir para a cozinha se certifica de que os carros de John e de Lacey não estão mais lá. Edward pode comer como seu irmão comeria, o que significa que a comida que leva da cozinha para a garagem é quase igual à última refeição de Jordan no avião: palitos de cenoura, um potinho de purê de maçã e um sanduíche de homus.

Quando ele abre a porta da garagem, uma voz diz: “Como assim? Não trouxe comida pra mim? Que grosseria”.

Shay está sentada de pernas cruzadas sobre o chão de cimento, perto das malas. “Não fica bravo”, ela diz. “Não vamos nos encenar, eu prometo. Invento as piores mentiras, se precisar.”

Edward faz cara feia, mas só para expressar seu ceticismo. Ele não está bravo.

“Além disso”, Shay diz, “vamos conseguir ler o dobro juntos.”

Ele se acomoda ao lado dela. “Me passa uma carta.”

Shay abre o zíper da segunda mala. Já viram dois terços das cartas dali. A planilha está ao lado deles, para que Shay possa anotar os diferentes pedidos.

Os dois leem por alguns minutos, então Shay comenta: “Ah, não me diga que não ficou feliz em me ver”.

Ele diz, com sinceridade: “Fico sempre feliz em te ver”.

Edward abre a pasta, como se fosse relacionar a carta que acabou de ler com a fotografia da vítima. Na verdade, só quer dar uma olhada na foto de Jordan. Parece-lhe possível que tenha tomado a decisão de ficar em casa hoje, de estar *aqui*, por causa do irmão. Com toda certeza Jordan já tinha cabulado

aula na vida. A motivação surgira na esteira da ação, totalmente formada. *O que Jordan faria? O que posso fazer por ele?* Ele tem a idade que o irmão tinha quando morreu, e sente que entrou — ou espera ter entrado — na órbita do irmão de uma maneira diferente agora.

Lê uma série de cartas com mais exigências quanto a como deve levar a vida. *Siga todos os seus sonhos. Meu filho tinha tanto medo do fracasso que nunca entrou para uma banda. Não tenha medo de correr riscos.*

Minha filha era preguiçosa, e deixou os sonhos de lado porque achava que tinha tempo. Então pegou o avião para visitar a irmã em Los Angeles. Ela me disse que ia começar a se esforçar mais depois da viagem. Pense em como sua mãe deve sentir a falta dela, e faça-a sentir-se orgulhosa.

Sinto muito por divagar — tomei um pouco de Jack Daniel's —, mas ela era o amor da minha vida, e estudava confeitaria porque tinha um dom para a coisa. Queria que você tivesse experimentado as carolinas que ela fazia. Eram gostosas pra caralho. Descubra qual é o seu dom, Edward Adler, então estoure a boca do balão. Você deve isso à minha garota.

Em geral, Edward lê essas cartas com a sensação de que seu peito está sendo esmagado. Hoje, no entanto, comendo o sanduíche do irmão, com Shay ao seu lado, sente um pouco da energia animada e faiscante de Jordan. O irmão estava sempre procurando uma oportunidade de dizer: *Porra nenhuma*. De desafiar as expectativas do pai e o horário de voltar para casa, de se recusar quando todo mundo topava. Edward nunca teve essa tendência, mas sente que a ingere junto com o homus. *Porra nenhuma*, ele pensa, e é a primeira vez que considera a opção. *Porra nenhuma*, ele responde para as pessoas que lhe dizem como deve viver.

Edward tira o celular do bolso e manda uma mensagem para a sra. Cox: *Desculpa, mas não li o livro sobre investimentos. Tentei, mas o assunto não me*

interessa, então não consegui avançar. Mas Shay e eu gostamos muito das biografias que a senhora mandou. Espero que não esteja decepcionada comigo.

Assim que manda a mensagem, ele fica mais leve. Sentia-se culpado quanto a seu silêncio a respeito do livro, desde que o recebera. Pega outra carta da mala.

Oi, Edward,

Minha mãe morreu de depressão faz tempo, e meu irmão, Mark, que estava na porcaria do avião que caiu, teria acabado morrendo de depressão também. Tudo o que eu sabia era que não ia seguir o mesmo caminho, e é por isso que surfo, fumo e não tenho nada que não caiba na minha van. Não guardo nada que não amo.

Mark me deixou todo o dinheiro dele em seu testamento, ainda que a gente não se falasse há anos, o que foi meio que um foda-se para o jeito como escolhi viver minha vida. Ele queria me ver soterrado em milhões — depois de pagar as dívidas ridículas dele —, para que eu tivesse que comprar uma Mercedes e vasos chiques para ocupar minhas prateleiras vazias. Mark queria que eu fosse igual a ele, ou seja, rico, infeliz e sempre devendo para o cartão de crédito, mas não vou fazer isso. Vou doar toda a porra do dinheiro. Inclusive o do seguro. Bom, depois de consertar o pneu traseiro da van e comprar uma prancha nova.

Minha namorada é budista, e ela sempre agradece à praia, às ondas e ao pôr do sol. Eu costumava pensar que era tudo baboseira, mas gosto de ouvi-la falar. Me peguei agradecendo a uma árvore uma ou duas vezes já. Decidi que, mesmo se for bobagem, é uma bobagem boa.

Bom, ela sempre me diz pra agradecer ao Mark, porque a morte dele me libertou mais uma vez. Me fez perceber como a vida que escolhi é importante. Mas, em vez disso, acho que vou agradecer a você, garoto. Obrigado por receber esta carta. Obrigado pela sua vida, e por ter sido salvo.

Estou mandando junto um cheque com a quantia do testamento e do seguro. Quero que seja seu. Pode guardar ou doar, como quiser. Não ligo para o que vai fazer. Você merece, cara, depois de tudo pelo que passou. E eu não tenho o que fazer com isso.

Então, obrigado, e vai na paz, garoto.

Jax Lassio

O carimbo do correio indica que a carta foi enviada quase dois anos antes. Há mesmo um cheque no envelope, endereçado a *Edward Adler*, no valor de *7,3 milhões de dólares*.

“Hum”, Edward solta.

“O que foi?” Shay pega a carta dele. Ela a lê rápido, e seu queixo cai. Edward estuda a folha de cheque e os números escritos nele.

“Segura contra a luz”, Shay diz. “Sempre fazem isso nos filmes. Não sei por quê.”

Edward levanta o braço. Mesmo emoldurado pela janela, ainda é um cheque, com o mesmo número impossível de zeros.

“Putá merda”, Shay solta. “Putá merda. Acha que é brincadeira?”

“Não.” Edward abre a pasta e encontra a foto de Mark Lassio. O sorriso autoconfiante do homem faz com que pareça alguém que espera estampar capas de revista. Edward se lembra de Mark saindo do banheiro antes da comissária de bordo. Não estava sorrindo, mas parecia satisfeito, como se estivesse onde queria estar. *Que nojo*, Eddie tinha dito a Jordan. Como era possível que Edward estivesse agora numa rede que continha aquele homem e o irmão dele?

“Você nem precisa do dinheiro”, Shay disse, atrás dele. “Isso é insano.”

Quando os alto-falantes da escola chamam Edward para a sala do diretor na tarde seguinte, o menino imagina que descobriram que ele matou aula. No caminho, Edward procura por Shay nos corredores, porque quer dizer que a culpa é dela; eles são uma dupla, o que tornou a ausência dos dois óbvia, por isso tinham sido pegos.

O diretor Arundhi o recebe na porta. Segura um regador num ângulo estranho, como se fosse um cigarro, e parece ter dormido de terno.

“O que aconteceu?”, Edward pergunta. Tem que ser mais do que cabular aula, porque o diretor parece estar se desfazendo.

“Deve ser um vírus. Seis samambaias morreram nos últimos três dias. Seis. Separei as plantas afetadas.” O diretor aponta para um espaço em branco no peitoril da janela. Um dos vasos que ficavam pendurados sumiu também. “Espero que assim a doença não se espalhe mais. Não vejo nenhum sinal nas outras.” Ele olha para Edward, sem expressão. “Só me resta cuidar das que sobraram.”

“Posso ajudar?”

“Pode.”

Parece que o diretor encerrou sua fala, como se instruções não fossem necessárias, só a promessa de ajuda. Então Edward pergunta: “Como?”

“Quero que você leve a pata-de-canguru para casa. Não sei como o vírus começou. Tanto minha casa como esta sala podem estar infectadas. Por favor, leve o vaso para a sua casa até que todo mundo esteja saudável de novo.”

Edward olha para a velha samambaia no canto, abrigada em seu vaso amarelo-vivo. É a mais antiga e a preferida do diretor Arundhi. “Mas e se eu matar a planta?”

“Confio em você, Edward”, o diretor diz. “Confio totalmente em você.”

Quando Edward chega em casa, arruma tudo no porão para a planta. Coloca o vaso amarelo sobre uma mesa quadrada que fica perto da janela, para pegar bastante luz. Ao lado dela, fica um saco de fertilizante e um spray com água em temperatura ambiente. Edward verifica a terra e molha as folhas.

Shay está do outro lado do porão, dando saltos parada, no mesmo lugar. “Ainda estou tentando me acalmar”, comenta, quando Edward olha para ela. “Sete milhões de dólares.”

“Eu sei”, ele diz.

“Procurei na internet e parece que dá pra depositar um cheque dois anos depois, desde que a outra pessoa ainda tenha o dinheiro na conta. Quer parar com essa obsessão com esse arbusto, por favor?”

“Samambaia”, ele diz. “E não, não quero.”

“Você pode comprar umas doze casas nesta cidade com tanto dinheiro”, ela diz. “Ou uma ilha em algum lugar! O que vai fazer?”

O cheque está no bolso de trás de Edward. Ele não sabia onde colocar e achou que mantê-lo consigo seria mais seguro. Edward toca o bolso, por reflexo. Se imagina surfando ao lado de Jax, que ele imagina como um ator de cinema de cabelo comprido. Eles passam o cheque de um para o outro em meio às ondas.

“Não posso lidar com isso agora.”

“Eu sei. Você não pode lidar com mais nada antes de terminar de ler as cartas.” Shay soa exasperada, sem fôlego de tanto pular.

“Isso mesmo.” Edward aperta a terra com o dedo. Ele se pergunta se a planta sabe que está num lugar diferente, e se fica confusa. Ele se pergunta se a planta sente falta do diretor Arundhi.

Shay fica para jantar, e quando eles se sentam à frente dos pratos com costeletas de porco, brócolis e purê de batata, Edward diz: “Acho que preciso contar que sou vegano agora”.

Lacey franze o nariz, como se nunca tivesse ouvido a palavra antes. “Vegano?”

Shay diz: “Eu como as costeletas e o purê dele, se tiver leite. Não se preocupa, nada vai ser desperdiçado”.

“Por que a mudança?”, John pergunta.

Edward diz a verdade. “Quero fazer isso pelo meu irmão.” Ele faz uma pausa, então lhe ocorre que os tios provavelmente não estavam atualizados quanto aos hábitos alimentares de Jordan. “Ele tinha virado vegano algumas semanas antes de morrer.”

Os tios se encolhem na cadeira, e ele sabe que é porque usou a palavra *morrer*. Edward sempre falava em *acidente* quando se referia à perda da família. Todos faziam isso. A história tinha sido dividida em antes e depois do acidente.

“Não precisa mudar o que for cozinhar”, ele diz. “Posso pegar uns vegetais que estiver preparando e montar um sanduíche pra mim.”

John diz: “É claro que podemos comer mais vegetais por aqui”.

“Não quero que mudem nada.” Edward ouve como sua voz sai estridente, mas não consegue evitar. Está irritado por ter que contar a todos eles, e está irritado porque estão reagindo. Essa escolha, essa ideia, pertence a ele e a Jordan, e a ninguém mais.

“É legal que você esteja fazendo isso pelo seu irmão”, Lacey diz, mas parece incerta.

Para de se preocupar, para de tomar remédio pra dormir e presta mais atenção no seu casamento, Edward quer dizer, mas não diz.

À meia-noite, na garagem, Shay divide entre eles o pequeno punhado de cartas não lidas. Edward abre a que está no topo da pilha.

Querido Eddie,

Meu nome é Mahira. Meu tio é dono do mercadinho onde você e sua família iam o tempo todo. Não sei se sabe a meu respeito. Jordan disse que não contou a ninguém, mas talvez você seja exceção. Bom, talvez seja melhor eu contar que estávamos juntos, que ele foi meu primeiro namorado. Não posso falar dos sentimentos do seu irmão, é claro, só dos meus. E eu estava apaixonada.

No minuto em que ele me falou que sua família ia se mudar para a Costa Oeste, decidi que ia fazer faculdade em Los Angeles. Não disse isso ao Jordan, porque podia não dar certo, mas eu sabia que não era uma despedida definitiva. Quero estudar física, e tem faculdades excelentes lá. Eu tinha visualizado todo esse futuro. Tinha imaginado conhecer você, o irmão dele. Tinha imaginado que nos tornávamos amigos enquanto ficávamos na praia.

Estou com dezoito anos agora, e disse a meu tio que precisava tirar um ano de folga antes de entrar na faculdade. Então estou trabalhando no mercadinho enquanto ele visita a família no Paquistão. Mas por que estou te contando tudo isso? Acho que é porque gostaria de falar ao Jordan. Queria ter dito o que eu imaginava para o meu — para o nosso — futuro antes que ele entrasse no avião. Achei que tivesse tempo. É estranho ser jovem e não ter tempo, não acha? Eu também queria escrever para dizer que seu nome sempre fazia Jordan sorrir. No seu lugar, gostaria que me contassem isso.

Fique bem, Eddie.

Mahira

Edward lê a carta de novo e de novo, sem parar. Poderia continuar até que fosse hora de ir embora, mas então Shay percebe e diz: “Tudo bem com essa aí?”.

Entrega-lhe a carta.

Quando Shay volta a erguer os olhos, pergunta: “Você sabia que ele tinha uma namorada?”.

“Não.” A palavra ecoa dentro de Edward, como se ele tivesse se tornado um poço vazio.

“Você conhece essa menina?”

Ele balança a cabeça. “Devo ter visto no mercadinho, mas não lembro.”

“Sete milhões de dólares e uma namorada”, Shay quase sussurra.

Edward visualiza o irmão correndo entre as árvores, pulando no teto do carro, abrindo os braços para o segurança do aeroporto. Ele sente uma dor se espalhando por seu interior, como uma falha surgindo antes de um terremoto. Edward pensa: *O que posso fazer por você, Jordan? O que isso significa? Como posso te ajudar?*

A resposta é imediata: *Vá ver a garota.*

3

Nós contemos o outro, irremediavelmente e para sempre.

JAMES BALDWIN

14h07

O granizo que bate no avião causa uma falha. Os tubos de Pitot (que receberam esse nome por causa de Henri Pitot, engenheiro e inventor francês do começo do século XVIII), que parecem palitinhos de sorvete de aço e ficam do lado de fora da aeronave, congelam. Não deveriam congelar, mesmo em temperaturas árticas — fato crítico que será mencionado na audiência do NTSB sete meses depois. Uma vez congelados, os tubos são incapazes de fazer seu trabalho, que é medir a velocidade do avião. Isso é ruim, mas aviões contam com muitos planos B. Se uma turbina falha, há outra com a mesma potência disponível. Nesse caso, o problema nos tubos de Pitot inativa o piloto automático. O avião sai da velocidade programada. Os pilotos precisam verificar os sensores no painel, estimar a velocidade e estabilizar o avião sozinhos.

A chuva parou, mas o clima — um mar incrivelmente sensível de ar e umidade — continua sendo um fator importante. Bolsões de ar se deslocam em volta do avião, como bandos de aves migrando. Quando o piloto volta à cabine após ter usado o banheiro, ocupa o assento da esquerda e estuda o radar. Ele permite que o copiloto continue encarregado dos instrumentos.

O piloto diz: “Turbulência do rotor. Maior do que parecia no radar”. Ele olha para o painel. “Vá um pouco para a esquerda, pra evitar a corrente.”

O copiloto, doze anos mais novo que ele, parece preocupado. “Como?”

“Vá um pouco para a esquerda. Estamos no manual agora, certo?”

O copiloto assente e puxa o avião para a esquerda. Um cheiro estranho, de queimado, inunda a cabine. A temperatura aumenta.

“O ar-condicionado está com problema?”

“Não”, o piloto responde. “É efeito do clima.”

O som do vento contra o avião fica mais forte.

“Não se preocupe”, diz o piloto. “É o acúmulo de cristais de gelo no exterior da fuselagem. Está tudo bem. Vamos reduzir a velocidade.”

Um alarme soa por 2,2 segundos na cabine, para lembrar que não estão mais no piloto automático.

Já faz um tempo que Jordan sente claramente que não *precisa* mais dos pais. Mora com eles porque é o costume ficar em casa até os dezoito, mas o menino sabe que poderia encontrar um emprego com facilidade, continuar estudando por meio dos livros, passar horas sozinho com Mahira e morar sozinho. Ele consegue visualizar o apartamento: um estúdio iluminado, com teto alto, com uma cama no alto. Quando se vê morando lá, é uma versão sua de óculos que segura uma xícara de café — mesmo que sua visão seja perfeita e a cafeína o faça suar.

Agora Jordan observa a médica desaparecer atrás da cortina que leva à primeira classe. Sabe que ele, o irmão e o pai estão pensando a mesma coisa: *Aconteceu alguma coisa com a mamãe?*

“Tem um senhor doente lá”, Bruce diz. “Deve ser...”

O ar parece deixar sua boca, e o resto da frase se perde quando o avião é jogado para a direita, como uma pedra quicando num lago.

O solavanco muda algo dentro de Jordan, e uma nova verdade se revela: *Eu preciso deles. Preciso dos três.* Enquanto o avião hesita, como se decidisse qual vai ser o próximo passo, seu apartamento ganha um beliche que ele divide com o irmão e um quarto a mais, para os pais.

Março de 2016

Edward mantém os olhos fechados durante a maior parte da viagem de ônibus até Nova York. Ele e Shay leram e organizaram todas as cartas. É segunda-feira do feriado de Páscoa, e eles conseguiram sair de casa sem que ninguém notasse, porque Lacey está no trabalho e Besa está passando o dia com uma prima. Edward está irritado porque tem que fazer essa viagem, por essa *viagem* ser uma possibilidade. Teria apostado a própria vida que ele e seu irmão não tinham segredos. No entanto, Jordan havia beijado uma garota. Havia amado uma garota, uma desconhecida. E ou não quis contar aquilo a Edward ou não achava que ele conseguiria guardar segredo.

Na metade do caminho, Edward abre os olhos, como se precisasse de luz, assim como seus pulmões precisam de ar. “Não vou fazer o simulado do exame de admissão na faculdade semana que vem.”

“Tá”, Shay diz.

“Você vai fazer?” Edward está a fim de contrariar. O ônibus faz a curva na longa alça que leva ao Lincoln Tunnel.

“Não sei o que quero fazer da vida, então sim.”

“Também não sei o que quero fazer da vida.”

Ela dá de ombros. “Bom, você não precisa fazer esses testes bobos. Já eu sou uma pessoa normal.”

Edward está nervoso, como se tivesse cafeína demais no sangue, mas não tomou nem um refrigerante. Estão no túnel agora. Ele não contou aos tios

aonde ia. Os dois não imaginariam que Edward iria mais longe que a casa de Shay. Afinal, ele nunca foi.

É a primeira vez que ele volta a Nova York. Edward não quer dizer isso em voz alta.

Em vez disso, comenta: “No primeiro verão, você falou que eu não era normal, mas que você também não era”.

“Olha”, ela diz, “se quero ter a chance de fazer algo legal, preciso de um diploma universitário.” Shay está na poltrona da janela, e ele consegue ver meio rosto dela e seu reflexo, que parece pertencer a uma mulher, e não a uma garota.

Eles pegam um táxi do terminal de Port Authority até o mercadinho. O Upper East Side se apresenta para Edward conforme seguem rumo ao norte de Manhattan. A vida de sua família se desenrolou nessas cercanias. Os dois passam pela lavanderia, pela biblioteca com fachada de tijolos aparentes, pela mercearia decadente onde compravam a maior parte dos mantimentos, e então, um quarteirão à frente, pelo supermercado chique onde o pai comprava carne e queijo.

Eles passam pela loja de antiguidades onde uma vez sua mãe comprou um relógio. Ela o deixava em cima da cômoda e dizia que a lembrava de sua avó no Canadá. Depois vê uma caixa de correio na qual Edward lembra de se apoiar enquanto o pai enviava a declaração do imposto de renda, em abril. Ele se recorda do pai abrindo e fechando a portinha azul enquanto reclamava sobre a injustiça de ter que pagar imposto por causa de guerras nas quais não acreditava. “Se eu pudesse escolher para onde meu dinheiro vai”, o pai dizia, “ficaria feliz em pagar impostos.”

Edward aperta o cinto, como se para se proteger das lembranças.

“Você tem um plano?”, Shay pergunta. “Ou vamos só encontrar a garota?”

Edward dá de ombros. Tudo o que ele sabe é que precisa ver Mahira, por duas razões. Primeiro, porque seu irmão ia querer que a visse. Segundo, porque ela é a única pessoa viva — além dele — que amou profunda e especificamente seu irmão. Edward o perdeu, e ela também.

Ele diz: “Não precisamos ficar muito”.

O táxi para no farol vermelho. Edward reflete sobre visitar uma verdade — uma pessoa — da qual não tinha conhecimento. A carta de Mahira abriu uma porta para a vida que ele tinha vivido. É como se ele tivesse descoberto um novo cômodo saindo da cozinha do apartamento de sua família, dentro do qual estava a namorada de Jordan. Havia outras portas que ele simplesmente nunca notara? A ideia era incômoda, mas também atraente. Ele não pode recuperar o que sabe que perdeu — sua família —, mas talvez possa recuperar coisas, pessoas que a princípio nem sabia que existiam.

O táxi para na esquina da rua 72 com a Lexington. Shay paga o motorista, enquanto Edward espera na calçada. Ele deve parecer assustado, porque os olhos dela se arregalam quando Shay se junta a ele. “Vai ficar tudo bem”, ela diz. “Vou te ajudar.”

Obrigado, ele pensa, então a observa virar e ir até a porta do mercadinho. Edward vê sua nova vida entrar em sua antiga vida.

O mercadinho é retangular e estreito, com um corredor comprido de prateleiras no meio. O lugar é limpo e bem iluminado. Costumava comprar achocolatado ali sempre que tinha algum trocado. Vinha com o pai fazer compras de última hora — papel higiênico, desodorante, leite. Era ali que Edward e Jordan compravam doces proibidos — quase sempre Twix para o mais velho e ursinhos de goma da Haribo para o mais novo. Foi o primeiro lugar aonde puderam ir sem supervisão. Bruce os mandava comprar algo específico e colocava um alarme no relógio para dali a quinze minutos. A tarefa dos meninos era voltar para casa antes que o alarme soasse.

Edward entra e fica parado. É tomado por saudades do irmão, e sufocado pela intensidade. Como estar de pé *aqui*, sozinho?

Não tem ninguém no balcão. Tem um menino usando uma camisa de futebol de pé diante das revistas no canto. Edward se pergunta se Jordan conhecia esse menino também. Tudo é possível. A julgar pelo tamanho, o menino devia ter começado o ensino fundamental quando eles moravam ali. Talvez Jordan tivesse ficado de babá dele e nunca contara a Edward a respeito.

“Dei uma olhada”, diz uma voz de menina vinda dos fundos, “e a revista ainda não chegou. Talvez amanhã.”

Edward olha para Shay e leva outro susto. Ela já está com duas latas de sopa numa mão, um pão debaixo do braço e um saco de salgadinhos na outra mão.

“O que foi?”, ela sussurra. “Achei melhor comprar alguma coisa, pra não parecer esquisito.”

“Confia em mim”, ele diz, “já está parecendo esquisito.” Mas fica agradecido a ela de novo, por ter vindo, e por estar nervosa também, ainda que não consiga lidar com todas as suas ansiedades.

Edward sente uma mudança no ar e vê uma garota voltar dos fundos. Ela o vê e para no mesmo instante.

A menina estremece. É um movimento de corpo inteiro, como se tivesse acabado de sair de um lago congelante. “Eddie Adler?”, ela pergunta.

Ele assente.

“Você está parecido com ele.”

“Desculpa.” Mas ele gosta de ouvir isso. Faz muito tempo que ninguém o compara ao irmão. Ele a avalia. Tem cabelo preto na altura do ombro, rosto em forma de coração, pele alguns tons mais escura que a de Shay. *Jordan te amava*, ele pensa.

“Recebi sua carta”, ele diz. “Eu não sabia. Sobre meu irmão e você.”

Ela assente, mais calma; recuperou o controle. “Imaginei.” Ela olha para Shay. “Sou a Mahira”, ela diz. “Quer que eu pegue essas coisas? Você parece desconfortável.”

Shay avança e coloca a comida no balcão, sem graça. “Sou amiga do Edward”, ela se apresenta. “Shay.”

Mahira franze a testa. “Edward?”, ela repete. “Achei que chamassem você de...”

“Pode me chamar de Eddie”, ele diz. “Se quiser.”

A porta se abre às costas deles, e Edward e Shay se viram. Um homem com uniforme da UPS deixa três caixas grandes no chão. Ele diz: “Até amanhã”.

“Até amanhã!”, Mahira responde, e o homem vai embora. Quase imediatamente a porta volta a abrir, e uma mulher entra com um carrinho. Ela fala com o bebê numa voz baixa e cantarolada, e vai direto para a prateleira das fraldas.

Shay pergunta: “Hum, você mora aqui?”.

“No apartamento aqui em cima.” Mahira aponta para o teto. “E você está em Nova Jersey agora. Seus tios são legais? Está tudo bem?”

“Sim”, Edward diz. “Eles são legais.”

A mulher com o carrinho está no balcão agora, e Shay e Edward saem do caminho. Ela olha rapidamente para eles enquanto procura a carteira na bolsa, como quem diz: *O que vocês estão tramando? Parecem suspeitos.*

Edward olha para o bebê no carrinho, e nota que ele o encara. Tem olhos azuis gigantes, bochechas gordas e é completamente careca. Ainda encarando Edward, o bebê enfia quase a mão inteira na boca e sopra. Então tira os dedos e sorri.

“Você é muito fofo”, Shay diz, com uma voz educada.

A mulher termina de pagar, enfia o pacote de fraldas debaixo do carrinho e afasta o bebê deles. Sai batendo a porta.

“Acho que vou fechar por uns minutinhos pra gente conseguir ter uma conversa de verdade, sem metade do bairro entrando”, Mahira resolve. “Tem uma intrometida que aparece no mesmo horário toda tarde e compra um chiclete. Acho que ela está mandando notícias pro meu tio. Vai ser bom evitar a mulher.”

Mahira vai até a porta, vira a placa de ABERTO para FECHADO e tranca duas fechaduras. “Você está com quinze anos?”, ela pergunta.

Edward observa as fechaduras. Preferiria que a porta fosse mantida aberta. Preferiria que fugir fosse fácil, fosse uma possibilidade, e não um desafio desconfortável. Ele assente. “Você tinha quinze quando namorava meu irmão.”

Namorava meu irmão. As palavras soam impossíveis no ar.

Mahira vai até o balcão e se apoia nele. “Você se parece com Jordan”, ela diz. “Mas a voz é diferente. E os olhos.”

Edward sente uma dor que percorre todo o seu corpo, e ele sabe que é em nome do irmão. Jordan deveria estar ali agora. Se ele *fosse* o irmão, iria até o balcão para abraçá-la. Devia fazer aquilo por Jordan agora?

Edward olha para Shay. Shay é concreta. Shay é real. Está ao lado de uma prateleira com batatinhas de diferentes sabores. Observa os dois com a mesma expressão de quando está estudando para uma prova.

Mahira diz: “Você está usando... É o casaco do seu irmão?”.

Edward olha para a parca laranja. Fica perfeita nele agora, mas as costuras e os cotovelos estão gastos. Lacey tem ameaçado substituí-la. “É”, Edward diz. “Fiquei com todas as roupas dele.”

“Claro. Faz sentido.” Sua voz é uniforme, mas seus olhos mudam, brilham.

Edward quer ter uma conversa normal, entre pessoas normais. Mesmo sabendo que isso não é possível. “Você disse na carta que vai tirar um ano de folga dos estudos antes de entrar na faculdade.”

Mahira assente. “Acho que no outono começo na Hunter. Fica a uns quarteirões de distância, e é barata. Sou uma pessoa de exatas”, ela diz. “Sempre fui, e é importante pro meu tio que eu seja engenheira.”

Edward não tem ideia do tipo de pessoa que ele é. Ele se sente iluminado pela dor e de alguma forma sabe que Mahira sente o mesmo. Jordan está entre eles, um repositório de anseio criado pela proximidade entre os dois. Não um fantasma, mas um anseio. *Eu + Mahira = saudade de Jordan*, pensa Edward. Mas a palavra *saudade* não é o bastante. O nome *Jordan* não diz o bastante.

O Jordan reluzente, que carrega toda a perda deles, diz a Edward: *Para de falar bobagem*.

Edward diz: “Como você ficou sabendo do acidente? Onde estava quando descobriu?”.

Ele sempre foi cuidadoso ao perguntar isso às pessoas em sua vida. Edward pensa nisso como pontinhos num gráfico, determinando a localização de cada pessoa durante um único momento. John viu a notícia do acidente no Twitter quase imediatamente. Estava prestando um serviço de TI para uma varejista, mas quando viu a manchete pegou suas coisas e ligou para Lacey do estacionamento. Não tinha certeza de que era o mesmo voo, e ficou no celular com a esposa enquanto ela procurava o último e-mail da irmã, com os detalhes da viagem. Shay estava lendo o terceiro livro de *Anne de Green Gables* na cama quando ouviu o telefone tocar e depois a mãe chamá-la em espanhol. As duas tinham assistido à cobertura do acidente na televisão com o volume no máximo, para que conseguissem ouvir os repórteres apesar do choro de Besa. A sra. Cox estava na 92nd Street Y, ouvindo uma palestra sobre o legado de Eleanor Roosevelt, quando o motorista tocou seu braço para chamá-la. Ela o seguiu até o saguão, e ele lhe mostrou a notícia no celular. O dr. Mike estava atendendo quando o avião caiu, e só descobriu depois, quando ligou o rádio do carro.

“Ah.” Mahira vira o rosto, na direção do depósito nos fundos. “Eu estava indo para casa. Sempre passava por um bar de esportes bem grande, na esquina da 83. Tem televisões em todas as paredes, em geral passando dois ou três jogos diferentes. Futebol, futebol americano, hóquei no gelo. Mas...” Ela hesita. “Naquele dia, todas as telas mostravam a lateral de um avião caído sobre um campo. Parei porque era uma imagem incomum, especialmente naquele lugar. Entrei no bar, coisa que nunca tinha feito, e o atendente me contou o que havia acontecido.” Ela para de falar por um segundo, então estende as mãos à sua frente, como se estivesse prestes a receber alguma coisa: moedas, um presente, a comunhão? Mahira volta a baixar as mãos, colocando-as sobre as coxas, e diz: “Quando cheguei, o noticiário dizia que só um menino tinha sobrevivido”.

Edward processa isso. “E você pensou que tinha sido Jordan.”

Ela não responde. Uma nova realidade floresce no cérebro de Edward. Quem sobrevive é Jordan, e, em vez de ir para casa com Lacey e John quando sai do hospital, ele insiste em se recuperar com Mahira, no apartamento em cima do mercadinho. Edward pode vê-lo deitado na cama de solteiro, com uma perna engessada. Seu rosto se contorce de dor, mas ele olha para Mahira. Vai superar a perda ao lado dela, e se reconfortar nisso. Quando o avião caiu, ele não perdeu tudo.

“Sinto muito”, Edward diz.

“Você e eu íamos nos conhecer numa praia na Califórnia.” Mahira sorri, o que exige esforço. “Quer ouvir um negócio estranho?”

Shay, que não fala há algum tempo, diz: “Sim, por favor”.

“Tenho ido a uma mulher que mora a algumas quadras daqui e que lê tarô pra mim. Ela tem um abajur roxo perto da janela e um sino pendurado na porta. É absurdo, e não acredito nessas coisas, mas não consigo parar de ir.”

“E o que ela te diz?”

As bochechas de Mahira ficam levemente vermelhas. “Em parte, contos de fadas. Ela fala de Jordan e do nosso amor. Acho que é por isso que continuo indo. Não tenho ninguém mais com quem falar a respeito. Meu tio não quer nem ouvir o nome dele.”

“Jordan”, Edward diz, por reflexo.

“Jordan.” Mahira diz o nome no mesmo tom que usou com o entregador da UPS: deliberado, autoritário. Ela diz o nome do mesmo jeito que disse *amanhã*.

Há uma batida na porta, e os três se sobressaltam. Veem uma silhueta através do vidro jateado. Um punho se ergue de novo, então baixa. A pessoa vai embora.

Edward se pergunta o que a mulher do tarô lhe diria. Gosta da ideia de alguém lhe falando sobre o amor que havia entre ele e o irmão. Edward pergunta: “Pode me dizer por que você e Jordan mantiveram segredo? Por que ele não me contou?”.

Ela balança a cabeça. “Não falávamos muito, pra ser sincera. Eu tinha medo de que longas conversas estragassem tudo, tinha medo de dizer algo idiota. Vivia pensando que ia falar depois, perguntar depois, contar tudo depois.”

“Você achou que tinha tempo”, Shay diz.

“Isso.”

Edward pensa nas cartas, em todas as pessoas lhe fazendo perguntas, querendo acreditar que podiam chegar a uma solução, ou a uma resolução, para seu coração partido. A menina solitária à sua frente e a dor naquelas cartas fazem seu próprio peito doer, e ele se curva de leve.

“Preciso abrir a porta”, Mahira diz.

“Tudo bem”, Edward diz.

Mas eles ficam em silêncio por mais alguns momentos, antes de se separar.

Quando os dois entram na garagem aquela noite, Shay diz: “Por que você não pode conversar com John em casa, no café da manhã, como uma pessoa civilizada? A gente nem sabe quando ele passa aqui. Talvez tenha que esperar por horas e horas”.

“Tenho que falar com ele aqui. Longe de Lacey.” Edward se senta no pufe, que considera seu. A poltrona pertence a Shay.

“Você anda muito mandão ultimamente. Não sei se gosto disso.”

Edward sorri. “Pode dormir enquanto ele não chega.”

“Ah, eu vou dormir.” Shay se remexe na poltrona, como se procurasse pela posição mais confortável. Então fala: “Você quase beijou a Mahira hoje?”.

Edward congela por um segundo, e suas bochechas ficam vermelhas. “Pensei em fazer isso. Por Jordan.” Sua respiração está irregular. “Não tenho certeza do que posso ou devo fazer por ele.”

“Percebi que você estava pensando nisso.”

“Como? O que eu fiz?”

Ela sorri e dá de ombros. “Não dá pra explicar.”

Ele a encara, e tem algo novo ali. Edward costumava pensar que tudo aquilo ocorrera só com ele, mas sabe que Shay mudou, e sabe que os remetentes das cartas também mudaram, de modo que o efeito cascata parece potencialmente infinito. Ele está à procura do infinito agora, na covinha de Shay.

Há uma pausa, e ela desliga a lanterna. Então diz na escuridão: “Boa noite”.

Depois dá as costas para Edward e se encolhe na poltrona. Ele continua ereto no pufe. O ar entre eles está carregado, os átomos, cheios de novas possibilidades. Edward sabe — de alguma maneira — que os dois se imaginaram se beijando. Ele tinha se visto inclinando a cabeça para o lado e o corpo para a frente. Seus lábios se tocando. Edward pensa no ar entre ele e Mahira aquela tarde, na presença reluzente do irmão, na perda do que tinha sido.

A professora de ciências de Edward contou recentemente sobre o Grande Colisor de Hádrons, na Suíça, a maior máquina já construída. *Ela investiga diferentes teorias da física de partículas*, a professora disse. *Os cientistas acham que estão perto de compreender o que acontece no ar entre duas pessoas. Por que temos repulsa por algumas pessoas, por que somos atraídos por outras, e tudo que acontece nesse meio. O ar entre nós não é simplesmente espaço vazio.*

O corpo inteiro de Edward está consciente do corpo de Shay a poucos passos de distância. Ele não tenta encontrar uma posição confortável; pretende ficar acordado até o tio aparecer na garagem.

Edward olha para a escuridão e se pega repassando mentalmente a visita ao mercadinho. O luto pelo irmão está mais presente no fim desse dia, algo que ele nem imaginava ser possível. Mas antes ele sentia falta de Jordan sozinho. A perda terrível era *dele*. Agora também lamenta o que o irmão perdeu. Jordan nunca mais vai se sentar perto daquela menina de novo, com o corpo todo formigando.

O céu tem algumas faixas roxas quando John abre a porta da garagem. Ele para ali e absorve a cena. O adolescente cansado e a adolescente dormindo.

“Bom dia”, John diz, com cautela na voz.

“Oi.” Edward se levanta do pufe. “Não se preocupa”, ele diz. “Está tudo bem. Só queria te contar que vi as pastas. Encontrei por acidente. E depois abrimos as malas e lemos as cartas.”

O rosto de John acusa surpresa, e algo mais. Talvez medo. “Você abriu os cadeados?”, ele diz. “Eu ia te entregar quando fosse mais velho. Sei que são suas. É que li algumas, quando começaram a chegar, e achei que era ultrajante que as pessoas escrevessem cartas assim para uma criança.”

“Foi o que eu imaginei.”

John suspira, e é o som de uma pedrinha rolando ladeira abaixo. “Não estão todas aí.”

Edward precisa de um segundo para absorver isso. “Tem mais cartas?”

“Não muitas. Mas algumas mais recentes estão no fundo do armário no corredor. Elas continuam chegando, com menos frequência. Vou ao correio todas as sextas pegar.”

Shay se mexe na cadeira. Quando Edward confirma que continua dormindo, pergunta: “Por que usou uma caixa-postal?”.

“Foi depois que recebemos aquela pasta com os pertences pessoais pelo correio. Achamos que seria mais seguro não receber a correspondência direto em casa. Não queríamos que você deparasse com algo que não tivéssemos visto antes.”

Edward olha para o tio. Pensa que John é só uma pessoa que por acaso é mais velha que ele. Não conhece mais coisas e não sabe mais a respeito delas do que Edward. John e Lacey estão desempenhando os papéis que receberam: marido, esposa, tia, tio. Quando Shay insistiu para que Edward contasse aos dois sobre as cartas, ele resistiu, porque queria decidir o que fazer antes de perguntar aos adultos. Isso se baseava na crença de que John e Lacey teriam uma resposta sólida, uma solução para o problema. Mas agora Edward vê que não é o caso.

Ele diz: “Você e Lacey vão ficar bem?”.

John abre um sorriso dolorido. “Ela está frustrada comigo. O que é compreensível.” Ele dá de ombros. “Quando se tem uma longa história com alguém... nada é tão linear quanto se pensa que vai ser. Lacey e eu sempre ficamos chateados em momentos diferentes quando acontece algo desafiador. Eu fico frio no começo, e sua tia desmorona. Quando ela se recupera, costumo deixar pra lá, mas dessa vez... É como uma pane conjugal.”

“É complicado”, Edward diz, porque quer ajudar.

John faz um gesto que parece se referir a tudo: às fotos, às cartas, à meia-idade, ao casamento. “Quando se vive o bastante, tudo é complicado.”

Edward pensa na história não linear e intrincada entre ele e Shay, que já começa a se emaranhar. E na história que continua a pulsar entre Mahira e Jordan, ainda que ele tenha morrido. Edward ouve o leve ruído da respiração de Shay e diz: “Teria sido melhor, acho, se você tivesse me mostrado tudo desde o começo. Acho que é importante... ver todo mundo que morreu. Essas pessoas importam tanto quanto eu ou você, e quero me lembrar delas.”

Edward percebe que o tio pensa a respeito. “Interessante”, John diz. “Talvez eu devesse ter te mostrado tudo, mas não achei que podia.” Ele parece velho, envolto pela luz pastel do amanhecer. “Você tem que entender que meu maior medo, nosso maior medo...” John hesita.

“Qual é?”, Edward pergunta.

John vira a cabeça ligeiramente, de modo a olhar para o sol nascendo, e não para o sobrinho. “Que você pudesse, bom, decidir não viver. O dr. Mike disse que era uma preocupação real, e você não comia quando veio pra cá, depois desmaiou lá fora. Era uma depressão forte.”

Edward pisca, tentando compreender. “Vocês estavam preocupados que eu fosse me matar?”

“Todas as decisões que tomamos foram para impedir isso. Não queria que você tivesse contato com nada que pudesse te chatear ainda mais. Lacey acha que exagerei na dose, e que ao te proteger de tudo relacionado ao acidente acabei ficando obcecado por ele.” John passa as mãos no rosto. “As mulheres são mais espertas que nós, você sabe.”

Uma vez, o dr. Mike tinha dito algo a Edward durante uma sessão sobre o suicídio não ser uma opção. Edward não tinha respondido, porque o comentário o deixara confuso. Mas agora, com a ideia à sua frente, ele consegue ver o medo na atenção cuidadosa do diretor Arundhi, no remédio para dormir de Lacey, nas novas rugas no rosto de John. Edward balança a cabeça. “Eu nunca faria isso.”

John dá de ombros, como se dissesse: *Talvez, mas eu não podia ter certeza.*

O cansaço nos olhos do tio faz Edward se dar conta, pela primeira vez, de por que o tio precisava salvá-lo a qualquer custo. John — apesar de toda a vontade, atenção e de todo o cuidado — não tinha sido capaz de salvar qualquer outra pessoa. Os bebês na barriga de Lacey. Jane e Bruce, seu sobrinho mais velho. Então ele estava disposto a arruinar a própria vida, até mesmo seu casamento, para se certificar de que não perderia o sobrinho que tinha ido morar em sua casa.

“Eu não teria feito isso com vocês”, Edward olha para o tio e então para Shay, porque isso serve para ela também, “porque sei como é ser deixado para trás.”

A frase o deixa sem ar, como se a verdade tivesse tirado algo dele. Sente um lampejo de medo, mas então vê a expressão no rosto do tio. John abre os braços, e Edward dá um passo à frente.

14h08

O copiloto, assustado com o alarme, ou com a turbulência, ou com a experiência de pilotar um avião na mão — a maioria dos pilotos treina para a decolagem e para o pouso manuais, não para o voo em si —, toma uma decisão irracional. Puxa o manche lateral para colocar o avião em subida íngreme. De onde está, o piloto não tem visão desimpedida para o braço direito do copiloto, e nem lhe ocorre que seu colega tomaria uma decisão tão imprudente.

“Devagar”, o piloto diz.

“Entendido.”

Quase na mesma hora que o copiloto age, o computador do avião reage. Um alerta sonoro indica à cabine que eles estão deixando a altitude programada. O alarme de estol soa. É uma voz humana sintetizada que fica repetindo “*Stall!*” em inglês, seguida pelo som alto e intencionalmente irritante que parece de grilo. O estol é uma situação perigosa que pode ser provocada por voar devagar demais. Em velocidade crítica, uma asa de repente se torna muito menos eficaz na sustentação, e um avião pode mergulhar precipitadamente. Mas o piloto acredita que estão seguindo devidamente os protocolos, então não se preocupa tanto com o alarme de estol. O copiloto, que continua segurando o manche lateral, agora está coberto de suor frio e com a respiração rasa. Ele tenta disfarçar o pânico.

O chão parece se curvar debaixo de Verônica, e depois volta ao normal. “Volte para a poltrona”, ela orienta a médica ruiva. A comissária olha para o senhor morto e depois para a enfermeira, de um jeito mais gentil. “Volto num minuto”, Verônica diz.

Ela vai para o seu assento, que fica na saída da primeira classe. Cai sobre o retângulo horizontal duro e passa o cinto pelo peito. Verônica visualiza os traços brancos de Crispin Cox. Pensa que o ar não passa pela garganta, que não circula sangue pelo seu corpo. Ninguém nunca tinha morrido num voo seu. Qual é o protocolo? Ela leu tudo, e nesse caso o primeiro passo é alertar o piloto. Verônica vai fazer isso assim que conseguir chegar ao sistema de comunicação interna. Se possível, o corpo deve ser removido para uma fileira desocupada, longe dos passageiros, o que não vai ocorrer naquele avião lotado. No entanto, ela leu que às vezes o corpo é colocado com todo o cuidado num armário, até o pouso. Há um nos fundos do avião que pode servir, se ela tirar algumas coisas dali.

Verônica imagina a si mesma carregando o corpo com a ajuda de Ellen por toda a extensão do avião, até chegar ao armário. Ela com as mãos debaixo das axilas do homem, Ellen segurando seus pés. Luís esperando ao lado do armário para ajudar.

O avião dá uma sacudida forte, e a dianteira tremula. A atenção de Verônica passa para os resmungos e estrépitos da máquina colossal, que ela conhece tão intimamente quanto seu próprio corpo. Pensa: *O que você está tentando me dizer?*

Abril de 2016

Edward só tem duas responsabilidades que lhe parecem reais agora: ler as cartas que chegarem e cuidar da samambaia do diretor Arundhi. Faz quase quatro meses que a planta está com ele. Ela parece estar aguentando, bem verde e plácida em sua mesa ao lado da janela do porão. O menino tira fotos da pata-de-canguru e mostra a Arundhi, para lhe garantir que a planta está saudável. A sala do diretor agora parece mais um escritório do que uma estufa. O vírus tinha se revelado de um tipo forte e terrível, que vinha em três ondas. Finalmente abandonou as plantas, mas treze delas morreram antes disso. Restam apenas algumas no peitoral da janela e na mesa lateral.

“Tenho que recomeçar”, o diretor comenta. “Ando pensando em comprar algumas orquídeas. São plantas maravilhosas, não acha?” Ele suspira, e Edward sabe que não está animado para recomeçar. Só fala por falar. O diretor lhe pede que fique com a pata-de-canguru por mais algumas semanas, só por garantia.

Sexta-feira é o único dia da semana que Edward faz questão de saber, porque é quando John chega em casa com as cartas, se tiver alguma nova. Shay continua se correspondendo com a freira da Carolina do Sul. Edward escreve para Gary perguntando sobre as baleias. Ele e Shay trocam mensagens de texto com Mahira. Todas as crianças receberam resposta. Edward percebe que eles responderam às cartas dos extremos: *dos muito velhos e dos muito novos*. No meio há centenas de pedidos que Edward passou a ver como uma faixa de areia movediça. Ele não decidiu o que fazer com essas cartas, mas sabe que, se

realizar o desejo de uma, vai ter que realizar o de todas. E isso, como a planilha de Shay demonstra, é tecnicamente impossível. Ele teria que viver em inúmeras partes do mundo, trabalhar como médico, bibliotecário, chef de cozinha, ativista, romancista, fotógrafo, professor de estudos clássicos, estilista, repórter de guerra, sommelier, assistente social, entre outras coisas. Teria que cumprir desejos que se opõem a outros, em localidades com fusos horários muito diferentes.

A carta que ele leu esta manhã é muito curta, um bilhete quase incompreensível da viúva do copiloto. Ela conta a história de como conheceu o marido na faculdade e diz que sente muito que ele tenha cometido um erro na cabine. A carta acaba assim: *Meu marido matou cento e noventa e uma pessoas. Tem ideia do que é ser eu?*

De todas as cartas que Edward leu, essa é a única que ele tem certeza de que não deveria ter sido mandada. O marido dela matou a família dele. Como aquela mulher podia ter pensado que não havia problema em escrever para ele à espera de... do quê? De validação? Compaixão? Ele deveria ficar bravo com ela, Edward pensa, mas não fica. A mulher não teve nada a ver com o que aconteceu, e também foi deixada para trás. Além disso, gostando ou não, ele tem, sim, ideia de como é ser ela. Pode imaginar a culpa esmagadora, o avião de metal destroçado que deve recair sobre a mulher toda vez que tenta dormir.

Edward está no meio do corredor principal da escola. Olha em volta, para a multidão de adolescentes. A aula de estudos sociais começa em três minutos, eles estão na Revolução Francesa. Edward sabe que os outros alunos esperam se sair bem no semestre para melhorar suas chances de ser aceitos na turma avançada de história do ano que vem, não por terem interesse em história, mas porque as melhores faculdades esperam que os alunos tenham ficado na

turma avançada em pelo menos três matérias. No fim do corredor há uma porta que dá para fora do prédio, e Edward escapa por ela.

Anda na direção da avenida, sentindo a escola flutuando atrás dele, como uma nuvem. Sente-se mal porque sabe que Shay vai estranhar, e vai ficar preocupada, quando perceber que ele não vai à aula de estudos sociais, e que nem está na escola. Mas Edward continua andando mesmo assim. Quando já está no ônibus para Nova York, manda uma mensagem para Mahira pedindo o endereço da mulher do tarô.

Você não devia estar na escola?, ela responde.

Sim.

Rá. Ela manda o endereço, então escreve: *Mas lembra que é tudo bobagem.*

Ele pega um táxi até o lugar, que fica numa ruazinha do Upper East Side, com árvores na calçada. Edward sai do carro na esquina e pensa que viajou mais quilômetros nos últimos seis meses do que nos três anos anteriores. É como se ao chegar à sua idade Jordan o tivesse colocado em movimento. Agora ele é impulsionado, só não sabe exatamente em direção a quê.

Edward vê o abajur roxo à janela primeiro, então vê o número sobre a porta. É uma janela no térreo de um prédio de tamanho médio. Tem uma plaquinha branca com letras pretas no canto inferior esquerdo da janela. Está escrito: MADAME VICTORY REVELA SEU FUTURO, CAMPAINHA 1A.

Isso é besteira, Edward pensa, e sente de novo uma falta de esperança desesperadora. Fica do outro lado da rua e decide: *Vou escrever para a mulher do copiloto quando chegar em casa. Vou falar que compreendo.* A decisão permite que ele se mova, atravesse a rua, suba os degraus e aperte a campainha.

Ouve um clique e empurra as portas de entrada do prédio. Então se vê num saguão com tapete verde e papel de parede com estampa de folhas. A porta à esquerda está entreaberta. Ele a empurra para abri-la totalmente.

“Oi?”, Edward diz. Está no que parece ser uma sala de jantar esquelética. Há uma mesa redonda com quatro cadeiras em volta. Uma escrivaninha encostada na parede. Uma tapeçaria em estilo renascentista pendurada na parede oposta, exibindo um unicórnio apoiado nas patas traseiras dentro de um cercado. Flores decoram o espaço em volta do cercado. Edward se lembra de ter assistido a um desenho sobre um unicórnio quando era bem pequeno, e de ter ficado obcecado pelo animal mítico. Parte de sua obsessão vinha do fato de que seus pais, que se orgulhavam em sempre separar fatos e ficção para os filhos, tinham parecido desconfortáveis quando ele perguntou se unicórnios eram reais. *Talvez, a mãe havia dito. Talvez tenham existido, muito tempo atrás.*

“Um segundo, querido”, uma voz de mulher diz. Edward ouve um tilintar e olha para a janela, onde tremula um sino de vento de metal. Foi a voz da mulher que o fez se mover? Os pelos de seus braços se arrepiam, e de repente ela está diante dele.

É uma mulher alta — tem pelo menos um metro e oitenta —, com um turbante colorido na cabeça. Tem pele bronzeada, olhos castanhos e um sorriso generoso. Está usando uma saia num tom forte de amarelo e moletom com zíper e capuz.

“Pode sentar, bonitão”, ela diz, fazendo um gesto para uma das cadeiras. “Quinze minutos com a madame Victory custam trinta dólares, em dinheiro, só para você saber.”

“Tá”, Edward diz, mas hesita antes de se sentar, porque seu corpo está em alerta total. Os sinos continuam soando no canto, ainda que de maneira menos desvairada agora. Ele não consegue decifrar a mensagem que o corpo lhe envia; está sendo inundado por uma onda de adrenalina: *Cuidado; perigo; vá embora.* Mesmo assim, Edward se acomoda na cadeira.

Madame Victory se senta do outro lado da mesa. “Prefere que eu leia o tarô ou a sua mão?”

“Não sei.”

Ela olha seu rosto pela primeira vez. Ele tem dificuldade em encará-la, mas, ao mesmo tempo, não consegue desviar os olhos. A adrenalina no corpo não diminuiu. Os sinos batem como se uma criança de dois anos estivesse brincando com eles. Edward se move na cadeira, tentando encontrar uma posição confortável. É ela quem está fazendo isso com ele; Edward sabe disso, mas não entende o porquê. Seu cérebro pensa: *Conheço você?* Mas é claro que ele não a conhece.

“Hum”, ela diz. “Acho que prefiro ler sua mão. Por favor, meu bem, me deixe ver.”

Ele estende o braço, magro apesar da musculação. Está tremendo um pouco. Edward se dá conta de como é íntimo oferecer a mão a outra pessoa. A mulher aperta sua mão, e a pele dela é seca e quente.

“Você me parece familiar”, ela diz.

“Uma amiga costuma vir aqui.” Ele sabe, é claro, que Mahira não é sua *amiga*, mas não há um nome tolerável para o que quer que ela seja. A namorada que ele não fazia ideia de que seu irmão morto tinha? A outra pessoa que amava Jordan?

Madame Victory assente, como se já soubesse disso. Analisa a mão dele. Toca o meio da palma com o indicador. “Eddie”, a mulher sussurra.

Ele se pergunta se ouviu direito. “Como?”

Ela não repete o que disse, então Edward pergunta: “Mahira disse que eu ia vir?”.

“Mahira?” Ela nega com a cabeça. Toca a saliência debaixo de cada um dos seus dedos. “Não costumo perguntar isso aos meus clientes”, ela diz, “mas o que você quer ouvir, querido?”

“Como assim?” Ele está confuso. “Achei que você fosse prever meu futuro... Quais são as outras opções?”

Ela não responde. Fica inclinada sobre a mão dele, sem nem olhá-lo.

“Quero saber o que fazer”, Edward se ouve dizer, e essa frase é um alívio, como a decisão de escrever para a esposa do copiloto. Ele quer saber o que fazer.

A mulher bate no centro de sua mão. “Isso é fácil. A mesma coisa que todos devemos fazer. Avaliar quem somos, e o que temos, e usar isso para o bem.”

Edward repassa isso mentalmente. Ouve com atenção, mais de uma vez, então diz: “Você poderia dizer isso a qualquer pessoa”.

Ela sorri. “De fato. Gostaria de dizer isso a todo mundo. Infelizmente, nem todo mundo vem me ver. Mas você veio, e você está numa idade, e tem uma história que torna meu conselho particularmente relevante.”

Edward sente o celular vibrar no bolso, e sabe que acabaram as aulas na escola. Shay deve ter escrito: *Onde está você? Tudo bem?* Ele diz: “Há certos passos que teoricamente se deve dar: escolher o que estudar, entrar na melhor faculdade possível. Depois fazer a melhor pós. E conseguir o melhor emprego”.

Isso faz o rosto de madame Victory se iluminar. Edward observa sua pele reluzindo e ela começando a rir — um som enorme, quente e borbulhante que preenche a sala. Ela inclina a cabeça para trás e coloca a mão livre sobre a barriga. O sino de vento no canto a acompanha. Edward não consegue evitar de rir. Ele se ouve dando uma risada diferente, que nunca ouviu saindo de sua boca.

Quando a mulher para de rir, a luz diminuiu um pouco, e ela fala: “Você é muito cerebral, não é, Eddie?”

“Edward. Pode me dizer como sabe meu nome, por favor?”

“O que você precisa entender, meu amor, é que o matagal em que você quer se embrenhar não é cerebral por natureza. Não é um problema de

matemática que se pode resolver racionalmente. Você precisa de um tipo diferente de sabedoria para sair dessa.”

“Como assim?”

“Já se passaram quinze minutos”, ela diz, num tom diferente.

“Eu pago mais quinze.”

“Hoje é impossível, receio. Não tenho mais horário. Mas pode vir de novo, se quiser.” Ela ainda está segurando sua mão; agora a cobre com a sua, e uma sensação de calor viaja para dentro da pele dele, então sobe por seu braço. “Estou tentada”, ela diz, e parece estar falando sozinha, “a lhe dar alguns cogumelos.”

“Cogumelos?” Edward visualiza os champignons que crescem entre as raízes da árvore no quintal de John e Lacey.

“*Psilocybe semilanceata*”, ela diz. “Deixariam você aberto às diferentes sabedorias que mencionei. Mas não, não vou fazer isso. Você é capaz de se abrir sozinho, Eddie. Confio que vai ver a si mesmo por inteiro.”

“Não entendi”, Edward diz.

Ela sorri. “O entendimento é supervalorizado.”

Madame Victory está de pé agora, então Edward também se levanta. Os sinos tocam no canto. Ele pega a carteira do bolso.

A mulher balança a cabeça, então se aproxima. Ele sente o mesmo calor da mão dela irradiando do restante do corpo. Ela cheira a canela. “Não vou cobrar essa primeira consulta. É um presente.”

Madame Victory pega o braço de Edward e o acompanha até a porta. Pouco antes de abri-la, ela se inclina e diz no ouvido dele: “Não há motivo para o que aconteceu com você, Eddie. Você poderia ter morrido, mas não morreu. Foi pura sorte. Ninguém te escolheu para nada. O que na verdade significa que você pode fazer qualquer coisa”.

Então a porta é aberta e ele está passando por ela e então está no meio do saguão, que ele percebe que foi decorado para parecer uma floresta.

14h09

O piloto levanta a voz pela primeira vez. “Verifique a velocidade!”

O avião está subindo no ritmo impressionante de dois mil metros por minuto. Enquanto ganha altitude, perde velocidade, até rastejar a meros noventa e três nós, um número mais próximo de um teco-teco do que de um avião comercial.

O piloto: “Fique atento à velocidade. Fique atento à velocidade”.

O copiloto: “Tudo bem, tudo bem, estou descendo”.

Piloto: “Estabilize”.

Graças aos efeitos do sistema anticongelamento, um dos tubos de Pitot volta a funcionar. O painel da cabine volta a fornecer informações confiáveis da velocidade.

“Pronto, estamos descendo.”

“Com cuidado.”

“Sim.”

O copiloto alivia a pressão sobre o manche, e o avião ganha velocidade conforme a subida se abrandava. Ele acelera a duzentos e vinte e três nós. O alarme de estol cessa. Por um momento, os dois homens estão no controle. Mas não se comunicam, então o piloto não sabe que estão a um fio de cabelo do desastre completo, e o copiloto não sabe que se não voltasse a tocar no manche tudo ficaria bem, e eles chegariam a Los Angeles no horário previsto.

Mark não consegue ver Verônica. Ele está em sua poltrona, procurando a outra ponta do cinto. A respiração de Jane faz um barulho estranho ao seu lado.

“É só turbulência.” A voz dele sai cortada, como se ricocheteasse na garganta por causa das sacudidas do avião. “Aviões nunca caem por causa de turbulência. Li isso em algum lugar.”

“Eu sei”, ela disse. “Mas queria estar lá atrás com minha família.”

Mark se lembra de quando andou de avião com Jax e a mãe, aos nove anos: tinha dividido chocolate com o irmão e lutado contra a vontade de chutar a poltrona da frente. Ficar parado sempre foi difícil para ele.

“Sou escritora”, Jane diz. “Acho que tenho o hábito de ver todas as possibilidades de uma situação. Independentemente de qualquer coisa, sempre tem uma assustadora.”

“Não faça isso”, Mark diz. “Foque no que está à sua frente.”

Mas a atenção dele está dividida entre esperar ver o rosto de Verônica e o negócio que pretende fechar em Los Angeles. Mark bolou uma estratégia ao mesmo tempo complexa e cautelosa, o que não costuma ser seu estilo. Pode sentir sua habilidade se afiando e sua capacidade crescendo a cada batida de coração. Com esse negócio, vai provar que seus colegas estavam errados por pensar que sem cocaína ele não se daria bem no trabalho, não chegaria ao pico. Vai provar que a imprensa estava errada por acreditar que ele era fogo de palha. Se homens como Cox estão deixando a cena, Mark está pronto para assumir seu lugar. E então Verônica vai dar pra ele; todas as mulheres do mundo vão querer dar pra ele. Isso, essa turbulência, o herói morto do outro lado do corredor — nada disso pode impedi-lo. Nada pode impedi-lo.

Maio de 2016

Do nada, Shay sussurra “Sete milhões de dólares” no ouvido de Edward, quando estão no mercado ou experimentando tênis no shopping. Toda vez, ele faz uma careta e diz: “Ainda não”. O cheque está guardado no envelope original de Jax, seguro debaixo da cama de Edward, com as outras cartas. Todas as tardes, depois da escola, Edward faz musculação na academia ou corre em volta do lago com Shay. Se o tempo está bom, depois eles vão para o parquinho e se sentam nos balanços até que a respiração volte ao normal. Edward faz a lição de matemática todos os dias — a princípio —, porque um novo professor foi contratado no meio do ano letivo, e as tarefas que ele passa são desafiadoras e interessantes. Quando está mergulhado num problema difícil, Edward sente o pai olhando por cima de seu ombro, sugerindo estratégias.

Edward não sabe o que está esperando até que chega pelo correio. É uma das cartas que John traz às sextas-feiras. Edward a pega do tio no corredor da entrada e abre. Em geral ele espera até estar sozinho com Shay, mas algo na inclinação da caligrafia no envelope faz com que o abra imediatamente, apesar de ser quase hora do jantar e de John estar bem à sua frente.

Querido Edward,

Quero que saiba que Jax falava de você sempre. Pensar em você o deixava feliz. Você o libertou quando ele te enviou o dinheiro. Era importante para Jax

que ele fosse seu. Estou com a carta que você mandou perguntando se ele tinha certeza, se não queria o dinheiro de volta. Jax nunca quis.

Ele gostava muito de pegar ondas gigantes, então ano passado nos mudamos para um lugar famoso por isso, na Califórnia. Jax amava, mas morreu há três meses. Pegou uma onda e desapareceu. Foi encontrado algumas horas depois, com a cordinha da prancha presa sob as pedras.

O advogado me disse que talvez não seja possível depositar o cheque original por causa da morte de Jax, então estou mandando outro cheque com a mesma quantia. Por favor, não escreva dizendo que sente muito, porque não há motivo para sofrer. Não é uma tragédia. Morrer vendo TV sozinho no sofá é uma tragédia. Morrer fazendo o que se ama com todas as partes do corpo é algo mágico. Te desejo algo mágico, Edward.

Tahiti

Edward levanta os olhos da carta.

“Você está chorando?”, John pergunta.

No mesmo instante Shay entra pela porta da frente e Edward diz a ela: “Jax morreu”.

Shay leva as mãos à boca. “Não. O que aconteceu?”

John pergunta: “O que está acontecendo?”.

“Espera um pouco.” Edward sobe e pega a primeira carta de Jax. Ele a entrega ao tio, que a lê. Então entrega a carta de Tahiti a ele, e o novo cheque.

Depois que finalmente viu tudo, John vai até a cozinha, e os dois o seguem. Lacey está diante do fogão, cozinhando. Está de fone de ouvido, cantarolando. Ela os tira quando a tropa entra. A atmosfera da casa mudou desde que Edward confrontou o tio na garagem. Estão todos na mesma página agora, ainda que essa página esteja no meio de uma história em andamento com um fim incerto. As coisas entre Lacey e John abrandaram um pouco. Há alguns

dias, Edward ouviu a tia chamar o marido de “ursinho”, e o viu corar de alegria.

“Você não vai acreditar nisso”, John fala para Lacey.

O tio conta tudo, e a cada papel que lhe é entregue a tia solta um “minha nossa”.

Eles se reúnem em volta da mesa da cozinha. As duas cartas e o cheque estão sobre a mesa, e por causa do formato e da localização parecem dois jogos americanos e um guardanapo.

“Você me contou todos os detalhes uma vez”, Edward fala. “A família de cada vítima recebeu um milhão de dólares do seguro, e eu vou receber cinco milhões quando fizer vinte e um, é isso?”

“É isso”, John confirma.

“Então a avó de Benjamin Stillman recebeu um milhão de dólares, por exemplo.”

O rosto de Lacey se contorce à menção do nome — não decorou a lista de passageiros, como os outros três —, mas ela não diz nada.

Edward vem trabalhando com o tio para completar as informações da pasta. A colaboração foi ideia de John. Ele se aproximou de Edward uma tarde e propôs: “Andei pensando no que você falou na garagem. Acho que temos que terminar de pesquisar sobre todo mundo que estava no avião, para garantir que essas pessoas sejam *vistas*, como você disse. Gostei bastante dessa ideia”. John olhou timidamente para o sobrinho. “Quer me ajudar nisso?”

Edward contou a ele tudo o que sabia sobre os passageiros no avião. Sobre a médica ruiva que foi à primeira classe ajudar alguém. Sobre sua conversa com Benjamin. Sobre a mulher com sinos na saia, e sobre a namorada de Gary. Até sobre Mark e Verônica terem entrado no banheiro juntos. Enquanto Edward falava, John fazia anotações e acrescentava as informações atrás das respectivas fotos.

Quando John anotou a descrição de Flórida atrás da foto dela, disse: “Sabe, estive em contato com o marido dela, e ele me contou que Flórida acreditava em reencarnação, achava que tinha vivido centenas de vidas. O marido — acho que o nome dele era Bobby — vendeu a casa depois do acidente e comprou um trailer, pra sair dirigindo pelo país atrás da reencarnação dela”.

A primeira coisa que ocorreu a Edward foi que, se conseguissem encontrar uma foto de Flórida em seu novo corpo, podiam acrescentá-la à pasta também. Então ele balançou a cabeça, e quando olhou para o tio viu que ele estava pensando a mesma coisa. Os dois compartilharam seu novo sorriso — o que tinha surgido quando começaram a trabalhar juntos —, confirmando a maluquice de ambos e o fato de que não se importavam se era maluquice.

Agora, John diz: “Lolly Stillman recebeu um milhão de dólares, sim. Por quê?”.

Os quatro estão em pé, ombro a ombro, olhando para a correspondência, o cheque, a chegada e a partida de Jax Lassio. Edward sente seus ombros relaxarem de alívio por ter contado outro segredo aos tios. Não tem mais nenhum interesse em guardar segredos.

Antes de ir para a cama, Edward umedece as folhas da samambaia com o spray e verifica a terra, acrescentando uma colher de sopa de fertilizante do saco que está sobre a mesa. O diretor Arundhi lhe disse que gostaria que a pata-de-canguru ficasse com ele para sempre. “Samambaias não foram feitas para ficar indo de um lugar ao outro”, ele disse, com um puxão triste no bigode. “Você cuidou dela por tanto tempo que agora essa é a casa dela.”

Edward escova os dentes, passa fio dental e veste a calça de moletom que usa para dormir. Dá uma última olhada na planta antes de ir para a cama. Na lentidão desses movimentos, uma ideia vem à sua cabeça, totalmente pronta. Ele pode usar o dinheiro de Jax para dar ao diretor Arundhi samambaias caras

e verdadeiramente raras, para tornar sua coleção preciosa. A ideia faz Edward sorrir contra o travesseiro.

A carta de Tahiti o deixou triste, mas também foi um alívio. Foi como um ponto-final numa frase longa. Edward pode seguir em frente. A verdade é que não estava confortável em receber o dinheiro de Jax, principalmente porque aquilo não fazia sentido. Ele devia saber que Edward tinha recebido o dinheiro do seguro depois do acidente; devia saber que o menino não precisava daquilo. Depois da queda, dinheiro talvez fosse a coisa de que ele menos precisava. Mas Jax tinha escolhido doá-lo a ele mesmo assim. Talvez Edward pudesse doar seu dinheiro no mesmo espírito. Só doar, sem motivo, para quem parecesse certo.

Comprar samambaias para Arundhi parecia adequado. Talvez Edward pudesse até construir uma estufa atrás da casa do diretor e enchê-la de plantas. Edward começa a sorrir, mas então se dá conta de que já estava sorrindo. Ocorre a ele que a sra. Cox, em particular, consideraria isso uma loucura. Ela acreditava que dinheiro era um tijolo na construção de mais dinheiro, uma ferramenta para ser empregada na construção de uma vida próspera. Ela acreditava na filantropia — em fazer doações para entidades específicas e de prestígio, como museus —, mas nunca apoiaria esse tipo de frivolidade. E, embora nunca fosse criticá-la diretamente, Edward sabe — pelo prazer borbulhante dentro de si — que ele e essa frivolidade estão no caminho certo.

A quem mais ele pode dar? A quem mais parece certo, mesmo que não faça sentido? Edward poderia ajudar as pessoas que sofreram com o acidente, mas que não foram compensadas financeiramente pela companhia aérea ou pela seguradora. Poderia pagar a faculdade de Shay, que Besa não tem como bancar. A de Mahira também. Poderia dar dinheiro para a pesquisa de Gary com baleias — ele não era casado com Linda, então não recebeu um cheque.

Edward gostaria de dar dinheiro à avó de Benjamin, mesmo que ela já tivesse recebido o pagamento do seguro. A mulher poderia doar o dinheiro a quem quer que *ela* julgasse adequado.

Ele consegue ouvir a voz de Shay dizendo: *Não se esqueça da minha freira e das três crianças da segunda carta que lemos.*

Quem mais? Quem mais?

O corpo dele parece mais pesado sobre o colchão; seus olhos estão se fechando. Edward está pegando no sono. Seu último pensamento é de que precisa descobrir um jeito de fazer com que os presentes sejam anônimos e impossíveis de rastrear. De outra maneira, seria babaquice dele.

14h10

O avião subiu setecentos e sessenta e cinco metros além da altitude inicial. E, embora ainda esteja subindo a um ritmo perigosamente alto, está voando dentro do envelope de voo aceitável. Só que o copiloto aumenta outra vez a pressão sobre o manche, elevando o nariz do avião e diminuindo a velocidade. Nenhum dos pilotos que estudou as gravações da caixa-preta do voo 2977 conseguiu acreditar que um piloto treinado pudesse repetir o erro. Mas ele repetiu.

O alarme de estol volta a soar.

“Preste atenção”, o piloto diz.

“Certo.”

Talvez os pilotos tenham ignorado o alerta porque acreditavam que a perda total de sustentação era impossível. Não é uma ideia completamente absurda. Trata-se de um avião com sistema de controle por cabo elétrico, em que as informações alimentam o computador diretamente, o que por sua vez põe em ação os atuadores que movem o leme, o profundor, os ailerons e os flapes. Na maior parte do tempo, o computador opera dentro do que é conhecido como “lei normal”, o que significa que o computador não vai executar nenhum movimento de controle que faça com que o avião saia do envelope de voo. No modo de voo normal, o computador de controle de voo não permite que o avião perca totalmente a sustentação.

Mas, quando o computador perde as informações de velocidade em relação ao ar, o piloto automático é desligado e ocorre uma passagem do modo normal

para o alternativo, um modo com muito menos restrições quanto ao que o piloto pode fazer. Na lei alternativa, pilotos podem levar à perda total de sustentação. E o copiloto, ao puxar o manche, está fazendo exatamente isso.

“O que está acontecendo?”, a senhora ao lado de Benjamin lhe pergunta. “O que é que está acontecendo?”

Ela o encara com os olhos arregalados. Sua mão esquerda agarra o braço dele, num gesto que Benjamin imagina ser inconsciente.

“É turbulência, senhora. Acontece.”

O avião pula duas vezes, e ouve-se o som de malas rígidas sendo jogadas contra o chão. Benjamin assovia de leve, bem baixo. Ele pensa: *Não quero morrer com essa senhora branquela segurando meu braço. Por favor, Deus.*

“Tenho catorze filhos”, ela diz.

“Catorze?”

A mulher fica feliz ao ver que o surpreendeu. “Bom, só nove ainda estão vivos.”

“Sinto muito.”

“Você tem mãe?”, ela pergunta.

Bam. O avião pula de novo. “Não, senhora. Não tenho.”

“Ah.” Ela parece decepcionada.

Ele olha para a família do outro lado do corredor. O pequeno Eddie parece aterrorizado, segurando a mão do irmão. Benjamin sente algo amolecer dentro dele e pensa: *Coitado.* A ideia quase o faz chorar, e ele se dá conta de que seus sentimentos extrapolam o menino do outro lado do corredor, referindo-se a si mesmo quando tinha a idade dele. *Coitado.*

Benjamin comenta: “Uma família desse tamanho deve ter dado muito trabalho”.

“Deu mesmo. Mas você é homem, então nunca vai ter tanto trabalho assim. É algo reservado às mulheres.”

O avião se desloca para o lado, e ele pensa: *Estamos fora da rota.*

“Minha filha mais velha vai me buscar no aeroporto. Vou morar com ela. Tenho um plano.”

“É bom ter um plano.”

“Vou me aposentar”, ela explica. “Vou ficar com as pernas para o alto, lendo revistas e tomando gim-tônica.” Ela aperta os lábios. “Bem que eu gostaria de um agora.”

Benjamin olha de novo para a família do outro lado. Pensa em Gavin, em seus olhos sorrindo por trás dos óculos. Pensa em se aposentar do Exército, guardar o uniforme dentro de uma mala e trancá-la. Pensa em montar quebra-cabeças com Lolly, na mesa da cozinha. Em beijar um homem atrás da loja de conveniência mais adiante na rua.

Na escola e em serviço, ele acordava com gritos de: *Botas no chão, soldado!* Tinha um comandante que gostava de variar e entrava no quartel antes do amanhecer gritando: *Cadê o inimigo?*

Era assim que o acordavam, esses foram seus despertadores, seus chamados à ação, durante a maior parte da vida. *Cadê o inimigo?*, ele se pergunta. Benjamin sente uma enorme tristeza. Para ele, a ideia daquela senhora de ficar com os pés para cima seria como a excomunhão. Benjamin vai permanecer alerta. Vai manter as botas no chão.

Julho de 2016

No verão antes do primeiro ano do ensino médio, Edward e Shay trabalham como monitores no curso de férias da cidade. Edward fica encarregado das crianças mais velhas, e na primeira manhã se vê diante de uma multidão de meninos de doze anos. Está prestes a se apresentar e a fazer a chamada quando algo dentro de si é sacudido com violência.

Edward olha para um menino, depois para outro. Olha em seus olhos, dois castanhos sob uma mecha de cabelo e dois azuis. Mais ou menos metade dos meninos usa o cabelo de um jeito que esconde o rosto, mas Edward vê além dessas cortinas cuidadosamente dispostas. Os olhos deles guardam alguma coisa. Edward não sabe o que é, mas não consegue desviar o rosto.

“Minha mãe disse que você estava no avião que caiu”, um menino diz.

“É verdade.”

“Doeu?”

“Sim, doeu muito.”

Os meninos riem disso. Edward se dá conta de que esses meninos têm a idade que ele tinha na época do acidente. Ele tinha sido aberto ao meio aos doze anos, mas havia certa ruptura nos olhos daqueles meninos também.

“Tem alguma coisa errada?”, um menino pergunta.

“Não. Fiquem em ordem de altura.”

Eles se movimentam, batendo uns nos outros com a mochila. Edward não precisa que eles fiquem em ordem de altura. Só está ganhando tempo. Ele os observa se arranjando e entrando no lugar.

É a idade?

É o momento imediatamente antes de deixar a infância?

À tarde, Edward nada com eles. Se pudesse tê-los mantido fora do lago, teria feito isso, mas nadar é uma parte da programação que não está aberta a negociação. Ele dá um sermão sobre segurança antes de entrarem na água. “Sem brincadeira. Foquem no nado. Todos sabem quem é seu par, certo? Fique de olho nele e em ninguém mais. Vamos nadar até a boia amarela e voltar. Sem desvios, sem distrações. Ouviram?”

Depois de cinquenta metros, ele está seguro de que todos os meninos nadam bem, o que é um alívio, mas não significa que é impossível haver um acidente ou que ninguém vá cometer um erro. Edward circula os meninos, verificando os rostos para garantir que ninguém esteja com dificuldade. Eles viram o rosto molhado para o monitor e sorriem.

Nesta noite, Edward diz a Shay: “Acho que quero ser professor. De matemática, e do sétimo ano, provavelmente”.

Ela ri, então nota a expressão dele. “Está falando sério?”

“Acho que sim.”

“Um bando de crianças de aparelho e espinha”, ela diz. “Todo mundo fica tão feio nessa idade. Lembra daquela minha franja ridícula?”

“Mais ou menos.”

“Por que você quer passar a vida com crianças de doze anos?”

“Talvez eu possa ajudar. Você me acompanhou aos doze anos. Tinha um bloquinho só pra anotar o que observava, lembra? Vai ver todo mundo precisa desse tipo de atenção nessa idade. Posso comprar um caderninho.”

Ela pensa a respeito, e a covinha em sua bochecha se aprofunda.

Ele pensa: *Ela ainda carrega aquele caderninho.*

Edward passa a semana seguinte ajudando John a transformar o quarto extra num escritório. A cama de solteiro e a cadeira de balanço foram doadas, e eles pintam as paredes do tom específico de branco que Lacey escolheu. John e Edward soltam palavrões baixos enquanto tentam montar uma escrivaninha da Ikea usando chaves allen e inúmeros parafusos e porcas. Atrás deles, Lacey empurra a poltrona verde de um canto do cômodo para o outro, avaliando qual posição é melhor segundo o feng shui. Quando uma posição finalmente é escolhida, a estante, cheia de livros de faroeste, é posicionada cuidadosamente atrás.

A garagem foi arrumada há algumas semanas. As cartas foram todas conferidas; as que Edward quis guardar ficaram sob sua cama, no porão. John fechou a caixa-postal, e agora toda a correspondência deles chega em casa. Arrumar aquele cômodo é o último passo.

Edward, John e Lacey estão exaustos e suados quando terminam, mas se reúnem à porta. Olham maravilhados para o novo espaço, como se fosse uma completa surpresa, e não resultado do próprio trabalho.

Numa noite de sexta perto do fim do verão, Shay e Edward caminham até o lago depois do jantar. Eles se acomodam na grama macia, de pernas cruzadas. Conseguem ver onde Edward nada todos os dias com os meninos. É uma noite de verão particularmente bonita, e o lago brilha como uma moeda ao pôr do sol.

“Faltam só duas semanas para as aulas voltarem”, Shay comenta.

Edward observa o lago cintilante, com as árvores escurecendo logo atrás. “No dia em que cheguei aqui”, ele diz, “John me levou para o quarto do bebê e me mostrou esse lago da janela. Não o vi mais por um longo tempo, porque nunca ia para o andar de cima. Mas me lembro de John ter dito que a gente

podia vir nadar quando eu me sentisse melhor, e de que aquilo me pareceu tão provável quanto ir para a Lua.”

Shay abraça os joelhos. “Você estava tão fraco e magro naquela época que mal aguentaria ir até o fim do quarteirão.”

“Nadei no lago quase todos os dias neste verão.” Edward não vê isso como uma conquista. Só pensa em mudanças inesperadas em sua vida e em paisagens lunares. Leituras de tarô, cartas de partir o coração, uma nova amizade com o tio, nadar no lago. Tudo é igualmente inesperado.

“Não contei à minha mãe que viríamos aqui.” Shay está deitada de costas na grama.

“Ela não ia ligar.”

“Mas eu ligo.”

Edward sorri diante do fato de Shay não querer compartilhar *nenhuma* experiência de vida — pequena ou grande — com a mãe. A vida continua sendo um cabo de guerra entre as duas, uma batalha que Edward não compreende, embora goste de acompanhar. Havia certa tensão entre o irmão e o pai dele também. Será que Edward só era novo demais para se envolver nessa batalha primitiva? Só consegue se imaginar se voltando para seus pais e os abraçando. Perdeu a chance de viver um relacionamento mais complicado com eles, por isso agora volta a sentir a pontada de dor da perda.

“Não sei quanto o termômetro marca agora”, Shay diz, “mas é a temperatura perfeita.”

Edward levanta a mão, para testar o ar, e decide que ela está certa. Deita-se na grama macia. “Shay?”

“Oi?”

Ele não consegue vê-la. Seus olhos estão voltados para o céu escuro. “Eu te amo.”

“Também te amo.”

Edward ri, porque nunca falou isso em voz alta, e soa ridículo. Ele sabe que sempre a amou, que sempre vai amá-la, mesmo se outro avião cair, se um carro a atropelar, se ela tiver um ataque cardíaco, ou se ele tiver câncer, ou se tiverem um aneurisma cerebral rompido, ou se o aquecimento global fizer toda a água potável evaporar e eles tiverem que se juntar a milícias atrás de recursos até morrerem de fome ou sede.

“Estou muito cansada”, Shay diz.

“Eu também, por causa daquela corrida idiota. Canoei com os meninos por três horas.”

“*Canoar* existe?”

“Não sei. Mas eu canoei com eles.”

Os dois ficam em silêncio por um tempo. Edward talvez cochile, embora se sinta bastante alerta ao entorno. Ele sente a geometria do lago — tanto a área da superfície quanto a profundidade — e a lua, que está pregada no meio do horizonte. Sente a perda do irmão, tão concreta quanto uma das árvores atrás dele. Edward inspira, e quando expira sente as moléculas viajando pelo ar ao seu redor. *Talvez eu esteja cochilando*, pensa. Está ciente de Shay ao seu lado. As moléculas dela se misturam com as dele. Edward não é só ele mesmo, é feito dela também. O que significa que é composto de todo mundo que ele já tocou, todo mundo cuja mão apertou, que abraçou, com quem fez um “toca aí”. Isso significa que tem dentro de si moléculas dos pais, de Jordan e de todo mundo que estava no avião.

As cartas sempre se referiam ao peso que ele tinha que carregar, e Edward também pensava assim: que tinha que carregar o fardo de tantas vidas perdidas. Que tinha que compensar pelas pessoas que morreram. Que ele tinha que carregar atrás de si cento e noventa e uma pessoas mortas, como um paraquedas aberto depois que se chega ao chão. Mas se os passageiros são parte de sua constituição, se o tempo e as pessoas estão interconectados,

então os passageiros do avião ainda existem, assim como ele. O presente é infinito, e o voo 2977 continua no ar, muito acima dele, escondido pelas nuvens.

Edward estava sendo sincero com John na garagem, quando falou que nunca deixaria ninguém para trás, mas essa ideia agora se expandiu. Ele está sentado ao lado de Jordan no avião, e está deitado no chão ao lado de Shay. Jordan discute com o pai sobre maltratar animais, e beija a Mahira de quinze anos, e a Mahira mais velha o ama neste instante, de trás do balcão do mercadinho.

“Shay?”, Edward diz.

“Hum?”

“Eu tinha uma ideia maluca...” Ele faz uma pausa. “E acho que ainda tenho... de que desde que eu me mantenha no chão o avião vai permanecer no céu. Vai continuar seguindo sua rota normal até Los Angeles, e eu sou o contrapeso. Estão todos vivos lá, desde que eu continue vivo aqui.”

“Sua versão de doze anos também está lá?”

Eddie, ele pensa, e assente.

“Consigo imaginar isso”, ela diz, com a voz sonolenta. “Faz sentido.”

Edward sorri, com os olhos ainda fechados, porque Shay também consegue visualizar aquilo. Ele vê a mãe pressionando com o dedo sua marca de nascença em forma de cometa, em sua poltrona na primeira classe. Vê o pai, com a expressão surpresa de quando pensava num problema matemático. Edward vê a si mesmo, no futuro, dando aula a crianças de doze anos na escola do diretor Arundhi, tentando convencê-los de que estão bem. O Edward do futuro usa um blazer de tweed bonito e diz aos alunos que devem ajudar quando outros precisam de ajuda, e aceitar ajuda quando quem precisa são eles.

Edward se lembra de ver madame Victory se dobrando de tanto dar risada, com o rosto resplandecente de algo que parecia alegria. Ele a ouve dizer: *Ninguém te escolheu para nada.* Ouve a pergunta do menino do curso de férias: *Doeu?* Edward sente os dedos de Shay nos seus. O luar atravessa suas pálpebras, e ele consegue ver, como se fosse o lago à sua frente, a dor e a perda em que vem nadando há anos. Sob o luar, no entanto, a dor se revela como amor. As emoções se entrelaçam; são dois lados da mesma moeda brilhando.

Edward e Shay caminham devagar para casa. Rodeiam árvores grossas e atravessam vias tranquilas. Quando chegam à sua rua, Edward para em frente à casa dos tios. Ele olha para a janela do quarto que deveria ser do bebê, mas nunca foi, e nunca será. Lembra-se de ter ficado de pé diante daquela janela, apoiado em muletas, tomado pela dor. Ele ergue ainda mais o olhar, para onde — além do seu campo de visão — um menino está sentado na poltrona do avião, sem ter ideia do que está prestes a acontecer.

14h11

O copiloto diz: “Estou em TOGA, certo?”.

TOGA é um acrônimo para *Take Off, Go Around*. Quando um avião está decolando ou aborta uma aterrissagem — arremete —, precisa ganhar velocidade e altitude da maneira mais eficaz possível. Pilotos são treinados para aumentar a velocidade das turbinas ao nível TOGA e erguer o nariz do avião a determinado ângulo de inclinação nessa fase crítica do voo.

O copiloto quer aumentar a velocidade para fugir do perigo, mas ele não está no nível do mar; está em ar muito mais rarefeito a onze mil e quinhentos metros de altitude. As turbinas geram menos propulsão aqui, e as asas geram menos sustentação. Erguer o nariz a determinado ângulo de inclinação não vai resultar no mesmo ângulo de subida, e sim em muito menos. Na verdade, pode — e vai — resultar numa descida.

Embora o comportamento do piloto seja irracional, não é inexplicável. Estresse psicológico intenso tende a bloquear a parte do cérebro responsável pelo pensamento inovador e criativo. Quando pressionadas, as pessoas tendem a recorrer ao familiar ou ao bem ensaiado. Embora seja parte do treinamento dos pilotos conduzir manualmente o avião durante todas as fases do voo, em sua rotina a maior parte da condução manual é feita em baixa altitude — ao decolar, pousar e manobrar. Não é de surpreender, portanto, que o copiloto conduza o avião como se estivesse próximo ao solo, embora essa resposta seja inadequada à situação.

O avião chega à altitude máxima. Com o motor a toda a potência e o nariz inclinado em um ângulo de dezoito graus, ele se move horizontalmente por um instante, e então começa a mergulhar na direção do solo.

O piloto: “O que está acontecendo? Não entendo o que está acontecendo!”.

Linda diz: “Preciso ir ao banheiro”.

Flórida diz: “Está maluca, menina? Você não vai se levantar dessa poltrona”.

“A médica acabou de ir até a primeira classe e voltar.” Linda remexe os pés nos sete centímetros de espaço disponível. Sabe que parece uma criança petulante. Sente-se como uma. Quando o avião sacode, os sinos da saia de Flórida soam, como um alarme. Linda está desconfortável na poltrona, o cinto belisca a lateral da barriga, e ela sente uma bolha no calcanhar. Está presa, e a movimentação do avião não faz sentido. Nunca pegou tanta turbulência. Quer ligar para Gary e perguntar se ele já passou por um voo assim.

Flórida fixa seu olhar nela. “A médica foi até a primeira classe porque alguém morreu.”

“Não é verdade. Por que está dizendo isso?”

“Ela voltou rápido demais para ter atendido alguém. Quando chegou, deve ter visto que não havia nada a ser feito.”

Linda se remexe, tentando se ajeitar. O que Flórida está dizendo é maluquice, e não vale a pena dar corda. Ninguém morreu; isso simplesmente não aconteceu. De jeito nenhum que ela está presa dentro de uma bala de metal voadora com um cadáver. De jeito nenhum que a primeira história relacionada ao bebê vai incluir isso.

Ela vai reclamar quando aterrissarem. Não sabe com quem, já que nunca faltaria com respeito aos pilotos. Alguém cometeu um erro, no entanto, e agora ela está grávida e sozinha, ouvindo um refrão de sinos.

Dezembro de 2016

Há uma conversa com o dr. Mike que Edward vai relembrar com frequência pelo resto da vida. Não foi durante uma sessão. Eles se encontraram por acaso no shopping num sábado.

Edward e Shay tinham ido lá aquela manhã porque ela tinha marcado para tingir o cabelo de rosa-choque, com a intenção de irritar Besa. “Você tem que se lembrar de mim assim”, Shay disse a Edward, pouco antes de entrar no salão de beleza, e ele levou aquilo a sério. A adolescente à sua frente tinha um metro e sessenta e sete, e o corpo magro de uma corredora. Usava jeans e uma jaqueta de esqui, ainda que nunca tivesse esquiado ou feito snowboard na vida. Seu cabelo castanho e liso estava na altura do queixo. Shay parecia a mulher que ia se tornar, com olhos bondosos que se tornavam ferozes quando alguém a irritava. Raramente usava óculos, porque estava sempre de lente de contato. E sua covinha ainda era o barômetro que Edward usava para ler seu humor.

“Pronto?”, Shay perguntou.

“Pronto.”

“Tá bom. Vamos ver no que dá.”

Uma hora e meia depois, quando faltava pelo menos mais uma hora para Shay sair do cabeleireiro, Edward passa pelas lojas quando vê o dr. Mike. Eles trocam um sorriso surpreso, e o menino nota que está alguns bons centímetros mais alto que o terapeuta. O dr. Mike se oferece para pagar um chá ou um café para Edward, e ele aceita.

Depois de fazerem o pedido, eles ficam perto da vitrine do café. Talvez por causa do encontro inesperado, ou talvez porque Edward tivesse feito dezesseis anos alguns dias antes e essa idade — à qual seu irmão nunca chegou — lhe parece desconfortável, ele faz uma confissão. “Sinto que deveria ter superado a essa altura”, ele diz. “Todo mundo já esqueceu o acidente. De modo geral, pelo menos. Mas sinto como se ainda pensasse nisso o tempo todo.”

O dr. Mike mexeu seu café por um longo minuto. Pessoas vagam do outro lado da vitrine. Três homens de barba passam um atrás do outro, bem curvados, de olho no celular. Uma mulher grávida caminha lentamente, ao lado de uma criança bem pequena com cabelo afro. Edward sente o coração bater dentro do peito, sente o calor do chá passar da xícara para a pele de sua mão.

O terapeuta diz: “O que aconteceu está impresso em seus ossos, Edward. Vive sob sua pele. Nunca vai desaparecer. É parte sua e será parte sua em todos os momentos até sua morte. O que você tem feito, desde a primeira vez que o vi, é aprender a conviver com isso.”

14h12

Como o copiloto está puxando o manche no limite, o nariz continua alto e o avião em si mal tem velocidade de avanço suficiente para que os controles funcionem. A turbulência continua a movimentar o avião, e é quase impossível manter as asas niveladas.

O copiloto diz: “Droga, não estou controlando o avião. Não estou controlando nem um pouco o avião!”.

“Vou assumir. Assento esquerdo assumindo.” O piloto conduz o avião no manual pela primeira vez.

“Não faz sentido”, o copiloto diz, sem ter o que fazer. “Estou puxando o manche desde que entramos no manual.”

“O quê?” Os olhos do piloto se arregalam. “Você estava puxando o manche? Não!” Ele empurra o manche no sentido contrário, mas é tarde demais para compensar. O nariz está empinado, e o avião desce em um ângulo de quarenta graus.

“Perdemos o controle do avião!”

“Perdemos todo o controle...”

O avião balança bruscamente, e Flórida pensa nos desenhos da TV, quando um veículo está equilibrado à beira do precipício e então o vento bate, ou um passarinho pousa na ponta, e ele desaba. Ela se pergunta por que esse momento é considerado engraçado na animação.

Flórida põe sua mão quente sobre a mão fria de Linda, de modo que as duas agarram o descanso de braço juntas.

“Aguenta firme, querida”, ela diz. “Vamos conseguir.”

“Tá”, Linda sussurra.

Flórida fica assustada ao ver uma desconhecida do outro lado de Linda, olhando em pânico para elas. O lenço azul caiu, e uma mulher indiana apareceu. Ela não fala, só fica olhando para as duas, como se esperasse que lhe revelassem seu destino.

Flórida sente que a mulher está prestes a gritar, e tenta evitar isso. “Sou Flórida”, ela diz. “E esta é Linda. Estamos aqui para nos ajudar.”

A mulher assente. Deve ter cerca de cinquenta e cinco anos. Ela diz, em uma voz suave: “Dormi demais. Acordei pensando que estava na poltrona errada. Ou no avião errado”.

“Estamos indo para Los Angeles”, Linda diz.

“Los Angeles”, a mulher repete. “É isso mesmo. Graças a Deus.”

Ela se vira para olhar para a janela. Não dá para ver nada além de uma barragem de nuvens cinzas. Ela volta a olhar para as duas. “Mas...?”, ela diz apenas.

A pergunta é vasta.

“Não sabemos”, Flórida responde.

“Não sabemos de nada”, Linda completa.

Agora o avião cai depressa. Com o nariz inclinado quinze graus para cima e a velocidade de avanço de cem nós, ele desce ao ritmo de três mil metros por minuto, em um ângulo de quarenta e cinco graus e meio. Embora os tubos de Pitot funcionem perfeitamente neste momento, a velocidade em relação ao ar é tão baixa — menos de sessenta nós — que os dados do ângulo de ataque não são mais considerados válidos, e o alarme de estol para por certo tempo.

Inacreditavelmente, os dois pilotos discutem se estão subindo ou descendo, antes de concordar com a segunda opção. O avião se aproxima dos três mil metros, e o nariz permanece alto.

“Sobe, sobe!”

Preso pelo cinto ao assento, Verônica tenta se levantar. O avião está em um ângulo que lhe é inédito. A comissária queria estar de volta ao banheiro com Mark, com o corpo entrelaçado no dele. *O que os idiotas da cabine fizeram?* Ela tem o impulso de se dirigir aos passageiros, tentar acalmá-los, ajudar.

Mark está escorregando da poltrona — o cinto estava frouxo, e agora o segura não pela cintura, mas por baixo das axilas. Ele está olhando para o que deve ser o teto. Pensa em Jax e na última briga idiota deles. Mark se dá conta de que não estava acabado. Não está acabado.

Jane mergulha em si mesma, e leva as mãos ao rosto. Por causa da movimentação do avião, não tem como ir até sua família, então se junta a eles mentalmente. Ela se imagina sentada no colo de Bruce. Sente as pernas dele debaixo das suas. Olha em seus olhos, porque não há mais palavras para compartilhar. Então ela beija os meninos, beija, beija e beija, do jeito como Eddie a beijava quando era bebê.

Conforme o avião se aproxima dos seiscentos metros, os sensores detectam a aproximação acelerada da superfície e disparam outro alarme. Não há tempo para ganhar velocidade impulsionando o nariz do avião para a frente em um mergulho.

O piloto: “Isso não pode estar acontecendo!”

“Mas o que está acontecendo?”

“Dez graus de inclinação...”

Exatamente 1,4 segundo depois, o gravador de voz da cabine do piloto para de funcionar.

Bruce pensa em matemática, nos seis anos dedicados a um problema que não conseguiu expressar perfeitamente, muito menos resolver. Tem uma mala inteira cheia de seus diários e anotações dentro daquele avião. Ele visualiza a página em que fez um grande avanço em agosto; lembra a garrafa de malbec que abriu com Jane aquela noite. Achou que aquilo significava que estava mais perto de uma solução do que realmente estava. Deveria ter imaginado. Chegara a uma clareira e a confundira com os limites da floresta.

Nada se seguira àquilo nos meses seguintes, o que fora agravado pelo anúncio de que ele não ia ser promovido para um cargo com estabilidade. O revés e o fracasso tinham acabado com Bruce, ainda que ele tenha tentado esconder isso da esposa. Perguntara a si mesmo: *Por que se importa tanto?* A resposta fora imediata: *por causa dos meninos*. Ele queria que seus filhos vissem seu esforço — e eles tinham visto —, mas seguido de algo digno de nota. Queria que tivessem orgulho dele. Queria fazer alguma coisa que justificasse esse orgulho.

O avião está mergulhando. Ele segura as mãos dos meninos e pensa: *Preciso de mais tempo*.

Querido Edward,

Meu nome é Lyle. Trabalhei como socorrista voluntário em Greeley, Colorado. Eu era parte da equipe que estava mais próxima do local da queda do voo 2977. Estava trabalhando no ShopRite quando recebi a ligação. Sou açougueiro de profissão — venho de uma longa linhagem de açougueiros. Eu estava destrinchando um frango, pensando que estava um pouco duro demais para vender. É engraçado o tipo de detalhe que a gente guarda.

Foi meu último dia no mercado. E o último dia como socorrista. Não consegui mais trabalhar depois. Um médico disse que eu estava deprimido; outro chamou de transtorno do estresse pós-traumático. Me sinto meio ridículo de falar isso, considerando tudo o que você deve ter passado. Mas, se vou contar minha história, não há por que deixar certas partes de fora. Bem, tive minhas dificuldades, e acabei decidindo me mudar, embora minha família vivesse no norte do Colorado havia muitos anos. Nós até antecedemos Colombo. Hoje moro no Texas. Preciso de espaços abertos, mesmo que os daqui sejam mais secos, menos verdes. Ainda trabalho como açougueiro.

Estou escrevendo porque não consigo me esquecer daquele dia. Você aparece nos meus sonhos, gritando como fez em meio aos destroços. Se já parou de ler, se me rasgou — se rasgou a carta, quero dizer —, entendo totalmente. Queria poder fazer o mesmo.

Só havia quatro socorristas voluntários na nossa cidade, embora é claro que com um acidente daquelas proporções a convocação tenha sido mais ampla, e

envolvido mais distritos. Mas éramos os que estavam mais perto e fomos os primeiros a chegar ao local. Fui de carro. Olívia e Bob foram de ambulância. Tinha outro cara, mas não consigo me lembrar o nome dele de jeito nenhum. O caminhão de bombeiros, tão chique e caro que o condado teve que brigar por essa compra por anos, seguia atrás de nós. O comandante sem dúvida estava animado para botá-lo em ação.

Quando chegamos, parecia o cenário de um filme de Hollywood. Ver um pedaço de um avião caído no meio de um pasto por onde eu tinha passado centenas de vezes era tão aterrorizante quanto ver uma baleia encalhada ali. Meu primeiro pensamento foi: Temos que devolvê-lo para o ar. Parecia um objetivo tão razoável quanto qualquer outro.

Antes disso, minha emergência mais séria tinha sido um cara que tinha sofrido um ataque cardíaco na cama. A esposa ligou para a emergência, nós aparecemos e ele sobreviveu. Tínhamos feito treinamento, mas nada que chegasse perto daquilo. Olívia foi incrível. Mandou que nos dividíssemos em quadrantes. Que procurássemos pessoas para ajudar. Fui para a extrema esquerda, perto da cauda, que tinha se separado do restante do avião. Pisei sobre metal rachado, poltronas e objetos irreconhecíveis por pelo menos uma hora. Tossindo por causa da fumaça. Ouvia outras pessoas gritando: “Olá? Olá?”. Torcia para que meus colegas houvessem tido mais sorte que eu.

Eu estava tentando pensar em um jeito aceitável de desistir — basicamente correr de volta para o carro — quando te ouvi...

Edward faz tudo o que pode para evitar recordações do acidente, mas às vezes elas surgem como uma doença que depois de instalada não deixa escapatória. Vêm na hora mais escura das noites insones. De vez em quando, esgueiram-se quando ele respira de certo modo, ou quando um barulho mais alto faz seu coração acelerar.

Sem aviso, o avião mergulha dentro dele.

Ele pega a mão do pai e a de Jordan. Eles fazem uma corda com os braços, e Eddie fica olhando para ela enquanto o compartimento de bagagem de mão se abre, e os volumes caem. Ele não tem certeza se o avião está apontado para cima ou para baixo.

“Amo vocês, meninos”, Bruce diz, em uma voz ardente. “Quero ficar aqui com vocês. Amo vocês.”

“Também te amo”, Eddie diz.

“Te amo”, Jordan diz.

Não está claro se eles conseguem se ouvir, por cima do assovio, dos canhões de som ao redor. Talvez uma porta tenha aberto em algum lugar. Talvez eles estejam de ponta-cabeça.

“Jane!”, Bruce grita para a escuridão.

As pessoas em volta de Eddie fazem barulhos que ele nunca ouviu, e nunca voltará a ouvir. Há um estrépito ensurdecedor, como se o mundo tivesse se dividido em dois. Eddie vê lágrimas em seu braço. São dele ou de Jordan.

O barulho é tão alto, a pressão em seu rosto e em sua pele é tão forte, que ele não consegue abrir os olhos. Ele, e todo mundo, cai.

A princípio, não acreditei quando ouvi sua voz, Edward. Tinha certeza de que estava ouvindo coisas. Mas a mesma frase soava, de novo e de novo, e fui na direção dela, como se fosse um ímã.

“Estou aqui!”

“Estou aqui!”

Tirei uma folha de metal da frente; foi como abrir uma porta, e ali você estava, furioso, como se ofendido por toda a espera. Você fez contato visual comigo e gritou: “Estou aqui!”.

Fiquei olhando para você, um menininho com o cinto de segurança ainda à cintura, até que você gritou de novo. Então dei um passo à frente e o peguei, e você se segurou no meu pescoço, e eu senti que você estava me salvando ao mesmo tempo que eu estava te salvando.

Voltamos para os outros, enquanto você repetia, mais baixo agora, ainda que com a mesma insistência: “Estou aqui. Estou aqui. Estou aqui”.

Epílogo

Junho de 2019

Edward e Shay atravessam o país com as janelas do Acura — um carro usado que compraram com o dinheiro de Jax — abaixadas.

Edward tem usado o dinheiro para executar a maior parte das ideias com que sonhou aquela noite no porão. Vai pagar a faculdade e a pós-graduação de Shay e de Mahira — Mahira recebeu a quantia através de uma instituição de caridade que apoia a educação de meninas que fazem parte de minorias, então não sabe que o dinheiro vem de Edward. Por acaso Lacey tinha desenvolvido inúmeras habilidades administrativas em seu trabalho no hospital, de modo que foi muito útil na hora de criar subterfúgios criativos para distribuir o dinheiro. Ela entrou em contato com o clube de botânicos do diretor Arundhi e lhes transferiu o dinheiro com a ressalva de que ele nunca poderia saber de onde veio. O clube projetou e construiu uma estufa independente onde podiam fazer suas reuniões e exibir coleções pessoais, incluindo a seleção de samambaias mais proeminente da Costa Leste. Lacey também fundou uma instituição de caridade pequena dedicada a sobreviventes de tragédias para poder presentear outras pessoas escolhidas por Edward, incluindo Gary e o fundo de conservação das baleias que o empregava, Lolly Stillman, a freira e as três crianças de cuja foto Shay nunca se separava.

O ar-condicionado do Acura é temperamental, de modo que eles tentam não usá-lo, ainda que esteja fazendo trinta e dois graus lá fora. Edward e Shay estão numa autoestrada e vão a uma boa velocidade. O cabelo da menina — castanho de novo — voa para trás, e quando ela dirige é sua vez de escolher a

música, os dois ouvem hip-hop. Shay às vezes faz *beatbox* para acompanhar, e Edward morre de rir. Quando ele está ao volante, é menos consistente. Escolhe de acordo com seu humor: às vezes um podcast, às vezes Bach, às vezes música nenhuma.

A formatura do ensino médio foi há duas semanas, debaixo de uma tenda branca no topo de uma colina. O diretor Arundhi entregou os diplomas, e a sra. Cox e o dr. Mike compareceram, assim como Lacey, John e Besa. Edward tinha parado de fazer terapia seis meses antes, e ficou surpreso ao perceber como estava feliz em ver o dr. Mike. O presente de formatura da sra. Cox foi um exemplar do livro de poesia do filho, recentemente publicado, e tanto Edward quanto Shay deram um sorriso enorme depois que ele o desembrolhou. “Harrison é muito talentoso”, a sra. Cox disse, segurando o livro para que todos pudessem ver a capa. “Ele recebeu o prêmio Walt Whitman, que é *muito* renomado.”

Quando o diretor Arundhi já tinha cumprido com todas as suas responsabilidades oficiais, eles foram jantar num lugar refinado, com bastante vinho para todos os adultos, a não ser pela sra. Cox, que tomou martíni. O dr. Mike e o diretor Arundhi tiveram uma longa conversa sobre uma série de jogos de beisebol que tinha sido importante para ambos quando eram pequenos. A sra. Cox se confundiu ao ouvi-los falando sobre os Mets e contou a todos sobre o que tinha visto em exposição no Met aquele ano. Edward e Shay puderam tomar uma taça de vinho cada, considerando que era uma ocasião especial.

Durante a sobremesa, Edward surpreendeu a si mesmo e aos outros presentes ao se levantar da cadeira com a taça na mão. Todos se viraram em sua direção, e a mera visão de cada rosto familiar como que arrastava um móvel dentro dele. Ele disse: “Queria agradecer. A todos vocês. Muito obrigado”. Houve uma pausa, então Shay levantou a taça e os outros a

acompanharam. Talvez estivessem todos chorando um pouco. John olhou para Lacey e disse: “Conseguimos”. Lacey, com os olhos brilhando por causa das lágrimas, riu e disse: “Acho que conseguimos”. Quando ela se inclinou e beijou o marido, Edward afundou em sua cadeira, e todos na mesa aplaudiram.

No Colorado, Shay e Edward vão até o hotel mais próximo do local da queda e fazem o check-in. O recepcionista olha para eles como quem diz: *Vocês não são jovens demais para isso?* Os dois trouxeram identidade, mas o recepcionista dá de ombros, e eles nem precisam mostrá-la. Edward e Shay tinham discutido com os adultos por semanas a respeito da viagem.

“Esperem mais um ou dois anos”, Besa tinha dito. “Por que precisa ser agora? *Sólo tienes dieciocho.*”

Lacey disse: “Você acha que dezoito é velho, mas na verdade não é. Você precisa de mais experiência ao volante para uma viagem assim ambiciosa”.

Edward respondeu: “Preciso ir antes da faculdade, e preciso ir sozinho com Shay”. Ele não tinha nenhum motivo melhor para dar. Simplesmente sabia que precisava fazer aquilo, e naquele momento. Edward e Shay vão juntos para a faculdade no outono. Como ela previu, Edward entrou em todas as faculdades em que se inscreveu, mas tinha se inscrito para as mesmas que Shay, então ele esperou até que ela escolhesse entre as que a haviam aceitado e fez a matrícula na mesma.

Besa só concordou com a viagem depois que Shay prometeu atender a todas as ligações e responder a todas as mensagens dela. Também instalou um aplicativo de rastreamento no celular da filha. “Caso vocês se percam”, explicou. “Assim vou poder encontrar com vocês.”

Eles nadam na piscina coberta. Ficam em quartos conjugados e jogam baralho na cama queen de Edward. Comem na lanchonete perto do hotel. Na manhã seguinte, antes de o sol nascer completamente, eles entram no Acura e dirigem por doze minutos até o local da queda. Edward fica nauseado

conforme se aproximam. A viagem é escolha dele, e no entanto é como se não tivesse escolha. Edward se pergunta se é uma boa ideia voltar ao lugar de onde escapou por milagre. E se não conseguir escapar uma segunda vez? Teve pesadelos em que a terra dá uma boa olhada nele, sacode sua cabeça desgrenhada e o engole por inteiro.

Tem um pequeno estacionamento perto do local da queda. O céu está marcado de rosa e amarelo, o sol ainda está subindo. Não tem mais ninguém ali. Eles planejaram fazer a visita em uma terça, porque Shay descobriu em sua pesquisa que é o dia mais vazio.

“Não queremos que ninguém te reconheça”, ela disse. Ambos tinham lido uma notícia na internet sobre o memorial e sobre como o jovem escultor tinha ficado famoso. A notícia também mencionava que todo menino entre catorze e trinta anos que visitava o local era abordado e tinha que responder se era Edward Adler.

Uma cerca baixa de madeira separa o estacionamento do gramado. Edward sai do carro. O ar parece limpo, e ele respira algumas vezes. À sua frente, no meio do campo, está a escultura. Cento e noventa e um pardais de prata na forma de um avião levantando voo.

“É lindo”, Shay sussurra.

Eles caminham juntos pelo campo. A grama alta roça-lhes as canelas; eles estão de short e moletom. Quando Edward chega à cauda do avião, para e ergue os olhos. Os pássaros prateados se estendem à sua frente. Os mais baixos estão a seu alcance. A escultura é menor ao vivo do que parecia pelas fotos. Tem o tamanho de um teco-teco pequeno, não de um avião comercial.

Edward gira o corpo. Além do memorial, não há nenhum sinal de destruição. A grama verde se espalha em todas as direções. Ele vê a estrada pela qual chegaram, vê o carro, e uma vasta extensão de céu em tom pastel.

Tem tanto céu que ele se sente fora de proporção, como se a maior parte do mundo estivesse embutida no horizonte.

“Edward”, Shay diz. Ele nota que ela está perto da frente da escultura, onde os pássaros apontam para o alto. Há uma estaca de metal com uma placa. Ele permanece onde está. Sabe os fatos: a data, o número do voo, a quantidade de vidas perdidas.

A notícia que leram tinha uma foto do dia em que a escultura foi inaugurada. Havia um grupo de umas cinquenta pessoas em torno dos pássaros. As famílias das vítimas observavam, com a cabeça inclinada para trás, enquanto a lona que cobria a escultura de metal era tirada. Eram pessoas de todas as cores e idades. A única que não olhava para cima era uma criança pequena de cabelo enrolado, que estava de quatro, investigando a grama.

Edward passara bastante tempo investigando a foto. Prestara muita atenção nos rostos, em busca de uma mulher que pudesse ser a avó de Benjamin Stillman, em busca de um homem que tivesse interrompido momentaneamente sua busca por Flórida em sua nova vida, em seu novo corpo. Em busca de um poeta que pudesse ser Harrison.

“Vamos nos sentar na colina”, Edward propõe então.

Shay tinha dado uma olhada na área pelo Google Maps, e havia encontrado uma colina baixa a uns cinquenta metros depois do memorial, parecia um bom lugar para descansar. Mesmo que outras pessoas visitem o local do acidente hoje, dificilmente irão até lá.

Quando chegam à colina, Edward se senta com dificuldade, porque suas pernas estão fracas. Sente-se estranho, mas já esperava isso. Afinal, meio que achava que esse campo ia se abrir e engoli-lo para retificar o erro anterior. Edward tem ciência, como se tivesse um relógio dentro de si, de um nanossegundo em particular, que ocorreu seis anos antes, bem acima de onde

está. O momento final, fugaz, quando o avião ainda era um avião, e os passageiros ainda estavam vivos.

Só Edward ultrapassou esse nanossegundo, e aqui está ele de novo. Com os olhos de sua mãe, mais alto que seu irmão e seu pai, capaz de levantar um peso equivalente ao próprio peso, na academia. Ele fechou um círculo, criou um todo, ao vir aqui. Quando for embora, pode levar em seus braços esse círculo completo — tudo o que esse momento e esse lugar contêm.

Edward fecha os olhos. Ele é o menino sentado na poltrona do avião, com o cinto de segurança afivelado, segurando-se ao irmão e ao pai, e também é o jovem sentado no ponto em que esse avião caiu. Eddie e Edward.

Quando abre os olhos, se dá conta de que a fotografia que analisou fora tirada daquele ângulo. Talvez o fotógrafo estivesse na colina, armado com uma teleobjetiva. No fim, Edward não conseguiu identificar uma única pessoa na foto. Sabia como eram seus entes queridos, mas não sabia como eram as famílias. A médica ruiva tinha pais ruivos? Ele não sabia. Havia algumas senhoras negras — qual delas era parente do soldado? Quantas pessoas na foto tinham escrito para Edward?

A grama balança ao vento e o campo brilha com as pessoas que morreram naquele dia e seus familiares, que vieram ver os pássaros prateados que refletem a luz como colheres perfeitamente polidas. Edward pensa: *Madame Victory estava certa: não sou especial. Não fui escolhido.*

Ao lado dele, apoiada nos cotovelos, Shay diz: “Você teve sorte”.

Edward olha para ela, porque precisa que complete o pensamento por ele.

Então Shay diz, com a voz falhando: “Bom, eu tive sorte também. Tive muita sorte por ter sido você”.

O instinto de Edward é dar de ombros, mas ele sabe que não deve fazer isso, e impede o gesto. Shay carrega a presença de Edward do mesmo modo que Edward carrega a perda do irmão. Ele sabe que a perda de Jordan vai

continuar com ele para sempre, mesmo enquanto seus pais vão lentamente ficando para trás. Afinal, era esperado que Edward crescesse e deixasse a mãe e o pai, assim como vai deixar John e Lacey no outono, quando for para a faculdade. Essa é a ordem natural das coisas. Mas não era esperado que Edward deixasse Jordan. Eles deviam envelhecer juntos. Essa perda sempre vai ser marcada pela dor, nunca será abrandada. E Edward consegue ver, objetivamente, que a vida de Shay sem ele teria sido tecida com momentos diferentes, com amigos diferentes, ou sem amigos, com brigas diferentes com a mãe, livros diferentes, conflitos diferentes.

Como se ouvisse seus pensamentos, Shay diz: “Talvez eu tivesse continuado planejando fugir, sem nunca ir embora. Nunca teria escrito para aquelas crianças”. Ela olha para o céu. “Eu seria muito menos.”

Shay é essa Shay por causa dele. E ele está vivo — não apenas sobrevive, mas *está vivo* — por causa dela. Edward se pergunta se os cientistas que cuidam do Grande Colisor de Hádrons esperam descobrir não apenas o que acontece no ar entre duas pessoas, mas como esse ar pressurizado muda as pessoas por dentro. Ele ouve a professora de ciências dizer: *O ar entre nós não é simplesmente espaço vazio.*

Agora o ar é suave contra as bochechas de Edward; os passarinhos prateados apontam para o céu. Ele e Shay observam a cena juntos. Em certo momento, Edward olha para ela e vê que Shay já estava olhando para ele. A covinha em sua bochecha está bem funda.

“O que foi?”, Edward pergunta.

Ela não fala, mas a conversa não verbal que acontece o tempo todo entre eles, como uma subcorrente, é intensa. Shay é a menina de pijama com nuvenzinhas cor-de-rosa da primeira vez que ele entrou em seu quarto, e é a mulher que vai dar à luz a filha deles daqui a dez anos, e é essa jovem, de expressão sincera, oferecendo-lhe tudo.

Edward ouve a voz do irmão dentro de si. Jordan lhe diz para não desperdiçar tempo. Não desperdiçar amor. Edward vê Shay se inclinar em sua direção, e quando ela o beija, o céu inteiro se apaga.

Agradecimentos

Uma das maiores surpresas — e alegrias — da maternidade tem sido observar o amor profundo e generoso entre meus filhos. Os dois irmãos deste romance não são parecidos com meus meninos, mas o amor entre eles é totalmente inspirado na relação que meus filhos estabeleceram. Obrigada, Malachy e Hendrix, por me mostrarem facetas do amor que eu nem sabia que existiam.

Dois acidentes de avião reais inspiraram este romance. O primeiro foi a queda em 2010 do voo 771 da Afriqiyah Airways, que teve um único sobrevivente, um menino de nove anos dos Países Baixos. Foi minha preocupação a respeito de como esse menino deixaria a tragédia para trás que me levou a encontrar um caminho para Edward. O segundo acidente foi a queda do voo 447 da Air France, e considero o artigo de 2011 “What Really Happened Aboard Air France 447”, de Jeff Wise, publicado na revista *Popular Mechanics*, inestimável para compreender a tragédia. Eu não poderia ter escrito as cenas na cabine do piloto com tantos detalhes se não fosse pelo grande trabalho jornalístico de Wise. Incentivo os interessados nas relações entre aviação, tecnologia e psicologia a ler seu trabalho, em especial seu livro mais recente, *The Taking of MH370*. Em *Querido Edward*, também usei os registros da caixa-preta real do voo 447 da Air France para escrever parte dos diálogos dos pilotos. Meu objetivo era retratar essa experiência humana de maneira fiel e respeitosa. Às pessoas que inspiraram esta obra ficcional — Ruben van Assouw, Pierre-Cédric Bonin, Marc Dubois, David Robert e todos

os passageiros a bordo do voo 771 da Afriqiyah Airways e do voo 447 da Air France —, espero tê-las honrado. Quando tentei reimaginar essas viagens e essas quedas, minha compaixão por vocês e por seus entes queridos só aumentou. Espero que essa compaixão tenha se refletido na história fictícia do voo 2977.

Agradeço os conselhos de uma especialista como Alicia Butler quanto a “quem recebe o quê” quando um avião cai. Se há erros nessas questões, a culpa é minha. Muito obrigada à minha amiga Abbey Mather por me apresentar a Alicia. Sou grata a Frank Fair por me educar em termos militares. Robert Zimmermann forneceu informações inestimáveis sobre aviões e como pilotá-los. Ele respondeu a todas as minhas perguntas no começo do processo de escrita deste livro e corrigiu meus erros no fim. Eventuais erros nessa área são definitivamente meus.

Minha agente, Julie Barer, é simplesmente maravilhosa, e sou muito grata por tê-la em minha vida. Obrigada a ela e ao Book Group pela ajuda e pelo apoio. Jenny Meyer, Caspian Dennis, Nicole Cunningham e Heidi Gall merecem agradecimentos especiais.

Whitney Frick ama este livro tanto quanto eu e me guiou através do processo de edição, que foi uma delícia. Fico muito feliz em tê-la como editora. Susan Kamil é brilhante, e sou grata pela chance de trabalhar com ela. Obrigada também a Clio Seraphim por seu trabalho neste romance. E fico radiante que este livro esteja nas mãos de Venetia Butterfield, da Viking Penguin, no Reino Unido.

Brettne Bloom e Courtney Sullivan acreditam em mim e no meu trabalho incondicionalmente, o que é uma bênção, e eu amo as duas. O mesmo acontece com Stacey Bosworth e Libby Fearnley, que também têm toda a minha gratidão. Tenho a sorte de contar com muitas mulheres destemidas e incríveis na minha vida.

Meus pais sempre me apoiaram, e é uma honra ser filha deles. Ninguém fez mais por mim do que Cathy e Jim Napolitano. Minha sobrinha, Annie, pediu que eu agradecesse a ela neste livro, então: obrigada, Annie! E Katie também.

Adoro trabalhar para a *One Story* (assine já!) por causa das pessoas. Sou grata a Maribeth Batcha, Lena Valencia e Patrick Ryan. Eu era uma das centenas de pessoas que amava Adina Talve-Goodman. Ela teria escrito muitos livros, e sorrido nas fotos de muitas orelhas, então quis incluir seu nome aqui. Sinto sua falta, Adina.

Helen Ellis, Hannah Tinti e eu somos um banquinho de três pernas. Lemos o trabalho umas das outras desde 1996, e é a voz delas que eu ouço na minha cabeça quando estou revisando. Tudo seria diferente, e menor, sem vocês na minha vida.



JAKE CHESSUM

ANN NAPOLITANO é editora da revista literária *One Story* e autora dos romances *A Good Hard Look* e *Within Arm's Reach*. Já deu aulas de escrita criativa em programas da Universidade de Nova York, da Brooklyn College e da escola Gotham Writers Workshop. Atualmente, vive no Brooklyn, em Nova York, com o marido e os dois filhos. *Querido Edward* é seu primeiro livro publicado no Brasil.

Copyright © 2020 by Ann Napolitano

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Trechos significativos das cenas na cabine do piloto nas páginas 243-87 são uma citação literal do artigo “What Really Happened Aboard Air France 447”, de Jeff Wise, publicado em 2011 na revista Popular Mechanics, reproduzidos aqui com a permissão do autor e da Hearst Magazine Media, Inc.

TÍTULO ORIGINAL Dear Edward

CAPA Sandra Chiu

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Romy Blümel

PREPARAÇÃO Cristina Yamazaki

REVISÃO Marise Leal e Renata Lopes Del Nero

VERSÃO DIGITAL Marina Pastore

ISBN 978-65-5782-061-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br